



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

CLAUDIANA FAUSTINO DE CASTRO

**DAMAS DA LUXÚRIA? PRÁTICAS EDUCATIVAS SOBRE O CORPO
E A SEXUALIDADE FEMININA NA IMPRENSA HUMORÍSTICA/
PORNOGRÁFICA DO RIO DE JANEIRO (1908-1916)**

**CAMPINA GRANDE – PB
2021**

CLAUDIANA FAUSTINO DE CASTRO

**DAMAS DA LUXÚRIA? PRÁTICAS EDUCATIVAS SOBRE O CORPO
E A SEXUALIDADE FEMININA NA IMPRENSA HUMORÍSTICA/
PORNOGRÁFICA DO RIO DE JANEIRO (1908-1916)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História Cultural das Práticas Educativas

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joedna Reis de Menezes

**CAMPINA GRANDE – PB
2021**

- C355d Castro, Claudiana Faustino de.
Damas da luxúria? práticas educativas sobre o corpo e a sexualidade feminina na imprensa humorística/ pornográfica do Rio de Janeiro (1908-1916) / Claudiana Faustino de Castro. – Campina Grande, 2021.
182 f.
- Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação: Prof.^a Dr.^a Joedna Reis de Meneses".
Referências.
1. Mulheres. 2. Assujeitamento. 3. Práticas Educativas. 4. Corpo e Sexualidade. I. Meneses, Joedna Reis de. II. Título.

CDU 305-055.2(043)

CLAUDIANA FAUSTINO DE CASTRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada(a) em: 15.06.2021

BANCA EXAMINADORA

Joedna Reis de Menezes

Prof.ª Dr.ª Joedna Reis de Menezes
Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG-DH/UEPB
Orientadora

Maria do Socorro Cipriano

Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Cipriano
Universidade Estadual da Paraíba – DH/UEPB
Examinadora Externa

Iranilson Buriti

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG
Examinador Interno

Prof.ª Dr.ª Edna Maria Nóbrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba – DH/UEPB
Suplente Externa

Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Junior
Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG
Suplente Interno

DEDICATÓRIA

Ao meu eterno anjo Calina (in memoriam), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força. Sinto-me feliz por saber que tem um anjo me guiando, te amarei para sempre!

AGRADECIMENTOS

Sou muito grato às adversidades que apareceram na minha vida, pois elas me ensinaram a tolerância, a simpatia, o autocontrole, a perseverança e outras qualidades que, sem essas adversidades, eu jamais conheceria. Napoleon Hill

Agradecer é uma tarefa necessária e difícil. Como diz a epígrafe, as adversidades da vida me ensinaram e construíram como pessoa e profissional. Logo, seria impossível começar os agradecimentos sem lembrar da minha trajetória atroz que me tornou uma pessoa forte, perseverante e sobretudo, irritantemente teimosa... metaforicamente sou um mandacaru que floresce na seca. Agradeço às experiências tristes, felizes e desafiadoras me ajudaram a chegar até esse título.

À minha prezada orientadora, a professora *Joedna Reis de Meneses*, que com um lindo e acolhedor sorriso me acolheu como orientanda. Obrigada por todos os ensinamentos, pelas leituras e pelas correções nas orientações para a construção deste trabalho. Sobretudo, a paciência e o diálogo estabelecido. A palavra é gratidão e respeito!

À minha banca examinadora, a querida professora *Maria do Socorro Cipriano*, a quem eu tenho um grande carinho pelo profissional e ser humano que é. Como profissional me ensinou a dar os primeiros passos na pesquisa, aplaudindo o doce perfume das minhas conquistas e corrigindo meus erros, mostrando como eu poderia evoluir. Por outro lado, me conquistou com sua bondade, educação e nobreza, demonstrando como ser uma pessoa de luz que inspira outras. Nenhuma palavra seria suficiente para expressar minha gratidão!

À minha banca examinadora, o querido professor *Iranilson Buriti de Oliveira*, a quem me acolheu no mestrado com um sensível olhar e bondoso coração. Agradeço o exemplo de pesquisador, professor e pelas infinitas contribuições desde as aulas de metodologias. Saiba que a sua sensibilidade, trajetória pessoal e didática envolvente foram decisivas para eu continuar firme e forte no mestrado uma vez que você é exemplo de superação e inspiração. A você, meu muito obrigado!

Aos meus professores Programa de Pós-graduação em História da UFCG pelo aprendizado. Aos meus professores do curso de Licenciatura em História da UEPB que contribuíram com esmero na minha formação, por meio de leituras e debates.

Aos funcionários da Coordenação do Programa de Pós-graduação em História da UFCG, que estão sempre a nos orientar acerca das burocracias acadêmicas.

Aos meus professores e professoras do ensino fundamental e médio. Sem dúvida, vocês foram minha base. Em especial, *Victor Rafael* e *Rozeane* por me despertarem o desejo de ser uma historiadora e sempre colaborarem na minha formação com dedicação.

À minha mãe *Claudeci*, embora com pouca instrução e temperamento fortíssimo, ensinou-me a ser responsável e lutar pelos meus objetivos. Às minhas irmãs *Natália*, *Caliana*, *Calina* (in memoriam), *Rafaela*, *Natacha* e meu irmão *Rafael*, que me deram um motivo para

lutar. É por vocês que eu carrego todo o peso de ser forte, e, em troca, vocês me dão o maior presente que eu poderia receber: o amor de irmão. A cada pulsar do meu coração, tenho mais certeza: o meu amor por vocês é infinito e eterno. Desejo que todas as minhas conquistas sirvam de exemplo, amo vocês!!!

Ao meu amor, *Luiz Fernando*, que me apoiou com amor e sabedoria em cada conquista e derrota. No jardim das coisas mais belas e amorosas, eu encontrei você para ser meu porto seguro. Você foi o grande incentivador desse sonho desde o início da seleção, acreditando em mim de uma forma inexplicável. Nos dias mais desanimadores da pesquisa, você me incentivava ou me dava muitas broncas. Obrigada por me ajudar a enfrentar as adversidades da vida, a traçar sonhos e me fornecer a possibilidade de ter um colo aconchegante após um dia cansativo. Essa conquista é nossa, à você todo meu amor, gratidão e respeito! A família do meu esposo por me dar o aconchego de um lar e a possibilidade de participar de uma família em que reina o amor: *Vó Maria, Vô Ataíde (in memoriam), Daguia, Luiz, Suzana, Sandra, Jacinta, Vera, Suely, Tatiane, Paulo, Pedro e Moisés*. As crianças: *Esthefany, Mirely e Luiz Henrique* por me mostrarem o lado doce da vida.

Aos meus padrinhos, *Dona Meca e José (in memoriam)*, por sempre me apoiarem com muito amor e sabedoria. Eternizo, através dessas palavras, minha gratidão por serem meus anjos protetores.

À minha amiga linda, *Alda Luciara* que me ensinou a ter mais fé e esperança. Você apareceu em um momento tão necessário no qual veio iluminar minha vida com sua alegria, determinação e fé. Agradeço as palavras de apoio, o sorriso sincero, o abraço aconchegante, as broncas, a troca de conhecimentos e a dedicação e tempo investido ao ler esta dissertação inúmeras vezes. A única forma de te agradecer é com minha sincera amizade. Como costumo falar, você é um presente que o mestrado me deu, enfim, obrigada por ser presente e um presente em minha vida, amo você!

À minha amiga maravilhosa, *Rayssa*, a quem foi a grande amiga que escutava minhas aflições, e lia minha dissertação com muito afincamento, dedicação e atenção, sempre me apontando os melhores caminhos. Começamos essa bela amizade devido ao amor mútuo pela história, e hoje sou muito feliz por ter você em minha vida e te chamar de “amiga”. Se me perguntasse “por quê Rayssa te conquistou como amiga?”, eu responderia sem pestanejar: “foi pelo coração bondoso, a atitude empática, o olhar singelo e aconchegante, as piadas mais engraçadas e os conselhos mais sábios”. Agradeço a amizade e infindáveis contribuições nesta dissertação.

Ao meu querido amigo, *Pedro*, que é um exemplo de ser humano, esteve comigo desde o início desse sonho, me incentivando e acreditando no meu potencial, sobretudo, me ajudando com leituras e contribuições cruciais para conclusão deste trabalho. Obrigada por todas as vezes que você foi muito mais que um colega, mais que um companheiro e amigo sempre disposto a ajudar e me socorrer.

À minha amiga dos olhos azuis, *Aline*, a quem me ensinou sobre resiliência e empatia. Além desses ensinamentos, me acolheu em momentos turbos da minha vida adulta, aconselhando com sabedoria e sensibilidade. Aprendi muito com você e minha gratidão aos momentos compartilhados contigo. Obrigada pelo apoio, amor e respeito.

Aos meus velhos e maravilhosos amigos, *Renato, Lucas, Lídia, Danilo e Veronice* pelos momentos felizes e de companheirismo. No jardim da vida, encontrei as flores mais embriagantes e viciantes que me ensinaram a reciprocidade e o valor de uma amizade sincera.

se a vida é sobre aprender algo, vocês foram importantes para a minha vida uma vez que me ensinaram que ser amigo é doar-se, ouvir, dar bronca e comemorar as vitórias juntas. Eu nunca esquecerei dos momentos de superação, tristeza, alegria e sucesso que compartilhamos juntos, e vocês estavam comigo em nesses momentos, e nada apaga isso. Eu amo vocês!!!

Aos colegas de mestrado que se fizeram presente na minha vida, *Júlio e Leonardo*. Ao primeiro, agradeço a paz envolvente das suas palavras amigas e pelas leituras cuidadosas na minha dissertação. Ao segundo, agradeço a amizade e conversas agradáveis no trilhar amargo dos dias difíceis do mestrado e da vida.

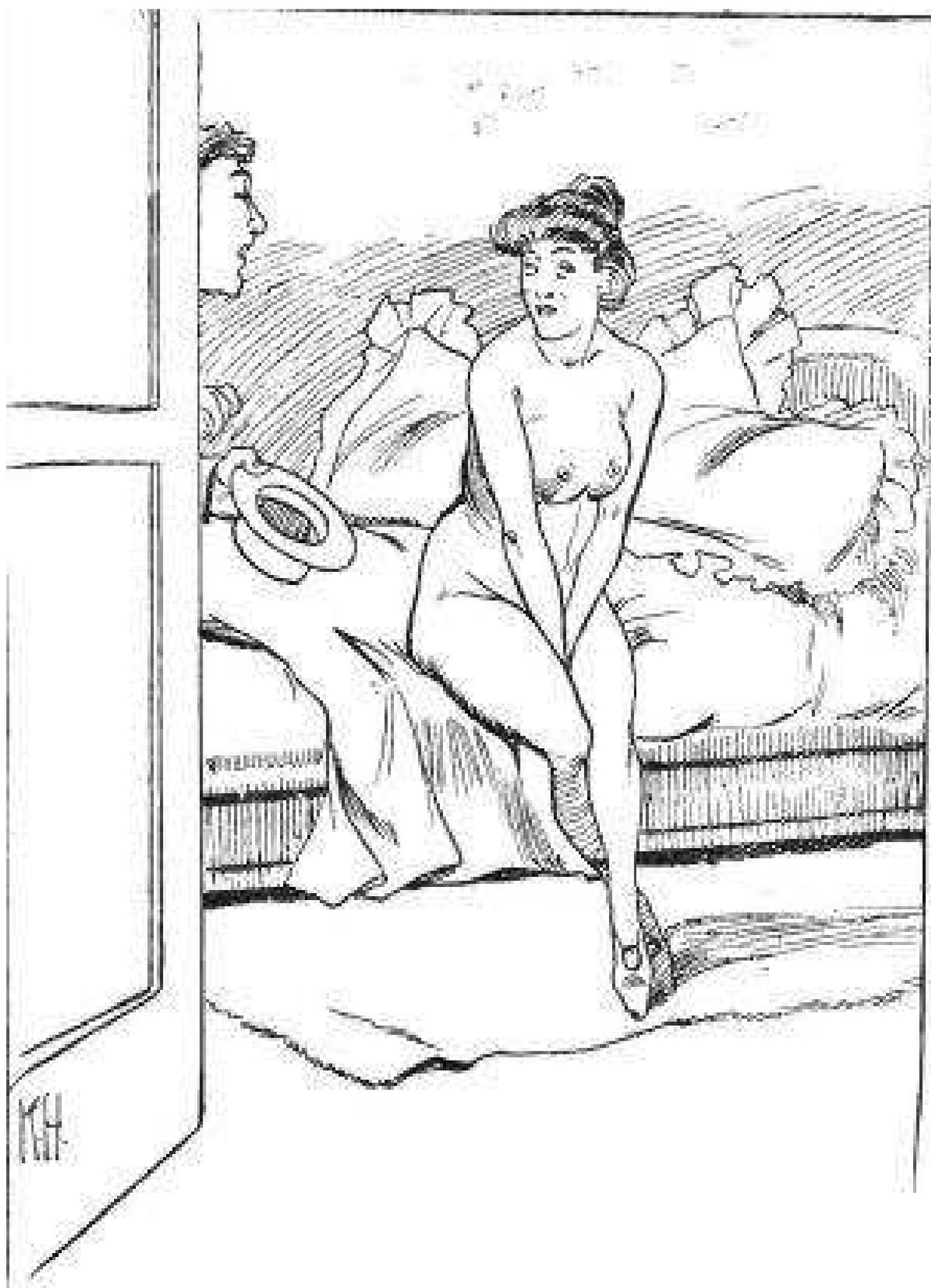
À colega de curso *Virna Farias* pelo carinho e dedicação ao me apresentar o jornal O Riso e me ensinar a pesquisar em acervos online. Sem você, esta pesquisa não seria possível! Obrigado por estar sempre disponível a compartilhar seus conhecimentos!

À *Zélia* por me acolher e me receber como colega de trabalho, tornando-se um porto de segurança, aconchego e companheirismo. Você foi essencial no primeiro ano do mestrado. Eu nunca esquecerei das inúmeras vezes que me aconselhou e tornou meu dia mais feliz. Muito Obrigada.

À *Higor* por sempre consertar, com muito esmero e dedicação, as minhas desventuras digitais. Meu muito obrigada, por sempre me socorrer com um sorriso no rosto, salvando inúmeras vezes meus trabalhos acadêmicos. Nossa, essa dissertação não estaria pronta sem sua ajuda, muito obrigada!!!

Às pessoas que tornaram minha jornada mais leve e saborosa: *Léa, Thaynar, Dayse, Gabriela, Kalina, Karlene, Cibele e Larissa*. Obrigada pelos olhares afetuosos, palavras sinceras, risadas energéticas e companheirismo.

Por fim, agradeço a todos aqueles que tornaram esta dissertação possível e me ensinaram através do seu carinho. Em mim, só cabe amor e sonhos!!!



Elle — Posso entrar ?

Ella — E se não foi para *entrar*, que veio cá fazer ?

RESUMO

Esta dissertação problematiza os discursos educativos sobre o feminino, corpo e a sexualidade da mulher pública e branca na imprensa pornográfica/humorística do Rio de Janeiro entre 1908 e 1916. Em um contexto marcado pelo desejo de se construir uma República forjada por valores como progresso, civilidade e higiene, a sexualidade feminina foi alvo de micropoderes para elaboração de corpos econômica e politicamente úteis à pátria. Naquele momento, se almejava um país imerso no cenário europeu como civilizado, moderno e cada vez mais branco. Metodologicamente esta dissertação se encontra alicerçada na análise de discurso proposta por Michel de Foucault. Enquanto referencial teórico nos apropriamos de Judith Butler para pensar conceitos como gênero e sujeição dos corpos; e conceitos como o de biopoder proposto por Michel de Foucault. Por esse viés teórico-metodológico, serão analisadas as seguintes fontes: jornais *O Riso* (1911-1912) e *O Rio Nu* (1908-1916). Por meio de poemas, romances, anedotas, propagandas, ilustrações e fotografias de mulheres nuas, inclusive famosas como a francesa Jane Delyane, os periódicos demonstravam para as mulheres qual era o corpo considerado belo e desejável por meio da ótica do sexo civilizado, higiênico e prazeroso. Assim, se instituiu práticas educativas de assujeitamento do corpo e da sexualidade feminina. É possível observar que discursivamente os diversos mecanismos de poder criam e lugares para os sujeitos, inclusive, para as mulheres. Dessa maneira, se o discurso significa poder, é crucial desnaturalizar e historicizar esses enunciados que aparecem como verdades legítimas, mas que, são construídos culturalmente e historicamente em redes de poder. Posto isto, esta pesquisa está ancorada na História Cultural, por entender que a sexualidade e o corpo também são construções históricas, constituídas por práticas discursivas que criam e institucionalizam lugares para os sujeitos.

Palavras-chave: Mulheres, assujeitamento, práticas educativas, corpo e sexualidade.

ABSTRACT

This dissertation problematizes the educational discourses about the feminine, body and sexuality of public and white women in the pornographic/humorous press in Rio de Janeiro between 1908 and 1916. In a context marked by the desire to build a Republic forged by values such as progress, civility and hygiene, female sexuality was the target of micropowers for the elaboration of bodies economically and politically useful to the motherland. At that time, the aim was for a country immersed in the European scene as civilized, modern and increasingly white. Methodologically, this dissertation is based on the discourse analysis proposed by Michel de Foucault. As a theoretical framework, we appropriated Judith Butler to think about concepts such as gender and subjection of bodies; and concepts such as biopower proposed by Michel de Foucault. For this theoretical-methodological bias, the following sources will be analyzed: newspapers *O Riso* (1911-1912) and *O Rio Nu* (1908-1916). Through poems, novels, anecdotes, advertisements, illustrations and photographs of nude women, including famous women such as Jane Delyane, the periodicals demonstrated to women which body was considered beautiful and desirable through the perspective of civilized, hygienic and pleasant. Thus, educational practices for subjecting the body and female sexuality were instituted. It is possible to observe that discursively the different mechanisms of power create and places for the subjects, including women. Thus, if discourse means power, it is crucial to denaturalize and historicize these statements that appear as legitimate truths, but which are culturally and historically constructed in power networks. That said, this research is anchored in Cultural History, as it understands that sexuality and the body are also historical constructions, constituted by discursive practices that create and institutionalize places for the subjects.

Keywords: Women, subjection, educational practices, body and sexuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A Jovem desinibida Jane Delyane	34
Figura 2: A mulher negra pelos olhos de O Riso	38
Figura 3: Divina e tentadora!.....	44
Figura 4: Salvo seja!.....	53
Figura 5: Os ossos do ofício	55
Figura 6: Banhos de mar	56
Figura 7: Algo muito cabeludo!	58
Figura 8: Os riscos do amor.....	66
Figura 9: Autopolicciamento.....	69
Figura 10: Veja como minha carne é sadia!	70
Figura 11: Formas abundantes.....	72
Figura 12: Vestidos colantes	92
Figura 13: O mar e o simples desejo	95
Figura 14: Elegância e sedução!.....	98
Figura 15: Mulher chique, parceiro viril!.....	106
Figura 16: Ops, um membro negro!	113
Figura 17- Vontade de mamar!.....	125
Figura 18- vontade feminina	127
Figura 19- é moderno "dá as costas"	135
Figura 20- pose preferida!	137
Figura 21- Posição que exala vigor	139
Figura 22- a mulher deve estar sempre por cima	141
Figura 23- fumar provoca prazer.....	148
Figura 24- perspectiva do amor lascivo.....	150
Figura 25- nudez que provoca desejos	151
Figura 26- Não esperava outra coisa!.....	153
Figura 27- O sexo por trás!.....	155

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: <i>SCRIPT</i> DE UMA HISTÓRIA ENTRELAÇADA COM A VIDA	1
Protagonista que “rir nu”: os jornais lapidavam desejos ou excitavam risos?.....	9
O casting da pesquisa: Arcabouço teórico e metodológico	19
CENÁRIO I - “CARNE RIJA, SADIA E ESTIMULANTE”: REGULANDO CORPOS, PRODUZINDO SUJEITOS FEMININOS BELOS E SENSUAIS.....	28
CENA I- “CORPO MIMOSO BRANQUINHO, DE NEVE”: REGULANDO SUJEITOS FEMININOS, SUJEITANDO CORPOS.....	30
CENA II- “CARNE CHEIROSA AO GOSO ESCRAVISADA”: PRODUZINDO CORPOS HIGIÊNICOS PARA UMA SEXUALIDADE DITA CIVILIZADA.....	48
CENA III- “QUE CARNAÇÃO SADIA...”: CONTROLE BIOPOLÍTICO SOBRE O FEMININO ATRAVÉS DA SEXUALIDADE.....	63
CENÁRIO II - “UMA FLOR PRECIOSA DO VÍCIO ELEGANTE”: DA SUJEIÇÃO FEMININA ÀS PRÁTICAS CIVILIZATÓRIAS.....	74
CENA I- “TENTAÇÃO NEFASTA DAS SEREIAS”: REGRAS DE REQUINTE E DE COMPORTAMENTOS PARA CORPOS VOLUPTUOSOS.....	76
CENA II- ‘CORPOS CHIBANTES’: REFLEXÃO SOBRE OS DISCURSOS DA INDUMENTÁRIA FEMININA E DA CULTURA DE APARÊNCIAS	86
CENA III- “PROMESSA DE GOZO ARDENTE”: REGULAÇÕES SOBRE A ESCOLHA DE PARCEIROS SEXUAIS	103
CENÁRIO III- “DELÍCIAS DE LASCIVO AMOR”: O TERRITÓRIO DAS PRÁTICAS SEXUAIS ENTRE O PERMISSÍVEL E O PROIBIDO	118
CENA I- “O GOZO SÓ POR NORMA”: AS ZONAS ERÓGENAS DO CORPO FEMININO PARA O PRAZER MASCULINO	120
CENA II- “POSES QUE SEDUZEM”: PERFORMANCES FEMININAS PARA O PRAZER MASCULINO	132
CENA III- “PENETRA NO PRAZER PELO MODERNO”: O SEXO VOLUPTUOSO POR MEIO DAS PRÁTICAS SEXUAIS PERMISSÍVEIS	145
EPÍLOGO: REFLEXÕES FINAIS	159
FONTES CONSULTADAS	162
REFERÊNCIAS.....	163

INTRODUÇÃO: *SCRIPT*¹ DE UMA HISTÓRIA ENTRELAÇADA COM A VIDA

“A mulher só deve ter no mundo duas missões: ser mãe de família e agradar aos homens (principalmente essa última).”²

A epígrafe acima demonstra que o destino da mulher estava traçado por um contexto marcado pela submissão feminina a uma sociedade machista e sexista, enclausurando o feminino à servidão da sua natureza biológica e aos desejos do gênero masculino. Qual a relação dessa epígrafe com meu percurso autoral? Ela me fez lembrar, apesar de atualmente ser uma época diferente marcada por outros códigos morais e disciplinares³, o mundo rural e machista em que vivi no qual a mulher não tinha outra perspectiva de vida a não ser agradar os homens ou o fato de que, essas narrativas, me cercaram desde cedo. Eu me sentia muito desconfortável ao saber que meu destino seria parecido com o daquelas mulheres que me rodeavam, e foi esse sentimento de inquietação que me fez enveredar por caminhos ousados, fazendo minhas próprias escolhas, indo fatalmente de encontro a uma sociedade misógina. É por esse caminho que eu esboço alguns rabiscos, escrito entre lágrimas e sorrisos, que decifram uma milésima fração do meu ser.

Narrar a si mesmo é sempre um processo doloroso e desafiador, mas, enveredando nesse processo, início compreendendo como e porque sou uma historiadora para que possamos entender o meu “eu” historiadora e o meu tema de pesquisa. O caminho de escolher uma profissão sempre envolve muitos desafios e dilemas significantes. Nesse caminhar, permeado por escolhas, houve um acontecimento significativo que despertou o meu desejo de ter uma profissão e ser autônoma, diferente das mulheres que me rodeavam: esse acontecimento foi a leitura de um belo livro chamado *O Vestido* de Carlos Herculano Lopes, o qual foi baseado no poema *Caso do vestido* de Carlos Drummond de Andrade.

A narrativa é um romance que acontece nos anos 1940, no Vale do Jequitinhonha, uma região pobre de Minas Gerais. Ele ganha vida através da voz triste de Ângela que conta as suas filhas como foi abandonada pelo marido Ulisses, frisando que levava uma vida tranquila com a

¹ Em uma peça teatral, o *script* representa o roteiro da obra onde estão escritas as informações relevantes. Nessa dissertação, iremos nos apropriar do *Script* como uma apresentação e um convite a leitura da dissertação.

² (Films d’ arte. *O Riso*, 1911, n. ° 01, p.07)

³ É crucial ressaltar que esta citação me marcou porque, de certa forma, me fez lembrar discursos que circulavam no meu âmbito familiar e social, apesar que a sociedade na qual eu cresci não representa os mesmos códigos disciplinares da década de 1910, no entanto, ainda circulam discursos no qual a mulher apresenta-se enquanto objeto do homem e subjugada aos anseios do sexo masculino em pleno século XXI.

família, sempre a cuidar do lar e sendo muito condescendente com todos. Até que um dia uma mulher de vestido vermelho, Bárbara, quebra toda a rotina do casamento... Bárbara se envolve com Ulisses em um fervoroso caso de amor. O marido larga sua esposa e suas duas filhas para aventurar-se pelo mundo vivendo muitos momentos de paixão. Situação que se contrapõe a de sua esposa, a qual viveu sozinha com duas filhas para alimentar, vestir e educar. Alguns anos passam, a esposa triste, definhando pelas aflições de não ter condições financeiras suficientes enquanto o esposo vive momentos inebriantes de paixão e prazer. No final, Ulisses volta para Ângela e ela aceita-o como se nada tivesse acontecido.

Envolvida pela história intrigante de “O Vestido”, o li em uma noite, devorei as páginas marcando-as com muitas lágrimas. Naquele momento não só o livro ficou marcado: eu também fiquei. Decidi não ser mais uma mulher enclausurada por casamentos fracassados alicerçados em um machismo exacerbado. Eu não queria ter o mesmo destino, pois já vira muitas “Marias” que não tinham independência financeira e se dedicavam exclusivamente ao lar, aos filhos e ao marido. E, em troca desse “doar-se” ganhavam corpos machucados, olhos roxos e corações despedaçados. Não poderia aceitar esse âmbito machista como meu “destino final” enquanto mulher, eu precisava ser diferente!

Diante disso, consegui terminar os meus estudos na escola do ensino básica e ingressar no curso de História da *Universidade Estadual da Paraíba* no ano de 2014. A partir desse momento sublime, um broto de esperança surgiu na minha estrada tão obscura marcada pelo machismo. Esse caminhar foi marcado por muitos desafios e frustrações, todo dia era uma batalha para permanecer no mundo acadêmico, pois consideravam muito “perigoso” uma menina da zona rural aventurar-se pelo “mundo liberto da cidade grande”⁴. Esse período foi muito doloroso e essencial na minha vida: pude pensar sobre os silenciamentos das mulheres tanto na história quanto na historiografia. Conheci historiadoras (algumas através apenas de seus livros) que me inspiram a construir uma História na qual as mulheres são protagonistas: Maria do Socorro Cipriano, Michele Perrot, Margareth Rago e “Dona Claudeci”⁵. E, como essas mulheres, eu me aventurei por construir narrativas históricas que dessem voz as mulheres e questionassem as imposições de gênero construídas social e culturalmente.

⁴ Na época eu morava em uma zona rural do município de Pocinhos-PB, e tinha que me locomover para Campina Grande-PB. E no âmbito cultural que vivia acreditava-se ser muito perigoso uma menina sair para uma cidade grande, pois, não estaria sob os olhos vigilantes dos seus pais e/ou conhecidos.

⁵ Minha mãe Claudeci, “embora com pouca instrução e temperamento fortíssimo”, me ensinou a ser responsável e lutar pelos objetivos, e sobretudo, a não seguir o mesmo destino traçado pelo machismo. A história da minha mãe ensinou-me criar uma cartografia existencial marcada pela decisão, perseverança e resistência.

A minha trajetória intelectual está muito alicerçada à minha história de vida, e por outro lado, está muito íntima com esse olhar aguçado que desenvolvi através das leituras feitas na academia. Michel de Certeau (2010) salienta que toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias que geram um sistema de referência. A produção está submetida a imposições, ligada a privilégios e interesses, enraizada em uma particularidade, e é o lugar social da produção que dá legitimidade e a determina. Logo, as minhas escolhas historiográficas estão correlacionadas com os meus pares e o próprio lugar de produção acadêmica, mas não quer dizer que sejam escolhas neutras, pelo contrário, são escolhas multifacetadas em redes de poder, de interesses e de silenciamentos. Sendo assim, a minha feitura enquanto pesquisadora está entrelaçada com meu “eu” mulher.

Como disse Cardoso (2012), os seres humanos não são páginas em branco, eles possuem traços simbólicos e culturais. Sendo um ser que experienciou⁶ em toda sua vida atitudes sexistas e machistas, desejo transformar o silêncio das mulheres, criado comumente através de sangue e dor, em um trabalho acadêmico com o qual eu possa pensar a história das mulheres e/ou desconstruir alguns estereótipos que são criados discursivamente. Pois, como nos aponta Michel Foucault (2014), devemos problematizar o discurso. O discurso significa poder, e é por isso que há um incessante interesse em se utilizar dos discursos para suplantar verdades, criar posições sociais legítimas, e dessa forma, fazer com que os discursos passem a ser utilizados para dominar e servir a interesses diversos.

O contato com os jornais que fazem parte do corpus documental desta dissertação se deu a partir de uma pesquisa⁷ no acervo online da Biblioteca Nacional do Brasil e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin⁸. Na ocasião, me deparei com o jornal *O Riso: semanario artístico e humorístico* e, *O Rio nu: periódico bi-semanal caustico humorístico*, a princípio esse

⁶ Me aproprio de Jorge Larrosa (2001, p. 154), que diz que a experiência é o que nos “passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca”.

⁷ Essa investigação fora feita para elaboração do minicurso “Pesquisa com uso de fontes jornalísticas” em parceria com a colega de Curso Virna Farias, apresentado através do curso de extensão “Saberes regionais, História Local e Memória”, na Universidade Estadual da Paraíba (2016).

⁸ Os jornais *O Riso* e *O Rio nu* são disponibilizados no acervo online da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin e da Biblioteca Nacional do Brasil, respectivamente. Ambos são espaços de pesquisa que facilitam muito a vida de um pesquisador. A Biblioteca Nacional tem a plataforma da hemeroteca digital que permite ao pesquisador localizar impressos através de local, período e nome do periódico; além disso tem uma ferramenta de busca de palavras chaves. Também é permitido baixar o arquivo. A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin através do seu acervo digital possibilita que o pesquisador localize impressos através da data do documento, autor, título e assunto.

contato partiu de uma curiosidade de conhecer mais esses jornais do que uma investigação científica. Mas, ao observar como suas tramas sobre mulheres se relacionavam com um cenário humorístico e pornográfico fomentou em mim uma paixão por esses periódicos. E também surgiram algumas inquietações, especialmente aquelas relativas às questões de gênero e as questões raciais da época. Nessa perspectiva, comecei a indagar: como, no começo do século XX, foram se configurando os discursos sobre o corpo e a sexualidade nos referidos periódicos, considerando a correlação entre o sistema de valores dessa sociedade da *Belle Époque* e um contexto histórico singular face às questões étnico-raciais?

Ancorada no âmbito da História Cultural e com uma perspectiva pós-estruturalista, esta dissertação busca analisar⁹ os discursos educativos acerca do feminino, do corpo e da sexualidade da mulher pública¹⁰ e branca na imprensa humorística/pornográfica do Rio de Janeiro no período que vai de 1908 a 1916 interseccionando com alguns valores importantes para o período republicano, tais como: civilidade, higiene, saúde e prazer. Como entender esses discursos sobre o gênero e a sexualidade feminina através das vozes masculinas? Como entendê-los em uma relação saber-poder-prazer?

A História Cultural habilita ao historiador dar visibilidade as formas de sentido e interpretação que os homens dão ao mundo manifestadas por meio de discursos, práticas, imagens e ritos¹¹. Esta pesquisa situa-se na História Cultural das Práticas Educativas ao buscar pensar as práticas educativas que teceram os sujeitos femininos através de discursos que sutilmente moldam, regulam e pedagogizam o corpo e a sexualidade. Entende-se que o corpo e a sexualidade são operacionalizados na imprensa pornográfica/humorística através de relações de gênero regidas pelos sentidos e símbolos que são empregados. O sexo é um tema bom para se estudar devido a sua materialidade na vida cotidiana, pois as leituras de documentos sobre sexo podem nos revelar seus pressupostos, valores e códigos sociais e morais, evidenciando que as práticas sexuais são construídas culturalmente, essencialmente quando aparecem em

⁹ No primeiro momento da dissertação, utilizamos a primeira pessoa do singular (Eu) devido ao cunho pessoal afetivo da trajetória intelectual. Neste segundo momento, para dissertar sobre a pesquisa, adotamos a primeira pessoa do plural (Nós).

¹⁰ Neste contexto, quando nos referimos a mulher pública estamos pensando as figuras femininas que usufruíam de uma certa liberdade para sentir prazer sexual, e não necessariamente apenas a prostituta. Como Ressalta Margareth Rago (2008), a mulher pública não era apenas aquela que vendia o corpo, mas também a mulher que era capaz de sentir prazer e que era lugar de prazer. Assim, as figuras femininas que tinham relações sexuais, fora do matrimônio, eram vista pela sociedade como luxuriosa, libertina e lasciva.

¹¹ (PESAVENTO, 2006)

piadas maliciosas e romances eróticos. “o sexo não é apenas um tema, mas também um instrumento para rasgar o véu que cobre as coisas e explorar seu funcionamento interno”¹²

O recorte temporal¹³ é estabelecido pelo período de circulação dos jornais nos quais aparecem as fotografias de mulheres nuas geralmente acompanhadas de poemas e/ou frases em um tom erótico até a extinção dos jornais¹⁴. Consideramos esse recorte importante pela própria transformação na imprensa¹⁵ através da introdução de fotografias¹⁶ que exibiam apenas a nudez feminina. Assim, enxergamos um processo de práticas educativas não apenas nos poemas, crônicas, romances, anedotas, mas também através das imagens publicadas já que a função das fotografias não ficava restrita apenas em despertar o desejo masculino, mas também buscavam demonstrar, para as mulheres, como eram e deveriam ser os corpos femininos considerados como belos e sensuais.

Como disse Marc Bloch (2001), “os homens são mais filhos do seu tempo do que filhos de seus pais”. Logo, essa pesquisa é situada historiograficamente pela emergência de trabalhos sobre a mulher, a partir de diferentes perspectivas, numa tentativa de compreendermos os diversos silenciamentos, espaços e construções sociais feitas sobre e para as mulheres. Assim, o historiador também é filho de seu tempo, e diante de uma conjuntura política de retrocessos e resistências, é preciso discutir como discursivamente os diversos mecanismos de poder criam e institucionalizam lugares para os sujeitos, inclusive, para as mulheres.

Diante do atual cenário político, no qual alguns discursos sexistas e racistas têm circulado veemente nas mídias e por autoridades oficiais¹⁷ torna-se importante a discussão sobre

¹² (DARNTON, 1996, p.21)

¹³ O recorte temporal foi selecionado tendo em vista que neste período ocorre a inserção de fotografias de mulheres nuas nas obras/jornais pornográficos brasileiros, marcando exponencialmente este mercado editorial, assim como também a extinção deste tipo de jornal ocorre no mesmo ano da promulgação do código civil de 1916 que coloca a mulher sob a tutela do Estado.

¹⁴ O jornal *O Riso* (1911-1912) tem uma longevidade curta, mas com publicações modernas, ilustrações coloridas e fotografias de mulheres nuas. Tem uma circulação que abrangia vários estados brasileiros, inclusive a Paraíba. O jornal *O Rio Nu* tem uma longevidade longa circulando entre o final do século XIX até 1916, e tinha uma circulação em grande parte do território nacional. Para esta pesquisa iremos utilizar todas as publicações do *O Riso*, e as publicações do *O Rio Nu* de 1908 até 1916.

¹⁵ Ver: BARBOSA, Marialva. Jornais em tempo de mudança. In: __ *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 117-140.

¹⁶ No ano de 1908, aparece, no *O Rio Nu*, as primeiras fotografias expondo a nudez feminina, esse tipo de publicação se torna predominante no jornal. E *O Riso* desde suas primeiras publicações já apresentam aos seus leitores fotografias e ilustrações de mulheres nuas.

¹⁷ Citamos alguns exemplos: a matéria jornalística publicada pela revista *Veja*, em 18 de abril de 2016 (LINHARES, 2016) intitulada “Marcela Temer: Bela, recatada e do lar”, adjetivos atribuídos a Marcela Temer, esposa do vice-presidente (na época) Michel Temer. Disponível em: LINHARES, Juliana. **Marcela Temer: bela, recatada e do lar.** *Veja*, 18 abr. 2016. <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-edo-lar/> . Acesso em: 09 set. 2019; Jair Messias

a institucionalização dos lugares para os sujeitos construídos discursivamente, pois, os discursos criam práticas culturais e formam sujeitos. A partir de um diálogo entre passado e presente, algumas questões são pertinentes para entender como certas construções discursivas são criadas e transmitidas pelos diversos veículos de poder para tecer uma suposta “verdade legítima” ou um efeito de verdade criando lugares para os sujeitos, estratificando as posições sociais e legitimando interesses políticos.

E assim, pesquisar sobre a história das práticas educativas que formaram o sujeito feminino autorizado a representar a sexualidade moderna pautada no controle e no higienismo é um desafio necessário para o trabalho das historiadoras e historiadores na contemporaneidade. Pois, se o discurso significa poder, devemos desnaturalizar e dessacralizar alguns conceitos que aparecem como verdades legítimas, mas que, são construídos culturalmente e historicamente em redes de poder. Redes que falam com sorriso, anedotas e brincadeiras jocosas dos corpos e dos lugares para institucionalizar e aprisionar historicamente o gênero feminino.

No âmbito da historiografia brasileira, existem alguns trabalhos significativos sobre a imprensa pornográfica. Por exemplo, os estudos realizados pelas autoras Natalia Peçanha (2013), Cristiana Pereira (1997) e Marina Carvalho (2015). Natalia Peçanha (2013) pensa a imprensa pornográfica como um agente civilizador da população masculina, forjando uma masculinidade a ser seguida pelos homens que se pretendiam modernos. Cristiana Pereira (1997) frisa que a função desses periódicos era a redefinição das identidades sexuais e de gênero pautadas numa “*belle époque* Imoral”, pensando as prostitutas francesas enquanto agentes de difusão das práticas “civilizadas de imoralismo”. Marina Carvalho (2015) pensa a relação entre a literatura pornográfica com a experiência histórica moderna.

Pensaremos a produção dos discursos dos jornais abordados como advindos de uma conjuntura temporal e espacial específica, já que os discursos são produções históricas. Dessa maneira, devemos considerar que a sociedade carioca passou a vivenciar um novo contexto histórico com consolidação da República, em meio às transformações, não somente políticas e econômicas, mas também culturais. De acordo com Nicolau Sevcenko (1998), o Rio de Janeiro,

Bolsonaro (atual Presidente do Brasil e na época Deputado Federal do Rio de Janeiro), em março de 2011, em resposta à cantora Preta Gil, quando questionado sobre o que faria se seu filho se apaixonasse por uma negra “Ô Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco porque meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambientes como lamentavelmente é o teu.”. O atual presidente em abril de 2019 ao falar sobre a imagem do Brasil no exterior, Bolsonaro fez apologia ao turismo sexual: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade.”. Disponível em: Garcia, Gabrielle: *Treze frases de Bolsonaro de natureza sexual e machista. Congresso em Foco*, 13 ago. 2019. <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/treze-frases-de-bolsonaro-de-natureza-sexual-e-machista/>. Acesso em: 09 set. 2019.

grande centro urbano do início do século XX, sofreu uma mudança significativa no âmbito urbano e nos comportamentos através da ótica da modernidade. O cenário era eufórico marcado pelos discursos higienistas dos médicos, a preocupação com a modernização das zonas urbanas e com a aquisição dos produtos tidos como “modernos” por meio da *ética da limpeza, da saúde e da beleza*. Assim, como também pela efervescência e impacto dos meios de comunicação na sociedade carioca.

Marina Vieira de Carvalho (2015) frisa que, na virada do século XIX para o século XX, há uma intensificação da modernização dos centros urbanos, e por outro lado, também há uma transformação nos papéis sexuais que não serão mais regulados apenas por valores religiosos, mas sim engessados pelos discursos científicos (a clínica médica, a psiquiatria, a pedagogia). Através dos jornais, divulgam-se que o projeto da higienização e da civilidade não deveria constar apenas enquanto forma de requinte nas ruas urbanizadas, nos bailes, nos teatros ou nas vestimentas, mas que esse “exercício de civilidade” também deveria constituir o espaço da intimidade através dos comportamentos, lugares e práticas sexuais ditas civilizadas para as mulheres.

Quais relações que se pode tecer entre o ato de educar as mulheres para o exercício de comportamentos considerados civilizados e voltados para o cuidado do corpo com o processo de modernização e higienização no período histórico das publicações a serem analisadas? Quais mulheres estavam autorizadas a desempenhar esse papel “civilizatório” no campo dessa denominada sexualidade higiênica e civilizada? Por meio dessas inquietações podemos pensar quais discursos sobre a sexualidade foram anunciados com o objetivo de “autorizar” às mulheres do “vício elegante” a vivenciarem certas práticas culturais assentadas em uma legitimidade ao experimentarem uma sexualidade dita moderna.

Nesse sentido, construímos nossas inquietações a partir da leitura de Foucault sobre a constante incitação do tema da sexualidade¹⁸. Pensamos as práticas culturais sobre o corpo e a sexualidade feminina que foram gestadas e instituídas para atender a uma sexualidade que estava correlacionada ao projeto de modernização, civilização e higienização no Rio de Janeiro. Através dos discursos vinculados nos jornais *O Riso* e *O Rio Nu*, é possível observar diversas

¹⁸ Michel Foucault (2019, p.20) refuta a hipótese repressiva de sexualidade, afirmando que a partir do século XVIII houve uma valorização e multiplicação de discursos sobre sexo através do próprio poder: “incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais, obstinação das instâncias do poder a ouvir falar [...]”. Dessa forma falar sobre o sexo é um meio de produzi-lo e controlá-lo em conformidade com aquilo que era considerado autorizado pelos âmbitos de poder.

práticas educativas voltadas para os territórios do corpo e sexualidade feminina para que estes passassem por transformações e se enquadrassem no que era considerado moderno, higiênico e civilizado. Logo, nesse discurso historiográfico analisaremos o corpo e a sexualidade feminina através de uma nova maneira de problematizar a história, pensando a formação do sujeito feminino e as relações de poder que perpassam essa construção.

Segundo Michel Foucault (2019), o dispositivo da sexualidade é o meio em que a sexualidade é regida e normatizada através das práticas discursivas que enunciam como essa sexualidade deve ser vivida. Como um dispositivo, a sexualidade cria discursos e práticas que penetram nos corpos regulando os sujeitos. Logo, esses processos de sujeição moldam os corpos, regulam comportamentos e regem cuidados, direcionando o sujeito para um projeto de sexualidade semelhante aos padrões da modernidade de controle disciplinar das pessoas, das cidades, das ruas e das instituições defensoras de um ideal de civilização que coloniza corpos e os caracteriza como economicamente e politicamente úteis.

Entendemos essa incitação à sexualidade como uma maneira de gestar e instituir corpos femininos que representassem uma metáfora ao projeto de modernização, civilização e higienização no Rio de Janeiro. Nesse sentido, micropoderes¹⁹ são investidos sobre o corpo e a sexualidade feminina principalmente sobre as mulheres brancas²⁰, regulando e criando sujeitos femininos que tivessem comportamentos úteis para servir a economia vigente das funções destinadas a existência feminina: agradar aos homens. As mulheres públicas eram aquelas que estavam autorizadas a gozar sua sexualidade desde que seu corpo estivesse normatizado na ótica do que era considerado como civilizado e higiênico, e assim, para pertencer a essa sexualidade refinada, as mulheres deveriam sujeitar seus corpos para que fossem cada vez mais brancos, saudáveis, jovens e belos; e praticar comportamentos ditos civilizados, assim como também certas práticas sexuais.

¹⁹ Nos apropriamos do conceito de micropoder em uma perspectiva foucaultiana, isto é, o micropoder pode ser caracterizado como um poder que intervém materialmente, atingindo os corpos dos indivíduos e que se situa no nível do corpo social, penetrando na vida cotidiana, tornando-se um poder que é concreto e quase imperceptível. Dessa forma, o poder fragmentou-se em micropoderes e tornou muito eficaz transformando em sustentáculo do macropoder, pois, estão espalhados por todos os lugares nas mais diversas instituições. Ver: MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 07-34.

²⁰ É preciso destacamos que o Brasil vivenciava um contexto marcado pela receptividade das teorias raciais que também serviram de suporte para solidificação das hierarquias e desigualdades sociais, e no momento, e que o desejo da nação brasileira era que “não mais a “mata e a selvageria” deveriam ser a carta de apresentação da nação, mas uma imagem moderna, industrial, civilizada e científica.” (SCHWARCZ, 1993, p.42). Sendo assim, a institucionalização de sujeitos femininos brancos como portadores de uma beleza e uma sensualidade dita civilizada seria um meio para “limpar” as relações íntimas inter-raciais.

Para compreender a sexualidade no Brasil das primeiras décadas do século XX é preciso analisar o contexto da época como prisioneiro do projeto civilizatório europeu onde a ordem e a higiene eram preceitos inabaláveis. Neste sentido, construímos três objetivos específicos a serem contemplados no desdobrar deste trabalho: analisar as práticas educativas operacionalizadas na tessitura do corpo e da sexualidade da mulher branca através da ótica do que era considerado como civilizado e higiênico; Debater os discursos sobre o corpo da mulher branca voltados para a produção de comportamentos próprios do vício elegante; e problematizar as regulações sobre as práticas sexuais legitimadas para as mulheres do vício elegante, principalmente, àquelas que são construídas no arcabouço imagético do jornal.

Protagonista que “rir nu”²¹: os jornais lapidavam desejos ou excitavam risos?

[O Riso] sem ódios e sem paixões, tendo por único parli-pris o de rir de tudo e de todos — de nós mesmos quando fôr preciso— tendo por único rumo a Belleza em todas as suas manifestações, apresentaremos ao publico o lado bom, o lado jovial dos acontecimentos, buscaremos em todos os factos o ridículo para nossa maior alegria.²²

Nessa passagem, o Jornal *O Riso* apresentava a sua finalidade ao seu leitor, se afirmando como um jornal que tematizava a beleza e a juventude com uma linguagem alegre, frisando que não se trata de reportagens semelhantes aos jornais de notícias, pois “trataremos de cousas inúteis, do supérfluo, que, na opinião de muita gente bôa é o mais necessário á existência...”²³. Já o jornal *O Rio Nu* ressaltava, ao longo de seus 18 anos de circulação, que não se tratava de um jornal pernicioso e alertava aos seus leitores que “[...] «O *Rio Nu*» não é válvula de descomposturas.”²⁴. Como entendermos essas apresentações dos próprios jornais se denominando como humorísticos quando no corpo dos jornais tem narrativas eróticas sobre encontros amorosos, fotografias de mulheres nuas e poemas que visavam excitar o leitor?

O corpus documental da pesquisa ajudou a produzir essas inquietações que, por sua vez, nos levaram ao trilhar dessa dissertação. A princípio foi extremamente difícil a conexão com o mundo singular que a documentação proporcionava: ilustrações, fotografias, anedotas, críticas

²¹ Através de uma inspiração advinda das peças teatrais, enxergamos a documentação como protagonista da pesquisa por possibilitar estabelecer uma relação entre o objeto de pesquisa e o arcabouço metodológico e teórico. A referência ao “rir nu” é uma associação a fronteira tênue dos jornais entre o humorístico e o pornográfico.

²² (Chronica. *O Riso*, 26/05/1911, n.º 01, p. 01)

²³ (Ibidem)

²⁴ Sessão de diálogo com os leitores no qual o jornal repreende um leitor chamado K. *Pitão*, provavelmente um pseudônimo. (Caixinha de Estalos. *O Rio Nu*. 02/06/1909, n.º 1136, p. 03)

político-sociais, romances, poemas, versos jocosos etc. A linguagem que deveria despertar o riso e o gozo parecia uma incógnita, mas com um tempo, houve a familiarização e a conexão com o arquivo. Arlete Farge diz que (2009, p. 70): “[...] o arquivo parece uma floresta sem clareiras; permanecendo nele muito tempo, os olhos se acostumam com a penumbra, eles entreveem a orla”.

O fato de os jornais estarem disponíveis digitalizados nas hemerotecas digitais facilitou e viabilizou a pesquisa desta dissertação uma vez que era inviável a ida aos arquivos físicos dos jornais no Rio de Janeiro. No entanto, isto não quer dizer que a pesquisa em acervos online não possua problemas e dificuldades. A leitura diante da tela de um computador torna o processo ainda mais lento e exaustivo pois inúmeros fatores influenciam como o tipo e tamanho da letra, a tela do monitor, a iluminação do ambiente. No entanto, tecnologias digitais como uma hemeroteca digital ajuda na leitura através de ferramentas de busca de palavra-chave, facilitando a pesquisa por palavras relacionados com o tema trabalhado. Esse tipo de leitura é visto como não linear, maleável:

A leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se (um artigo em um periódico, um capítulo em um livro, uma informação em um *web site*), sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual que contém esse elemento.²⁵

Uma leitura descontínua e muitas vezes, utilizando-se dos recursos de palavras chaves possibilitou o desenvolvimento desta dissertação. Consciente das dificuldades e peculiaridades de trabalhar com periódicos em hemerotecas digitais, não os tomaremos enquanto “meros receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas ao bel prazer do pesquisador”²⁶ mas como produtores e disseminadores de discursos e práticas discursivas que através de uma relação saber e poder, criava falas e sujeitos autorizados, assim como produziam silêncios e legitimavam estratificações e marginalizações sociais.

Trabalhar com a imprensa possibilita abrir novos horizontes na pesquisa histórica, permitindo viajar em um mundo peculiar, debruçado em vários tipos de fontes: escritas e imagéticas. O jornal, problematizado enquanto uma fonte histórica, permite ao historiador interrogar os discursos que são tecidos e veementemente afirmados e os silêncios que são construídos a partir de uma rede de poder, pois o discurso significa poder até mesmo quando

²⁵ (CHARTIER, 2002, p.23)

²⁶ (DE LUCA, 2005. p.116)

produz silêncio. Se toda sociedade seleciona e controla os discursos vigentes, os periódicos, tendo em vista sua capacidade de circulação, tornam-se uma arma poderosa no qual as relações de poder estão imersas e produzem efeitos de verdade. Então, precisamos o interrogar sobre falas autorizadas e os silêncios na imprensa que também produzem sentidos diversos. Uma vez que muitas vezes, os intelectuais do século XX deveriam atender as expectativas e os interesses do periódico que desejava publicar²⁷. Eles reproduziam discursos que os patrocinadores²⁸ e donos dos jornais almejavam observar circulando na sociedade brasileira. É importante salientar que a maioria da imprensa, neste período, era financiada por empresas, políticos e a elite do país.

A imprensa brasileira no período republicano anunciava as novidades, os produtos e novos códigos ditos modernos para uma população desejosa pelo consumo do moderno e civilizado seguindo os moldes europeus. Ela compunha um cenário que provocava sensações e emoções, modificava hábitos e introduzia hábitos, isto é, os periódicos, jornais e revistas “tinham em comum a composição de um universo em que o mundo da mercadoria se impunha com toda a força, modificando valores, introduzindo padrões e conformando o imaginário social”²⁹. É necessário consideramos que apesar de não conseguir aferir sobre a recepção da imprensa e todos os sentidos e emoções provocados, é possível dizermos que ela constrói e dá sentido ao real, atribuindo valores à realidade. Sobretudo, ela produz expressões sobre a sociedade vivida, modificando hábitos, costumes, códigos e estios de vida que estão diretamente relacionados com as relações de poder existente no contexto³⁰.

²⁷ Como lembra De Luca (2005, p.124), “as várias tarefas desempenhadas por esses intelectuais subordinavam-se, não raro, às demandas políticas das facções oligárquicas proprietárias dos jornais e que igualmente detinham as chaves que controlavam o acesso ao cenário da política”

²⁸ Nos jornais abordados, observamos a presença de propagandas de medicamentos, cosméticos, loja de vestimentas, teatros e tinha concursos das “mulheres da zona”. Inclusive, utilizava-se como estratégia colocar o anúncio em forma de ilustração erótica ou jocosa. Notamos a presença de vários elementos modernos nas propagandas, expressando valores e sentidos a experiência moderna como também gerindo comportamentos e práticas homens e mulheres, e isto era financiado provavelmente pela elite capitalista e burguesa. De acordo com OLIVEIRA (2002, p.194) A imprensa elabora um novo visual no cenário da informação, instituindo hábitos e valores, principalmente ligados a lógica moderna que perpassa o capitalismo burguês: “A publicidade participa da construção de um novo “tipo social” – o consumidor -, adotando modelos de imagens persistentes e coerentes de necessidades e comportamentos consumistas”

²⁹ (COHEN, 2015, 107)

³⁰ (COHEN, 2015)

Nas páginas do jornal *O Riso* (1911-1912)³¹ e *O Rio Nu* (1898-1916)³² os leitores puderam acompanhar, de forma jocosa e/ou erótica, as últimas notícias acerca do país - que acabara de se tornar uma República - mas tinham seus olhares aguçados por temas muito mais picantes do que as anedotas e caricaturas acerca dos políticos que, por sua vez, compunham o cenário nacional. Trata-se de jornais com circulação semanal que, nesse período de mudanças político-sociais, passaram a tematizar a sexualidade como expressão e subversão da ordem moral e de crítica ao contexto político.

O jornal *O Rio Nu* surgiu em um momento em que observamos a ampliação e consolidação de um mercado editorial brasileiro, em fins do século XIX. Circulou bissemanalmente no Brasil (1889-1916), presenciando o momento histórico do estabelecimento do regime político da Primeira República (1889-1930). O periódico *O Riso* circulou semanalmente no Brasil (1911-1912), sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, sob o regime político da Nova República cujo presidente era Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914). Ambos os jornais se inserem no contexto histórico de ascensão da burguesia carioca, do crescimento do capital, da ampliação e da consolidação de um mercado editorial brasileiro que refletia tanto no melhoramento das publicações como nos investimentos de máquinas tipográficas mais modernas acarretando um mercado mais propício a imprensa, em especial, a imprensa pornográfica³³.

Os jornais não se autodenominavam pornográficos/eróticos, mas teciam temáticas eróticas associadas às humorísticas. Podemos frisar que no contexto histórico, esta imprensa era vista como pornográfica por alguns setores já que escandalizavam a moral por dissertar sobre vários temas da sexualidade e estampar fotografias de mulheres nuas, assim como também era defendido por outros que esses jornais eram apenas maliciosos e podiam ser lidos

³¹ O periódico *O Riso* conta com 80 edições com aproximadamente 20 páginas cada edição, capas modernas e chamativas com fotografias de mulheres nuas e ilustrações coloridas. Dirigido por Rabello Braga até o número 46, edição de 04 de abril de 1912. E, o jornal fica sob domínio de A. Reis & C., da edição de número 47 até a extinção do periódico.

³² *O Rio nu* circulou entre 1889-1916 na maioria dos estados brasileiros, com sede editorial no Rio de Janeiro, e teve um número expressivo de aproximadamente 1732 edições. Essas edições circularam bissemanalmente a partir do número 33 até o ano de 1913, mudando para semanal em 1914 até o fim do periódico. Fora dirigido por diversos editores durante sua longa vida: Heitor Quintanilha, Gil Moreno e Vaz Simão (1898-1905) que fazia uma edição mais simples com 04 páginas, e inserindo ilustrações em preto e branco; sob a direção de J. Moraes & C., (1906-?). O jornal é composto por 08 páginas e tem imagens em suas capas. Apenas em 1908, na edição número 1036 em 13 de junho é estampada pela primeira vez uma fotografia na capa (de nudez feminina), e essas fotografias vão participar das edições oscilando com a presença dos exemplares (compõe a maioria dos exemplares enquanto as fotografias aparecem em números reduzidos). Em algumas edições do período estudado, é apresentado ao leitor que o jornal é propriedade de Alfredo Velloso.

³³ (EL FAR. 2004)

por homens e mulheres³⁴. Como afirma Michel de Certeau (1982), os historiadores dialogam com seus pares, e a historiografia que tratou de estudar esses periódicos denominava-os como gênero alegre³⁵. Logo, enveredaremos nossa pesquisa a partir dessas prerrogativas.

O Riso e *O Rio Nu* eram lidos por homens e mulheres. Em inúmeras edições existem referência a “senhoras e senhores leitores”³⁶ quando buscavam enfatizar alguma novidade ou chamar atenção em alguma seção do periódico. Dessa forma, apesar de conter conteúdos eróticos e considerados pornográficos³⁷, por alguns setores da sociedade como grupos e comunidades católicas³⁸, o público leitor também era composto por figuras femininas, inclusive mulheres casadas. Essas mulheres geralmente escreviam aos jornais pedindo conselhos amorosos, e eram respondidos de acordo com uma visão fálica do mundo no qual a mulher deveria ser um ser coadjuvante ao lado do protagonismo dos homens³⁹.

Nessas sessões de diálogo com os leitores, o público feminino pedia conselhos a respeito de sua vida pessoal: conselhos de beleza, cuidados com o corpo ou dicas de relacionamento. Não temos acesso aos textos produzidos pelas leitoras, no entanto, através das respostas dos jornais conseguimos inferir as dúvidas e conselhos que eram solicitados. Através de discursos advindos de vozes masculinas, eram produzidas práticas educativas a fim de consolidar a figura

³⁴ O jornal *A imprensa* (01/06/1911, n.º 1257, p. 04)

³⁵ As historiadoras Natalia Peçanha (2013), Marina Vieira de Carvalho (2015) e Cristiana Schettini (1997) ao estudarem o jornal *O Rio nu* caracterizaram como pertencente ao gênero alegre pelo seu conteúdo de humor malicioso. O doutor em Letras Natanael Azevedo caracterizou *O Rio nu* e *O Riso* como jornais pornográficos.

³⁶ Estes leitores e leitoras, provavelmente, compunham a parte da sociedade brasileira alfabetizada e elitizada pois os produtos anunciados eram de alto padrão e artigos de luxo, como roupas refinadas, chapéus, cosméticos. A própria confecção do jornal era realizada com o material refinado, vindo da Europa, isto é demonstrativo que seus leitores faziam parte de um grupo muito exigente: ATENÇÃO Não havendo mais papel couchet no Mercado somos forçados a dar todo o nosso jornal em papel assetinado até que chegue da Europa a nossa encomenda, o que esperamos ser durante o próximo mez de outubro. (*O Riso*, 21/09/1911, n.º 18, p. 01). Uma vez que estas leituras eram consideradas licenciosas para a mulher honrada, elas poderiam burlar as recomendações. (El FAR, 2004). Pouquíssimos enunciados se referem diretamente a mulher honrada, mas os enunciados sobre as estratificações sobre elas e as lascivas são constantes. Podemos inferir que estas leituras eram destinadas principalmente para o sexo masculino e as mulheres públicas e as prostitutas.

³⁷ El Far (2004) destaca que na época, não havia uma lei explícita que proibisse a venda e a circulação destas obras uma vez que Código Penal Republicano (1891), não fazia menção à produção e disseminação de obras pornográficas, limitando-se a punir possíveis atentados ao pudor e ofensas públicas.

³⁸ Apesar de não ser bem visto por setores como a polícia e a igreja, não tinha uma censura e repressão eficaz. Estas obras eram atacadas, principalmente por ações individuais e representantes de comunidades religiosas. Por exemplo, as ações implementadas, em 1910, pelo chefe dos Correios Joaquim Ignácio Tosta que também era membro do Círculo Católico, e tinha como principal meta restringir a circulação do Jornal *O Rio Nu*.

³⁹ Na sessão de diálogo com os leitores chamada de *Consultorio*, uma mulher é duramente criticada por estar reclamando que o marido é deficiente, frisando que ela deveria ter rejeitado durante o noivado pois depois de casada “[...] para esse mal não ha remédio e agora a senhora tem mesmo que agüentar a... *bucha* até que seu marido dê a pelle ao diabo! ”. Dessa forma, salientava que o laço matrimonial era para sempre, e a mulher deveria ficar com o esposo “até que a morte separe”. Sujeitando as figuras femininas a serem esposas condescendentes e companheiros com seus esposos já que “—«Quem se sujeita a amar sujeita-se a padecer», diz o dictado; portanto, quem se casa sujeita-se a agüentar... as consequencias!...” (Consultorio por Dr. *Esfregadura*. *O Rio Nu*. 20/03/1909, n.º 1115, p.03)

feminina como sombra do masculino. Nas narrativas não importava o estado civil do público feminino ou se este mesmo público usufruía de liberdade sexual. Na passagem a seguir, a leitora Luiza é aconselhada a aceitar a traição do seu companheiro porque consistiu apenas em uma “fugida” típica dos homens e por isso não deveria ser motivo para um possível fim de relacionamento: “Luiza de Oliveira — Não, o Ramos lhe é fiel; apenas dá uma ou outra fugida para se encontrar com a sua colega; mas isto não lhe tira o amor que tem à senhora”⁴⁰

É importante destacamos que a fronteira entre humor e pornografia é muito tênue. Havia um conteúdo sugestivo de narrativas eróticas, ilustrações e fotografias de mulheres nuas como também escritos em enredos jocosos e eróticos que sugeriam uma possível relação sexual. Esses enunciados apresentavam aos seus leitores e leitoras comportamentos sexuais ditos civilizados e ridicularizavam àqueles comportamentos ou práticas sexuais consideradas anormais. A literatura de incursão sexual ou de diálogo provocante visava agir sobre a libido dos leitores, mas também produzia uma severa crítica político-social e incitava o riso⁴¹. Dessa forma, os conteúdos eróticos mascarados com um humor malicioso, assim como as fotografias e as ilustrações com mulheres nuas, dificultam uma classificação exata⁴². No entanto, é importante frisarmos que:

O Rio Nu não publicava apenas o periódico, mas também folhetins, romances pornográficos, de leitura rápida e fácil, sempre acompanhada de ilustrações e fotografias. Os autores que escreviam jornais e contos pornográficos, muitos deles eram conhecidos intelectuais da cidade. Escritores de crônicas, romances, peças, as quais tematizavam a cidade e seus costumes. Essa outra faceta da intelectualidade carioca, a erótica, ainda é pouco explorada. Olavo Bilac, por exemplo, escrevia poesias eróticas para o Rio Nu com pseudônimo de Eloy Pontes.⁴³

Marina Vieira de Carvalho (2015) também salienta que o arcabouço criativo tecido pelos intelectuais do jornal representava uma visão fálica e racista ao perceber o mundo e a sociedade como elaboradores de uma noção de sexualidade heterossexual e normativa. Nesse sentido, os jornais expressavam uma visão de mundo que geralmente estava alicerçada em relações de poder, e assim, o espaço da imprensa foi se cercando de sistemas de sentidos e significados

⁴⁰ *Mala de Repostas* por Cascavel. (*O Rio Nu*, 30/09/1908, n.º 1067, p.03).

⁴¹ (EL FAR, 2004)

⁴² Robert Darnton (1996, p.) frisa que a heterogeneidade da pornografia dificulta uma classificação exata, mas possibilita trabalhar com diversos elementos: “se a pornografia é um gênero, é um gênero tão heterogêneo que qualquer tentativa de definir o gênero ‘puro’ acaba necessariamente falhando. E eram suas impurezas que forneciam os elementos que tornavam o sexo algo tão bom para se pensar.”

⁴³ (CARVALHO, 2015, p.55-56).

estabelecidos no meio social pelos discursos masculinos⁴⁴, e pode ser tomado enquanto lugar de jogos de tensões, no qual as relações de gênero se inscrevem.

Os jornais eram rechaçados por alguns setores mais tradicionais, como grupos católicos, conforme se pode observar na seção intitulada “Contra a Pornographia” publicada no jornal *Gazeta de notícias*:

Por falta de espaço deixámos hontem de publicar uma representação do Circulo Catholico contra a exhibição e publicação de cousas pornográficas nessa capital. [...]

Eis a representação:

Exmo. Sr. presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Á presença de V. Ex. vêm os cidadãos infra-assignados, membros de várias associações catholicas estabelecidas nesta capital a que a convite do Circulo Catholico do Rio de Janeiro a elle se reuñem para o exercício do direito da representação , assegurado pela Constituição vigente, em seu art. 72 § 9º. O que nos induz, a nós os signatarios desta representação, não é o interesse de nossa opinião religiosa; não se trata agora de reivindicações de algum de nossos direitos acaso postergados, nem tampouco impetramos favores para a nossa confissão, propugnamos apenas, Exmo. Sr. – e fazendo-o cumprimos religioso dever – a causa da moral e do pudor publico liames estes que mais fortemente robustecem as nações e sem os quais inevitável se torna o seu desmembramento e ruína. É de pública notoriedade, Exmo. Sr. o incremento que entre nós e nesta cidade vão tomando as exhibições theatraes e outras congengeres, e bem assim a imprensa despejadamente licenciosa quer no livro, quer ainda com maior perigo em samanarios e jornaes. Tudo quanto a lascivia e o impudor podem cogitar de mais deslavado e cynico quotidianamente as exhibições em folhas apregoadas e vendidas sob as vistas das auctoridade, em peças immoralíssimas, que com toda razão têm sido proscriptas dos theatros em paizes zelosos dos seus bons costumes, e ainda em fitas cienmatographicas, que com viva realidade deparam sensualíssimas torpezas⁴⁵

Este enunciado exhibe a ótica da sociedade conservadora sobre as obras pornográficas, destacando os incômodos, os medos, os perigos e o ato dito pecaminoso da leitura pornográfica e como ela poderia “arruinar” a sociedade brasileira. Estes jornais, em certa medida, também eram observados como ataques aos preceitos morais cristãos e aos bons costumes. Quando mostravam a sensualidade dos corpos femininos, prescreviam comportamentos e valores para vida sexual de homens e mulheres.

Por outro lado, eram muito bem recepcionados pelos leitores e por outros jornais contemporâneos uma vez que consideravam a leitura humorística e pornográfica como essenciais para o homem moderno por abordarem os aspectos felizes e prazerosos da vida

⁴⁴ A configuração editorial era composta por autores anônimos e a utilização de pseudônimos, principalmente se tratando de jornais que abordavam temáticas inovadoras e polêmicas para a época. Levando em conta essa afirmação e a contextualização dos intelectuais da época ser composta por um grupo predominantemente masculino e de classe abastada, trabalhamos com a hipótese de que os jornais eram escritos majoritariamente por autores masculinos, no entanto isso não anula a possibilidade de existir publicações feitas por mulheres.

⁴⁵ (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 07/02/1910, n. ° 38, p. 4)

humana. O jornal carioca *A Imprensa* em várias edições chama a atenção de seus leitores para o *Jornal O Riso*:

O “riso é próprio do homem”— dizia Rabelais. Sim; mas ao que nos referimos, agora, é próprio do homem e da mulher. Referimos a “O Riso”, semanario artistico e humorístico confeccionado nas oficinas typographicas de Rabello Braga. E é próprio do homem e da mulher porque tem, como aqui pomos, umas maliciosas reticencias... Assim sendo, a bella revista, provocando a plena exteriorização das nossas alegrias, tem feito successo. O seu segundo numero, rico de gravuras “d’après nature”, é a prova disso: tem feito muita gente a rir a valer. Rir e mais alguma coisa...⁴⁶

O jornal, descrito como “alegre e saltitante”⁴⁷, autoriza sujeitos masculinos e femininos a apreciarem a leitura e, assim, defende que o riso e o gozo são importantes para a felicidade humana. Para *A Imprensa*, *O Riso* se insere no humor que faz bem para a humanidade no qual tanto pode provocar o riso quanto incitar prazer sexual já que os enunciados⁴⁸ do periódico têm uma linguagem maliciosa e erótica. Natalia Peçanha destaca que o conteúdo de jornais como *O Rio Nu* mexia com a opinião pública, provocando “‘um fervilhamento de opiniões particulares’. Se por um lado ele colidia com os interesses de uma ala mais conservadora da sociedade, por outro lado atendia os anseios de uma parcela da sociedade ávida pelo seu humor malicioso”⁴⁹

Apesar do jornal se definir como humorístico ou malicioso, os temas sobre corpo, adultério, relações amorosas apareciam constantemente nas suas páginas através de poemas, fotografias, ilustrações etc., e esses temas eram considerados pornográficos para a época. A sexualidade dos sujeitos femininos passou a ser utilizada como crítica político-social, pois, frequentemente as imagens das mulheres apareciam associadas a críticas a República e ao abuso dos parlamentares. Elias Thomé Saliba (2002) afirma que a literatura humorística era associada a pornografia quando fazia rir à custa de algum ressentimento ou conflito social. Logo, a fronteira entre pornográfico e humorístico era muito tênue.

No artigo *Cata as Coisas...* do *O Rio Nu* salienta a importância dos jornais humorísticos, reafirmando seu lugar de jornal humorístico e não como pornográfico na imprensa carioca:

⁴⁶ (O jornal *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 01/07/1911, n.º 1257, p.04)

⁴⁷ O jornal *A Imprensa* sobre *O Riso* (29/06/1911, n.º 1285, p.02)

⁴⁸ Nos apropriamos do conceito de enunciado de Michel Foucault, que não podem ser confundidos com o ato da enunciação ou da linguagem, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mas série de signos mais submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia. “Trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão presentes aí ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura [...] É uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado em sua formulação (oral ou escrita)” (FOUCAULT, 2017, p. 105)

⁴⁹ (PEÇANHA, 2013, p. 58-59)

INCONTESTAVELMENTE... (não mintó!) os jornalecos humorísticos não podem... ou antes— não devem desaparecer do meio do mundo... jornalístico! «O Rio Nu», principalmente (modestia á parte) é... um poder no... poder. Pois, sí os *collegões* nos dão o seu... assumpto engraçado... de graça!...⁵⁰

No entanto, observamos que devido a fronteira tênue entre o papel humorístico e pornográfico, os jornais constantemente estavam em embate para se definirem enquanto jornais maliciosos. Nesses embates, entre as diversas relações de poder que buscavam institucionalizar os jornais *O Rio Nu* e *O Riso* como pornográficos, simultaneamente, eram utilizadas manobras para censurar os mesmos. Para isso, esses jornais usavam seus lugares institucionais vinculados as tramas de saber-poder no sentido de gerir discursos a seu favor.

O jornal *O Riso* acusou de censura um senhor “oportuno”⁵¹ chamado Henrique Costa, vulgo Rato Branco de Bordel, pois “além de *corrector*, é também *Zelador*... do... dinheiro das *funcionarias*. Chega a impôr que não comprem *O Riso*, pois lhe deminue a *diaria*.” Essa notícia é da sessão *Paulicéa em fraldas*⁵², um espaço destinado para as novidades e as fofocas da população da capital paulista, cujo “autor é um conhecido bohemio paulista que se esconde sobre o pseudonymo de Renitente”⁵³. Essa fofoca circulada em território nacional fora uma estratégia para criminalizar o oportuno Henrique Costa? Torná-lo conhecido como um agente de prostituta que além de viver às custas de uma mulher, a proibiu de ler um jornal como *O Riso* que só desperta sentimentos bons como o riso e o gozo?

Fica evidente que a atitude do sr. Henrique é rechaçada pelo jornal, principalmente porque deixa claro que se trata de um oportuno, um cafetão de mulheres que é conhecido vulgarmente como Rato Branco de Bordel, isto é, o censorador é construído como desqualificado para recriminar um jornal refinado como *O Riso*.⁵⁴

O Rio Nu, em março de 1910, foi proibido de circular no âmbito dos Correios pelo diretor-geral desta empresa, sr. Joaquim Ignácio Tosta, acusando o periódico de atentar contra os bons costumes. Esse ato de censura chamou a atenção de vários jornais como o *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *Século*. De imediato, a imprensa se enfureceu com este ato

⁵⁰ (*Rio Nu*, 02/06/1909, n. ° 1136, p.02)

⁵¹ Na fonte está escrito “opportuno”. Possivelmente oportuno no sentido de aproveitar a oportunidade/situação para satisfazer seus interesses.

⁵² (*O Riso*, 23/11/1911, n.º 27, p.18)

⁵³ (*O Riso*, 14/07/1911, n.º 17, p.06)

⁵⁴ Em um jogo de rarefação, é perceptível que o jornal produz um discurso se legitimando como um periódico refinado seja pela utilização de fotografias de mulheres francesas ou pela sua própria feitura já que era utilizado papel *couchet* vindo da Europa.

intitulando de “Censura Postal”, afirmando que se tratava de um ato arbitrário de um homem pertencente ao Círculo Católico⁵⁵: “Vê-se perfeitamente o lado odioso dessa resolução do director dos Correios: s. s. não agiu como funcionario publico, mas simplesmente como membro do Circulo Catholico”⁵⁶.

Aos olhos do *O Rio Nu*, esse episódio dos Correios, foi um atentado advindo de um interesse pessoal porque o jornal transitava nos Correios há 12 anos e nenhum diretor-geral da instituição “[...] teve o desplante de attentar contra a liberdade de um jornal que a polícia não julga immoral e que concorre com impostos pura o erario publico”⁵⁷. Nesse caso, *O Rio Nu* utilizou-se de um discurso assentado na lei e na nação, pois se tratava de um periódico que não era perseguido pelas autoridades policiais, assim como contribuía financeiramente para o crescimento da nação brasileira, dessa forma, tentou convencer os leitores de que estariam sofrendo um ato abusivo e injusto.

Para alguns jornais da época, a nudez feminina deveria ser exibida, pois representava uma arte da natureza, já que as fotografias de mulheres nuas eram consideradas como um patrimônio natural das belas artes: “Nú feminino, a plástica do nú humano, sempre foram em pintura e esculptura, da arte natural, desde as de primeiras escolas, o symbolo da arte natural, - «la obra caprichosa del Divino Artista».”⁵⁸. A fotografia da nudez feminina vista como uma expressão artística era um artifício para não ser acusada de material pornográfico.

Logo, o ato é visto como arbitrário pelo *O Rio Nu* e seus contemporâneos por ser baseado em uma decisão advinda de um membro do Círculo católico que julgava o que era decente ou um atentado aos bons costumes e de acordo com sua cruzada de “puritanismo moralizador”⁵⁹, pois tinha um “feitio combativo de um Inquizidor. O seu catolicismo militante é excessivo”⁶⁰. O embate entre o diretor-geral dos Correios e a imprensa perdurou por alguns

⁵⁵ O “Circulo Catholico” era uma organização de cunho religioso atuante no Rio de Janeiro que combatia a exibição e publicações consideradas pornográficas por estes. El Far (2004) frisa que até a década de 1920, o Brasil não possuía uma proibição com caráter legal para a confecção e circulação das obras pornográficas. O que existia eram instituições ou ordens que agiam por conta própria para tentar proibir a circulação destas obras, como em 1912, surge a *Liga Anti-pornográfica*, e que mais tarde em 1917, transformou-se em a *Liga pela Moralidade* com o propósito de combater a imoralidade que afetava os princípios católicos da família e maternidade.

⁵⁶ O jornal *O Rio Nu* sobre o ato de censura realizado pelo diretor-geral dos Correios (O “Rio Nu” e o Correio geral. *O Rio Nu*. 30/03/1910, n.º 1221, p.02)

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ O Jornal *A Gazeta de Notícias* sobre a repressão dos Correios. (O “Rio Nu” e o Correio geral. *O Rio Nu*. 02/04/1910, n.º 1222, p.03)

⁵⁹ Fragmentos do Jornal *Correio da Manhã* sobre o ato de censura. (O “Rio Nu” e o Correio geral. *O Rio Nu*. 30/03/1910, n.º 1221, p.02)

⁶⁰ Idem.

meses, nessa efervescência de discursos que estavam alicerçadas em interesses políticos, podemos perceber a ambiguidade de visões de mundo que perpassam às opiniões do que seria ou não seria um jornal pornográfico.

Esses jornais travaram uma briga discursiva, alicerçada em interesses políticos, contra o sr. Joaquim, frisando seus lugares de poder no corpo social, e alertando sobre o poder abusivo de um funcionário público mascarado de “defesa dos bons costumes”. Logo, apesar do sr. Joaquim representar uma instituição pública e pertencer a um círculo católico, isto é, representar lugares de poder, é refutado pela imprensa no momento de restrição da liberdade de imprensa. Isto, aponta que a imprensa é uma instituição de saber-poder no corpo social, e assim, também rege e controla discursos e práticas sociais.

Desse modo, observa-se que ambos os jornais instituem discursos veiculadores de seus papéis como uma imprensa maliciosa de gênero alegre e, por isso, não deveriam ser censurados por figuras autoritárias que se utilizavam de um travestismo discursivo da defesa de bons costumes para atender aos seus próprios interesses políticos e pessoais. Percebemos essa receptividade dos jornais *O Riso* e *O Rio Nu* quando são tomados ora como pornográficos, pois atentavam contra os bons costumes, ora como maliciosos, tendo em vista que provocavam o riso e o gozo, evidenciando que os jornais eram vistos de diferentes maneiras.

O casting⁶¹ da pesquisa: Arcabouço teórico e metodológico

[...] A análise do discurso assim entendida não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo de rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. Rarefação e afirmação, rarefação, enfim, da afirmação e não generosidade contínua do sentido, e não monarquia do significante.⁶²

Tendo em vista que o trabalho do historiador é uma operação que necessita de métodos e técnicas⁶³, a tecedura dessa dissertação está alicerçada, como evidencia a epígrafe acima, na análise de discurso proposta por Foucault, para pensarmos como a imprensa cria e institucionaliza lugares para os sujeitos femininos, frisando as práticas educativas sobre o corpo e a sexualidade para estes sujeitos. A análise de discurso consiste em ir além de interpretações

⁶¹ Em uma peça teatral, o *casting* é a seleção dos atores que comporão a obra. Nesse discurso, entenderemos o *casting* enquanto os atores que iremos nos apropriar teoricamente e metodologicamente para a pensar a problemática da pesquisa.

⁶² (FOUCAULT, 2014, p. 66)

⁶³ Michel de Certeau (1982), afirma que o trabalho do historiador é uma operação historiográfica articulada com um lugar social, uma prática científica e uma escrita. E é esse conjunto operatório que autoriza o lugar de fala do historiador.

rasas da documentação, significa tratar o discurso como uma construção histórica e política que está interligada por diferentes ações:

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos.⁶⁴

O discurso é antes de tudo, histórico. E a partir disso, abordaremos os documentos não como um indício ou cópia fiel do passado, mas como uma invenção do passado produzida em conformidade com interesses diversos. Pois, o próprio documento foi tecido com características próprias do contexto histórico no qual foi construído, logo, os documentos também são frutos das relações de poder aos quais são permeados.

Como disse Foucault (2014), os discursos devem ser entendidos como um conjunto de práticas que formam os sujeitos/objetos dos quais falam. O discurso deixa de ser uma simples referência às coisas, para ser uma materialidade na vida prática. O discurso é:

[...] um bem – finito, limitado, desejável, útil – que têm suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política.⁶⁵

Nesse sentido, o discurso tem uma força criativa e produtiva que está alicerçada nas relações de poder que criam sujeitos e práticas. O discurso é sinônimo de poder e de desejo: “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”⁶⁶. Isto é, os discursos têm força criadora, manipulam, consolidam e seduzem. Os discursos circulados nos periódicos *O Riso* e *O Rio nu* partiam de um lugar formado por intelectuais⁶⁷, majoritariamente do sexo

⁶⁴ (FISCHER, 2001, p. 98-99)

⁶⁵ (FOUCAULT, 2017, p.147-148)

⁶⁶ (FOUCAULT, 2014, p.10)

⁶⁷ Segundo Foucault (2019), os discursos dos intelectuais estão autorizados por estar inserido em sistema de poder que autoriza a produção de uma verdade. Nesse sentido, o lugar assumido pelo intelectual é revestido de poder porque ele produz discursos, forma saberes e produz práticas. Lília Moritz Schwarcz (1993) afirma que os diversos intelectuais: cientistas, acadêmicos, literatos etc.; irão produzir e disseminar suas ideias pensando questões como a miscigenação no Brasil e o branqueamento da população. É preciso observar também que esses intelectuais utilizam os jornais para difundir seus conhecimentos. Tendo em vista que os periódicos estudados eram de cunho humorístico e erótico, eles incitavam seus leitores e suas leitoras através do humor ou da pornografia a consumirem suas ideias a respeito da sexualidade. Por exemplo: os diversos poemas e ilustrações sobre banho, inferem que o corpo limpo é aquele portador de uma alvura na pele e um perfume embriagante, e este, portanto, é considerado o corpo habilitado a ser sensual e desejável.

masculino⁶⁸ – e assim evidenciavam que esses discursos eram articulados com as relações de poder e de gênero – que estavam preocupados em educar as mulheres para reproduzir em seus corpos um discurso de sexualidade dita moderna e higiênica. Dessa forma, os discursos não pretendiam ficar apenas no corpus escrito, era necessário que adentrassem nos lares e nos corpos femininos enquanto práticas vivenciadas inclusive na intimidade dos quartos.

Os jornais *O Rio nu* e *O Riso* estão disponíveis no acervo online da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, respectivamente. Analisaremos todas as edições referente ao período de circulação do *O Riso* por considerarmos o momento de consolidação do seu perfil “humorístico/erótico” no mercado editorial pornográfico da época. Será possível observar, através de diversas colunas, a incitação do corpo e sexualidade da mulher branca. Além disso, a concentração de mulheres nuas na capa e a criação do álbum de fotografias de mulheres nuas, nos permitem pensar o corpo feminino inscrito e desenhado nas páginas do jornal. E assim, abordaremos romances, contos, reportagens, poemas, anedotas, ilustrações e fotografias também expostos nas fontes a serem analisadas.

Em relação ao Jornal *O Rio nu*, tendo em vista que é um jornal de uma significativa duração, ou seja, 18 anos, utilizaremos para esta pesquisa o recorte de 1908-1916 correspondente as edições número 1036 a 1732, período em que aparecem as fotografias de mulheres nuas e seminuas geralmente acompanhados de poemas e/ou legendas em um tom erótico até o momento de extinção do periódico. Nessa documentação, nos limitaremos à uma análise sobre as sessões de diálogo com os leitores/leitoras, as anedotas, os contos, os poemas, as ilustrações e as fotografias. A escolha dessa documentação fora traçada tendo em vista a visibilidade discursiva na qual aparecem os temas ligados aos corpos e a sexualidade feminina.

O estudo será conduzido pela metodologia da análise de discurso, pensando a emergência de discursos sobre o corpo e a sexualidade feminina interligada com a República. Entenderemos a emergência dos elementos discursivos e não discursivos como produtoras de enunciados sobre a sexualidade, um dispositivo de poder que contribuiu para a disseminação de práticas educativas sobre o corpo e a sexualidade feminina e, assim, instituiu lugares para os sujeitos femininos.

⁶⁸ Tendo em vista “o papel da imprensa como instituição de controle social, servindo à própria estrutura do poder e agindo como veículo de manutenção da ordem vigente” (BARBOSA, 2007, p.17) e considerando que a maioria da população brasileira era analfabeta, ser letrado e intelectual para publicar na imprensa é uma realização de um grupo muito seletivo e especial pois “escrever na imprensa tornou-se não apenas uma fonte de renda, mas também instrumento de legitimação, distinção e mesmo poder político.” (ELEUTÉRIO, 2015, p.94). Posto isto, este grupo era composto majoritariamente por homens brancos, heterossexuais e financeiramente estáveis devido às hierarquias de gênero, raça e de classe social presente na sociedade brasileira no início do século XX.

A sexualidade moderna e civilizada não era um conceito criado pelo jornal. Esse conceito é tecido por escritas historiográficas. No entanto, ela enquanto um conjunto heterogêneo de discursos e práticas esteve presente nas páginas do *O Riso* e *O Rio nu*, sejam na exposição da nudez feminina, na incessante disseminação de enunciados sobre o corpo limpo, cheiroso e branco como símbolo de sensualidade, sejam na divulgação de comportamentos considerados adequados às mulheres do “vício elegante”. A sexualidade moderna e civilizada estava estampada e desenhada nos discursos dos jornais, mesmo que não tivesse essa nomenclatura.

As ilustrações e as fotografias que serão trabalhadas nessa dissertação estão conectadas com os enunciados que tentam produzir dispositivos de poder de uma sexualidade dita moderna e civilizada. Logo, serão recortadas apenas algumas iconografias dos jornais que condizem com a dizibilidade e visibilidade. As imagens analisadas referem-se àquelas que através da linguagem verbal e não-verbal promoviam uma educação do olhar, mostrando as mulheres como deveriam se comportar, cuidar do corpo e vivenciar a sexualidade. Isto é, ilustrações que educavam o olhar, mas também tinham por intenção sujeitar o corpo e a sexualidade feminina ao que era considerado como moderno, civilizado e sensual aos olhos masculinos.

No que tange ao campo de técnicas, esboçaremos alguns conceitos que perpassam essa dissertação e os quais permitem construir uma relação entre as fontes de pesquisa e o objeto, a fim de pensarmos como a imprensa cria e institucionaliza lugares para os sujeitos femininos condizentes com relações de poder alicerçadas numa relação de gênero.

Analizamos o corpo como uma construção alicerçada em relações de poder. Dialogando com vários autores, entendemos o corpo não apenas como uma superfície de carne e osso, ao contrário, como um tema de estudo que sofre a ação das relações de poder:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem⁶⁹

Para tanto, também utilizamos as contribuições do historiador Azemar Soares Júnior (2011) que pensa o corpo como prática educativa. Estas práticas educativas trabalham com

⁶⁹ (GOELLNER apud GOELLNER, 2010, p. 72-73)

percepções sociais e históricas e são construídas através dos valores culturais empregados pela sociedade como um modo de definir e se relacionar com o meio em que se vive. Os corpos deveriam reproduzir uma forma de ser e de se comportar regida pelo dispositivo da sexualidade. Logo, estudaremos os micropoderes que exerceram um controle minucioso sobre o corpo e elaboraram gestos, atitudes e comportamentos considerados como adequados para os sujeitos femininos.

Para compreendermos as práticas educativas que regulam e formam o sujeito feminino, baseando-se em estratificações de gênero, nos apropriamos de Judith Butler (2019), para pensar o gênero como uma construção cultural e política que fabrica sujeitos através de uma matriz heterossexual mascarada de normatividade, e dessa forma, pretendemos desconstruir as noções determinantes sobre os indivíduos, pois o gênero não é verdadeiro e nem falso, ele é criado por meio de discursos e performatividades teatralizadas:

O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem a realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. [...] os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora⁷⁰

A autora nos fornece subsídios para analisar a construção do feminino através dos jornais *O Riso* e *O Rio nu*, entendendo-o como fora construído discursivamente e performaticamente, e não naturalmente, os gestos, os comportamentos e práticas sexuais autorizadas como verdadeiras e legítimas para o feminino. Enfatizamos que o gênero é criado performaticamente e discursivamente em relação a materialidade da vida, servindo a interesses políticos que fantasiam essas invenções como naturais e legítimas.

Nos baseamos em Foucault principalmente através de sua obra *História da Sexualidade: a vontade de saber* (2019), para negar a suposta ideia de um conservadorismo e interdição sexual. Através do nosso corpus documental acreditamos em uma incitação constante do sexual seja pelo dito como também pelo não dito. Os diversos discursos circulados nos jornais abordados estão postos no dispositivo da sexualidade, articulados a uma rede de saber-poder,

⁷⁰ (BUTLER, 2019, p. 235)

apresentando a produção constante de verdades e ou de efeitos de verdade acerca do corpo e da sexualidade feminina.

A sexualidade é entendida, por Foucault (2019), como um dispositivo histórico engendrado por relações de saber-poder que tem como objetivo penetrar nos corpos de forma infinitesimal e controlar a população de modo global:

A sexualidade é o nome que se poder dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encandeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.⁷¹

Em a *Microfísica do poder*, Foucault (1993) pontua que o dispositivo da sexualidade aborda um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, medidas administrativas, leis, organizações arquitetônicas, enunciados científicos, filosóficos e morais. “Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos”⁷². A sexualidade é entendida em uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes que legitimam certos corpos e comportamentos sexuais e marginalizam outros através de uma relação saber-poder-prazer⁷³. O dispositivo da sexualidade é o meio em que a sexualidade é regida e normatizada através das práticas discursivas que estabelecem regras de como essa sexualidade deve ser vivida.

Logo, a sexualidade necessita ser controlada e ordenada em conformidade com o micropoder que vigia e molda os próprios indivíduos policiando-os em relação aos atos sexuais e corporais⁷⁴. O dispositivo da sexualidade enquanto objeto de dominação e através de suas tecnologias de poder e saber também influenciam no desenvolvimento do biopoder e seus desdobramentos (por exemplo, o racismo). Para além disso, a sexualidade está articulada com a regulamentação da vida da população.

A fim de refletimos sobre essa relação entre a sexualidade e a regulamentação da vida da população utilizaremos o conceito de Biopoder. Este conceito se refere a uma técnica de

⁷¹ (FOUCAULT, 2019, p.115).

⁷² (FOUCAULT, 1993, p.137).

⁷³ Foucault (2019) frisa que a sexualidade produz uma rede sutil de discursos que articulam uma relação de saber-poder para produzir na superfície dos corpos os gestos, os prazeres, e os comportamentos que estão autorizados pelo investimento de um discurso fantasiado de uma verdade legítima. A sexualidade opera no campo das relações de poder de forma múltipla e moveis a fim de produzir corpos belos, vigorosos, saudáveis e sobretudo, autorizados a viver sua sexualidade.

⁷⁴ (Cf. FOUCAULT, 2019)

poder que tem o intuito de criar um estado de vida em determinada população a fim de produzir corpos dóceis e produtivos. Para Foucault (2019), uma sociedade normalizadora é o efeito histórico do biopoder, isto é, de uma tecnologia de poder centrada na vida: “A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida.”⁷⁵. O biopoder regula a população e seus comportamentos, isto é, intervenções e controles sobre o corpo-espécie: proliferação, nascimento e a mortalidade, longevidade, nível da saúde. Nesse sentido, iremos nos apropriar do conceito de biopoder para pensar os corpos considerados como saudáveis e autorizados a expor sua nudez, e assim também, a regulação de práticas educativas sobre o corpo e a sexualidade feminina para produzir uma sexualidade higiênica.

A fim de pensar a formação do sujeito feminino tecido nas relações de poder, iremos nos apropriar do conceito de sujeição de Foucault. Em linhas gerais, a sujeição é a formação do sujeito através de um princípio de regulação, essa produção do sujeito sofre um tipo de poder que age sobre os indivíduos como uma forma de dominação assim como também forma o sujeito. Butler (2019, p. 20) ressalta que a sujeição é paradoxal: “[...] Como poder *exercido sobre* o sujeito, a sujeição, não obstante, é um poder *assumido pelo* sujeito, uma suposição que constitui o instrumento do vir a ser desse sujeito.”

Como salienta Butler (2019), a sujeição consiste em uma relação de dependência com discursos que são regidos por um poder externo no qual não são escolhidos pelos sujeitos, mas que sustentam as ações e a formação desses sujeitos. A sujeição age no meio social e na psique como um efeito do poder que cria normas e formas de ser. Para a autora, as normas operam como fenômenos psíquicos que restringem e produzem o desejo do mesmo modo que também regem a formação do sujeito e a criação de uma socialização habitável. A operacionalização da norma é guiada por uma via para que o poder regulador não seja uma coerção explícita.

Baseado na afirmação da filósofa Butler (2019, p.36) de que “[...] a sujeição é o efeito paradoxal de um regime de poder em que as próprias “condições de existência”, a possibilidade de continuar como ser social reconhecível, requerem a formação e a manutenção do sujeito na subordinação”. A sujeição, neste trabalho, será pensada como um efeito do poder para produzir sujeitos femininos autorizados a vivenciar sua sexualidade por pertencerem a uma classe feminina considerada como mulheres do “vício elegante”. A sujeição cria possibilidades de existir dentro de determinados regimes de poder, dessa forma, institui práticas educativas sobre

⁷⁵ (FOUCAULT, 2019, p.150).

o sujeito feminino, vinculadas nos jornais abordados, para que continue como ser social reconhecível no campo da sexualidade sob controle dos preceitos civilizatórios no Brasil do início do século XX.

Portanto, esboçamos os principais conceitos que serão trabalhados para compreender a economia de discursos sobre o corpo e a sexualidade feminina presentes nos jornais *O Riso* e *O Rio nu* para entendê-los em complexas relações de poder e como produtores e reguladores de práticas educativas voltadas para os sujeitos femininos. Desse modo, a discussão aqui apresentada é apenas um convite para apreciar as cenas dos próximos capítulos.

Estamos propondo a divisão deste trabalho em três etapas nas quais serão denominadas de Cenários⁷⁶. O **Cenário I - “Carne rija, sadia e estimulante”⁷⁷: regulando corpos, produzindo sujeitos femininos belos e sensuais** tem como finalidade analisar as práticas educativas operacionalizadas na tessitura do corpo e da sexualidade da mulher branca através da ótica do que era considerado como civilizado e higiênico, discutindo como os jornais produziam discursos reguladores de como as mulheres deveriam cuidar e sujeitar seu corpo para despertar um desejo sexual. Para isto, serão analisados ilustrações, fotografias, poemas e propagandas de medicamentos.

No **Cenário II - “Uma flor preciosa do vício elegante”⁷⁸: da sujeição feminina às práticas civilizatórias** problematizaremos os discursos sobre o corpo da mulher branca a fim de produzir comportamentos próprios do “vício elegante”, inferindo práticas educativas sobre para sujeitarem corpos femininos com as regras do requinte de práticas culturais, apontando as melhores estratégias para conquistar os homens assim como também as orientações para escolher parceiros sexuais ditos refinados. Neste cenário, analisamos ilustrações, poemas, trechos de seções de apresentações de mulheres lascivas e de romances.

No **Cenário III “Delícias de lascivo amor”⁷⁹: o território das práticas sexuais entre o permissível e o proibido**, discutiremos as regulações sobre a sexualidade e as práticas sexuais legitimadas para as mulheres lascivas por meio da ótica do sexo moderno e civilizado, principalmente, aquelas que são construídas no arcabouço imagético (fotografias e legendas) que aparecem ao lado de poemas e/ou legendas eróticas. Para isto, nos apropriaremos das

⁷⁶Em uma referência à peça teatral, denominamos os capítulos da dissertação de “cenários” que contém “cenas” distintas que contam uma história sobre as mulheres lascivas.

⁷⁷ Referência aos versos do poema *Peixão!* ao lado de uma fotografia de uma mulher nua: “Carne rija, sadia, estimulante... / Onde o gozo elevado se adivinha?”. (*O Rio Nu*, 1909, n.º 1144, p. 01)

⁷⁸ Trecho retirado da seção *Ellas* (apresentação de Graciosa dos Anjos), assinado por *Pedro e Paulo*. (*O Riso*, 14/12/1911, n.º 30, p.14.).

⁷⁹ Trecho retirado do poema *Soneto* assinado por *Hermantino Coelho*. (*O Rio Nu*, 24/05/1911, n.º 1340, p.05)

contribuições de Judith Butler sobre o gênero, a sujeição dos corpos e a heterossexualização compulsória.

Então, leitoras e leitores, convido-as (os) a se deliciarem com a leitura dessas páginas que foram construídas com afetividades e distanciamentos. E, que abram as cortinas!

**CENÁRIO I - “CARNE RIJA, SADIA E ESTIMULANTE”:
REGULANDO CORPOS, PRODUZINDO SUJEITOS FEMININOS
BELOS E SENSUAIS**

Divina

*Aquellas saliencias...
Carnudas, modernas...
As costas, as pernas,
Emfim, tudo mais...
Provoca tremuras
Desejos ardentes
E coisas bem quentes. . .
Aos pobres mortaes!*

*Seu corpo mimoso
Branquinho, de neve,
Por certo que deve
Ser doce fruir!
Seus olhos brejeiros
Promettem delicias
E immensas caricias...
No estranho luzir!
[...]*

(O Rio Nu, 29/08/1908, n.º 1058, p. 01)

Buscamos neste **Cenário I - “Carne rija, sadia e estimulante”⁸⁰: regulando corpos, produzindo sujeitos femininos, belos e sensuais**, através dos jornais *O Riso* e *O Rio Nu*, analisar os enunciados que agiram como educadores do corpo feminino para produzirem um corpo considerado belo e sensual. Para isto, serão analisadas ilustrações, fotografias, poemas e propagandas de cosméticos e medicamentos.

Este cenário é composto por três cenas: na **cena I- “Corpo mimoso branquinho, de neve”**: regulando sujeitos femininos, sujeitando corpos iremos analisar a regulação de corpos esbeltos e sensuais através da cor da pele; na **cena II-“carne cheirosa ao goso escravizada”**: produzindo corpos higiênicos para uma sexualidade dita civilizada, será realizada uma discussão sobre a produção discursiva do corpo higienizado que fora construído como sensual e belo, frisando as práticas educativas sobre as mulheres para que estas cuidassem do seu corpo, higienizando-os; e na **cena III-‘Que carnação sadia...’**: controle biopolítico sobre o feminino através da sexualidade, buscamos estudar como o corpo saudável fora construído como sensual e belo, frisando as práticas educativas sobre as mulheres para que estas cuidassem do seu corpo, principalmente no cuidado com as doenças, mantendo um corpo saudável.

⁸⁰ Referência aos versos do poema *Peixão!* ao lado de uma fotografia de uma mulher nua : “Carne rija, sadia, estimulante... / Onde o gozo elevado se adivinha?”. (*O Rio Nu*, 30/06/1909, n.º 1144, p. 01)

**CENA I- “CORPO MIMOSO BRANQUINHO, DE NEVE”⁸¹: REGULANDO
SUJEITOS FEMININOS, SUJEITANDO CORPOS.**

*Desnuda esse sorriso,
O” minha amante, ó meu eterno ideal
Desnuda esse teu seio alabastrino,
Deixa que eu perca o juízo...
Ao vêr essa brancura divinal
Do nú d”esse teu corpo peregrino!*

*Como essa liga assenta
No roliço da coxa que a supporta,
No extremo da luxuria requintada!
[...]⁸²*

Mulher bela e de sensualidade requintada era aquela que possuía a alvura estampada na sua pele. Pelo menos é isso que vários enunciados semelhantes ao da epígrafe acima demonstraram. Eles frisavam que o corpo branco é o belo e sensual de “cheiro afrodisíaco”⁸³. Ser uma mulher dita sensual estava muito próximo de ser hígida, bela, sadia, perfumada e, sobretudo, branca.

A mulher negra, por sua vez, foi desenhada nos jornais como portadoras de atributos que eram considerados não civilizados. No cenário de valorização da mulher branca, como símbolo da sensualidade e da beleza republicana⁸⁴, a mulher negra emergirá como suja, feia e gorda. Estes adjetivos foram comuns na busca de institucionalizar a ausência de “civilização”. Isso pode ser entendido como uma manobra discursiva para criar sujeitos femininos controlados e, também, como um meio de distinção entre as mulheres “pretas” e “alvas”. Sendo considerada um sujeito que tinha comportamentos impróprios à ótica moderna, a mulher negra foi excluída dos padrões da sexualidade ditados como modernos.

Em um contexto marcado pelo pensamento médico e higienista sobre a necessidade de aperfeiçoar a raça e branquear a sociedade brasileira⁸⁵, a erotização dos corpos brancos aparece

⁸¹ Poema *Divina*. (*O Rio Nu*, 29/08/1908, n.º 1058, p. 01)

⁸² Poema *Na hora* por “Bivilinho”. (*O Rio nu*, 30/01/1909, n.º 1102, p. 03.)

⁸³ *Sonhos de um frade*. (*O Rio nu*, 24/03/1909, n.º 1116, p.06)

⁸⁴ Usamos o termo “sensualidade e beleza republicana” considerado que o Brasil passou por intensas transformações, nesse período, no intuito de se firmar como uma nação republicana e civilizada, e essas mudanças também afetaram as percepções e as práticas educativas sobre o corpo e a sexualidade feminina. Schwarcz (1993) afirma que o Brasil era visto como um país atrasado e selvagem no âmbito internacional, para mudar essa imagem as diversas autoridades políticas e intelectuais investiram na promoção de um país cada vez mais branco, industrializado, moderno e civilizado.

⁸⁵ Lilia Moritz Schwarcz (1993) destaca que o Brasil era visto negativamente como um país miscigenado pelos intelectuais e autoridades, essa visão era revestida por um discurso dito autorizado por partir das ciências. Nesse sentido, foi realizado uma série de programas para higienizar e modernizar as cidades e a população, no entanto, os pobres e os negros foram esquecidos nesse processo porque a imagem que desejava ser circulada era a de uma nação moderna, civilizada, industriosa e cada vez mais branca.

como uma salvação para “limpar” as relações íntimas inter-raciais. Em contrapartida, surgem vários discursos alertando sobre o perigo da existência de raças não brancas para a conquista de uma nação civilizada e progressista. Esses discursos visavam a exclusão dos grupos periféricos associados a um longo passado escravocrata e, assim, a República brasileira era forjada em valores como o da modernização, higienização e civilidade. Os diversos enunciados fabricaram corpos considerados belos ou feios destacando a questão de gênero⁸⁶ e racial presente no recente país republicano. Desse modo, esses discursos heterogêneos são ancorados em relações de poder que legitimavam a valorização das mulheres brancas e, conseqüentemente, a exclusão dos sujeitos pertencentes aos grupos étnicos não brancos.

Lilia Moritz Schwarcz (1993) ressalta que o contexto está relacionado com a receptividade das teorias raciais nos centros científicos de ensino e pesquisa divulgados pelos diversos meios de comunicação/informação. E essa receptividade foi usada conforme com os interesses políticos:

O que se pode dizer é que as elites intelectuais locais não só consumiram esse tipo de literatura, como a adotaram de forma original. Diferentes eram os modelos, diversas eram as decorrências teóricas. Em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava. Para além dos problemas mais prementes relativos à substituição da mão de obra ou mesmo à conservação de uma hierarquia bastante rígida, parecia ser preciso estabelecer critérios diferenciados de cidadania⁸⁷

A civilização e o progresso eram as qualificações mais desejadas por uma sociedade para se consagrar enquanto moderna. Contudo, o Brasil, no âmbito internacional, era identificado como atrasado devido sua composição étnica e racial. Por isso, desde o final do século XIX, o desejo da nação brasileira era que não mais a “mata e a selvageria” fossem cartas de apresentação da nação, mas, sim, uma imagem moderna, industriosa, civilizada e científica⁸⁸

Lilia Moritz Schwartz (1987), destaca que os diferentes teóricos do branqueamento, apesar de suas divergências, concordavam que o negro era considerado um elemento que

⁸⁶ Para Judith Butler (2019) o gênero é uma construção a partir da cultura não como algo acabado e enraizado, estando sempre em constante fabricação sendo um fenômeno contextualmente e historicamente localizado. A autora vê o gênero como um ato performativo, isto é, fabricações e performances sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos em normas de inteligibilidade socialmente construídas e mantidas que produz um efeito de verdade e de legitimidade. Chamando a atenção que os atos, os gestos e os desejos articulados criam a ideia de um núcleo organizado do gênero, criando e regulando uma sexualidade inteligível culturalmente e socialmente através do sistema de referência da heterossexualidade compulsória.

⁸⁷ (SCHWARCZ, 1993, p.24)

⁸⁸ (SCHWARCZ, 1993, p.42)

sempre prejudicava a desejada civilidade. Nesse caso, segundo a autora, a civilidade e o direito à igualdade estavam associados e, assim, os diversos discursos afirmavam que o negro estava muito distante de alcançar a civilidade por sua “natureza bárbara e/ou serviçal”.

Tendo em vista que, no início do século XX, havia muitos negros recém-saídos do sistema escravista, como também uma grande parcela de mestiços e indígenas, o clima tropical da pobreza se espalhava pelo território nacional. O Brasil emergia aos olhos do cenário internacional como um imenso contingente de mulheres e homens incapazes e degenerados: “Para muitos intelectuais estrangeiros, e mesmo para as elites nacionais e alguns eminentes intelectuais, o Brasil se apresentava como uma nação marcada pela inferioridade racial, pelo atraso econômico e político e pela falta de civilidade do seu povo”⁸⁹. Dessa forma, o Brasil era exemplo de degeneração, e esse discurso foi utilizado como justificativa para propor, através da ciência, uma reforma social para regenerar o povo degenerado e incapaz de desenvolvimento progressivo: “Especialmente depois da abolição da escravatura, em 1888, a ciência foi cada vez mais usada [...] para definir quanto a ‘natureza’ devia limitar a igualdade social e política dos negros e mulatos na nova república”⁹⁰.

Por meio da doutrina da Eugenia, amparada no crivo e no status de ciência, a elite intelectual buscou ampliar o método de seleção humana baseada em premissas biológicas que colocavam, principalmente, a população negra e pobre como degenerada e perigosa. A eugenia pode ser definida como um “[...] movimento científico e social que se relacionava ao debate sobre raça, gênero, saúde, sexualidade e nacionalismo, apresentando-se frequentemente como um projeto biológico de regeneração racial”⁹¹. Neste contexto, é perceptível a emergência da eugenia no Brasil associado ao desejo da elite brasileira em regenerar a população e interessada na construção de um país mais moderno, progressista e branco uma vez que o surgimento da “[...] eugenia brasileira foi condicionada pela situação racial do país. A nação brasileira foi tomada como racialmente híbrida e resultado da fusão de indígenas, africanos e povos europeus [... e assim] a ciência emergira como ferramenta de autoridade cada vez maior para interpretações sociais e- especialmente- raciais”⁹².

⁸⁹ (SOUZA, 2012, p.04)

⁸⁹ (STEPAN, 2004, p.04)

⁹⁰ (STEPAN, 2004, p. 338).

⁹¹ (SOUZA, 2012, p.02)

⁹² (STEPAN, 2004, p. 338).

Nesse sentido, a eugenia foi vista com “bons olhos” e era considerada um atrativo para uma elite brasileira desejosa em manter as estratificações sociais existentes e criar uma ideia de ordem e progresso na recém nação republicana. A eugenia representa um aprimoramento racial interseccionado com ideias como modernidade, civilidade e progresso. Posto isto, é crucial frisarmos que a “eugenia no Brasil deve ser vista como parte de um entusiasmo generalizado pela ciência como ‘sinal’ de modernidade cultural”⁹³.

Nancy Stepan (1991) afirma que ao invés da eugenia “negativa”, que incentivava medidas radicais como a esterilização eugênica e controle matrimonial, os eugenistas latino-americanos teriam incentivado o desenvolvimento de uma eugenia “preventiva”⁹⁴, apostando em projetos de reforma social com o objetivo de “melhorar” as características de sua população. Pensando nos discursos produzidos nos jornais, as mulheres negras foram alvo de um projeto excludente que as consideravam portadoras de um corpo e uma sexualidade dita moderna e civilizada. Nessa perspectiva, o corpo e a sexualidade da mulher negra são produzidos discursivamente como feios. A mulher negra, portanto, não era considerada o tipo de mulher exemplar para uma nação dita moderna e civilizada.

A forma como o corpo é percebido numa sociedade está relacionada como as pessoas percebem e organizam a sociedade: “o corpo, assim como os odores, são práticas educativas, percepções sociais e históricas. Estão impregnados de valores culturais e são empregados pelas sociedades como um meio adequado e um modelo para definir e interatuar com o mundo”⁹⁵. À vista disso, pensando no universo tecido pelos jornais, o corpo e os odores estão intimamente ligados, e essa articulação é importante para definir se uma mulher detém um corpo sensual ou repugnante.

Observamos nos enunciados presentes no *O Riso* e *O Rio Nu* que a mulher negra é produzida discursivamente como feia em contraposição a beleza e sensualidade das mulheres de cor branca. Para a sociedade brasileira pretensamente moderna, civilizada, higiênica e cada vez mais branca, adjetivos como gorda, preta e velha eram comumente atribuídos às mulheres negras, ou seja, buscavam demonstrar que elas eram a própria personalização da feiura e, como

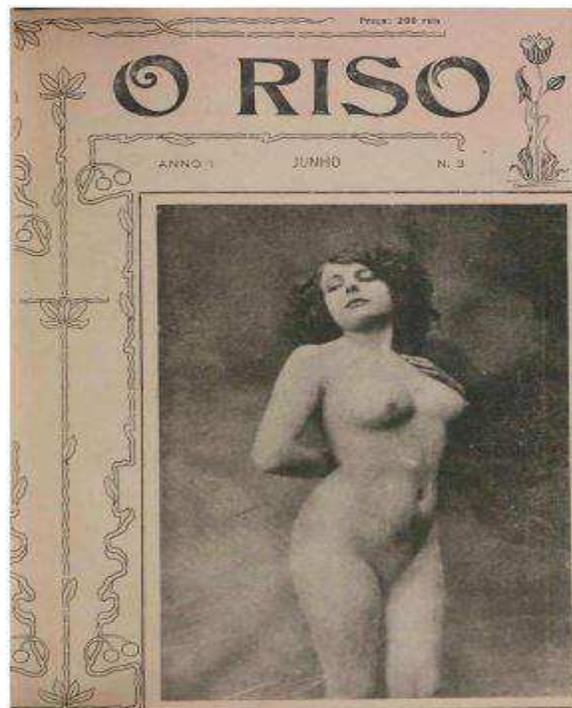
⁹³ (STEPAN, 2004, p. 337).

⁹⁴ Esta eugenia foi criada pelo inglês Francis Galton e era vista como positiva por propor reformas sociais mais brandas que visavam o melhoramento da população em níveis eugênicos, objetivando criar uma população sã, saudável, “biologicamente superior” principalmente através de “casamentos entre os ‘bem dotados biologicamente’ e desenvolvendo programas educacionais para a reprodução consciente de casais saudáveis, desencorajando casais com caracteres supostamente ‘inferiores’ de procriar” (DIWAN, 2018, p.50)

⁹⁵ (SOARES, 2011, p. 09)

se fossem sinônimos da “incivilidade”. Logo, o projeto de uma sexualidade moderna não cabia à mulher negra, tendo em vista que era a mulher de pele “alva” que era considerada como símbolo de beleza e sensualidade republicana⁹⁶. Dessa forma, a mulher negra tornou-se um alvo de construções negativas. Ela foi tecida como referência ao sujo e ao feio, e a cor negra tornou-se sinônimo de tudo que significasse atraso devido ao passado recente da escravidão negra no país.

Figura 1: A Jovem desinibida Jane Delyane



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 07/06/1911, n° 03, capa.)

Por meio de fotografias de mulheres nuas, inclusive famosas como a atriz francesa Jane Delyane⁹⁷, os periódicos exerciam uma pedagogia sobre a sociedade, educando-os para mostrar

⁹⁶ Nesse sentido, a beleza e a sensualidade republicana está pautada em uma valorização de uma mulher branca e a exclusão das mulheres negras. E assim, há um investimento sobre o corpo feminino para ser branco, belo e saudável. Dentro da perspectiva do Biopoder, isto é, uma tecnologia de poder centrada na vida, podemos dizer que há um incessante investimento sobre a vida da população, mas há também uma exclusão daqueles sujeitos que não se enquadram nessa tecnologia de poder. Dito isso, entenderemos o racismo como mecanismo de poder do Biopoder que tinha como objetivo “tirar a vida” de sujeitos indesejados em uma sociedade de normalização. Para Foucault (2010), tirar a vida não significa apenas matar, mas também outros processos que ele denomina de “assassinato indireto”: a exposição à morte, a morte política, a expulsão, a rejeição. É justamente nessa “morte indireta” que utilizaremos, nessa pesquisa, o conceito de racismo que explicar a criação de uma raça limpa e desejável, e assim excluir os grupos periféricos que não cabiam no projeto de sexualidade civilizada, higiênica e moderna.

⁹⁷ De acordo com o jornal *O Riso*, Jane Delyane foi a primeira francesa, que, em Paris, criou a especialidade de ser “mulher nua”, infiro que seja uma espécie de modelo que pousa para fotografia seminuas ou nuas. (Cf. “o nu” artístico: confissões de uma mulher nu’a”. *O Riso*, n° 02, 01/06/1911. p. 03-04.)

que o corpo branco era aquele que deveria ser desejável. Por outro lado, essas fotografias também buscavam demonstrar, para as mulheres, qual era o corpo que era considerado belo e desejável por meio da ótica do sexo civilizado, e assim, forma sendo instituídas as normas de comportamento⁹⁸, através da promoção da educação dos corpos não apenas pelas informações escritas, mas também através do olhar.

A fotografia de Jane Delyane, exposta anteriormente, ocupou várias páginas, inclusive capas, do jornal *O Riso*. Essa jovem mulher desinibida com seu corpo branco e nu é colocada numa capa para mostrar aos seus leitores e leitoras que esse seria o corpo desejável e belo. Assim sendo, as fotografias estão educando olhares, prescrevendo normas e formando sujeitos por meio da ótica da sexualidade. As fotografias de mulheres nuas, inclusive atrizes, nas capas dos jornais tornam-se manobras para difundir uma “beleza institucionalizada” através do nu de belos corpos brancos, lisos e sem pelos, e afrancesados. Isto é, a beleza rima com a brancura da pele.

Mary Del Priore (2014) afirma que a fotografia, o cinema e a imprensa pornográfica investiram na nudez feminina porque estas imagens faziam sucesso entre os homens. *O Rio nu* ao utilizar as imagens de mulheres francesas ou características físicas afrancesadas incitava aos leitores e leitoras qual era o modelo de sensualidade que era almejada. Nesse sentido, salientamos que essas fotografias também exerciam uma pedagogia do olhar sobre as figuras femininas já que as modelos eram tratadas como símbolos de beleza e sensualidade.

A utilização de uma imagem de origem francesa já nos mostra que **a mulher ideal deveria ser aquela que se assemelhasse à estética das mulheres francesas, até porque a França era o berço da civilização e, por conseguinte, deveria ser “imitada”**. Assim, para se equiparar a essa civilização era necessário, para tanto, que o Brasil enfrentasse um problema que poderia ser visto como um entrave ao progresso da nação— a mestiçagem⁹⁹

Desse modo, a apresentação da mulher ideal era feita no intuito de educar para o requinte, demonstrando através das luzes da fotografia que o corpo branco com características físicas europeizadas era corpo tido como moderno e civilizado. A vinculação de uma fotografia, um texto não verbal, em uma capa de um jornal mostra aquilo que deve ser visualizado, nesse caso,

⁹⁸ O investimento do poder sobre o corpo e a sexualidade feminina através desses discursos está correlacionado ao contexto da eugenia, Nancy Stepan (2005) afirmava que os eugenistas frisavam na importância da reprodução na definição dos papéis sociais das mulheres, a própria vulnerabilidade e independência das mulheres em relação aos homens influenciavam que as prescrições e proscricões eugênicas recaiam fortemente sobre a figura feminina. No caso, a mulher branca foi alvo das práticas educativas para ser uma mulher bela e sensual e a figura feminina negra foi alvo por representar um perigo para o projeto de branqueamento da sociedade.

⁹⁹ (PEÇANHA, 2013, p. 46. Grifos nossos)

aquilo que deve ser exibido enquanto corpo belo e sensual. Pressupõe-se, portanto, que o jornal estava autorizado a exibir a nudez. Tendo em vista que a fotografia é uma mensagem que atinge tanto o público alfabetizado e analfabeto¹⁰⁰. Podemos inferir que era uma estratégia para mostrar aos homens àquele corpo que era considerado belo e sensual, e sobretudo demonstrar através do olhar às mulheres como deveriam ser seus corpos para se enquadrarem nos padrões estabelecidos como passíveis de serem realizados a partir da sexualidade dos indivíduos “modernos”. Desse modo, através de uma pedagogia do olhar foi sendo exercida a formação dos lugares para os sujeitos femininos.

As fotografias são interpretações da vida humana exercidas a partir de uma pedagogia do olhar, mostrando aos telespectadores o que é importante ver sobre determinado objeto¹⁰¹. Considerando que as fotografias, nos jornais abordados, não apenas desempenham uma função erótica a fim de mostrar como dever ser os corpos belos e prazerosos, havia demonstração e ilustração aos sujeitos femininos de quais seriam os corpos considerados belos e sensuais. A prática educativa se dava, inclusive, na construção de que certas posições e olhares seriam mais provocantes que outros.

A mulher negra e ou os corpos de mulheres negras não aparecem em nenhuma edição dos jornais em fotografias. Este silêncio é também uma manobra discursiva para demonstrar que as mulheres “pretas” não eram portadoras de beleza e sensualidade. Portanto, as fotografias selecionam o que deveria ser visualizado e divulgado. As fotografias publicadas são permeadas por interesses relacionados com as relações de poder do mesmo modo que a ausência de algumas imagens explicita regras tácitas sobre o que deveria e não cabia ser mostrado. O fato das mulheres negras serem excluídas do clique da câmera dos jornais mostra a seleção de quem devia ser fotografada pautada em critérios políticos e, sobretudo, raciais. As mulheres negras também eram excluídas das propagandas e de concursos de beleza, demonstrando que estas mulheres não faziam parte do ideal de beleza republicana:

A propaganda das *misses* e das candidatas tendia a centralizar as atenções sobre o rosto e os cabelos, valorizando a origem geográfica –e não racial– de cada mulher. A concepção de que a pele alva era a mais bela aparecia sem constrangimento nos concursos de *misses* e em muitos anúncios publicitários. Aliás, a pele alva não se

¹⁰⁰ Tanto as fotografias quanto as ilustrações desempenham essa função de educar e transmitir uma mensagem através do olhar, atingindo um vasto público devido a sua estratégia didática. Barbosa (2007), frisa que a imprensa ao utilizar as imagens no corpo dos jornais gerava outras possibilidades de leitura já que o Brasil ainda era composto por uma população em sua maioria analfabeta. Para a autora, com a introdução das fotografias e ilustrações na imprensa brasileira é criado uma redefinição do olhar no início do século XX.

¹⁰¹ (SONTAG, 2004).

limitava à brancura, pois abarcava, também, a ausência de manchas e cicatrizes. Moças alvinhas, conforme se dizia, simbolizavam saúde, *status*, riqueza e limpeza¹⁰²

O imperativo de beleza e sensualidade branca repousava não apenas em critérios raciais, mas também eugênicos que visavam aperfeiçoar a beleza e robustez da população assim como classificar e conter a proliferação dos considerados feios e dos degenerados. A eugenia como um saber legítimo que auxiliaria a civilizar, limpar e aperfeiçoar a heterogênea população brasileira, se consolidará em diversos tipos de discursos, inclusive no pornográfico/humorístico, para eleger o corpo belo e branco como única representação humana saudável e desejável:

Pouca gente sabe o que seja uma “bella mulher” (...). Raras, raríssimas as mulheres que podem ter a pretensão de serem rainhas da plástica, possuindo, a rigor, as justas proporções das partes, harmonia de linhas, esbeltez do talhe, delicadeza de contornos, epiderme rosada e fina, além dos predicados indispensáveis de saúde e robustez¹⁰³

A beleza, segundo a concepção eugênica, repousava principalmente na epiderme rosada e fina, excluindo assim as peles negras e mestiças. Foi criado, também, um novo ideal de beleza e sensualidade que repousava na alvura e robustez do corpo. Por isso, as mulheres negras não apareciam em contextos de beleza, erotismo ou sensualidade nos jornais. O silêncio também é um discurso, revela aquilo que é perigoso e deve ser ocultado. No universo tecido pelos discursos dos jornais parece que estamos em um país branco e no qual todas as mulheres consideradas como bonitas e sensuais têm a pele clara. Quando imagens de mulheres negras aparecem, no entanto, elas são representadas como velhas gordas e desprovidas da estética de beleza europeizada.

A ilustração a seguir exposta na figura 2 demonstra o perfil de mulher negra retratado em *O Riso*. (Estampada na capa do jornal!) mostra uma mulher negra com fisionomias faciais e corporais pouco delicadas. O rosto feminino se assemelha ao personagem masculino, sem leveza nas formas físicas, e com uma abundância corporal que preenche o primeiro plano da ilustração. Tendo em vista que uma mulher considerada bela é aquela de “typo grego, de contornos suaves e maciamente avelludados”¹⁰⁴, então a personagem da ilustração por seus

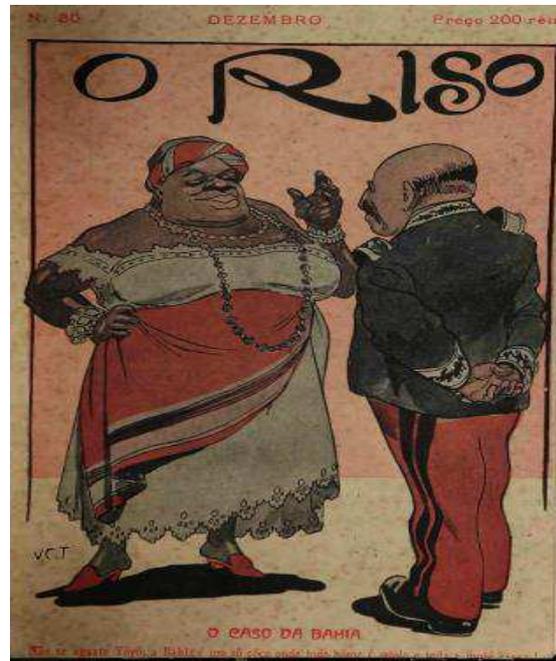
¹⁰² (SANT’ANNA, 2014, p.64)

¹⁰³ (KEHL *apud* SILVA, 2012, p. 213)

¹⁰⁴ *Leonor* por A. (*O Rio Nu*, 30/12/1908, n.º 1093, p.05)

traços pesados e masculinizados é uma estratégia discursiva para produzir a mulher negra como feia e sem a leveza dos traços das mulheres alvas.

Figura 2: A mulher negra pelos olhos de O Riso



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 14/12/1911, n°30, capa.)

Sandra Koutsoukos (2006) mostra que a representação das mulheres negras nas fotografias, geralmente solicitadas por elas ou por pessoas próximas, tinha o interesse de ressaltar os significados de liberdade e da sua condição social (status de uma possível riqueza). Para tanto, as imagens destacavam detalhes de elegância das mulheres brancas e da “alta sociedade” e tentava “construir a sua imagem, a princípio, a partir de códigos de representação e comportamento tomados inicialmente ‘emprestados’ dos brancos da sociedade”¹⁰⁵. As imagens, apresentadas nos jornais *O Riso* e *O Rio Nu*, são diferentes da percepção da autora, uma vez que são tecidas e selecionadas por homens brancos e por uma elite intelectualizada. As representações das mulheres negras, comumente, tinham o objetivo de ridicularizar, construindo-as como feias, obesas e sem traços de beleza e sensualidade.

Mary Del Priore (2014) afirma que no século XX, a obesidade era sinônimo de velhice e feiura. Em contraposição, há uma nova produção da estética do corpo feminino, o corpo em

¹⁰⁵ (KOUTSOUKOS, 2006, p.83)

movimento que resulta em músculos e formas salientes. Adjetivos pejorativos como “preta velha”¹⁰⁶ são recorrentes nos impressos, a fim de criar discursivamente a mulher negra como sinônimo de feiura, de velhice e de obesidade. Lembrarmos que a velhice não era bem vista na nação recém republicana: “A Proclamação da República teria nascido sob o signo do combate à velhice. Diferentemente da elite monarquista, o poder da mocidade republicana não era necessariamente sustentado pelos laços de sangue e pela tradição”¹⁰⁷. Qual o interesse em disseminar imagens de mulheres negras como obesas e idosas, quando esses atributos físicos eram tratados como sinônimos de feiura?

A personagem negra é desenhada como uma pessoa obesa preenchendo o plano central da ilustração: quadris largos, seios grandes, pés e mãos avantajadas, seus pés não cabem nos sapatos. Georges Vigarello (2012) aponta que é a partir do século de XIX que a gordura é denunciada como sinônimo do desagradável e da feiura enquanto a magreza passou a ser associada a beleza e a juventude.

A personagem não mostra o seu cabelo, trazendo na sua cabeça um turbante¹⁰⁸. Pelo que observamos nos enunciados sobre as mulheres consideradas belas, elas sempre se apresentam com cabelos soltos ou presos. O cabelo é um denotativo de beleza feminina, pois nenhuma mulher deveria ter “a cabeça pelada como a dos homens”¹⁰⁹, ou seja, a falta de cabelo é tratada como um elemento que masculiniza a mulher. Pois, a mulher que era “dama” que se pretendia ser “chique “deveria ter os cabelos lindos e perfumados”¹¹⁰.

¹⁰⁶ *O Tito* por Dom Perninhas. (*O Riso*, 21/12/1911, n.º 31, p.10)

¹⁰⁷ (SANT’ANNA, 2014, p.25)

¹⁰⁸ O turbante era uma indumentária usada pelas mulheres de origem africana ou indiana. Era comum no cotidiano brasileiro do início do século XX esse tipo de indumentária feminina. “No Brasil, o adereço chegou pelas mãos dos africanos que eram trazidos como escravos. As mucamas usavam saias, blusas leves e soltas, panos e xales nas costas e turbantes nas cabeças. O chapéu de feltro escuro e de abas largastambém era comum. Os tecidos podiam ser coloridos, e algumas andavam de chinelas. Os cabelos eram muito curtos ou raspados.

Por volta de 1910-20, o costureiro francês Paul Poiret trouxe os turbantes de volta ao cenário fashion. Coco Chanel também iria aderir ao adereço. A moda, porém, realmente se popularizou no final dos anos 30, com a eclosão da II Guerra Mundial. Em tempos difíceis, os práticos turbantes se tornaram uma ótima ajuda para disfarçar cabelos mal cuidados. Muitas atrizes de Hollywood apareceram retratadas com glamorosos turbantes nos anos 20 a 40.” (Disponível em: <https://historiahoje.com/turbantes-moda-e-racismo/> Acesso em 11 jul. 2021).

¹⁰⁹ Anúncio do *Capillogenio Radium* que se dizia um remédio contra a caspa e queda de cabelo. Nesse caso, o anúncio aparece em forma de ilustração na qual há a figura de um torso feminino com cabelos bem penteados, no corpus escrito aparece o seguinte: “— Vejam os senhores que lindos cabellos eu tenho agora, graças ao *Capillogenio Radium*! Entretanto eu tinha a cabeça como... como a cabeça pellada de meu marido!...”. (*O Rio Nu*, 23/06/1909, n.º 1141, p.04).

¹¹⁰ Anúncio da loção vegetal para cabelos *Ondulina* que aparece em forma de ilustração com o diálogo entre um casal: “ELLE - Bravo, Heloisa! Como estás agora com o cabelo verdadeiramente lindo e ondedado! Estás por ventura fazendo uso de algum oleo prodigioso? / ELLA. —Qual, meu velho! Isso de oleos e brilhantinas é tudo

Tendo em vista que o cabelo foi sendo construído como um elemento de sensualidade, a mulher negra apresentada na ilustração é construída como uma figura de abjeção¹¹¹. Isto posto, as mulheres negras estão desautorizadas a expor a sua nudez já que não podem ser associadas a sexualidade apontada como adepta dos padrões modernizante aos quais o Brasil buscava. Considerando a correlação entre o sistema de valores dessa sociedade da *Belle Époque* e um contexto histórico singular, face às construções étnico-raciais e adeptas das ideias eugênicas, é possível questionar: como entender essa associação da mulher negra ao feio, nos referidos jornais, quando o país elaborou, ao longo dos anos, um histórico de erotização do corpo da mulher negra?

O Brasil escravista, como diversos autores explicitaram, foi marcado pela preferência dos homens por suas escravas. Há “homens brancos que só gozam com negra”¹¹², comentava-se. Os homens brancos iniciavam sua vida sexual com corpos negros, descarregando sua vitalidade¹¹³ na escrava, vivenciando aventuras libidinosas. Por conseguinte, a cor negra representava o prazer, a sensualidade e o sexo. A mulher negra era símbolo de sensualidade nos canaviais, na casa-grande e na senzala. A mulher negra fora, portanto, no passado escravista o símbolo do prazer sexual. Mas, com a ascensão da modernidade e a busca de uma identidade republicana foi criado um discurso sobre um novo modelo de mulher lasciva¹¹⁴, pautada no ideal de civilização difundindo. A partir de então, a mulher negra enquanto escrava sexual será, gradativamente, tomada como lembrança remota do passado e não reconhecida como objeto de desejo sexual¹¹⁵.

uma porcaria, que só serve para criar caspa e fazer cair o cabelo! / ELLE. —Mas, então, o que usas tu para tomares o teu assim tão lindo?! ELLA. - Ora, uso a **Ondulina**, essa maravilhosa loção vegetal de *F. Lopes*, finamente perfumada, que extirpa a caspa em tres dias, aformoseia o cabelo, como vês, e deve fazer parte da *toilette* de toda a dama que se prese de ser *chic*. [...]”. (*O Rio Nu*, 25/12/1909, n.º 1195, p. 05).

¹¹¹ Judith Butler (apud COELHO, 2018) defende que certos sujeitos são colocados a margem de discursos políticos não se enquadrando nas normas de gênero e assim, esses sujeitos são constituídos por meio da exclusão “através da criação de um domínio de sujeitos desautorizados, pré-sujeitos, figuras de abjeção, populações apagadas da vista.” (, p.39). Tendo em vista que os colaboradores e os redatores dos jornais abordados pertenciam a uma elite intelectual, entendemos que eram disseminados discursos politizados que refletiam o desejo de solidificar as hierarquias sociais, raciais e de gênero.

¹¹² (FREIRE, 2006, p.368)

¹¹³ Nem sempre eram corpos vitais. Muitos rapazes também procuravam, às vezes contra a vontade, mas obrigados pelos pais. A vitalidade masculina também é uma construção cultural e política. Mostrar-se vigoroso era uma estratégia biopolítica masculina.

¹¹⁴ O uso do termo mulher lasciva se refere às mulheres que tinham liberdade sexual.

¹¹⁵ As relações sexuais inter-raciais eram mal vistas, e na maioria das vezes, nos jornais estudados era motivo de escárnio. Pois, numa sociedade que pretendia ser moderna, civilizada e higiênica (SCOTT, 2013) e que a cor negra era sinônimo de atraso e pobreza devido ao passado recente da escravidão negra no país, a mulher negra fora eleita como possuidora do corpo feio, obeso e velho. A legitimação dos corpos brancos enquanto sinônimo de corpo prazeroso e belo, e consequentemente a exclusão dos grupos periféricos e “sujos” associado a um longo passado

Assim, a modernidade era um projeto excluía aquilo que era diferente ou não se encaixava nessa retórica, e assim, observamos que há um projeto de limpeza racial que, ao ser incorporado em alguns territórios da modernidade, como a beleza e a moda, incentivava a exclusão das mulheres negras das narrativas históricas sobre a beleza feminina. No Brasil Republicano e ex-escravista, a beleza e a sensualidade, antes associada a “escrava preta” fazia parte de passado longínquo que deveria ser esquecido. A nova proposta era dar visibilidade a beleza e a sensualidade europeizada com “ares” de requinte das mulheres alvas. Como interpretar tais discursos em um contexto marcado pela emergência das teorias raciais numa sociedade historicamente caracterizada pelo racismo?

A beleza e a sensualidade da mulher branca estão embasadas em uma concepção de que é preciso extirpar tudo que lembrasse o passado colonial e remodelar a nação republicada aos moldes de uma nação de padrões civilizados e eugênicos: “Para tornar o estado saudável, seria necessário extirpar todos os resquícios de nossa miscigenação. A meta era a de civilizar nossa herança indígena, roubada pelos portugueses e branquear nossa herança negra, desprezada após a abolição da escravidão, em 1888”¹¹⁶. Nesse sentido, para a população feminina negra, foi sendo criado o antro da perdição e da depravação sexual. Ser mulher e negra no início da República no Brasil era ser parte do baixo meretrício.

A representação atormentada das relações sexuais ilícitas provocava a repulsa obsessiva diante da negritude, da depravação sexual imaginada e da aglomeração indistinta dos corpos quentes, justificando a opção por uma ação policial mais punitiva mais rigorosa e violenta. A prostituição negra pobre não teve (tem) desconto, ao contrário da branca, mais adequada a satisfazer as necessidades libidinais dos homens das classes dominantes.¹¹⁷

Se as mulheres brancas foram eleitas para a sexualidade, o baixo meretrício era associado à ideia da “[...] animalidade da carne, da bestialidade do sexo, do gozo irrefreável e da orgia sem limites, atestando o último degrau de degradação atingido pela humanidade”¹¹⁸. As tecnologias da vida investiam em disseminar discursos voltados para a ostentação da sexualidade “civilizada” das mulheres brancas e passaram a excluir mulheres negras da ótica de uma sexualidade moderna e higiênica. Diante do exposto, é possível encontrar justificativa para o fato das mulheres brancas serem estampadas nos jornais pesquisados e, geralmente,

escravocrata e uma República forjada na civilidade a qual eleger o corpo negro como marginal, aparece como uma salvação para “limpar” as relações íntimas inter-raciais.

¹¹⁶ (DIWAN, 2018, p. 92)

¹¹⁷ (RAGO, 2008, p.275)

¹¹⁸ (RAGO, 2008, p.273)

serem visibilizadas e dizibilizadas como belas e sensuais. Desse modo, diversos discursos ligados ao tema da sexualidade, presentes nos jornais, elaboravam sentidos jocosos e pornográficos. O interesse era divulgar uma sexualidade economicamente útil e politicamente alicerçada em hierarquias de gênero e raça.

“Brancura divinal” e “luxuria requintada”¹¹⁹ eram requisitos de uma mulher bela e devassa. Podemos ver a associação entre a sensualidade com a cor da pele no poema *Tua carne* assinada por um autor identificado por *Tic Tac* — provavelmente um pseudônimo.

Branca, de jaspe feita e aveludada.
— Um blóco de alabastro palpitante—
“Nas niveas gottas do luar banhada,”
Tem perfume sublime e provocante.

Carne de branco arminho, onde constante
A luxuria palpita desvairada!
Que o desvairio em tuas veias cante
Carne cheirosa ao goso escravizada.

Beijai- a toda e aos pés quebrar-lhe a lyra
Eis toda a gloria que minh”alma aspira!¹²⁰

Beleza. Sensualidade. Perfume provocante. Brancura da pele! Um poema que possivelmente tem a finalidade de instigar sentimentos e emoções também induz a uma série de práticas educativas sobre o corpo feminino. O ato de perfumar-se pode ser tomado também como prática educativa, uma vez que nem todos os cheiros são agradáveis.

A mulher considerada bela e sensual deveria ter um perfume e/ou “cheiro aphodrisiaco[... de um] corpo roseo, sensual, aveludado, em plena nudez [...]”. Perfumada, alva, sensual era a mulher ideal aos “olhos” da imprensa maliciosa do início do século XX. Nesse sentido, no poema em análise, o cheiro agradável está associado a sexualidade. As mulheres deveriam ter um cheiro agradável para despertar desejo, pois ter uma “carnação” cheirosa soa como sinônimo de ser também uma mulher bela e devassa. Ser cheirosa é possuir um corpo aveludado e alvo, é também ser respeitada enquanto dama de luxúria requintada e, sobretudo, sensual capaz de provocar delírios sexuais. É ser provocante! Desse jeito, os poemas e outros enunciados mostravam a arte de civilizar no campo da sexualidade moderna, inserindo

¹¹⁹ Poema *Na hora* por “Bivilinho”. (*O Rio nu*, 30/01/1909, n.º 1102, p. 03.)

¹²⁰ (*O Rio Nu*, 03/07/1909, n.º 1145, p. 05)

nos espaços públicos e, sobretudo, nos leitos amorosos a arte de ter um corpo aveludado, lapidado e cheiroso!

O corpo belo e digno de ser luxurioso é aquele sujeito as regras de higiene que cercavam o espaço das sensibilidades ditas modernas e republicanas. O corpo é sujeitado para ser considerado civilizado. O requisito básico, para enquadrar-se como tal, estaria estampado na pele: uma brancura divinal. Para tanto, a mulher não basta apenas ter uma pele “Branca, de jaspe feita e aveludada”, necessita ter uma carne rija e perfumada para estar autorizada a escravizá-la ao prazer sexual. Essa história não é sobre liberdade, falamos neste momento de sujeição de corpos: micropoderes manifestados através de discursos ditos legítimos que controlam os corpos para serem belos e sensuais. Estes micropoderes regulam discursos, corpos, comportamentos e, sobretudo, sujeitam os indivíduos a consumirem esses discursos como verdades sacralizadas.

O corpo da figura feminina é desenhado como uma “Carne de branco arminho” “Carne cheirosa” — o próprio título do poema citado, *Tua carne*, sugere isso. É feita discursivamente a associação do corpo feminino a uma “carne”/“carnação”. Começa a ser construída a história da objetificação do corpo feminino. Nasce, culturalmente, corpos femininos assujeitados a crença de que existem para agradar aos homens¹²¹. Na ótica da sexualidade moderna, corpos femininos seriam sujeitados ao também aos conceitos de civilização e higiene. A denominação do corpo como carne seria uma maneira sublime de dizer que o corpo feminino é aquele que mata a fome sexual do homem? As figuras femininas, desse modo, estão reduzidas a objetos sexuais?

Esse processo de sujeição doma os corpos, regula comportamentos e rege cuidados. Assim sendo, a sujeição não apenas restringe, ela produz já que está pautada em relações de poder¹²². O corpo torna-se um alvo para produzir sujeitos autorizados a vivenciarem sua sexualidade. No entanto, corpo e sexualidade são constantemente moldados e regulados para

¹²¹ Em umas seções do jornal *O Riso, Films d' arte*, é afirmado que “a mulher só deve ter no mundo duas missões: ser mãe de família e agradar aos homens (principalmente essa última) .”. Dessa forma, a imprensa cria e institucionaliza lugares e funções para os sujeitos femininos que nesse caso estão sempre em posição de coadjuvante já que sua função é agradar aos homens. (*O Riso*, 26/05/1911, n.º 01, p.07)

¹²² Como disse Foucault (2019, p. 45), as relações de poder são produtivas: produzem sujeitos, dispositivos, estratégias, discursos. O poder, é móvel e dinâmico, compõe uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, por isso, toda relação social é uma relação de poder. Nesse sentido, o poder é uma relação que sempre produz: “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso.”

não desviar daquilo que é considerado como adequado ao projeto de modernização e civilização.

Então, os jornais enunciavam: exiba sua carne aveludada, viva sua sexualidade, mas seja bela, perfumada e sensual!¹²³ “Corpo branquinho como neve: divinal e perfeito. Corpo sensual de saliências modernas”¹²⁴. É por meio de enunciados como esse em que os jornais apresentam a seus leitores e leitoras o corpo da mulher branca. Um corpo escultural e transparente deveria estar sempre em uma “pose divinal” que seduzissem e provocassem os desejos masculinos. Corpo branco que fosse uma “tentação”¹²⁵. Os enunciados que frisavam que o corpo branco era o belo e sensual geralmente era materializado em fotografias/ilustrações de mulheres nuas ou seminuas acompanhadas de legendas ou poemas em tom erótico. Abaixo uma fotografia de uma mulher considerada como *divina*, *tentadora* e de *saliências modernas*:

Figura 3: Divina e tentadora!



¹²³ Foucault (2019, p. 236) salienta que há um investimento do poder sobre o corpo para moldá-lo e sujeitá-lo como adequado a determinados sistemas e padrões que estão intimamente relacionados com as relações de poder que cercam o corpo social. Nesse sentido, a exaltação do corpo belo envolve um investimento de controle-estimação: “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!”

¹²⁴ Referência aos versos do poema *Divina* que estar ao lado de uma fotografia de uma mulher nua (a fotografia a seguir): “Aquellas saliencias.../Carnudas, modernas.../[...]/ Seu corpo mimoso/ Branquinho, de neve” (*O Rio nu*, 29/08/1908, n.º 1058, p.01).

¹²⁵ Referência aos versos do poema *Divina*: “Meu Deus! Que perigo!. / Que pose divina!/ Que prende e fascina / Que atroz tentação!...!” (*O Rio nu*, 29/08/1908, n.º 1058, p.01)

Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 29/08/1908, n.º 1058, p. 01)

A jovem moça da fotografia pousa desinibida fitando o espectador com ousadia. Mostra sua “carnação” ebúrnea e robusta com muita segurança e com seu olhar em direção ao espectador, convida-o a apreciar seu corpo abundante e reluzente. O cenário aparentemente é descontraído e convidativo a uma relação sexual. Desse modo, questionamos: a mulher deveria estar atenta a produzir um ambiente agradável as aventuras sexuais?

O corpo ganha forma e materialidade porque é uma imagem daquilo que está sendo produzido no corpus escrito do que é considerado como símbolo de beleza e de sensualidade. À vista disso, notamos que há uma erotização por meio do olhar e da palavra do mesmo modo que uma produção de práticas educativas já que mostra e descreve como as mulheres devem ser, regulando comportamentos e sujeitando os corpos. A fotografia assume a função de educar. As imagens publicadas frisavam, através dos jogos de olhares e aparatos físicos, quais seriam os atributos para atrair e despertar o prazer sexual “civilizado” nos homens. A luz e a forma dos corpos brancos estampados na fotografia podem ser observados como reinterpretações da modernidade, neste caso como metáfora da sexualidade.

É imprescindível lembrarmos que, ao falar sobre fotografias, devemos mencionar os bastidores do clique já que o personagem coadjuvante, comumente é esquecido: o fotógrafo¹²⁶. Ele é quem elege o que pode e como deve ser mostrado. O fotógrafo elege o desejo e infere, por meio da luz e ângulo, as regulações que as imagens dos corpos femininos devem ser submetidas para serem enquadradas nas categorias de exposição das mulheres divinas, brancas e sedutoras, rotineiramente, privilegiadas nos jornais. Ele também exerce um determinado poder porque escolhe o que deve ser visualizado: “O controle de uma câmera fotográfica impõe uma competência mínima, por parte do autor, ligada fundamentalmente à manipulação de códigos convencionalizados social e historicamente para a produção de uma imagem possível de ser compreendida”¹²⁷. Então, na disposição do espaço físico, o fotógrafo ocupa os bastidores que permeiam as fotografias. No entanto, é importante frisar que no campo das relações de poder, ele ocupa o lugar daquele que exerce uma ação através do clique da câmera de luz.

As fotografias formam o(s) sujeito(s), condicionando a maneira de olhar, elas fazem sorrir, pensar e até mesmo excitar, assim como também projeta maneiras de ser. A fotografia

¹²⁶ Através das nossas fontes não conseguimos identificar a identidade do(s) fotógrafo(s).

¹²⁷ (MAUAD, 1996, p.08).

aprisiona de forma privilegiada o olhar produzindo um olhar domesticado¹²⁸. Consequentemente, a fotografia da mulher nua seduz e domestica o olhar, regulando sujeitos femininos para se enquadrarem-se nesse ideal de corpo sensual, ou seja: corpo branquinho como a neve?

Corpo desenhado pelas suaves formas da câmera de luz e pelas palavras de clamor eróticos escritas através de uma visão de mundo dos colaboradores dos jornais. O “corpo açucenal”¹²⁹ também deveria estar sujeito a uma série de rotulações físicas como fora mostrado na fotografia acima. Vale a pena destacar que essa fotografia estar exposta ao lado de um poema denominado *Divina* que reafirma o lugar dessa mulher como bela e voluptuosa:

[...]

Aquellas saliencias...
Carnudas, *modernas*...
As costas, as pernas,
Emfim, *tudo* mais...
Provoca tremuras
Desejos ardentes
E *coisas* bem quentes. . .
Aos pobres mortaes!

Seu corpo mimoso
Branquinho, de neve,
Por certo que deve
Ser doce fruir!
Seus olhos brejeiros
Promettem delicias
E immensas *caricias*...
No estranho luzir!¹³⁰

O recado estava emitido para as mulheres: tenha um corpo ebúrneo e desenhado com formas salientes. Era esse o tipo de corpo considerado belo e sensual que despertava desejos. Desinibida e apaixonante deveria ser a figura feminina como luxúria requintada. Para ser desejada também necessitava prometer, através do seu olhar, gozos embriagantes. Branca como a neve. Olhar sedutor. Corpo escultural. Provocadora e ardente. Eis a mulher luxuriosa, de volúpia requintada. Assim, foi por meio desses enunciados que regulavam os corpos e a sexualidade feminina que se assujeitaram os corpos femininos.

¹²⁸ (DANTAS, 2003, p.02).

¹²⁹Poema *No banho* assinado por G. Alencar. (*O Riso*, 19/10/1911, n.º 22, p.02).

¹³⁰ (*O Rio Nu*, 29/08/1908, n.º 1058, p. 01)

Conforme afirma Michel Foucault (2019), o dispositivo da sexualidade é o meio em que a sexualidade é regida e normatizada através das práticas discursivas que produzem como essa sexualidade deve ser vivida. Este dispositivo, cria discursos e práticas que penetram nos corpos regulando os sujeitos. Devido a visibilidade e ocorrência frequente desses discursos nos jornais abordados, podemos inferir a presença dessa mulher de carnações modernas, que a nação brasileira precisava para fomentar os desejos masculinos, nas páginas dos jornais. Os sentidos das imagens publicadas traziam a mulher moderna, encorpada e de pele branquinha como a neve sempre acessível para a “missão erótica” de despertar desejos e encantar os homens.

Podemos observar que discursivamente os diversos mecanismos de poder criam e institucionalizam lugares para os sujeitos. Dessa maneira, os discursos aqui estudados nesse cenário podem ser entendidos como um conjunto de práticas que formam os sujeitos femininos. Portanto, nesta cena, foram desenhadas análises sobre a relação íntima do corpo branco com o ideal de mulher bela e sensual produzida na imprensa maliciosa do início do século XX.

CENA II- “CARNE CHEIROSA AO GOSO ESCRAVISADA”¹³¹: PRODUZINDO CORPOS HIGIÊNICOS PARA UMA SEXUALIDADE DITA CIVILIZADA.

“[...]”

Alda sae para o banho e a voz da passarada
Gorgeia ao ver passar o claro vulto dela.

Chega á borda do lago. Esplendorosa e bella,
Despe-se e ostenta á luz a riqueza encantada
Que seu corpo aromal, hellenico, cinzela:
Braços, pernas, quadris, carne eburnea e rosa!

Volupicos, sensuaes, os seios nacarados,
Como um doce casal de pombos assustados,
Tremem, saltam febris ao clarão matutino.

Ah! quem me dera ser as águas desse lago!
Para ardente envolver no mais bemdito afago,
A maravilha ideal do seu corpo divino!”¹³²

O corpo feminino, enquanto fonte do prazer sexual dos homens, deveria ser cuidado, higienizado e lapidado para ser sensual. No momento do banho o corpo higienizado expõe sensualidade, uma vez que a mulher estar a limpar seu corpo nu, perfumando-o. Nessa cena iremos analisar como o corpo higienizado fora construído como voluptuoso e belo, frisando as práticas educativas sobre as mulheres para que estas cuidassem do seu corpo, higienizando para, só assim, poderem ser consideradas mulheres luxuriosas e preocupadas com a limpeza de seus corpos.

Uma mulher “Esplendorosa e bela “, como a protagonista Alda do poema acima, deveria ostentar a beleza de um corpo perfumado, “ebúrneo e rosado” na qual exalaria uma sensualidade e voluptuosidade que despertaria ardentes prazeres nos sujeitos masculinos. Alda representa uma mulher “maravilhosa e ideal” porque tem um corpo higienizado, perfumado e sobretudo, ebúrneo baseado em uma beleza europeizada de tipo helênica.

Os jornais apresentavam enunciados que demonstravam quem são as mulheres consideradas belas e sensuais, frisando através de poemas eróticos como o citado anteriormente, que a mulher dita ideal era aquela semelhante a Alda: Limpa, perfumada e branca! Nessa perspectiva, moldar as mulheres para civilizar e higienizar seus corpos passava a ser uma missão dos jornais, visto, que esses enunciados eram construídos por vozes masculinas voltadas

¹³¹ Trecho retirado poema *Tua carne* assinada por um autor identificado por *Tic Tac*. (*O Rio Nu*, 03/07/1909, n.º 1145, p. 05)

¹³² *No banho* por *Flavio de Lislk*. (*O Rio Nu*, 19/02/1910, n.º 1210, p. 05)

para os sujeitos femininos que deveriam assujeitar seus corpos para atenderem a ótica da sexualidade dita moderna, civilizada e higienizada criada por uma visão fálica do mundo.

De acordo com Iranilson Buriti de Oliveira (2003), desde o final do século XIX, a medicina social enquanto um dispositivo de *saber/poder* investia no corpo familiar instaurando práticas sanitaristas para uma higiene urbana, social e pessoal e prescrevia lugares sociais para os membros familiares, inclusive para as mulheres.

Neste contexto de euforia pelo moderno e pelo progresso, os jornais passaram a ser veículos de difusão das novidades e dos novos hábitos que moldaram os corpos em ínfimos detalhes e aspectos:

Nesse contexto, os preceitos higiênico-sanitaristas se expandiram, normatizando os corpos nos mais variados aspectos: no trabalho e na família, também nos costumes e hábitos cotidianos, como as formas de morar, se alimentar, se comportar, se vestir, se cuidar e se embelezar, também nas práticas de higiene e cuidados com o corpo, bocas e dentes.¹³³

Esperava-se que uma mulher dita moderna possuísse um corpo disciplinado a partir da estética do que era considerado civilizado e higiênico. A higiene dos corpos femininos passou a ser a ordem do dia para uma mulher tecer a si própria como moderna, pois, de acordo com os discursos veiculados, o corpo limpo e perfumado seduz e atrai. As mulheres que exibiam seu corpo necessitavam que fosse “positivamente bello e perfeito”. Para isto, elas deveriam ter uma “educação indispensável”¹³⁴. A artista/modelo nua Jane Delyane pontua algumas considerações sobre essa educação indispensável, e alertava que para manter “perfeita a beleza do corpo, as linhas plásticas impecáveis” eram necessários alguns cuidados essenciais, dentre eles, tomar “banhos quotidianos com a temperatura do corpo; aplicações frias sobre os seios e fricções de água da colônia.”¹³⁵. Nesse caso, o banho diário passou a ser um requisito para uma mulher dita limpa e, conseqüentemente de acordo com as publicações analisadas, bela e sensual.

A higiene individualizada tornou-se uma responsabilidade coletiva. Houve um incessante investimento discursivo do “corpo aromal e limpo” como sendo também libertino e moderno. A mulher sedutora e moderna, pressupõe-se, deveria ter cuidados higiênicos com seu próprio corpo pois “ser hígido estava muito próximo de ser *chique*, de ser moderno”¹³⁶. O corpo

¹³³ (MATOS, 2010, p.01)

¹³⁴ Trecho da reportagem “O nu” artístico: uma nova profissão feminina”. (*O Riso*, 26/05/1911, n.º 01, p.04)

¹³⁵ Trechos de uma reportagem com Jane Delyane, artista francesa/ modelo nua, na qual a atriz pontua as algumas “confissões e lições”. (O nu” artístico: confissões de uma mulher nu”a. *O Riso*, 01/06/1911, n.º 02, p.03-04.)

¹³⁶ (SOARES, 2011, p.115).

passa a ser uma metáfora da higienização das cidades¹³⁷, e o embelezamento dos corpos hígidos torna-se uma estratégia discursiva para forjar uma República dita moderna, higienizada e civilizada nas quais as mulheres brasileiras passam a significar uma extensão da nação.

O banho não é somente uma maneira de deixar o corpo limpo e perfumado, mas representa também um meio de o tornar sensual, visto que o corpo higienizado e nu é sinônimo de “carnação rija e vibrante [que] gera desejos... de lascívia estua”¹³⁸. Neste contexto, o corpo limpo adquire uma conotação de sedução na medida em que a sociedade moderna começa a se preocupar com a higiene corporal:

No que diz respeito ao corpo, o banho total sempre foi a melhor forma de asseio. É nele que o corpo por inteiro é higienizado. A água que escorre pelo corpo durante o banho limpa, hidrata, protege. Afasta a doença, elimina os maus odores, seduz. A sensualidade é parente do ato de lavar-se por inteiro, deixa o corpo pronto para si e para o outro. Os banhos deixam de ser apenas uma medida médica, tornam-se requisitos fundamentais para a higiene, um efeito sedutor, um empreendimento que dá destaque¹³⁹

Os banhos representam uma limpeza de tudo o que era associado ao repugnante: a doença e os maus odores. Assim também há uma valorização do corpo feminino sujeitado as regras de higiene, já que ter um corpo limpo é sinônimo de sensualidade. O banho torna-se uma medida higiênica que precisa ser total e diária, e destarte, penetra nos corpos de forma infinitesimal, regulando diariamente os corpos a serem higiênicos. A sujeição dos corpos femininos é uma maneira de penetrar na vida cotidiana, remodelando os gestos e os comportamentos para atender ao projeto de modernização e civilização, pois “[...] o asseio do corpo reflete o processo de civilização, moldando gradualmente as sensações corporais, aguçando seu refinamento, desencadeando sua sensibilidade”¹⁴⁰. O corpo é educado para ser afetado pelos discursos, as normas, as sujeições, e os interesses que perpassam a formação do sujeito.

Os jornais destacavam a existência de mulheres “muito escrupulosas, que não recebem visitas... sem primeiramente tomar banho...”¹⁴¹. O corpo feminino torna-se um convite para apresentação da mulher, tendo em vista que exibir um corpo perfumado e limpo era sinônimo

¹³⁷ Os jornais reforçavam essa ideia de associação da higiene como requisito de civilidade, pois a higienização era sinônimo de civilidade, progresso e moderno. Nessa passagem observamos a preocupação com a sujeira das ruas: “As ruas estão cobertas de lamas e cheias d’água, lembrando os tempos em que o Rio ainda estava pouco civilizado.” (*O Riso*, 19/10/1911, n.º 22, p. 04)

¹³⁸ Trechos do poema *No banho* assinado por “O Gordo”. (*O Rio nu*, 16/06/1909, n.º 1140, p.03)

¹³⁹ (SOARES, 2011, p.116)

¹⁴⁰ (SOARES JUNIOR & MENESES, 2015, p. 67).

¹⁴¹ Trecho do conto *O papagaio* assinado por Val-Flor. (*O Rio Nu*, 04/11/1908, n.º 1079, p.06).

de uma mulher bem cuidada e preocupada com o bem-estar do seu corpo. O embelezamento feminino se tornava uma preocupação constante. O objetivo era de que a população brasileira fosse cada vez mais bonita, bela e saudável. Assim, é “[...] na repetição insistente das regras de elegância e de higiene, é na minúscula enfadonha dos cuidados que visam as unhas, a pele, os olhos e os cabelos, que percebemos como se fortalece a cultura do espaço íntimo, na qual o corpo feminino merece um lugar de destaque”¹⁴².

Um corpo limpo e cheiroso, afirmavam os textos e poemas dos jornais, é capaz de despertar desejos sexuais nos homens. Eles aspiram nas mulheres “sentir-lhe o perfume da pelle setinosa, aspirar-lhe o halito num beijo, dominal-a esmaga”-a num delírio do volúpia.”¹⁴³ . O corpo limpo e cheiroso seduz. O sujo, desse modo, causa repugnância. O banho é o ato em que esse corpo que seduz é limpo, preparado e perfumado. No banho, emerge quase um consenso nos discursos de que é um acontecimento voltado para a sensualidade e o prazer, como se observa no poema *No Banho* assinado por *G. Alencar*:

Despe se toda e, nua inteiramente,
Minha Alzira de faces cor de rosa,
Atufa-se na tina de água quente.
(Oh ! feliz água! oh ! água venturosa)

Toma um cheiroso sabonete e, airoso,
Mira-se toda, esfrega-se contente,
De sua carne moça e velludosa “
E deixa-o percorrer, placidamente.

Todo o seu corpo açucenal e breve...
Uma rosada espuma então lhe desce,
Por entre os seios trêmulos, de neve,

Beijando-lhe a cintura alva de fada,
E desce mais, e agora com interesse,
Indo morrer-lhe aos pés, embriagada...¹⁴⁴

A cena passa-se em um momento íntimo no qual a jovem Alzira toma banho, perfumando seu corpo branco com um “cheiroso sabonete”. Ao lavar seu corpo, “moço e suave como veludo”, ela é admirada pelo eu lírico do poema. Esse estilo de narrativa erótica que é bastante sugestiva, quando na última estrofe parece haver o anúncio da relação sexual, estimulando pensamentos voluptuosos, permitindo que o leitor possa pensar no final do enredo

¹⁴² (SANT’ANNA, 1995, p.122)

¹⁴³ Trecho da Chronica. (*O Riso*, 15/06/1911, n.º 04, p. 01.)

¹⁴⁴ (*O Riso*, 19/10/1911, n.º 22, p. 02)

como se estivesse na relação sexual, sentindo prazer. Desse modo, o leitor é convidado a ser um cúmplice ou um protagonista do enredo apresentado.

Neste poema, o eu lírico é masculino e é quem dita as regras e prescrições sobre o corpo feminino assim como também o prazer apresentado é o heterossexual conduzido por regras masculinas. No caso, a mulher é aquela que deve obedecer às prescrições criadas por vozes masculinas. As várias normas rotuladas para os corpos femininos obedecem a uma proposta de identidade de gênero engajada com os interesses políticos de alguns grupos sociais. Sendo assim, podemos afirmar que “as identidades sociais e culturais são políticas. As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder”¹⁴⁵ Podemos entender essas regras, socialmente estabelecidas como verdadeiras, como construções históricas e sociais que estão intimamente ligadas as complexas redes de poder da sociedade.

É importante ressaltar que a personagem é descrita como possuidora de um “corpo açucenal” e, assim, nesses enunciados o corpo limpo e cheiroso também é denotativo de sensualidade da mulher branca, pontuando mais uma vez a ligação das mulheres alvas com a lascividade civilizada e higiênica. Alzira representaria um modelo de “fada” da sensualidade?

A mulher dita limpa era constantemente associada a juventude e a beleza dos corpos. Pois a “moça” que lava sua “carne veludosa” com um sabonete cheiroso, lava a um cenário de prazer e sensualidade.

No entanto, a mulher considerada suja está longe das estéticas de beleza propostas pelo jornal como podemos observar na ilustração a seguir (figura 4). A personagem da ilustração, identificada como “Dona Euphrasia” é representativa de uma mulher idosa e com aparente desleixo em relação a sua com a higiene pessoal do corpo. As mulheres consideradas anti-higiênicas são rechaçadas e ridicularizadas nos jornais e, assim, são fabricadas como desprovidas da estética de beleza europeia já que a velhice, a partir do século XX, começa a ser associada a obesidade e a feiura¹⁴⁶. Visto que as mulheres descritas e desenhadas em cenários higiênicos aparecem como sendo jovens, belas e que despertam muitos desejos. Há também

¹⁴⁵ (LOURO, 2000, p.13)

¹⁴⁶ Mary Priore (2014) sublinha que a mulher velha está associada a feiura e obesidade, valores depreciativos da mulher do início do século XX. Em contrapartida, influenciado pela estética do âmbito artístico — em especial a imprensa e o cinema—, surge um modelo de beleza pautado na robustez, juventude, esbelteza e saúde do corpo.

uma ridicularização da mulher dita suja, pois ela não obedecia às regras higiênicas e deveria ser excluída desse projeto de mulher ideal: bela, limpa e sensual.

Figura 4: Salvo seja!



Fonte: (*O Rio nu*, Rio de Janeiro, 14/10/1908, n.º 1071, p. 04).

Pensando no território da educação para a higiene dos corpos, através de um jogo discursivo proposto na ilustração que impera o humor ao ridicularizar a mulher suja por cometer esse comportamento anti-higiênico contra seu próprio corpo, pode-se observar alguns ditos e não-ditos sobre o que não é adequado a uma mulher dita limpa. Uma mulher que não se lava corretamente é suja e repugnante, e não causa desejo sensual já que “a sensualidade é parente do ato de lavar-se por inteiro, deixar o corpo pronto para si e para o outro”¹⁴⁷. O ato que ela comete é considerado tão maléfico que se usa a expressão “salva seja”¹⁴⁸ para que aqueles que estão lendo não proceda da mesma maneira.

¹⁴⁷ (SOARES JUNIOR, 2011, p. 116).

¹⁴⁸ Salvo seja é uma locução com que se indica que não se deseja que o mal de que se está falando ataque a quem fala ou a quem ouve. "salvo seja", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/salvo%20seja> Acesso em 03 dez. 2019.

Notemos que há o emprego de uma linguagem erótica ao descrever a moça Alzira e o uso de uma linguagem em tom jocoso ao exibir a personagem dona Euphrasia. Ambas estão no ato do banho, no entanto a primeira é descrita em um cenário de sensualidade advinda do seu corpo limpo, jovem e belo. Dona Euphrasia, porém, é alvo de piada por ser descrita como uma mulher que não toma banho adequadamente e, assim, o arcabouço imagético lhe inscreve como uma mulher idosa, obesa e conseqüentemente feia conforme os padrões de beleza da época. Destarte, esses enunciados exercem micropoderes nos corpos, gestando hábitos, controlando-os cotidianamente e de maneira imperceptível. Estes enunciados estavam embasados no pensamento médico e higiênico que frisava a importância de esculpir o um corpo limpo, saudável e belo sob o viés eugênico:

De modo geral, o pensamento médico e higiênico, em seu viés eugenista, pretendia compreender os fatos humanos à luz da necessidade de aperfeiçoar a “raça”, explicando o social a partir do biológico. A tendência eugênica buscava uma descendência saudável, corrigindo o corpo sem necessariamente modificar as condições econômicas da população. Havia a expectativa de formar indivíduos produtivos, obedientes, saudáveis e belos, sem questionar as razões sociais, econômicas e políticas das doenças e de tudo o que se entendia por feiura.¹⁴⁹

O corpo sujo se torna um símbolo mais desprezível do que era considerado atrasado e anti-moderno, pois não adianta se embelezar, e cobrir o corpo de adornos, perfumes e maquiagens, a sujeira ficará estampada no corpo: “[...] e nesse airoso porte de cocotte/ a gente, sem querer, vê no decote, / pagodeira:/ um percevejo andando/”¹⁵⁰.

Apenas o banho total é considerado o mais adequado, pois não adiantava apenas lavar algumas partes do corpo, era necessário que tomasse um banho, que limpasse o corpo sujo, perfumando-o. “Os jornais se tornaram um meio de disciplinar os corpos, de combater a indolência, a moleza, a sujeira. Tudo que era associado ao sujo passou a ser bombardeado pelas reportagens.”¹⁵¹. A partir dessa afirmação, constatamos que os jornais educaram os corpos femininos de maneira consoante as suas leituras e apropriações sobre o sujo e o limpo e, conseqüentemente, sobre o desejável e o repugnante.

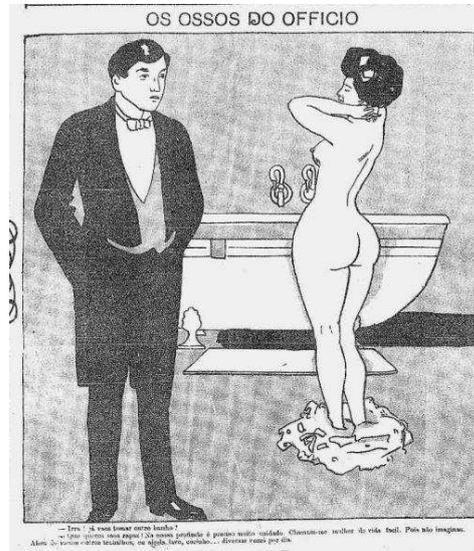
¹⁴⁹ (SANT’ANNA, 2014, p.63)

¹⁵⁰ Trecho do poema *instantaneo* escrito por D. Escuido. (*O Rio Nu*, 13/06/1908, n.º 1036, p.05)

¹⁵¹ (SOARES JUNIOR, 2011, p. 113).

Na ilustração¹⁵² percebemos o destaque para as medidas higiênicas no período aqui estudado. O banho e o cuidado com a higiene emergem como fundamentais para o exercício, por exemplo, das atividades das prostitutas. “Ossos do Ofício” afirma a imagem.

Figura 5: Os ossos do ofício



Fonte: (*O Rio nu*, Rio de Janeiro, 12/03/1910, n.º 1216, p. 01).

Até mesmo as mulheres que tinham uma suposta liberdade sexual, como as prostitutas, deveriam estar sujeitas as regras de higiene que eram divulgadas como civilizadas e modernas. Margareth Rago (2008) pontua que, dentre as diversas imagens associadas a prostituta, destacam-se a figura da modernidade e da liberação dos costumes. As prostitutas, principalmente, as cortesãs de luxo, incorporaram várias práticas higiênicas das estrangeiras e, assim, aprenderam a tomar algumas precauções higiênicas para que pudessem estar limpas e evitar a propagação de doenças venéreas. Como, por exemplo, se pode observar uma das entrevistas realizadas pela historiadora na qual é feito um relato sobre a questão higiênica na vida cotidiana dessas mulheres: “[...] todas eram mulheres limpas, porque não havia nenhuma mulher, nem na zona baixa, que andava com um fulano antes de ele se lavar (...) a mulher também.”¹⁵³. Essas mulheres “da vida fácil” também eram reguladas para terem comportamentos ditos civilizados e, sobretudo, higienistas. Destarte, as prostitutas, ditas modernas, e as mulheres lascivas não estavam livres das medidas higiênicas.

¹⁵² A legenda da ilustração diz o seguinte: “[Ele]— Irra! Já vais tomar outro banho? / [Ela]— Que queres meu rapaz? Na nossa profissão é preciso muito cuidado. Chama-me mulher de vida facil. Pois não imaginas. Além de varios outros trabalhos, eu ainda lavo, cozinho... diversas vezes por dia. ”.

¹⁵³ (Trecho de entrevista realizada por Rago, 2008, p.163)

Na medida em que a sociedade se tornou mais e mais preocupada com as vidas de seus membros — pelo bem da uniformidade moral, da prosperidade econômica; da segurança nacional ou da higiene e da saúde — ela se tornou cada vez mais preocupada com o disciplinamento dos corpos e com as vidas sexuais dos indivíduos.¹⁵⁴

A higiene sobressai como um dispositivo de disciplinarização dos corpos. A partir do avanço do saber médico as experiências sexuais estiveram em constante observação, conforme se pode observar nas reportagens aqui analisados. Os corpos eram investigados e assujeitados as mais diferentes práticas “modernas” de apropriação e divulgação. Eles eram expostos nas páginas de jornais através da nudez, usada também como uma forma de controle, tendo em vista que ao se falar e buscar determinar os corpos a serem expostos, um efeito disciplinar recaia sobre os textos e imagens divulgadas. Da banheira ao banho de mar, os efeitos de controle dos corpos assumiam diferentes nuances.

Figura 6: Banhos de mar



Fonte:(*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 18/06/1909, n.º 1158, p.04)

No plano central da ilustração, duas jovens mulheres tomam banho de mar com trajes de banhos colados desenhando suas formas corporais. O mar e o céu ajudam a compor um cenário convidativos para se adentrar na água. Elas conversam e uma aconselha a outra sobre o banho de mar. É um banho, acredita-se, que traz sensações agradáveis, causando o prazer de

¹⁵⁴ (WEEKS,2000, p.47)

ficar molhada. Nessa perspectiva, elas estariam fazendo uso de metáforas e comparando o banho de mar a uma relação sexual, conforme explicita o texto abaixo da imagem ao citar a água penetrando o corpo.

Para a mulher que pretendia manter sua beleza impecável, ela deveria tomar “banho de mar o mais que fôr possível”¹⁵⁵, pois esses banhos causam boas sensações para o corpo feminino. O banho de mar é um espaço para limpar e expor os corpos femininos, assim como também, o encontro com o mar proporcionada sensibilidades sensoriais que eram consideradas adequadas para o exercício da sexualidade dita moderna.

O banho de mar torna-se uma medida importante para conservar uma cor “açucenal” com “faces cor de rosa”¹⁵⁶, estimulando o abandono das pesadas vestimentas do século XIX e exibindo suas formas físicas jovens e robustas. A modernidade criou outros modos de vida que incluíam novos prédios, novas formas de lazer e sociabilidade, e novas maneiras de conceber o corpo feminino. A modernidade criou “um corpo íntimo e sexuado que, lentamente, veria afrouxar as disciplinas do passado em benefício do prazer”¹⁵⁷.

Esse corpo, tomado como fonte de prazer masculino, deveria ser exibido. Mas, para isso, necessitava ser lapidado para ser belo, desejável e saliente. Nesse caso, os corpos femininos deviam ser sujeitados a certas regras para serem reconhecidos como portadores dessa sexualidade “autorizada”. Dessa maneira, a modernidade cria outras maneiras de ser e viver. Os banhos de mar, por sua vez, além de serem voltados para a limpeza e o lazer, também eram apropriados como a oportunidade para a exibição de corpos femininos considerados limpos e esculturais:

Esse novo modo de vida incluía a exposição física, a busca do prazer e da agitação, a crença na ciência e no progresso, a ideia de multidão, um processo de formação de uma cultura construída no hibridismo urbano do gosto das camadas médias e populares. E também uma abordagem mais sensual das paisagens que permitiu a invenção de formas de “se dar a ver”: o banho de mar, de sol ou de lama nas estações de águas.¹⁵⁸

Os corpos femininos estavam submissos às imposições culturais para a regulação de sujeitos que atendessem aos desejos masculinos em conformidade com suas próprias concepções de beleza e prazer. Alain Corbin (2012, p.213) afirma que a partir do século XIX,

¹⁵⁵ Trechos de uma reportagem com Jane Delyane, artista francesa/ modelo nua, na qual a atriz pontua as algumas “confissões e lições”. (O nu” artístico: confissões de uma mulher nu”a. *O Riso*, 01/06/1911, n.º 02, p.03-04.)

¹⁵⁶ Referência ao poema *No banho* assinado por G. Alencar. (*O Riso*, 19/10/1911, n.º 22, p. 02)

¹⁵⁷ (PRIORE, 2014, p.106).

¹⁵⁸ (PRIORE, 2014, p.106)

a nudez feminina exposta nas pinturas e esculturas intensificou o desejo masculino nos “corpos femininos luzentes de brancura, de palidez ou de rubor”, e estes corpos estavam sujeitos a códigos e deveriam ser modelados para a apresentação de corpos lisos e depilados.

Observamos que nos jornais *O Riso* e *O Rio Nu* exibiam discursos, comumente, produzidos por uma elite intelectual masculina. Os discursos das reportagens apresentavam qual seria o desejo masculino. O corpo depilado e feminino passou a ser construído como preferido e, para isso, os enunciados educavam as mulheres para que praticassem a depilação no sentido de deixarem os corpos lisos e prontos para atender aos anseios divulgados através das imagens e textos publicados. Isto, fica claro na passagem de uma ilustração presente no jornal *O Riso* na qual há diálogo entre um casal: “Ella — Dizem que ella tem também muito cabelo. / Elle (distráido) — Qual nada, raspa-o todo...”¹⁵⁹. Desta forma, o homem enquanto detentor do poder de dizer o que é adequado ao corpo da mulher, em um tom autoritário, lhe diz que a depilação é melhor.

Figura 7: Algo muito cabeludo!



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 21/09/1911, n.º 18, p.05)

O corpo depilado é considerado como belo e voluptuoso. Por outro lado, uma mulher que não estar “em dia” com sua depilação é constantemente associada ao sujo e ao repugnante. Podemos notar isso na ilustração anteriormente exposta. Percebemos na ilustração que o olhar do personagem masculino é direcionado para as partes íntimas da mulher. Desse modo, a

¹⁵⁹ (*O Riso*, 02/11/1911, n.º 24, p. 01)

associação ao “horroroso” aparece em referência não apenas ao inseto, mas ao órgão sexual feminino, definido neste momento como “cabeludo”. O uso do jogo de palavras incita o humor e uma mensagem para servir de exemplo às mulheres que não têm cuidado com a depilação corporal, mostrando o quanto isto provoca espanto e horror no sexo masculino.

O jornal *O Riso* estava em uma linha tênue entre o teor pornográfico e o humorístico, ele se utilizava disso para criar discursos que deixavam o leitor tirar suas próprias conclusões usando-se do recurso do “duplo sentido”. Dessa forma, os enunciados por meio do humor buscavam educar as mulheres para reproduzirem em seus corpos hábitos considerados modernos e civilizados: “[...] o humor age diretamente sobre as palavras, aposta num jogo que se faz na superfície da linguagem a fim de revelar o sem sentido, o entredito, ou até, no limite o indizível.”¹⁶⁰

Através da linguagem verbal e não-verbal é fornecido ao leitor um trocadilho de sentidos. “Bicho cabelludo” é, sem dúvida, uma expressão que provocando o riso, assim como está exposta na imagem a correlação entre o anti-higiênico e o feio. O órgão sexual feminino que não está depilado é associado a um inseto sujo que, assim como este, pode causar doenças. O ato da “não depilação” é visto aos “olhos masculinos” como não civilizado, horroroso que causa medo e até espanto, como um inseto sujo e repugnante.

Henk Driessen (2000, p. 257) frisa que o comportamento jocoso tem seus significados e funções simbólicos e fornecem vestígios da cultura de uma determinada sociedade pois revelam aspectos culturais, tais como: “[...] os interesses dos dominantes, as atitudes e valores relativos à identidade (por exemplo, gênero e etnia) até seus contrapontos, contradições e ambivalências.” Ressaltamos, desse modo, o preconceito com relação as mulheres que não praticavam a depilação, anunciando que estava em processo de transformação para uma sociedade que apreciava as mulheres semelhantes a estética europeia (em especial a francesa) e ridicularizavam/marginalizavam a mulher negra e, assim, anunciavam um processo de modernização e higienização que excluía mais do que agregava os indivíduos.

A depilação era uma questão higiênica e de estética, uma vez que o corpo que deve ser exibido como belo e desejável era aquele liso, e assim, as mulheres eram moldadas para praticarem a depilação, e àquelas mulheres que não seguiam essas prescrições eram ridicularizadas na imprensa como sujas e feias. No trecho a seguir notamos que a figura

¹⁶⁰ (SALIBA, 1999, p.334)

feminina que tinha a “ousadia” de exibir seu corpo cabeludo era rechaçada e ridicularizada como suja, feia e até mesmo doente que necessitava tomar chá de arruda: “Mulher que não se importa/ com a pele cabeluda, / exponha a gambia torta, deve tomar arruda.”¹⁶¹. Nesse sentido, uma pele cabeluda era algo feio e horroroso à uma mulher que pretendia ser chique e moderna. A imprensa prescrevia normas para a higienização dos corpos, e dentre elas, estava a depilação que seria uma maneira de deixar os corpos limpos e livre do aspecto sujo que uma pele cabeluda proporcionada, dessa maneira, as mulheres para alcançar a beleza dos corpos deveria extirpar tudo que era considerado sujo¹⁶².

A higienização cada vez mais deveria adentrar na intimidade dos lares, inclusive nos recônditos dos corpos femininos pois o cuidado deveria ir desde manter dentes sempre brancos a tomar banhos diários. Uma mulher considerada de “beleza rara” deveria se aproximar de características físicas europeizadas do “tipo grego” e sempre estar bem vestida estampando um sorriso elegante no rosto. No entanto, esse sorriso deveria deixar “ver um rosário de perolas, formado pelos alvos dentes”¹⁶³. Tendo em vista que “a ênfase no sorriso vinha, porém acompanhada da expectativa de exibir dentes alvos e bem alinhados.”¹⁶⁴. Observamos que os conceitos de civilidade e beleza estavam amparados nesses cuidados com a saúde corporal. Nos jornais estudados também circulam vários anúncios de dentistas, evidenciando, assim, uma preocupação com a saúde bucal. Ao que é apresentado a falta de dente e/ou dentes amarelos incomoda e é mal vistas aos olhos dos vigilantes higienistas, pois em um contexto marcado pelo forte apreço aos cuidados higiênicos possuir dentes é também sinônimo de beleza, saúde e bem-estar.

A preocupação com a saúde bucal repousa em critérios higiênicos e estéticos porque dentes sujos e amarelos são considerados feios e perigosos ao projeto de modernização e higienização dos corpos como mostra a passagem a seguir: “[...] há risos que não são nada agradáveis; n’esse caso estão o riso amarello, que deve pertencer à mesma família do perigo de igual côr [...].”¹⁶⁵. Como foi demonstrado para o jornal *O Riso*, dentes amarelos eram sujos e desagradáveis assim como as pessoas que tinham essa cor. Nesse contexto, ter dentes brancos

¹⁶¹ Trecho do poema em estilo monologo *deve tomar arruda!*... assinado por *Racha-pau*. (*O Riso*, 22/06/1911, n.º 05, p.14). A arruda é uma planta medicinal usada como hábito popular para fazer chá quando uma pessoa estiver enferma.

¹⁶² (SOARES, 2011)

¹⁶³ *Leonor* por A. (*O Rio Nu*, 30/12/1908, n.º 1093, p.05)

¹⁶⁴ (SANT’ANNA, 2014, p.48)

¹⁶⁵ (*O Riso*, 26/05/1911, n.º 01, p.05.)

representavam um corpo higienizado e branco, o controle sobre a dentição torna-se uma maneira de regular as mulheres para serem limpas, e conseqüentemente atraentes.

O beijo era um momento de intimidade e que anuncia uma possível relação de prazer, e assim, requeria um hálito perfumado. Ter um hálito agradável também era um predicativo de comportamentos ditos higiênicos e civilizados. As prescrições eram bastante claras: “[...] E” bom lavar sempre a bôcca, mesmo porque póde produzir máo halito.¹⁶⁶”. Logo, as mulheres deviam higienizar seus corpos para ter uma vida saudável e atender aos interesses de uma elite intelectual masculina que desejava uma sociedade mais higiênica e civilizada. Posto isto, os cuidados corporais, inclusive com os dentes e as bocas, eram decantados como símbolos de modernidade:

Evidentemente, que os cuidados corporais só se completariam, com a higiene bucal. No processo de circularidade dos discursos odontológicos através das ações educativas nas escolas, da atuação das associações de dentistas e outros esforços que buscaram difundir padrões de higiene bucal, se somaram as ações da propaganda e os vários artigos divulgados na mídia.¹⁶⁷

A higienização de corpos é também uma maneira de controlar os corpos femininos para o posterior exercício de uma sexualidade dita civilizada. Os jornais, ao fazerem uso de poderes legitimadores e disseminadores, abriram espaços para uma nova sexualidade inspirada nos corpos das mulheres brancas com traços físicos europeus. O início do século XX, no Brasil, foi o tempo de mudar os “ares” para uma sexualidade civilizada, educando os sujeitos femininos para serem uma extensão de uma nação que se pretendia ser moderna, higiênica e civilizada.

[...] através das imagens e dos discursos criados com o intuito de embelezar a mulher, segundo os interesses econômicos, os padrões morais e os argumentos científicos de cada época, cruzamos outras histórias paralelas ao sonho de ser bela: No Brasil, em particular, o gesto que embeleza não desenha somente uma fisionomia mais à moda, em detrimento de uma aparência doravante considerada ultrapassada, portanto, feia. Ao fazê-lo, ele também revela as diversas nuances do antigo sonho de ser moderno e civilizado, que há muito persegue as elites desse país¹⁶⁸.

Os discursos que aparecem nas sociedades através das diversas instituições são frutos do tempo e do espaço. Eles são construídos culturalmente e historicamente em redes de poder. Para Foucault (2014), a construção dos discursos, enquanto verdades, está relacionada com as relações de poder que as regem. Os discursos que aparecem no corpo dos jornais são advindos

¹⁶⁶ Dicas para as mulheres na sessão Monoculo, assinado por autor identificado como Pernão Pinto. (*O Riso*, 07/09/1911, n.º 16, p.04)

¹⁶⁷ (MATOS, 2010, p.01)

¹⁶⁸ (SANT’ANNA, 1995, p.122)

de vozes masculinas que regulam os sujeitos femininos para atenderem uma ótica do desejável a partir de uma visão fálica, heterossexual e normativa da sexualidade.

Os diversos mecanismos de poder recomendavam e regulavam minuciosamente os saberes e cuidados sobre o corpo investindo no discurso da higienização dos corpos. Pois ser limpo também era ser símbolo do que era tido como moderno e civilizado. “A imprensa tornou-se um meio diligente que se dispôs a produzir e socializar um saber mais restrito e a prescrever regras, condutas e valores que circulavam em meios ditos civilizados.”¹⁶⁹. Desse modo, não consideramos *O Riso* e *O Rio Nu* apenas enquanto um espaço para rir e gozar, mas atentamos também para sua função reguladora e educadora do corpo e sexualidade feminina. Esses jornais, considerados licenciosos/humorístico, prescreviam normas e alertavam em um discurso erótico e/ou malicioso que os sujeitos femininos deveriam ser cuidadosos no âmbito da limpeza diária do próprio corpo.

¹⁶⁹ (SOARES JUNIOR, 2011, p.136)

CENA III- “QUE CARNAÇÃO SADIA...”¹⁷⁰: CONTROLE BIOPOLÍTICO SOBRE O FEMININO ATRAVÉS DA SEXUALIDADE

*“Ante esta carne de belleza rara
Sinto invadir-me a febre dos desejos...
Impulsiva vontade em mim se aclara:
Cobril-a toda inteira com meus beijos!...
[...]*

*Carne rija, sadia, estimulante. ...
Onde o gozo elevado se adivinha -
Numa prova soberba, exuberante!...¹⁷¹”*

A mulher eleita como possuidora de um corpo belo e desejável é aquela que antes de tudo tem um corpo saudável. Através de enunciados como estes, os jornais alertavam que o desejo masculino repousava em uma “mulher moça, sadia e bem tratada”¹⁷² e, conseqüentemente. As mulheres deveriam lapidar seus corpos para atender conquistarem esses ideais de damas lascivas e desejadas. Nesta cena, iremos analisar como o corpo saudável que fora construído como sensual e belo, foi forjado através das práticas educativas sobre as mulheres para que estas cuidassem dos seus corpos.

Os jornais investiram em discursos voltados aparentemente para a saúde e o bem-estar do corpo e a sexualidade feminina, criando um corpo no qual só deve vigorar um estado de vida saudável. Assim sendo, o corpo feminino foi lapidado para a sexualidade e construído como àquele que estava quite com as questões da saúde. Entendemos que foi investido uma série de poderes através desses discursos higienistas sobre o gênero e a sexualidade feminina que visava educar e inculcar comportamentos e valores que eram considerados civilizados, higiênicos e adequados para as mulheres. É sobretudo através da sexualidade enquanto dispositivo histórico que os mecanismos de poder atuam sobre o corpo e a vida:

Quanto a nós, estamos em uma sociedade do “sexo”, ou melhor, “de sexualidade”: os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progeneração, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e para a sexualidade; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo.¹⁷³

¹⁷⁰ Trecho do poema “E que asneira” assinado por um autor chamado Ignacinho. O poema vem acompanhado de uma fotografia de uma mulher branca nua que originalmente foi publicada na revista francesa *L’Etude Academique*. (*O Rio Nu*, 29/03/1911, n.º 1324, p.01).

¹⁷¹ Trechos do poema “Peixão!...” no qual vem acompanhado de uma fotografia de uma mulher branca nua sentada em uma cadeira. (*O Rio Nu*, 30/06/1909, n.º 1144, p.01).

¹⁷² Trecho do romance, *uma aventura*, escrito por Dr. Villafior. (*O Rio Nu*, 08/09/1909, n.º 1164, p.06).

¹⁷³ (FOUCAULT, 2019, p.159-160. Grifos nossos.)

Para consolidar o projeto de modernização e higienização dos centros urbanos brasileiros era necessário remodelar as práticas culturais pois “era preciso descongestionar, limpar, tornar útil e veloz os corpos e as cidades”¹⁷⁴. Essas transformações higienistas também atingiram os territórios do corpo feminino porque acreditavam que era crucial higienizar e “livrar os corpos das doenças, promover a disciplina alimentar numa palavra, controlar os corpos não apenas para bem administrar uma cidade, mas, igualmente, para obter mais saúde e prazer”¹⁷⁵. Dessa maneira, a palavra de ordem é a preocupação com o corpo saudável.

O gênero e a sexualidade feminina construída nas teias discursivas dos jornais podem ser entendidos como fruto de complexas relações de poder que visam materializar essa discursividade nas relações sociais como legítima e verdadeira¹⁷⁶. Portanto, as construções discursivas sobre o corpo feminino, nas fontes estudadas, visavam criar uma mulher ideal para relação sexual, pensando a sexualidade como uma forma de educar as mulheres e fabricar corpos politicamente úteis e dóceis para atender ao projeto de construção de uma nação cada vez mais saudável e obediente aos princípios republicanos.

Marina Vieira de Carvalho (2015) salienta que a imprensa pornográfica é remodelada pela lógica capitalista e pelo desejo masculino para atingir um ideal de corpo feminino atravessado por valores como belo, limpo e saudável:

Com a intensificação das práticas capitalistas, ocorreram outras ressignificações na produção e no consumo pornográfico. A partir do final do século XIX e início do século XX a pornografia vai sendo entrincheirada como objeto de consumo: mercadorias, representações dos corpos e práticas sexuais são vendidas e compradas numa nova estética pornográfica. Nela, as preocupações sanitárias e morais são substituídas por uma estética de corpos perfeitos e de sexo “limpo”, sem suor, sem troca de fluídos – aqui há também a presença das questões de saúde pública. A pornografia passa a ser uma forma de satisfazer os desejos que podem ser consumidos e até aperfeiçoados. (p.48)

A sexualidade passa a ser um dispositivo no qual são instaurados processos para maximizar a vida e regular os indivíduos de acordo com os preceitos daqueles conquistam o efeito de verdade no campo das relações de poder¹⁷⁷: “O dispositivo de sexualidade tem, como

¹⁷⁴ (SANT’ANNA, 2014, p. 59)

¹⁷⁵ (SANT’ANNA, 2006, p. 04)

¹⁷⁶ (FOUCAULT, 2014)

¹⁷⁷ (FOUCAULT, 2019)

razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar a população de modo cada vez mais global.”¹⁷⁸

Nessas redes discursivas de saber sobre o corpo feminino, os jornais constroem e sujeitam os indivíduos para atender a esse corpo e sexualidade perpassada por essa racionalidade dita moderna, higiênica e civilizada. A imprensa pornográfica/humorística enquanto uma instituição de saber-poder cria mecanismos que fazem que o poder age sobre os indivíduos de forma meticulosa. O poder é heterogêneo e passa através do indivíduo que ele constituiu:

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são, sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. [...] o indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu.¹⁷⁹

Desse modo, as diversas instâncias do poder estavam engajadas no projeto de educar a sociedade para a higienização física da cidade e dos corpos no sentido de promover uma sociedade mais saudável. Por meio da sexualidade se exerce um poder sobre o corpo, modelando de acordo com princípios que visa a sujeição dos indivíduos femininos. Para isso, o dispositivo da sexualidade, para exercer o poder através de mecanismos sutis deve formar e organizar uma circulação de saber ou aparelhos de saber para que esse poder penetre e se exerça nos corpos dos sujeitos¹⁸⁰.

Havia uma grande preocupação com a saúde da população brasileira, principalmente no que se refere às doenças venéreas como a sífilis. É nesse contexto de preocupação com a saúde dos corpos que os jornais se inserem, tornando-se instituições de poder que educam os sujeitos femininos para o cuidado com saúde dos corpos pois no palco da sensualidade havia espaço apenas para as mulheres saudáveis serem protagonistas. Margareth Rago (2008) chama a atenção sobre essas enfermidades entre as prostitutas frisando que as prostitutas mais ricas, em especial as estrangeiras, imperavam mais precauções higiênicas. Porém as mais pobres eram mais afetadas com a propagação das doenças venéreas devido as péssimas condições de trabalho.

¹⁷⁸ (FOUCAULT, 2019, p. 116.)

¹⁷⁹ (FOUCAULT, 2019, p.284-285.)

¹⁸⁰ Idem.

Os enunciados alertam sobre os riscos das relações sexuais. A ilustração¹⁸¹ abaixo representa uma conversa entre duas mulheres:

Figura 8: Os riscos do amor



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 10/08/1910, n.º 1259, p.05)

Na imagem acima, a toailete presencia uma conversa íntima entre duas mulheres sobre os riscos de contágio de doenças durante a relação sexual. O tom é de confidência: a mulher conta para sua amiga que contraiu “chatos” após ter um encontro com um amante. O próprio título da ilustração tem uma função educativa: alertar as mulheres sobre os perigos das doenças sexualmente transmissíveis.

Os enunciados apontam que as mulheres doentes deveriam fazer um autopolicimento para não praticar relação sexual¹⁸². É importante frisar que a sociedade brasileira estava engajada com o projeto de higienização dos corpos, e o isolamento e/ou silenciamentos de

¹⁸¹ Legenda: “—Eu sei o que tenho, desde que o Antonio entrou aqui, estou sentindo umas coceiras...—Quem sabe se ele não te arranhou. Podia ter na roupa botões pontudos. — Qual! Eu bem que reparei. Os que elle tinha eram chatos.”

¹⁸² Os jornais mostravam que existiam algumas enfermidades que impedem a relação sexual inclusive as doenças sexualmente transmissíveis. No anúncio a seguir, retirado da sessão *Trepachões* assinada por *Trepador-Mór*, o medicamento *Mucusan* dito como eficaz na cura dos sintomas de resfriamento, enfermidade, conforme o periódico, prejudicar as relações sexuais: “Segundo nos informar a Marócas, a esguia funcionaria Mariquinhas Cruzeiro tem se dado admiravelmente com o uso do *Mucusan*, o melhor especifico para umas tantas enfermidades que impedem de amor.” (*O Riso*, 02/11/1911, n.º 24, p.19).

corpos sujos e doentes pareciam uma alternativa para limpar a sociedade de doenças contagiosas. A doença está associada a falta de higiene, como podemos observar no anúncio, em forma de ilustração do *Mucusan*¹⁸³, no qual a figura masculina diz para a mulher o seguinte: “[...] Si não fosse o maravilhoso *Mucusan*, que é o rei dos medicamentos para essas porcarias, eu ainda estaria em cima de uma cama, em consequencia da tua falta de hygiene”¹⁸⁴.

Os jornais frisavam que os indivíduos, inclusive as mulheres, deveriam ter cuidado com a higiene para não ocasionar enfermidades nos sujeitos masculinos. Em outro enunciado do mesmo medicamento temos a informação de que as mulheres devem se entregar ao prazer sexual apenas quando estiverem com corpos vigorosos e saudáveis. Nesse anúncio, a mulher afirma que após ser curada da enfermidade e ter recuperado a saúde, poderia vivenciar o prazer sexual: “já estava quasi ás portas da morte, quando uma creatura bondosa me aconselhou o uso do *Mucusan*. Foi água na fervura: adquirei as forças perdidas e, hoje, eis-me de novo entregue ao prazer.”¹⁸⁵. A saúde da mulher é construída discursivamente como um elemento de garantia do prazer sexual satisfatório e seguro, frisando na valorização da vida e abolindo a doença. Dessa forma, sexualidade feminina fica na encruzilhada do corpo e do controle da população:

[...] de um lado, a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente [...] por outro lado, a sexualidade se insere e adquire efeito, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população. A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação.¹⁸⁶

Ser saudável é um requisito para pertencer a categoria das mulheres libertinas e civilizadas. Tratava-se de ser bela, sensual e sadia. Tendo em vista que a sociedade brasileira tentava se afirmar enquanto uma nação progressista, civilizada e moderna, a sexualidade¹⁸⁷ passa a ser um dispositivo de poder em que algumas práticas educativas poder ser inculcadas

¹⁸³ *Mucusan* era um medicamento em forma de injeção que prometia curar os sintomas de resfriamento, que era chamada de “pingadeira” ou “esfriamento”: “Quem está agora a fazer uso das injeções de *Mucusan* é a menina Irene, disseros a Emilia, e isso em consequencia de um formidável esfriamento que a dita apanhou.” (*O Riso*, 21/12/1911, n.º31, p.14). Constantemente, as propagandas reforçavam que o medicamento era usado por personalidades famosas da época e que era um medicamento para pessoas finas e modernas: “[...] o *Mucusan* que é o específico predilecto de toda gente fina.” (*O Riso*, 28/03/1912, n.º 45, p.03)

¹⁸⁴ (*O Riso*, 10/10/1912, n.º 73, p. 12)

¹⁸⁵ (*O Riso*, 18/01/1912, n.º 35, p. 04)

¹⁸⁶ (FOUCAULT, 2010, p.211-212)

¹⁸⁷ Michel Foucault (2019) enfatiza que por meio do dispositivo de sexualidade há um investimento sobre o corpo e uma intensificação da saúde e do vigor, e assim, regulando novas técnicas para maximizar a vida. Desse modo, a sexualidade criar uma nova distribuição dos prazeres, dos discursos, das verdades e dos poderes.

para garantir a produção de indivíduos saudáveis, belos e robustos. Portanto, é importante frisar que essas “[...] imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres”¹⁸⁸.

Os anúncios presentes nos jornais assinalam um campo de saber e de poder para instaurar práticas educativas sobre o corpo e a sexualidade feminina a fim de criar uma população feminina cada vez mais saudável. A regulamentação da vida se dar através de tecnologias de poder que investem em mecanismos globais sobre o homem-espécie para otimizar a vida, no entanto, é uma vida equilibrada, regulamentada e saudável¹⁸⁹. Saúde e beleza aparecem lado a lado e como oposto ao sujo, feito e doente:

No Brasil, vários eugenistas mostravam-se entusiasmados em embelezar os corpos, deles eliminando os traços de doença e fraqueza. As aversões às aparências doentes pareciam bem mais do que a intolerância a determinadas “raças”. Inúmeros problemas ditos raciais concentravam-se na superfície dos corpos, mais do que em suas origens¹⁹⁰

A insistência constante com a importância do cuidado com a saúde demonstrava a preocupação com corpos sujos e doentes, deste modo, a tarefa de educar para a saúde parece está na ordem do dia: “[...] educar para viver de modo saudável significa investir constantemente em prevenção. Saúde é aí compreendida como uma responsabilidade individual que deve ser sempre atualizada [...]”¹⁹¹.

Constantemente as propagandas de medicamentos anunciam a responsabilidade individual com o cuidado com a saúde do corpo. No tocante as mulheres, elas não deveriam praticar relação sexual quando estivessem enfermas e eram obrigadas a ficarem isoladas da esfera pública. Os enunciados estampam notícias de artistas que estão enfermas e precisam cuidar-se tomando alguns medicamentos para que possam voltar a exhibir o talento e a beleza nos palcos. Nesse caso, o doente, inclusive, a mulher doente deve estar afastada da vida pública. Esses discursos não visavam apenas vender o produto, mas também inculcar e promover uma

¹⁸⁸ (LOURO, 2000, p. 11)

¹⁸⁹ (FOUCAULT, 2010).

¹⁹⁰ (SANT’ANNA, 2014, p. 63)

¹⁹¹ (ANDRADE, 2003, p. 126)

educação sexual pautada no critério da saúde. Na figura¹⁹² abaixo observamos um anúncio em forma de ilustração do *Elixir de Turubi Composto*¹⁹³:

Figura 9: Autopolicciamento



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 21/11/1908, n.º 1082, p.05)

A imagem mostra um cenário de um quarto pequeno e fechado mostra uma mulher que é “forçada” a ficar isolada e conseqüentemente sem contato sexual devido a enfermidade. No primeiro momento parece que ela estar desapontada por passar noites desacompanhadas de seus amantes. Mas, no segundo momento, ela parece estar ciente que é sua obrigação ficar isolada enquanto faz uso do depurativo de sangue para voltar as suas atividades sexuais. A publicidade pontua que o medicamento é eficaz desde que seja feito uma espécie de abstinência de sexo por um certo período e frisa que as mulheres doentes devem ter consciência de realizar esse autopolicciamento sobre seu corpo enfermo para evitar possíveis contágios de parceiros.

¹⁹² Legenda: — ora, eu que estou tão acostumada a ter quem me faça companhia á noite... ver-me forçada a passal-as só... não ha que vêr: vou fazer uso do *Elixir de Turubi Composto* até ficar em condições... e depois, ah! Depois eu hei de desforrar-me a valer!...”

¹⁹³ O medicamento se dizia ser um depurativo de sangue eficaz principalmente contra moléstias cutâneas e sífilíticas, conforme o seguinte anúncio: "Elixir de Turubi Composto — A cura de todas as moléstias de character síphilítico é hoje uma realidade, graças a esse maravilhoso medicamento, empregado com real efficacia no tratamento das escrophulas, boubas, caneros venereos, boubões, eczemas, gonorrhéas, fistulas, flores brancas, rheumatismos, inflamação do utero, erupções e manchas na pelle, ulceras etc. etc. e, sendo, como é, producto puramente vegetal, o Elixir de Turubi Composto é, por excellencia, o depurador de sangue. ”. Adaptado. (*O Rio Nu*, 28/04/1909, n.º 1126, p.06)

A mulher é desautorizada a seguir uma vida sexual ativa por está infectada com alguma enfermidade e, por isso, ela é vista, inclusive por si mesma, como um ser que precisa ser afastado da vida em sociedade. O doente representa a feiura e a imundice de corpos flagelados e fedorentos e deveriam ser silenciados e excluídos. Em um discurso conciliador, promete que após a cura total da doença, a mulher pode voltar as suas atividades rotineiras, pois o corpo que transita nas ruas deve ser o belo e o sadio.

Figura 10: Veja como minha carne é sadia!



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 12/01/1910, n.º 1200, p.05)

Por meio desta ilustração¹⁹⁴, notamos que a mulher “bela e sadia¹⁹⁵” é símbolo da sensualidade feminina e alvo do desejo masculino. Tendo em vista isso, os medicamentos apostam nesse discurso para atingir o público feminino, prometendo deixar as mulheres mais

¹⁹⁴ Legenda: “vejam, admirem a minha carnção como é sadia. Pois eu tinha a pele estragadíssima por impureza do sangue, mas fiquei curada com o uso do *Elixir de Turibi Composto*.”

¹⁹⁵ Trecho do romance “como elas cahem pela bondade” assinado por Dr. Villafior. (*O Rio Nu*, 29/06/1910, n.º 1247, p.06)

“bonitas, felizes e saudáveis”¹⁹⁶ e “renovar o corpo feminino”¹⁹⁷, restaurando a saúde e a vitalidade.

Essas propagandas em forma de ilustração exibiam mulheres com expressões felizes por estarem com corpos brancos, belos e jovens, prometiam uma vida mais saudável, higiênica e bela, frisando na importância do melhoramento do corpo para que ele pudesse ser cada vez mais jovem, belo, limpo e sadio. Atingindo esse estado de beleza e saúde, elas estavam autorizadas a gozar a vida sexual. Esses modelos de mulheres divulgados nos jornais deveriam ser seguidos por aquelas figuras femininas que almejassem ser consideradas símbolos de beleza e sensualidade.

É por isso que constantemente os anúncios apresentam mulheres consideradas como belas e jovens para serem modelos, pois ser bela e desejável é sinônimo de ser saudável, branca e jovem, e assim, saúde e prazer estavam associados à beleza e juventude dos corpos femininos¹⁹⁸. O enunciado a seguir fora retirado de uma ilustração em que aparece um homem vestido que diz para uma mulher sorridente com um traje colada que deixa os seios descobertos: “Que belas carnes, que pelle tão lisa! Que sangue tão puro e generoso deve ter esta rapariga! Sou capaz de jurar que ella faz uso do *Elixir de Nogueira*”¹⁹⁹. O corpo é eleito como belo, jovem e saudável através de uma ótica sexista no qual regem apenas os desejos masculinos.

A produção de corpos economicamente e politicamente úteis através de práticas educativas voltadas para uma vida sexual saudável regiam cuidados e normas que estavam inculcados nos valores médicos e nacionalistas da época pois havia uma “expectativa de formar indivíduos produtivos, obedientes, saudáveis e belos sem questionar as razões sociais econômicas e políticas das doenças e de tudo que se entendia por feitura”²⁰⁰. A nação republicana brasileira necessitava de corpos produtivos, saudáveis e submissos.

Abaixo, a iconografia²⁰¹ é composta por uma mulher completamente nua que, ao mostrar seu dorso jovem ao homem, espera que ele confira seus atributos físicos. A cena se repete por

¹⁹⁶ O anúncio do elixir de Turubi Composto estampa uma mulher sorridente que diz a sua criada: “Traz, rapariga! Traz o Elixir de Turubi Composto. Eu não deixo de tomar esse remedio ideal, a que devo minha saúde e minha belleza.” (*O Rio Nu*, 18/05/1910, n.º 1235, p.04)

¹⁹⁷ No anúncio do Elixir de Nogueira mostra uma mulher feliz e trajada elegantemente que diz estar renovada após usar o medicamento: “— Ora graças que já posso cavar a vida... Eu estava com o sangue ruim como diabo, mas agora, depois que tomei o milagroso Eivar de Nogueira do pharmaceutico Silveira, estou que faz gosto... Até parece que estou com tudo novo...” (*O Rio Nu*, 15/08/1908, n.º 1054, p.05)

¹⁹⁸ (PRIORE, 2014)

¹⁹⁹ (*O Rio Nu*, 05/02/1910, n.º 1207, p.05).

²⁰⁰ (SANT’ANNA, 2014, p.63).

²⁰¹ A iconografia tem o seguinte diálogo: “ELLA— Examine bem e veja si a minha carne é ou não é dura. ELLE— Tão dura que até chega a endurecer a minha.”

diversas vezes nesse jornal, pois inclui sempre uma mulher que exhibe o seu corpo aos olhos de um homem vestido. Este que sempre a olha languidamente. A repetição também ocorre pelo fato dos encontros se darem em ambientes fechados, um quarto ou uma sala; pela representação de um diálogo verbal ou mudo que faz com que o leitor se torne testemunho de algo prestes a acontecer. Neste caso, o leitor também se torna um cúmplice.

Figura 11: Formas abundantes



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 16/11/1911, n.º 26, p.06.)

Corpo branco, jovem e firme com formas opulentas, seios medianos, quadris e nádegas volumosos. O cenário lembra um ambiente descontraído. O corpo proposto pela imagem está correlacionando juventude, beleza e saúde, pois são estes atributos essenciais para excitar os homens: “[...] Ilustrações e charges dão a pista para o gosto masculino em relação as formas femininas. Elas seguíam arredondadas, valorizando quadris e nádegas, seios pequenos e pouco salientes”²⁰².

Michel Foucault (2019) sublinha que os diversos mecanismos de poder de uma sociedade produzem enunciados que sujeitam o corpo e a sexualidade — e não repressão e silêncios. E a sexualidade é um alvo de vigilância como de controle, e produz a intensificação dos desejos de cada um pelo próprio corpo. O poder investiu no corpo um trabalho meticuloso para produzir sujeitos ditos belos, sadios e desejáveis:

²⁰² (PRIORE, 2014, p. 116):

O domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo do próprio corpo por meio de um trabalho insistente, obstinado, metucioso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio.²⁰³

O corpo feminino passa a ser educado para atender a esse ideal de mulher pertencente a sexualidade dita moderna, civilizada e higiênica. Esse investimento sobre o corpo é feito “de acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos”²⁰⁴. Logo, o controle e a disciplina sobre esses corpos ditos desejáveis foram, de forma sutil e metuciosa, operando por meio de *controle-estimação*²⁰⁵ para construir uma mulher libertina e civilizada que atendesse aos desejos masculinos e da nação republicana que almejava a civilização, modernização e branqueamento da sociedade. É crucial enfatizar que para homens e mulheres “[...] o eugenismo ainda não falava em nome do bem-estar individual. A finalidade principal era permeada por objetivos gerais, incluindo a construção de um povo saudável e belo”²⁰⁶

Os jornais *O Riso* e *O Rio Nu* criaram práticas educativas voltadas para as mulheres autorizadas a ter liberdade sexual e praticar uma sexualidade cada vez mais branca, higiênica e saudável para a nação republicana. Considerando que os jornais são instituições de saber e de poder, é crucial frisar que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições "fabricam" os sujeitos, produzindo discursos e práticas sociais que são cristalizadas através de instituições de poder²⁰⁷. Dessa forma, eles buscaram criar uma mulher dita ideal para a relação sexual. Essa mulher ideal, surgiu a partir das relações de poder que fabricaram discursos construtores de verdades e definidores de lugares para os corpos femininos viverem a experiência do projeto moderno.

²⁰³ (FOUCAULT, 2019, p.235)

²⁰⁴ (LOURO, 2000, p.11).

²⁰⁵ Para Foucault (1993, p.82), o controle-estimação é um investimento do poder para disciplinarizar os corpos em conformidade com imposições de padrões, criando traços e desejos sobre o corpo. Ao exemplifica “fique nu... mas seja magro, bonito, bronzado”. Destarte, a dominação do poder sobre o corpo se dá através da criação de um ideal de corpo perfeito.

²⁰⁶ (SANT’ANNA, 2014, p.64)

²⁰⁷ (LOURO, 1997).

**CENÁRIO II - “UMA FLOR PRECIOSA DO VÍCIO ELEGANTE”: DA
SUJEIÇÃO FEMININA ÀS PRÁTICAS CIVILIZATÓRIAS.**

A’ espera...

*vê só, leitor, estes seios
onde o desejo se agita...
e onde se ocultamos veios
De uma luxuria infinita!*

*Desse olhar amortecido
Transparece claramente
Um quer que seja incontido...
Suplicando amor ardente...
[...]*

*Assim despida, á vontade,
Nosso <<traje>> vaporoso...
Espera alguém, na verdade,
Para um torneio amoroso*

Ignacinho

(O Rio Nu, 24/05/1911, n.º 1340, p.01)

Objetivamos neste segundo cenário **“Uma flor preciosa do vício elegante”**: **sujeição feminina às práticas civilizatórias** problematizar os discursos sobre os comportamentos próprios do “vício elegante”, inferindo as práticas educativas sobre os sujeitos femininos para sujeitarem seus corpos às regras do requinte e comportamentos ditos adequados, apontando as vestimentas e as melhores estratégias para conquistar os homens.

Este cenário é composto por três cenas: na primeira cena **“Tentação nefasta das sereias”**: **regras de requinte e de comportamentos para corpos voluptuosos** iremos analisar os discursos que criam e regulam comportamentos ditos requintados e civilizados próprios para as mulheres usufruidoras de uma sexualidade permissível. Na segunda cena, **“corpos chibantes”**: **reflexão sobre os discursos da indumentária feminina e da cultura de aparências** será realizado uma análise sobre os discursos da indumentária feminina e da cultura de aparências vinculados nos jornais, pensando o contexto de estetização da modernização e da civilização através da sexualidade permissível. Na Cena III, **Promessa de gozo ardente: regulações sobre a escolha de parceiros sexuais**, estudaremos as práticas educativas sobre a construção das mulheres lascivas que eram orientadas a escolherem parceiros sexuais considerados refinados, frisando o contexto racial e higienista da época.

CENA I- “TENTAÇÃO NEFASTA DAS SEREIAS”²⁰⁸: REGRAS DE REQUINTE E DE COMPORTAMENTOS PARA CORPOS VOLUPTUOSOS

Na floração plena dos atractivos máximos, caracteriza-se pelas extravagâncias do temperamento caprichoso. [...]

Ama o luxo e a fartura. Os perversos dizem que os seus caprichos se medem pela avidez com que esgota a bolsa dos que se enleiam no brilho de seus olhos vivos e na melodia de sua palavra persuasiva. [...]

Nunca mendigou amores ; conquista-os, desfructa-os e depois abandona-os com uma insensibilidade que atemoriza. [...]

*Embora torvelinhe na atmospheria ruidosa do prazer, não se vulgarisa. [...]*²⁰⁹

As damas de tentação nefasta deveriam ser reconhecidas por seu comportamento sedutor, galante e garboso, isso era um elemento para se distinguir das mulheres casadoiras das prostitutas das periferias²¹⁰. Mulheres como Coriná Martinez são atrativas, eloquentes, desejadas, mas não são vulgares, elas representam corpos regulados para expressar elegância, civilidade e desejo. Assim, deviam ser as damas lascivas que prometiam prazer no seu olhar luxurioso, no seu temperamento marcante, na sua independência. Uma beleza estonteante era apenas um dos ínfimos predicados da mulher legitimada como portadora de uma sexualidade autorizada pelos discursos presentes nos periódicos. Elas precisavam adotar comportamentos meticulosamente controlados e estudados.

Através dos jornais *O Riso* e *O Rio Nu*, era divulgado um projeto de civilidade que não deveria constar apenas enquanto forma de requinte nas ruas urbanizadas, nos bailes, nos teatros ou nas vestimentas, mas, sim como um “exercício de civilidade” que também deveria constituir o espaço da intimidade, o qual foi determinando lugares e práticas ditas “civilizadas” para as “mulheres lascivas”. Dessa forma, esses jornais se tornaram um meio de difusão cultural e educativo do que era considerado adequado para as mulheres lascivas, criando discursos que legitimavam gostos, atitudes e comportamentos a partir da sua perspectiva do que pode, ou não, que deveria estar consoante com o projeto político e dominante da época.

²⁰⁸ Trecho retirado da seção *Ellas* (apresentação de Graciosa dos Anjos), assinado por *Pedro e Paulo*. (*O Riso*, 14/12/1911, n.º 30, p.14.).

²⁰⁹ Trecho retirado da seção *Ellas* (apresentação de Coriná Martinez), assinado por *Pedro e Paulo*. (*O Riso*, 12/10/1911, n.º 21, p.14.).

²¹⁰ Margareth Rago (2008) sublinha que as prostitutas de classes pobres, em especial as negras, não eram bem vistas pelos grupos dominantes e eram constantemente acusadas de comportamentos inadequados e desonrados, de possuírem corpos sujos e doentes e responsáveis pelo lado mais depravado e repulsivo do sexo libidinoso.

Assim, conforme Mary Del Priore (2014), a virada do século XX acarretou uma série de remodelamentos de comportamentos pautado na concepção de modernidade e civilidade: a nudez feminina, a pornografia, a nova estética dos corpos, o corpo feminino a serviço do desejo masculino. Jeffrey Weeks (2000) ressalta que a sexualidade é construída por uma série de comportamentos, relações e identidades socialmente constituídas e historicamente modeladas que permitem os sujeitos femininos e masculinos vivenciarem determinados desejos e prazeres sexuais. Dessa maneira, o campo da sexualidade é uma parte integrante de um processo civilizador da modernidade, e é através da remodelação de comportamentos que essa sexualidade dita moderna será construída como distinta das práticas sexuais ditas atrasadas, depravadas e sujas.

Os periódicos, abordados nesta dissertação, se inserem em um emaranhamento de redes de poder por terem sido tecidos em um contexto marcado pelo desejo de um Brasil Republicano, espelhando as práticas e valores europeus. A elite intelectual, majoritariamente masculina, que almejava construir uma nação higiênica, civilizada e moderna; usou do discurso da sexualidade e do corpo feminino para criar e legitimar certas figuras femininas “autorizadas” a vivenciarem de uma certa liberdade sexual. Esse tipo de imprensa também revela as tensões entre as relações de gênero já que é era a escrita masculina que regia e ditava as regras para as mulheres, evidenciando o domínio masculino.

No entanto, essa “liberdade” estava condicionada a certas práticas culturais que essas mulheres deveriam seguir, como nos lembra Michel Foucault (2014), em qualquer sociedade o corpo está subordinado por poderes instituídos, que lhe impõem regulações, limitações, proibições ou obrigações, e este controle opera minuciosamente e coercivamente nos gestos e comportamentos, criando um sujeito economicamente e politicamente útil.

Como lembra Margareth Rago (2008) as mulheres públicas eram importantes na sociedade brasileira na medida que eram uma garantia de ordem e civilidade na desordem das paixões e das aventuras sexuais. Quando nos referimos a mulher pública estamos relacionando as figuras femininas que usufruíam de uma certa liberdade para sentir prazer sexual, e não necessariamente apenas a prostituta:

A “mulher pública” era visualizada como a que vendia o corpo como mercadoria: como vendedora e mercadoria simultaneamente. E também a mulher que era capaz de sentir prazer, que era lugar de prazer, mesmo sem amar, ou sem ser amada. Ela simbolizada, assim, a fragmentação do sujeito moderno e a separação radical entre o erótico e o amor.²¹¹

²¹¹ (RAGO, 2008, p.43)

Para tanto, os jornais utilizavam de diversos mecanismos discursivos para legitimar o discurso de “libertinagem civilizada” para essas mulheres. Na seção *Ellas*²¹², é fornecido ao leitor uma fotografia de uma mulher vestida e uma descrição das mulheres do *meio mundano*²¹³. De acordo com o *Dicionário de Bocke*²¹⁴, *Ella* significa: “pronome gostoso como maná do céu. A mulhersinha querida, a ella d”elle, a cachopa. Aquella cuja fonte se bebe o néctar do amor. <<a minha ella>>—modo de nomear a eleita.” Essa seção se destina a apresentar as mulheres que se destacam por qualidades próprios do “mundo mundano”, isso quer dizer que a atenção não é voltada para o corpo físico, mas o enfoque está na descrição eloquente das personalidades, comportamentos e hábitos dessas mulheres.

É interessante ressaltar que a maioria dessas mulheres pertenciam ao setor do sexo libertino, mulheres públicas e/ou da prostituição ou das “zonas”, mas também há a presença de mulheres artistas e, a imagem associada a essa categoria, era de mulheres propícias as relações sexuais. Natalia Peçanha (2013) destaca que as mulheres artistas eram representadas como frívolas, vistas como impróprias para levar ao altar e, por isso, eram consideradas mais fáceis das investidas amorosas e das relações sexuais fora do matrimônio. Esta passagem revela que os homens eram atraídos constantemente por artistas: “[...] As cocotes profissionais são ainda mais fáceis, custam menos dinheiro, exigem menos trabalho e são desprezadas pela mulher de teatro”²¹⁵

Assim, acordado com os discursos presentes nos jornais, as mulheres ditas boemias, mundanas, lascivas eram aquelas indiferentes, ousadas e autônomas preocupadas estritamente com o riso e o gozo. A mulher “mundana”, “pública”, “lasciva” era identificada pelo “[...] tipo de roupas, perfumes, e enfeites que usa, os gestos que adotava, os lugares que frequentava, as companhias que a cercavam”²¹⁶. Maria das Neves é consagrada como “[...] o typo mais perfeito de mulher bohemia; de uma indiferença que aterra, com temperamento por demais rebelde é

²¹² Apesar de haver uma descrição detalhada das qualidades e das personalidades dessas mulheres, apontando seu nome e naturalidade não há outra informação que possibilite adentra a vida pessoal das figuras femininas apresentadas. No entanto, essas mulheres são públicas, e distantes das qualidades “recatadas e do lar” e usufruem de liberdade sexual.

²¹³ Essas mulheres do “meio mundano” são descritas como livres, ousadas e que vivem a vida sem as amarras da sociedade que enclausura a mulher ao matrimônio e ao lar; elas visam gozar a sua sexualidade: “Na sua livre existencia, desde o seu apparecimento no nosso meio mundano, tem tido como principal objectvo o goso[...]”. (seção *Ellas*. *O Riso*, 23/11/1911, n.º 27, p. 03).

²¹⁴ (RAGO, 1903, p.20-21),

²¹⁵ Trecho retirado do romance *Mulheres de teatro* de Dr. Villaflor. (*O Rio Nu*, 04/09/1909, n.º 1163, p.06)

²¹⁶ (RAGO, 2008, p. 77)

uma independência que é a maior característica do seu incompreensível temperamento.”²¹⁷. Os corpos são constantemente educados para expressar uma forma correta de se comportar e viver, mas também para expressar como não deve ser:

Com isso estou afirmando que o corpo é educado por meio de um processo contínuo e minucioso, cuja ação vem conformando formas de ser, de parecer e de se comportar. Educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização com os quais nos deparamos, cotidianamente, com recomendações, como, por exemplo, sobre o vestuário, a alimentação, o comportamento, a aparência, os gestos, a movimentação, as práticas sexuais, a saúde, a beleza, a qualidade de vida.²¹⁸

O corpo da mulher do “vício elegante” ganhou sentido socialmente e culturalmente quando elas adotaram práticas e comportamentos que se distanciavam da “esposa bela, recatada e do lar”. Essas exigências, que transitam sobre essas mulheres, autorizam-nas a serem inscritas na sexualidade permissível. Elas são retratadas e descritas como belas e perfeitas para aventuras amorosas, em especial artistas e as lascivas. Graciosa dos Anjos é apresentada como uma mulher bela, tentadora, ousada, sendo denominada como “uma flor preciosa do vício elegante”:

Cedo transviou-se para atender às exigências do temperamento irrefreável que lhe demarcava uma estrada mais espinhosa, porém mais linda que os preconceitos absurdos da virtude
Hoje é uma flor preciosa do vício elegante. Ha na sua voz crystalina que echôa como um gorgeio, a tentação nefasta das sereias. Nos seus, olhos pequenos e travessos, espelha-se-se-lhe a alma que é feita de voluptuosidades.²¹⁹

A mulher lasciva que a imprensa pornográfica/humorística rotula como símbolo da tentação e voluptuosidade era uma figura de personalidade forte e sedutora representada desde sua postura até o olhar. A referência de “vício elegante” está associada a uma sexualidade permissível, normativa e civilizada favorecida, também, pela sua condição de mulher branca e jovem. Esta passagem evidencia os territórios do corpo e da sexualidade atravessados pela ótica da normatividade voltada para a mulher lasciva.

As normas são destinadas as figuras femininas, mas partem de um lugar institucionalizado por homens brancos, heterossexuais e letrados. Portanto, esses discursos disciplinaram e regulam para atender a um projeto político de ordem falocêntrica, heterossexual, racista e elitista. Como disse Guacira Louro (2000), nosso corpo e sexualidade

²¹⁷ (*O Riso*, 23/11/1911, n. ° 27, p.03)

²¹⁸ (GOELLNER, 2010, p.74)

²¹⁹ (*O Riso*, 14/12/1911, n. ° 30, p.14. Grifos nossos)

são educados e disciplinarizados para atender aos objetivos e projetos políticos de grupos dominantes ou das instâncias de poder como a igreja, a escola, a imprensa etc., regulando como deve ser o corpo desejado e a sexualidade “autorizada”. Dessa forma, essas instâncias de poder criam pedagogias de gênero e de sexualidade que tem um sistema de referência chamado de “normatividade”: “em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada”²²⁰.

Essas mulheres ocupavam um lugar distinto no campo da sexualidade porque tinham seus corpos rotineiramente regulados:

Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidade e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam.²²¹

Assim, a mulher lasciva é reconhecida pela distinção da sua corporeidade, comportamentos e gestos. Michel Foucault (2019) frisa que o poder é produtivo, criando formas de saber ele induz a prazeres regularizados e produz discursos que tem efeitos reais. Desse modo, o poder atua minuciosamente nos corpos, fabricando sujeitos necessários para os projetos políticos dominantes e, assim, esse processo de sujeição dos corpos, dirigem os corpos, regulam gestos e regem os comportamentos.

O requinte e o refinamento nos comportamentos eram pré-requisitos da mulher moderna, bela e sensual: “[...] a negrada bebeu até bater com o bico no chão. [...] As madamas e o Moreria estavam de dieta, e por isto só tomaram um chocolate e torradas à franceza [...]”²²². Esses traços de requinte estavam associados as mulheres brancas ricas e/ou de origem francesa por terem acesso as instruções nos moldes franceses²²³, como também eram consumidoras dos produtos franceses. Lembrarmos que a ideia de consumo está relacionada a um contexto de consolidação de capitalismo marcado por uma sociedade altamente hierarquizada por critérios econômicos, mas também raciais. O apelo à modernidade, ao consumismo de artigos e das

²²⁰(LOURO, 2000, p.12)

²²¹ (LOURO, 2000, p.11-12).

²²² (*O Riso*, 17/08/1911, n.º 13, p. 17).

²²³ Em conformidade com alguns discursos presentes nos jornais, instruções ditas francesas eram parte de uma educação civilizada e higiênica. Por exemplo: “[...] recebera, graças á fortuna do pae e dos desvelos de uma *instructice* franceza, uma fina educação. Julgava-se até nobre.” (*O Riso*, 14/13/1911, n.º 30, p.02)

ideias europeias estão condicionados a mobilização de uma nação que desejava se auto-representar como uma sociedade adepta da nova era moderna e civilizada, assim como as nações europeias.

Guimarães (2012) acentua que havia uma hegemonia cultural francesa no século XIX, tornando a França um centro cultural mundial. Entre França e Brasil ocorreu um processo de transferências culturais nos diversos segmentos da literatura, da educação, da arquitetura, do urbanismo, do teatro, da moda, e das formas de sociabilidades, de comportamentos, de ideias e de valores culturais franceses. A articulação entre as culturas francesas e brasileiras encabeçadas pela Belle Époque, contribuiu para a construção de uma identidade pautada em combinações de ideias francesas com o projeto republicano brasileiro de civilização. A imprensa foi um crucial meio de propagação desses valores, tornando-se um mediador cultural.

Pensar a imprensa no Brasil nos permite considerar o engajamento político e cultural no qual está inserida. As publicações na imprensa, evidenciam as raízes políticas da atividade jornalística, já que esta se constituiu sempre a partir de lugares e grupos de interesses que viam a imprensa como meio de propagação de ideais e valores totalmente parciais e políticos (COHEN, 2015). O movimento de publicar na imprensa era visto como instrumento de legitimação de discursos progressistas e civilizadores para constituir uma República brasileira “afrancesada”, pautada na modernização em termos de materialidade e práticas culturais. Logo, as práticas culturais serão modificadas a partir da ótica do consumo de produtos considerados modernos, a vista que as propagandas vinculadas irão atender o consumo do progresso e civilidade: “[...] A produção do espaço urbano assume, nas publicações, um papel expressivo, na medida em que materializa o almejado “progresso”, modificando hábitos, costumes e estilos de vida”²²⁴

Conforme Alessandra El Far (2004), no século XIX, os periódicos pornográficos que faziam sucesso na França e/o Europa eram traduzidos do francês e disseminados entre o público carioca. Entre o final do século XIX e início do XX, a imprensa brasileira começou a apostar neste gênero. Esse tipo de jornal conquistou os leitores brasileiros através de uma leitura instigante que muitas vezes se utilizava do humor malicioso ou de uma linguagem poética. Na concepção da época, os livros que despertavam desejos ou sentimentos que conduziam a caminhos opostos com a moralidade pública eram considerados imorais e pornográficos.

As primeiras revistas de nus femininos apareceram na França e continha imagens de artistas — em sua maioria saídas de teatro burlesco e de bordéis — que eram usadas

²²⁴ (COHEN, 2015, p.112.).

como modelos. Elas posavam nuas ou seminuas no interior das páginas ou nas capas. Embora nos dias de hoje possam parecer ingênuas, tais fotos traziam escândalo na época.²²⁵

Assim, através de uma leitura jocosa e erótica, os periódicos *O Rio Nu* e *O Riso* encantavam as leitoras femininas e regulavam seus corpos criando e instituindo lugares para esses sujeitos conforme as ideias higiênicas e modernas. Os jornais e revistas anunciavam as novidades “mais quentes” vindas da Europa, como também eram importantes canais de divulgação das práticas ditas civilizadas e inspiradas na modernidade. Devido a rapidez e legitimidade de suas narrativas, os jornais valorizavam e justificavam as ideologias do progresso.

Os jornais também classificados como “modernos e chiques” traziam novas ideias europeias como a nudez feminina nos periódicos, espelhada muito na França, dito berço da civilização e da elegância. E, inspiravam o consumo e a remodelagem dessa mulher feminina a um novo padrão de feminilidade e de construção de definição da mulher libertina. Os jornais, em sua função pedagógica, instigavam as leitoras a consumirem as representações sociais do moderno a partir de orientações de comportamentos que são binárias e raciais.

Nesse caso, a mulher moderna que desejasse gozar sua sexualidade deveria viver para cultivar seu corpo diferente das mulheres casadas que viviam exclusivamente para o lar. A mulher lasciva desempenhava um papel diferente da mulher mãe-esposa: ela é independente, ousada, provocante e do âmbito público²²⁶. Margareth Rago (2008) pontua que a urbanização da cidade e o comércio diversificado mudou as normas de comportamento e as relações entre os sexos. A atenção da mulher é voltada exclusivamente para as diversas maneiras de ser elegante, moderna e civilizada, ela se torna “carne” para atender ao “chamado” da sexualidade permissível:

A mulher na cidade moderna tornara-se extremamente consumista, narcisisticamente obcecada com a própria aparência, com as novas modas e perfumes, com as maquiagens importadas, com novos cortes de cabelo, e esquecer-se do espírito. Ao contrário de sua avó, ociosa e desleixada, recuperara o corpo, porém, apenas ele.²²⁷

²²⁵ (PRIORE, 2014, p. 130).

²²⁶ Podemos entender que isto era uma forma de distinguir as mulheres honradas e as mulheres libertinas, pois era inadmissível para uma figura feminina que pretendia se casar ou era casada ter comportamentos ousados e desobedientes com a moral estabelecida da submissão, virtude e condescendência. Logo, a ousadia, a rebeldia, a desobediência e a independência eram características das mulheres do âmbito privado.

²²⁷ (RAGO, 2008, p.74)

Além disso, essas mulheres lascivas são retratadas como figuras femininas alegres que visam apenas diversão e prazer: “Moça, na primavera de uma mocidade feliz e victoriosa, a galante Etelvina tem atravessado a existencia com a preocupação única de rir e de gosar”²²⁸. É importante salientamos que o riso é uma explosão da vida, contrário do sério e do moderado. Sorrir seria sinônimo de sentir prazer? No caso dessas mulheres elas teriam liberdade para sentir a alegria de soltar gargalhadas e de sentir prazer sexual. Mulheres que riem são descritas como provocativas, voluptuosas e desejadas:

[...] uma mulher assim, moça, bonita, de uma belleza assim excitante e que, além do character provocante de todo o seu corpo, de todas as suas formas, de todos os seus gestos, ainda parecia ter por única preocupação provocar, excitar, perturbar os sentidos dos homens, accender o desejo... uma mulher, que a rir, a fallar, ao estender a mão a todo o instante, parecia offerecer-se, prometter o gozo de sua bocea vermelha, de seus braços frescos, de seus quadris fortes!²²⁹

O prazer é sinônimo de júbilo, volúpia e deleite. Esses sentimentos ditos mundanos só eram permitidos para as mulheres lascivas. O amor puro, conforme já foi referenciado estava destinado às mulheres do lar. Por exemplo, Graciosa dos Anjos ou simplesmente, “flor preciosa do vício elegante”, é descrita como uma figura que detém um desprezo pelo amor que a torna ideal para o âmbito do sexo libertino: “Faz do amor uma idéa vaga, transitória, superficial”²³⁰. Os seus “lábios mimosos e vermelhos”²³¹ também era indicativo da sua condição de mulher do sexo libertino. Mulheres provocativas que não tem medo de pintar seu rosto e deixar bem claro sua postura de lasciva que deve estar estampada no seu comportamento, no seu corpo sujeitado, na sua postura corporal e na sua maneira de vestir-se. A dica é bem clara: seja ousada, independente, desapegada de ideias românticas e esteja sempre pronta para o gozo.

O lugar da mulher lasciva a exime de castidade e do amor fraternal, pois já foi consagrada pela sedução do prazer sexual visando o gozo: “faz -vibrar com maior intensidade os corações daquelles que já lhe gosaram os encantos ou se deixaram levar pelas convencionaes promessas dos seus lábios enganadores.”²³². O sentimento amor não combina com prazer sexual, isto é, o amor não fazia parte do cenário das vidas das mulheres lascivas já que seu único objetivo era sentir e dar prazer ao sexo masculino. Ressaltamos que a mulher pública era símbolo do prazer sexual e responsável pela liberação das fantasias sexuais e energias libidinais masculinas. No início do século XX, no Brasil, era tido como necessário distinguir o sexo do

²²⁸ *Ellas: Etelvina Arruda*. Assinado por Pedro e Paulo. (*O Riso*, 05/10/1911, n.º 20, p.14)

²²⁹ (*O Rio Nu*, 08/06/1910, n.º 1241, p.06)

²³⁰ *Ellas: Graciosa dos Anjos*. Assinado por Pedro e Paulo. (*O Riso*, 14/12/1911, n.º 30, p.14.).

²³¹ *Idem*.

²³² (*O Riso*, 23/11/1911, n.º 27, p.03).

amor puro da esposa que repousava no zelo fraternal quando o sexo se destinava apenas para procriação²³³: “ ‘mulher pública’, a prostituta foi percebida como uma figura voltada para o exterior, mulher do mundo sem vínculos nem freios, ao contrário da mãe, toda interioridade, confinada no aconchego do espaço privado”²³⁴

Em contraposição a ousadia das mulheres lascivas, os jornais disseminavam uma série de discursos sobre o perfil ideal de esposa. “A esposa, por sua vez era uma bôa creatura. Bem educada, honesta, meiga e sobretudo dedicava-lhe grande amizade. [...] a esposa era o modelo das esposas²³⁵”. Esperava-se que as esposas fossem condescendentes, pacientes e amorosas, só assim o casamento seria harmonioso: “O respeito mútuo e a amizade condescendente são sempre imaginadas como bases melhores que os arroubos de prazer. A “boa esposa” faz tudo para manter o relacionamento nos trilhos”²³⁶. Compreendemos que o lugar social da mulher repousava no recato, na afetuosidade e na submissão. Tendo em vista que estes eram os predicados de uma “boa esposa” no início do século XX. Isto, também serviu como uma separação das fronteiras sociais entre as mulheres “respeitáveis” e as “libertinas”, ou seja, respectivamente, havia as mulheres destinadas as finalidades reprodutivas como também as que se situavam como voltadas para a satisfação dos desejos sexuais.

Margareth Rago (2008) frisa que as mulheres licenciosas deveriam ser identificadas como distintas das casadoiras, pois estas representavam o oposto do lugar de prazer e liberdade repousada nas mulheres públicas. Para manter as distinções intactas, a presença das mulheres mundanas nas ruas das cidades levou a sujeição de pequenos detalhes do comportamento e da aparência feminina, isto é, essas mulheres tinham ousadia e faziam o possível para chamar atenção com comportamentos corporais como gestos e atitudes que lhe distinguiam das mulheres recatadas. Esses predicados que autorizavam algumas mulheres a viverem sua sexualidade, era também uma forma de garantir a satisfação sexual fora do leito matrimonial, principalmente, para os homens.

Assim, compreendemos que o lugar social da mulher lasciva era distinto do recato, baseado na afetuosidade e na submissão. Para Louro (2008, p.18), a constituição da mulher em dada sociedade vai depender de uma série de aprendizados e práticas vivenciadas por ela, uma vez que a constituição de gênero e de sexualidade depende das relações estabelecidas com

²³³ (RAGO, 2008)

²³⁴ (RAGO, 2008, p. 174)

²³⁵ (*O Riso*, 16/11/1911, n.º 26, p.04).

²³⁶ (PINSKY, 2013, p. 487.).

“Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo”. Logo, os lugares impostos aos gêneros são arquitetados e impostos por arranjos sociais e históricos:

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. [...] **as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros.**²³⁷

A sujeição ocorre como um efeito do poder que autoriza sujeitos femininos a vivenciarem sua sexualidade por pertencerem a uma categoria feminina prisioneira dos padrões da civilidade difundida nas primeiras décadas do século XX como moderna. A sujeição cria possibilidades de existência dentro de determinados regimes de poder. Ela institui práticas educativas sobre o sujeito feminino, divulgadas nas reportagens dos jornais abordados, para garantir lugares sociais reconhecíveis através dos discursos instituintes da modernidade e de seu projeto civilizador. Os jornais criam discursivamente os gestos e os comportamentos autorizados como verdadeiros para a mulher lasciva com o intuito de padronizar essas mulheres para serem reconhecidas pelos sujeitos masculinos, logo, esses discursos produzem identidades sexuais e corporais, conformando comportamentos e modos de ser, de estar e conviver nas relações sociais. Quando as reportagens se referem aos corpos e ao exercício da sexualidade, é possível observar a utilização do tema do sexo como um caminho para a consolidação de mais um caminho de controle e vigilância sobre os indivíduos.

²³⁷ (LOURO, 1997, p.24. Grifos nossos)

CENA II- ‘CORPOS CHIBANTES’²³⁸: REFLEXÃO SOBRE OS DISCURSOS DA INDUMENTÁRIA FEMININA E DA CULTURA DE APARÊNCIAS

*Nesta toilette elegante,
As minhas fôrmas desenho
E mostro o maior empenho
Em provar que sou chibante.*

*Roupas assim tão ligeiras
tem uma grande vantagem :
Despertam logo a... coragem
Dos homens para as asneiras...
[...]*

*Quem me vê nesta toilette
Exclama : «Mas que peixão !»
E vem ver, não sem razão,
O que este corpo promete...²³⁹*

As “damas da sedução” deveriam prometer prazer no seu vestuário elegante e sedutor. A arte de seduzir ia muito além de ter um corpo higienizado, belo e desejável, de comportar-se de forma graciosa, já que a escolha de uma roupa que valorizasse o corpo feminino também fazia parte desse jogo de sedução. Nesta cena, propomos uma reflexão sobre os discursos da indumentária feminina e da cultura de aparências vinculados nos jornais, pensando o contexto de estetização da modernização e da civilização através da sexualidade permissível.

A indumentária feminina nessa cena tornar-se objeto de estudo para pensar as relações sociais e as regulações que permeavam o universo dito “mundano”. A sujeição dos corpos lascivos será analisada através dos tecidos leves, dos decotes extravagantes, das roupas de banhos sensuais e lingerie com tecidos transparentes, frisando como esse corpo será moldado para ser reconhecido culturalmente e socialmente como o sensual e o civilizado para as práticas libertinas. Nesse caso, esse corpo vestido devia reproduzir uma forma de ser e de se comportar regida pelo dispositivo da sexualidade.

²³⁸ Título baseado no trecho do poema *Quenturas*: “Nesta toilette elegante,/As minhas fôrmas desenho/ E mostro o maior empenho/Em provar que sou chibante” . (*O Rio Nu*, 27/07/1912, n.º 1461, p.01)

²³⁹ Trecho retirado do poema *Quenturas...* acompanhado de uma ilustração de uma jovem e branca mulher que traja um vestido com tecidos leves que desenha tórax feminino enfatizando a curva feminina realçada pelo decote do tipo tomara-que caia. A modelo veste meias pretas que gradativamente torna-se um elemento do guarda-roupa de mulheres sedutoras já que há uma expressiva quantidade de ilustrações de mulheres com esse tipo de meias em cenários eróticos. Seu olhar e sua postura corporal ativa e provocativa são tão ousados e “chamativos” quanto seu chapéu. (*O Rio Nu*, 27/07/1912, n.º 1461, p.01)

A moda não é apenas uma maneira de se vestir, ela provoca, indica posições sociais, vende modos de ser e estar no mundo, e é símbolo da modernidade, tal como modula o ser social que veste e compra o discurso da moda vigente. Ela é um discurso que tem um efeito sobre a vida dos sujeitos, ao regular e institucionalizar práticas sociais, evocar estilos, modos de conduta, padrões sociais e distinguir as classes sociais em um determinado contexto. Nesse sentido, vestir-se era mais um elemento de distinção e de sensualidade para os sujeitos femininos, criando um corpo dinâmico, erotizado, mas sem deixar de ser elegante:

[...] A moda potencializava a sensualidade feminina, não apenas desnudando pernas, colo, costas e braços, mas também atraindo a atenção para essas partes do corpo ao propor a intensificação da maquiagem, a multiplicação de adornos como pulseiras, tiaras, brincos e gargantilhas e até mesmo uma decoração especial e preciosa para as meias transparentes e os saltos dos sapatos.

[..]Ao deixar espaços entre a roupa e o corpo de sua portadora, a moda garantia a este último maiores possibilidades de movimento, engendrando, assim, formas de sedução em grande parte opostas às que vinham sendo utilizadas até então: a imobilidade e a serenidade dão lugar a um corpo dinâmico, enérgico e erotizado, qualidades que costumavam ser aplicadas aos corpos masculinos.²⁴⁰

Para Mary Del Priore (2014, p.115) os discursos sobre o universo feminino no tocante ao corpo e a sexualidade objetivavam a “transformação do corpo feminino em objeto de um desejo fetichista”. Os jornais lançavam enunciados que alternavam entre o jocoso e o erótico para enfatizar a importância de estar bem vestido. Para isso, conselhos não faltavam sobre ser elegante, fina, esbelta, jovem, saudável, assim como recomendações de como se vestir de forma elegante e sensual segundo os padrões impostos. É por isso que iremos focar em vestimentas que intensificavam a valorização do corpo robusto, elegante e lascivo das figuras femininas autorizadas a vivenciarem a sexualidade permissível.

Margareth Rago salienta (2008) que o comportamento libertino era aceito desde que fosse regulado para garantir a ordem dos prazeres sexuais. E, assim, foram criadas regras sofisticadas de conduta, práticas sexuais e sociais mais refinadas, seguindo um padrão de civilidade e de modernidade espelhando-se nas nações europeias. Ela ainda pontua que se por um lado, as cortesãs de luxo eram consideradas como portadoras de comportamentos, hábitos e práticas libertinas requintadas, por outro lado, as mulheres periféricas, em especial as negras, eram vistas como incivilizadas, irracionais e classes perigosas.

²⁴⁰ (CAMARGO, 2015, p. 08)

As mulheres públicas, em especial as cocotes²⁴¹, eram as primeiras a exhibir as novidades no campo da moda. E muitas vezes imitadas por senhoras da alta sociedade burguesa e moralista²⁴². No artigo *verdades núas*, é apontado que o interesse das figuras femininas pela moda se dá para tentar deixar o corpo feminino mais gracioso e tentador:

Entretanto qual o fim, o intuito, o principal empenho visado pelas modas? Fazer valer, apresentar ainda mais gracioso e tentador o corpo feminino. E é por isso que as mulheres tanto se interessam pelas modas.

De mais, o carácter das modas sempre foi, e ultimamente é mais do que nunca, o empenho de cobrir o corpo da mulher sem encobri-lo; vestil-o... mas deixando-o ver como se estivesse despido. pior ainda, porque o corpo nú não seria tão perigosamente excitante como os vestidos modernos, de *entraves* e *sans dessous*, com que as senhoras andam pela rua, deixando perceber as linhas mais secretas e allucinantes de sua carne tentadora²⁴³

A indumentária torna-se uma artífice para se visualizar as formas femininas esculpidas em tecidos que tornariam os corpos elegantes e sensuais. Ela inscreve uma marca sobre o sujeito feminino, fabricando como culturalmente e socialmente reconhecido em determinado âmbito e contexto. Consideramos que os trajes têm o poder de deixar “as linhas mais secretas e alucinantes” dos corpos femininos, exalando sensualidade, luxo e graça. Este enunciado, inclusive, evidencia a clara distinção social entre as classes sociais, contribuindo para a construção do sentido de estar e ser “chique”. Assim, a distinção fazia parte das categorias de mulheres lascivas abastadas, diferenciando daquelas mulheres pobres, periféricas que não tinha capital para serem “mulheres graciosas, chiques” e “[...] perfumadas, vestidas de sedas e setins, em alcovas de alto bordo²⁴⁴”.

Uma mulher verdadeiramente chique deve ser distinta, instruída: “[...] Euzebia era uma criatura fina, até um tanto literata, uma mulher soberanamente chic e não uma d’essas desgraçadas [...]”²⁴⁵. Essas recomendações faziam parte de um projeto de regular o corpo

²⁴¹ Entendo por Cocotes as mulheres que vendiam seu corpo, mas que eram consideradas como mais refinadas e sofisticadas, uma espécie de “prostituta de luxo”.

²⁴² É importante frisar que existia nítidas fronteiras entre o universo das senhoras consideradas honradas e mulheres públicas principalmente no quesito de vestuário, por exemplo, o uso excessivo de decotes eram algo associado a esta última categoria. No entanto, isso não quer dizer que as vestimentas das mundanas não causavam admiração e eram imitadas pelas senhoras da sociedade, como mostra essa passagem do artigo *verdades núas*, assinado por X: “As senhoras honestas não se julgam desdouradas observando attentamente, com o mais zeloso cuidado o vestuário das cocottes, que são geralmente as primeiras a exhibir as novas modas, e lançal-as e são imitadas pelas senhoras de alta sociedade.” (*O Riso*, 26/06/1911, n.º 06, p. 11-12)

²⁴³ (*O Riso*, 29/06/1911, n.º 06, p. 12)

²⁴⁴ “Mas essas (‘mulheres da ralé, as hetairas ordinárias que a tudo se prestam’) não têm o chic, a graça, não dão aos homens o gozo completo, que é possuir mulheres perfumadas, vestidas de sedas e setins, em alcovas de alto bordo” Trecho retirado do romance “A letra Euzebia” assinado por dr. Villafior. (*O Rio Nu*, 06/08/1910, n.º 1258, p.06)

²⁴⁵ Ibidem.

mundano para ser sensual sem ser vulgar e depreciativo. à vista disso, “[...] a roupa não é mais somente um símbolo hierárquico de *status*, mas se torna também um instrumento de sedução, um luxuoso e original instrumento de prazer feito para se fazer notar”²⁴⁶. Benedicta Maria do Carmo é descrita como voluptuosa, distinta e que “sabe trajar-se elegantemente”²⁴⁷, isto demonstra que as mulheres libertinas deveriam vestir-se elegantemente, dado que isto era sinônimo de ser moderno e civilizado.

A vestimenta era vista como um ornamento que deixava o corpo mais bonito e elegante, mas não se pretendia como um elemento de enganação e disfarce, uma vez que deveria apenas valorizar e embelezar um corpo já belo, robusto e saudável. A excessiva ornamentação e inclusive, uso de maquiagens que mascaravam a feiura eram vistas de forma pejorativa pois era considerado uma artificialização da beleza feminina. Desta forma, a moda e a maquiagem deveriam apenas realçar uma beleza existente, não deveriam serem usadas para mascarar a feiura e enganar aos homens com uma “falsa beleza”.

A beleza e sensualidade feminina eram convencionadas, inclusive, pelos aspectos materiais (aparência, roupas, maquiagem), no entanto, as mulheres lascivas deveriam ter o cuidado para não se apresentar com uma excessiva maquiagem e vestimenta posto que elas poderiam apresentar-se com uma aparência plástica e artificial. Estas produções excessivas e artificiais eram mal vistas pelos homens, transmitindo uma imagem de uma mulher fútil, falsa e feia. Apesar de trata-se do âmbito das relações libertinas, estas características não combinavam com a mulher lasciva moderna e civilizada, principalmente porque os homens poderiam ser prejudicados com esse mascaramento e disfarce da feiura posto que eles procuravam em uma mulher libertina elementos para provocar prazer sexual: uma beleza encantadora e uma sensualidade estonteante. E assim, a mulher de beleza falsa poderia atrapalhar esse processo.

As mulheres deveriam atentar-se para algumas recomendações, como por exemplo: “Nunca usar espartilho, em caso algum, nem vestidos que comprimam o corpo, nem sapatos apertados. Respirar livremente é cousa essencial.”²⁴⁸. Essa recomendação relaciona-se ao desejo de deixar os corpos femininos mais leves, dinâmicos e sedutores, e assim como distantes dos tecidos pesados e sufocantes do período colonial. O espartilho será visto como algo

²⁴⁶ (CALANCA apud GONÇALVES, 2012, p.130)

²⁴⁷ (*O Riso*, 28/12/1911, n.º 32, p.09).

²⁴⁸ Trecho de uma reportagem com Jane Delyane, artista francesa/ modelo nua, na qual a atriz pontua as algumas “confissões e lições”. (*O nu artístico: confissões de uma mulher nu’a. O Riso*, 01/06/1911, n.º 02, p.03-04.)

desconfortável e asfixiante que impedia movimentos leves: “O “fim” do arqueamento e do espartilho, no começo do século XX, é também o fim de uma mulher “ornato”: atitudes preciosas, “congeladas” cujas poses e sustentação dominaram durante muito tempo qualquer motricidade “muito” espontânea”²⁴⁹.

A partir do século XX os espartilhos vão desaparecendo paulatinamente do armário feminino dando espaço para roupas mais leves e curtas. A mulher moderna se utilizará de artifícios para reformatar seu corpo, dando robustez e beleza sem os apertos do espartilho. As orientações higienistas irão investir no regime e na musculação como um meio saudável para exibir um corpo bonito e magro, e conseqüentemente para as mulheres circularem menos cobertas e mais fortificadas já que a moda estava investindo em vestidos leves e curtos que expunha o corpo feminino com mais precisão.

Rosane feijão (2012) enfatiza que a moda feminina do início do século XX, incorpora características típicas da modernidade, uma vez que os corpos ignoram as vestimentas pesadas e volumosas definidas durante o século XIX, para se tornarem mais leves e delgados e, assim, parecerem mais velozes. Nesse sentido, o vestuário deveria ser leve e dinâmico para permitir que a mulher moderna tornasse seu corpo visivelmente mais sedutor e desempenhasse uma série de atividades que a vida urbana e moderna lhe oferecia: subir no automóvel, praticar exercícios físicos, tomar banhos de mar. A moda devia representar a leveza, agilidade e elegância da vida moderna:

Justamente nesta época de aversão aos “organismos congestionados”, acentua-se a intolerância ao meio urbano obstruído por aglomerações consideradas ociosas e perigosas. A moda não poderia ficar distante dessa tendência, cujas características não eram apenas brasileiras. Em várias cidades do mundo, as mulheres buscaram uma silhueta cujo aspecto sugeria a possibilidade de ser veloz: o uso de tecidos finos e transparentes, dos vestidos retos que se opunham ao aperto do ventre foram exemplos ilustrativos de uma espécie de paixão pelas superfícies planas²⁵⁰

Para exibir nas ruas o corpo robusto e elegante, oposto ao corpo relapso, flácido e doentio do indivíduo colonial, as mulheres deveriam praticar exercícios físicos, de preferência ao ar livre. Ao longo dos jornais pesquisados, é apresentada uma série de exercícios, como nadar, andar de bicicleta, equitação e musculação. Como destaca Georges Vigarello (2006, p. 165) a partir do século XX, instaura-se um imperativo sobre a estética do corpo vinculada a auto-gestão e a responsabilidade individual de cada ser esculpir o seu próprio corpo, e assim,

²⁴⁹ (VIGARELLO, 2006, p.128).

²⁵⁰ (SANT’ANNA, 2014, p.59)

“a silhueta não é mais aperfeiçoada pela empregada doméstica e o espartilho, como no século XIX, ela se aperfeiçoa pelos bons exercícios e a vontade”. Na imprensa, as mulheres que trabalhavam em teatros eram retratadas por serem fortes e bonitas por estarem sempre praticando exercícios físicos. Nessa passagem, observamos que as leitoras são alertadas que os homens não gostam de corpos expostos com músculos flácidos e relapsos: “[...] as meninas também deviam cuidar de fortalecer a musculação. [...] ninguém ignora como são desagradáveis as mulheres que tem os músculos flácidos e moles, que não apertam bem a gente...”²⁵¹.

Estas prescrições estão relacionadas com o contexto eugenista no Brasil uma vez que se acreditava que era preciso construir um povo cada vez mais branco, saudável e esteticamente belo e forte. As mulheres eram mais cobradas para extirpar da superfície do seu corpo tudo que era considerado feio, doente e fraco, esculpindo-se para apresentar um corpo robusto, saudável e belo:

Eugenistas como Renato Kehl criticavam as mulheres de “seios caídos”, ventres flácidos e volumosos, pernas curtas e “aparência mestiça”. Tais críticas permearam um amplo espectro de publicações nacionais, contribuindo para o desenvolvimento da medicalização da saúde [...] ele [Kehl] também criticava o gosto por corpos frágeis, pelas mulheres-bonecas, avessas à prática do esporte e da educação física. Muitas mulheres, mesmo sendo brancas, eram vistas como artifícios em forma de gente, seres franzinos e fracos. Kehl não escondia o desejo em ver senhoritas “helênicas” nas praias brasileiras, que segundo ele, eram mulheres com seios e pernas firmes, pele lisa, sem marca de doenças²⁵²

Percebemos que mais do que prescrever e valorizar quais seriam os modernos e civilizados modos de comportar-se e vestir-se, esses enunciados procuravam reafirmar a importância de ter um corpo belo, saudável e desejável. Uma vez que, como já foi mencionado antes, a indumentária era maneira de valorizar um corpo já robusto e sensual.

As indicações de vestuários, apontavam uma moda elegante e sedutora, na qual a riqueza consistia na leveza dos tecidos, nos decotes embriagantes e corpos marcados. Desse modo, não havia estranhamento para o fato da mulher “honesta” ser confundida com as libertinas “[...] se usar uma roupa muito decotada, uma saia muito curta, se exibir em muitas joias ou se pintar exageradamente”²⁵³, já que estas eram características associadas ao mundo libertino. Uma vez que “[...] o gesto que embeleza é, ainda, facilmente associado à vida das mulheres consideradas

²⁵¹ Seção “commentarios” assinado por *Zé Fidelis*. (*O Rio Nu*, 25/09/1909, n.º 1169, p. 02)

²⁵² (SANT’ANNA, 2014, p. 62)

²⁵³ (RAGO, 2008, p.77)

excessivamente vaidosas, das artistas e ‘libertinas’”²⁵⁴, a arte de se embelezar e inclusive de vestir-se de forma que provocasse olhares e prazeres no sexo masculino era um privilégio das figuras femininas públicas porque isto poderia denotar uma moral duvidosa nas mulheres honestas.

Durante grande parte da primeira metade deste século, a austeridade predominante nos discursos sobre a beleza não se limita às prescrições médicas. Ela se alia às regras de uma moral católica, amplamente presente nos manuais e nas revistas femininas. Segundo esta moral, ‘a mulher de mais má pinta é a que mais a cara pinta’. Assim, a brasileira deveria, segundo os padrões da época, se contentar com o uso das jóias, chapéus e luvas. Fora deste uso e para além das prescrições médicas, que incluem a higiene do corpo e a cultura física, o embelezamento corre o risco de denotar uma moral duvidosa²⁵⁵

Os discursos dos jornais abordados, apesar do cunho humorístico e pornográfico, também criavam e ratificavam os lugares para o feminino, inclusive para as mulheres honestas, intensificando as diferenças ente as mulheres públicas e as honestas. O embelezamento e o desnudamento feminino são características localizados em aspectos culturais e históricos que estabeleciam fronteiras e hierarquias sociais entre as mulheres. Logo, é importante lembrarmos que a moda é vista como um sinal de riqueza e categoria social, revelando o poder aquisitivo e a liberação sexual para algumas mulheres privilegiadas, demonstrando por exemplo, que mesmo casada e de classe abastada não era permitido ter a ousadia de vestir um traje decotado sem ser julgada ou confundida com uma mulher pública.

Nesta perspectiva, o interesse ia além de mostrar as figuras femininas como capacitadas para a sedução por meio das vestimentas, mas tal como estabelecer fronteiras morais entre as mulheres honestas e as mundanas. Na ilustração²⁵⁶ abaixo, observamos como a associação entre usar uma roupa colada e decotada está ligada a categoria de mulheres do sexo libertino:

Figura 12: Vestidos colantes

²⁵⁴ (SANT’ANNA, 1995, p.123)

²⁵⁵ (Ibidem, p.124-125)

²⁵⁶ Legenda: “— E ainda ha quem não goste de vestidos colantes!... pois sim! Graças a eles é que eu tenho arranjado quasi uma fortuna!...”



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 27/10/1909, n.º 1178, p.04)

A dama da ilustração traja um vestido marcando as formas do busto e os seios delineados por um decote ousado em formato de V. Uma mulher que promete prazer através de seu olhar imperativo e postura chibante. O enunciado demonstra que se trata de uma mulher lasciva: a sua postura corporal, seu olhar provocativo, vestimentas exibindo o corpo. Ela alerta as mulheres que vestidos colantes são indispensáveis para quem visar expor ou vender o corpo. Destarte, o investimento nas indumentárias consistia em uma maneira de produzir um corpo ornamentado que despertasse a libido masculina e consequentemente, atraísse parceiros sexuais.

Para as mulheres lascivas, as roupas decotadas e que desenhassem os seus corpos eram selecionadas como ótimas escolhas, uma vez que, o uso do decote era um chamariz para as mulheres excitarem os homens no qual “[...]quanto mais as mulheres se decotam, mais calor sentem... os homens”²⁵⁷. Como nos lembra Michel Foucault (2019), o poder não apenas proibi e coíbe, ele também produz e incita, visto que é através dos detalhes e das técnicas minuciosas que nos parecem banais, que ele age induzindo comportamentos, produzindo sujeitos e fabricando corpos úteis para os projetos dominantes. Os investimentos em trajes decotados,

²⁵⁷ (*O Rio Nu*, 19/05/1909, n.º 1132, p.05)

eram sugeridos como um modo de excitar através de corpos vestidos, inclusive como uma forma de definir o lugar social enquanto uma mulher lasciva que busca e promete prazer sexual.

A passagem a seguir foi retirada de uma ilustração enunciando o diálogo entre um homem e uma mulher desfrutando um banquete: “É muito bonita essa moda de vestidos. /— Não acha! Usa-se decote cada vez maior, eu então descí o decote até as ligas/ Foi uma boa ideia. Com as mulheres tudo deve ir para baixo, e com os homens tudo deve ir para cima”²⁵⁸. O enunciado acima ressalta que as relações sexuais são apimentadas pelas vestimentas elegantes, decotadas e sedutoras das damas lascivas, pontuando que o corpo vestido é um elemento de excitação pois mostram as curvas femininas com luxo e sensualidade

Além de reafirmar que a moda de vestidos é muito bonita, percebemos a associação dos vestidos decotados com a relação sexual ao revelar detalhes sobre as relações sexuais nas quais as mulheres devem descer e os homens subir em referência ao ato de despir e a ereção masculina. Ao fazer uma referência que as mulheres devem despir-se (“tudo deve ir para baixo”) para provocar o prazer masculino (“os homens tudo deve ir para cima”), mostra a heterossexualização das relações sexuais e a submissão feminina aos desejos masculinos apresentando o prazer do homem como primordial e essencial.

Nessa perspectiva de que a vestimenta feminina é um modo de deixar “as linhas mais secretas e allucinantes de sua carne tentadora”²⁵⁹ aos olhos masculinos, o decote é aceito desde que seja para o deleite do homem: “As damas actualmente/ se decotam de tal jeito/ que nem pode ver a gente/ onde termina seu peito./ [...]Mas não lamento esta moda/ Embora sendo indecente/ porque olhar da mesa em roda/ Abre o appetite a gente”²⁶⁰. Apesar de concordar que os vestuários decotados podem parecer indecentes, não há problema quando é para excitar e provocar o desejo masculino. Evidenciando que os jornais tinham um projeto político e educativo ao vincular enunciados falocêntricos e binários que estavam visando a normatização da heterossexualidade²⁶¹ e frisando o prazer sexual como exclusivo do homem e a mulher é apenas vista enquanto objeto de constante erotismo e de prazer sexual. Nesse sentido, o uso de

²⁵⁸ Ilustração. (*O Rio Nu*, 24/08/1910, n.º 1263, p.05).

²⁵⁹ Artigo verdades *núas*. (*O Riso*, 29/06/1911, n.º 06, p. 12)

²⁶⁰ Trecho retirado de uma ilustração *Modas Novas*. A cena da ilustração é composta por um garçom que serve moças em uma mesa. Essas mulheres estão com seios volumosos nus. (*O Rio Nu*, 01/01/1910, n.º 1197, p.05)

²⁶¹ Judith Butler (2019) afirma que nossos corpos são regulados para atender a imposições binárias que segue a uma identidade de heterossexualidade compulsória, dado que essa heterossexualização do desejo requer e institui a oposição discriminativa e assimétrica entre feminino e masculino.

roupas colantes e decotadas eram autorizadas quando utilizadas em corpos legitimados por meio da ótica da sexualidade permissível, heterossexual e normativa.

Como disse Miriam Goldenberg e Marcelo Silva Ramos (2002), os corpos são aparentemente livres por um desnudamento e exposição pública, pois são presididos por normas sociais pelos diversos discursos midiáticos, e são interiorizados pelos sujeitos sociais como verdades cristalizadas. Um exemplo disso, é a flexibilização gradativa da exposição do corpo feminino que é regido por regulações sociais bem definidas, e assim, exibir o corpo vestido ou nu exige uma nova “moralidade” baseada na estética corporal:

[...] Até as noções do que é decente e indecente, no que se refere ao vestuário, passaram por mudanças. A utilização de uma indumentária que deixa à mostra determinadas partes do corpo, ou mesmo a exibição do corpo nu, não é considerada, muitas vezes, tão indecente quanto a exibição de um corpo "fora de forma" e o uso de roupas não condizentes com a forma física.²⁶²

A modernidade ansiava por corpos mais velozes, robustos e saudáveis, e os olhos masculinos vislumbravam com desejo os corpos sedutores e vigorosos expostos nas vitrines urbanas sem o aspecto vulgar e degradável das zonas dos prostíbulos periféricos²⁶³. A elegância e a sensualidade dos trajes de banho femininos despertavam fascínio nos homens e eram objetos de desejo: roupas colantes que marcavam as curvas femininas, expondo pernas, braços e muitas vezes acompanhadas de decotes que exibiam parte das costas e dos seios. Vestuários excitantes, encantadores e sedutores²⁶⁴ que se tornavam uma arma no jogo de sedução para as mulheres lascivas exporem suas formas e conquistar parceiros. A ilustração abaixo exemplifica bem a conotação erótica que as roupas de banho causavam.

Figura 13: O mar e o simples desejo

²⁶² (GOLDENBERG & Ramos, 2002, p.28)

²⁶³ Margareth Rago (2008) frisa que em São Paulo, as mulheres e as prostitutas pobres oriundas da periferia eram alvo de preconceito, consideradas como portadoras de atos incivilizados, degenerados e irracionais.

²⁶⁴ Afirmação baseada na legenda da ilustração abordada: “Três pequenas tão bonitas/ com três vestuários de banho, / assim de encanto tamanho.../ ai! Coração, que tu agitas!/com três vestuários/ Ellas são muito excitantes, [...]/ porém muito mais seriam/ se as tirassem por instantes/e por isso é bem de ver / p”ra qualquer um de vocês/seria um grande prazer/ se eu lhe tirar os três.” (*O Rio nu*, 05/01/1910, n.º 1198, p.04)



Fonte: (*O Rio nu*, Rio de Janeiro, 05/01/1910, n.º 1198, p.04)

Nesta ilustração tempos três modelos de peles alvas, cabelos bem cuidados e penteados. Corpos robustos e saudáveis compõem o cenário balneário que esbanja mais que uma paisagem natural, mostrando que a praia é palco de erotismo. A presença de corpos roliços conduz uma conotação sensual ao cenário, principalmente pelas vestimentas que expõem a nudez feminina. Apesar de se tratar de uma ilustração que ultrapassa a realidade — já que não seria possível mesmo se tratando de uma mulher pública expor os seios de tal forma no espaço público — o enunciado imagético revela o fascínio que a indumentária feminina de banho causava sobre os homens.

Apesar da praia ser um lugar de liberdades e exibição de corpos, não estavam isentas de regulações e proibições com objetivo de manter os bons costumes, posto que esse espaço não deveria passar de exhibições de *seminus moderados*, troca de olhares, beijos e beliscadas²⁶⁵. Era um lugar de exibição e erotismo que antes de tudo, era civilizado, e assim, as mulheres lascivas tinham oportunidade de mostrar seus predicados físicos através de seus trajes de banhos colantes sem abusar das regulações da moral pública.

Como lembra Georges Vigarello (2006) a partir do final do século XIX, as praias foram transformadas em lugares de prazer e de descanso, marcando uma ruptura definitiva entre a

²⁶⁵ Rosana Feijão (2014) destaca que a praia enquanto lugar de sociabilidade eram reguladas para garantir o decoro e a ordem social. Por exemplo, o Rio de Janeiro na tentativa de controlar inevitáveis ousadias já que a extensão dos trajes de banho diminuía a cada temporada, chegou a promulgar leis impondo que joelhos ficassem cobertos pelos calções usados tanto por homens quanto por mulheres ao longo dos anos 1910.

estética das roupas ocultantes e as roupas desveladas já que permitiam um breve desnudamento do corpo feminino. É preciso considerarmos que as praias eram tomadas como lugares de namoro e sedução, e os corpos *seminus* favoreciam o clima erótico. Novos modos de estar, novos comportamentos, novas regras de convivência e de percepção foram inauguradas por meio do gradativo processo de incorporação da praia como um lugar de sociabilidade urbana:

Lugar privilegiado para os espetáculos do corpo, escandalosos ou não, a praia carioca firmou-se como um lugar de convivência, de encontros e de efervescências sociais. A sociabilidade que ali se desenvolvia partia de uma intimidade impossível poucos anos antes, proporcionada pelo desvelamento dos corpos, que ofereciam ao olhar público contornos e texturas antes apenas imaginados. Tal intimidade, no entanto, não se construía sem tensões. Seu ineditismo demandava o acordo de novas regras de convivência que regulassem aproximações e afastamentos, deslocamentos e posturas, olhares e diálogo.²⁶⁶

Ainda segundo a autora, para as mulheres de família tradicional, a indumentária balnearia estabelece uma nova moda elegante e chique que não deve extrapolar os preceitos morais ainda vigentes, mostrando apenas algumas partes do corpo como braços e pernas. O corpo feminino passa a ser desvelado paulatinamente, principalmente em conformidade com as categorias sociais, pois as mulheres que exageravam no decote já eram classificadas como públicas.

A modernidade anuncia um modo de subjetividade baseada na cultura da aparência, principalmente, a aparência feminina que passa a ser regulada e esculpida para ser cada vez mais charmosa, sedutora e sofisticada como nos lembra Margareth Rago (2008, p.76). Uma cultura de aparências começa a ser formada a partir da celebração do moderno como bonito e elegante, a mulher passa a ser objeto de constante observação, cultuada como um transeunte cidadão que desperta fletos e desejos, logo para isso ela deveria “exibir-se como figura sedutora, charmosa e sofisticada, sobretudo nos casos das mais privilegiadas socialmente, tudo levava e exigia que fosse”.

Destacamos que a modernidade decantada como símbolo de elegância e sedução provocadora de transformações na percepção corporal, exigindo um corpo robusto, saudável e belo; esse corpo feminino exposto, *seminu* nos trajes mais leves, nas exposições artísticas dos teatros passa a ser um objeto de erotismo constante. Nesse âmbito eufórico de desejo pela nudez e a excitação constante de corpos quentes, brancos, vigorosos e *seminus*, a lingerie adentra no

²⁶⁶ (FEIJÃO, 2014, p.247)

closet feminino para permitir que as mulheres trajassem roupas elegantes e sedutoras nos recônditos íntimos, e assim, possibilitar o deleite masculino, quando utilizassem da nova sensualidade ao despissem.

Margareth Rago (2008) sublinha que a modernidade investe em uma nova tecnologia do prazer, novos equipamentos que visam intensificar o prazer sexual, difundido um erotismo burguês e civilizado. Dentre esses instrumentos havia um mercado das peças íntimas, como ligas, calcinhas rendadas, meias pretas, isto é, objetos que compunha a lingerie feminina. O corpo feminino se torna objeto do erotismo através dessa peça íntima: “graças a *lingerie*, o corpo passou a ser um objeto estético, fonte de desejo e contemplação, não só o santuário de virtudes vitorianas e hipocrisia.”²⁶⁷.

Sublinhamos que os tecidos leves, as rendas e os barbados propõem ares de sedução próximo da nudez e, por isso, se torna convidativo para a relação sexual. Geralmente, as mulheres de lingerie aparecem nos jornais em formato de ilustração, em ambientes fechados com camas, sofás, espelhos, almofadas ou qualquer elemento que lembre uma sala de estar ou um quarto. É imprescindível, observa-se, que a decoração do espaço do encontro erótico seja um lugar chique, charmoso e bem higienizado, criando um cenário que provoque excitação e erotismo em cada elemento presente²⁶⁸. Na ilustração²⁶⁹ abaixo exemplifica a conotação erótica das lingers:

Figura 14: Elegância e sedução!

²⁶⁷ (PRIORE, 2014, p. 109)

²⁶⁸ Margareth Rago (2008) salienta que a decoração dos espaços dos encontros sexuais era importante porque criava um “ar “ de sedução, muitas vezes, decorados com espelhos, almofadas, tapetes aveludados, cheiros especiais afim de provocar clima eróticos e exacerbar as sensações e o desejo sexual.

²⁶⁹ Essa ilustração corresponde a terceira parte de uma ilustração *As toilettes de Nelita* na qual é apresentado as vestimentas de Nelita, exemplificando como ela se veste com as peças íntimas de acordo com os seus parceiros sexuais. Legenda: “para um rapaz elegante, / Smart e de grande luxo, / muito embora como amante/ não aguento bem repuxo, / Ella recebe em camisa/ De seda, tão fina e bella,/ Que para o fim que se visa,/E” o mesmo que estar sem ella.”



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 12/01/1910, n.º 1200, p.08)

A personagem da imagem chama-se Nelita descrita como encantadora e elegante que sabe se vestir conforme as ocasiões e a visitas que recebe. Nelita está trajada com uma camisa de seda fina e transparente tão decotada que mostra seu seio, as suas pernas estão cobertas com meias longas e pretas que acompanham um sapato de salto fino. Como foi mencionado anteriormente, as meias pretas eram instrumentos do mercado de peças íntimas que intensificavam o prazer sexual.

A sua postura é ousada e sedutora, ela parece estar muito feliz e decidida ao exhibir-se com a lingerie para o convidado, puxa delicadamente a camisa para mostrar a perna muito torneada e alva. Ele o aprecia, vislumbrando maravilhado essa carne branca e robusta perante seus olhos. O personagem masculino é branco e estar elegantemente vestido, com uma postura de quem estar encantado com a cena. Esse cenário composto por trajes elegantes, posturas sedutoras e um sofá que parece esperar uma cena de paixão, é acompanhado da seguinte passagem: “um rapaz elegante, / *Smart* e de grande luxo, / [...] / Ella recebe em camisa / De seda, tão fina e bella, / Que para o fim que se visa, / E” o mesmo que estar sem ella.”²⁷⁰. Nesse enunciado percebemos que a mulher deve vestir uma lingerie sensual que excite o parceiro sexual a despi-la e a consumir a relação sexual.

²⁷⁰ Trecho retirado da ilustração *As toilettes de Nelita*. (*O Rio Nu*, 12/01/1910, n.º 1200, p.08)

O desnudamento provocado pelos tecidos leves, transparentes e colantes que exibiam as curvas femininas eram vistos como uma estratégia para atrair e seduzir os homens²⁷¹, as orientações em um tom erótico exalam enunciados que regularizam os prelúdios das relações sexuais, dado que a mulher deve forjar-se com elegância, sensualidade e refinamento para garantir o prazer masculino. Consoante essas prescrições, a indumentária íntima ornamenta o corpo feminino para o deleite masculino, e assim, a dama trajada de lingerie finas, elegantes e transparentes torna-se mais bela e desejável na hora da relação sexual, despertando “um gozo mais perfeito”²⁷².

Além dessa questão estética, essa ilustração expõe a regulação que ocorre quando a mulher tem relações sexuais com um homem elegante e *smart*²⁷³, ela deve estar à altura, trajada com um lingerie elegante, luxuosa e, antes de tudo, sedutora. Dessa maneira, a peça íntima é tratada como elemento de distinção social que permite às mulheres libertinas se vestirem de forma graciosa para os parceiros sexuais apresentados socialmente como mais elegantes e imponentes. A lingerie se torna mais que um elemento de luxo no closet feminino, uma vez que, seduz e evoca lugares sociais bem estabelecidos em uma sociedade estratificada em hierarquias sociais e de gênero. Desse modo acontece a divisão entre as mulheres que podem consumir esse artigo de luxo, definindo também quem pode abusar dos decotes e das rendas. Para além disso, existe a indicação de quem merece receber uma dama trajada em uma lingerie luxuosa: o rapaz *smart*. O traje íntimo ajuda a construir mais uma regulação sobre a sexualidade feminina como também o controle da escolha de parceiros, ou seja, homens considerados refinados.

A preocupação em construir o corpo e a sexualidade da mulher de maneira disciplinada à estética do civilizado, possuindo comportamentos tidos como refinados e trajando elegantemente, possibilita que essas prescrições cheguem até os recônditos mais íntimos.

²⁷¹ Afirmação baseada em vários enunciados que enfatizam o poder de sedução de vestimentas ousadas, decotadas e que marcam o corpo feminino. Isto pode ser explicitado nessa passagem, retirada de uma ilustração, na qual uma jovem mulher questiona a sua colega: “Não sei porque não gostas destes colletes modernos, pois têm a grande vantagem de suspender os seios e pol-os na horizontal. Bem sabes que é isso que mais attrahe os homens...” (*O Rio Nu*, 13/03/1912, n.º 1423, p.08)

²⁷² Trecho retirado do poema *frenezi* assinado por A. E.S.: “Quando estou a gozar o teu encanto,/ Apertando te assim, contra meu peito,/ Nós sentimos um gozo mais perfeito/Nesse extasis de tremulo quebranto !/ [...] / Vejo-te assim, ô bella, tão somente/ Numa fina camisa de cambraia.../ Oh ! instante feliz... doce, fremente!./Tu sorrindo me abraças e em seguida,/Na febre desse frenezi desmaia.../Esse corpo de Venus tão querida..!” (*O Rio Nu*, 26/02/1910, n.º 1212, p.02)

²⁷³ Natália Peçanha (2013) sublinha que o homem *smart* era um modelo de masculinidade presente no período republicano baseado no homem forte, onipotente, viril, moderno e elegante. Nesse modelo de masculinidade não eram condizentes práticas como a homossexualidade, o alcoolismo e manter relações sexuais inter-raciais.

Alertava-se inclusive para o fato de que as mulheres se despissem de forma graciosa e sensual. Tendo em vista que uma dama lasciva e refinada não deveria se despir apressadamente e/ou desleixadamente. Ela deveria seguir alguns procedimentos para despir-se elegantemente, como explicita essa passagem:

Ariaz: A mulher deve obedecer o seguinte programma quando se despir— primeiramente deve tirar as luvas, si as usar, depois o chapéo, o cinto, a saia, a blusa, as saias brancas, a camiseta, as calças, o collete e a camisa. Os sapatos devem ser tirados em ultimo lugar para não se tornar muito difficil. As meias, só devem ser tiradas quando fôr oceasião da dormir, fora d”a hi devem ser conservadas para esconder os defeitos das pernas e a atrophia dos pés. A mulher, porém, precisa tornar-se graciosa cada vez que retira de cima de si uma peça do vestuário²⁷⁴

Entendemos que as regulações impostas tinham o objetivo de construir “[...] uma mulher moça, mais bonita, mais elegante, vestida, ou antes, despida com mais *Chic*”²⁷⁵. Logo, a mulher lasciva deveria ser elegante desde o ato de vestir-se até o despir-se, sempre cuidando para se portar de maneira imponente. Essas técnicas de sedução ocultavam as técnicas de sujeição do corpo feminino que visavam criar um sujeito feminino, dócil e útil para uma sexualidade permissível almejada por mulheres saudáveis, belas, sensuais.

Essas prescrições sobre a indumentária feminina desvelam os campos das relações de gênero e da sexualidade na medida que aponta quais indumentárias seriam ideais para essas mulheres seduzirem e provocarem prazer nos homens, pontuando que as mulheres honestas não deveriam ultrapassar os limites estabelecidos pela moral da família.

Para além, do interesse de sujeitar as mulheres aos discursos vinculados se percebe uma tentativa de vender uma imagem de mulher pública, normatizada e regulada em concordância com os preceitos modernos e civilizados. As mulheres se tornaram alvo desses discursos normativos que buscava trazer a civilização construída a partir dos ideais modernos, induzindo e instituindo o que elas deveriam ser. Assim, Nelita e as mulheres desenhadas nestes enunciados são modelos de figuras femininas que devem ser seguidas por outras que desejavam participar desse mundo refinado e libertino. O refinamento, a elegância e a sensualidade estavam em cada detalhe: nos comportamentos, nos gestos, no corpo lapidado e saudável, nas vestimentas.

²⁷⁴ Trecho retirado da seção *Monoculo*, assinado por P F (*O Riso*, 09/11/1911, n.º 25, p.06)

²⁷⁵ Trecho retirado do romance *anatomia pratica* assinado por D. *Villaflor*. (*O Rio Nu*, 23/07/1910, n.º 1254, p.06)

Tais enunciados, demonstram que essas mudanças e hábitos ensinados nos jornais para as mulheres lascivas envolviam uma série de práticas educativas sobre o universo feminino para entregar a sociedade brasileira um corpo lascivo distante do corpo objeto de desejo do século XIX. No século XX a ânsia é por um corpo polido, distinto, civilizado, mas que não deixasse de ser sedutor e prazeroso, isto é, o corpo ordenado em uma sexualidade permissível deve ser domesticado a ótica do civilizado sem esquecer de acender os desejos mais fetichistas do falo. Portanto, trata-se de um processo coordenado por relações de poder (da mesma maneira que por relações de gênero) ao direcionar esses conselhos ao feminino, regulando os padrões esperados para uma mulher pública de uma nação, dita progressista e moderna.

CENA III- “PROMESSA DE GOZO ARDENTE”²⁷⁶: REGULAÇÕES SOBRE A ESCOLHA DE PARCEIROS SEXUAIS

[...]
*Somente a symphonia dulçorosa
 Do gozo... e o sibilar da ventania.
 — Mais um beijo, querida, a noite é fria,
 E a tua carne ardente e côr de rosa*

*Estua qual vulcão ardendo em lavas;
 Queima meu corpo, e põe os membros lassos...
 Quero morrer nos elos dos teus braços,
 Embora o vento imite as feras bravas.*

— *Mais um beijo... que frio... E novamente
 Enlacemos os corpos estuantes...
 Vamos gosar... gosar... doces instantes...
 Enquanto a chuva cae, impenitente.*²⁷⁷

Momentos de prazer e de luxúria semelhantes ao da epígrafe acima eram recorrentes nos jornais *O Rio Nu* e *O Riso*, destacando que as relações sexuais no campo libidinoso eram elegantes, prazerosos e frenéticos cujo prazer sexual era o único fim. Eloquência, fantasia, prazer, corpos brancos e quentes compunham os enunciados sobre encontros libidinosos presentes nesse tipo de imprensa, forjando essas relações como voluptuosas, sensuais e adequadas ao padrão civilizatório proposto. A partir dessas prerrogativas, estudaremos as práticas educativas sobre como as mulheres lascivas eram orientadas a escolher parceiros sexuais considerados refinados, frisando o contexto racial e higienista da época.

Os discursos ditos modernos anunciavam novidades e transformações no âmbito urbano, mudando gradativamente as sociabilidades e as sensibilidades dos cidadãos, despertando desejos pelo consumo do moderno, pois ser moderno era elemento de distinção, era ser chique. Higienização, modelação de comportamentos requintados, progresso, civilização eram elementos que compunham esse cenário eufórico da recém nação republicana. Nesse cenário, a prostituição e os prazeres libidinosos fora do matrimônio, paulatinamente, tornam-se um “mal

²⁷⁶ Trecho retirado do poema *Felizes entradas...*, ele é acompanhado de uma fotografia de uma mulher nua deitada em uma cama. O trecho em questão: “[...] Fita os contornos esplendidos/ Dessa mulher sedutora/ Que em chama devoradora/ Torna um mortal pecador!.../Repara bem nessa plásticas/Que nos seduz e fascina... /Numa promessa divina / De gozo e de ardente amor!...”. (*O Rio Nu*, 31/12/1910, n.º 1300, p.01). Os elementos apresentados ao longo dessa cena, e inclusive a presença de um poema acompanhado de uma fotografia exibindo a nudez feminina destacam as práticas educativas que permeavam esses discursos, prometendo relações sexuais prazerosas, desse modo, considero que homens e mulheres eram reguladas para atender as prescrições estabelecidas com a promessa de um gozo ardente, prazeroso, mas civilizado.

²⁷⁷ Trechos do poema *Noite de amor* assinado por H.. (*O Rio Nu*, 14/08/1912, n.º 1466, p.06)

necessário²⁷⁸ que precisava, consoante os discursos aqui analisados, ser constantemente ordenado e regulado para conter os arroubos prazerosos. Estes aspectos da sociedade não deveriam causar desordens na nação brasileira que almejava progresso e civilidade, tal como nos modelos europeus.

Contudo, para participar desse universo libertino, mas civilizado, e autorizado por uma sexualidade construída como permissível, homens e mulheres deveriam adotar cotidianamente os conselhos, as prescrições e as orientações das reportagens da época. Foram forjados em romances picantes, ilustrações eróticas ou jocosas, poemas eloquentes, propagandas de medicamentos e de cosméticos apelativas verdadeiros manuais para a experiência sexual “controlada”. Em especial, as mulheres eram orientadas a lapidar seu corpo para serem fontes do desejo masculino, como também eram direcionadas a procurar parceiros sexuais saudáveis, robustos, viris e brancos, isto é, homens que representavam o *Smartismo*²⁷⁹. Destarte, através desses discursos se visava fabricar a sujeição de corpos femininos para escolher parceiros ditos ideais para as relações sexuais.

Margareth Rago (2008) destaca que o mundo da prostituição — podemos pensar aqui incluídas as mulheres que compunham esse universo do amor lascivo— destilava práticas eróticas, sexuais e sociais mais refinadas, deslumbrando os parceiros com as regras de condutas sofisticadas, anunciando aos brasileiros, em especial, aos paulistas essas sociabilidades da *Belle Époque*, sintonizando a modernidade brasileira aos padrões da cultura europeia. Nesse sentido, podemos dizer que as prostitutas que tinham contato com esse mundo libidinoso e civilizado eram reguladas torna-se sujeitos sofisticados e para inculcar práticas e comportamentos chiques nos visitantes desse mundo.

No entanto, devemos lembrar o quanto o projeto de civilização moderna excluía as prostitutas do cenário urbano. As cidades e seus alinhamentos modernos não combinavam com a exibição da pobreza e de aspectos como a prostituição. Desse modo, ao normatizar os

²⁷⁸ Margareth Rago (2014) ressalta que a prostituição em Paris no século XIX era vista por um olhar médico e higienista como um mal necessário que precisa ser controlada para inviabilizar o risco de explosão violenta e descontrolada do sexo. Ao estudar o mundo da prostituição percebeu a peculiaridade do saber que foi investido o este mundo. Alexandre Parent-Duchâtelet, médico francês foi incumbido dos trabalhos de reforma urbana de Paris e tinha a utopia de edificar uma cidade sadia e tranquila, e ele realiza um estudo sobre a vida das mulheres públicas e propõe uma forma de controle sanitário e policial da prostituição, conhecida como regulamentarismo. Parent reconhece a prostituição como um mal necessário têm importância capital para a preservação da ordem na cidade, já que são as responsáveis por conter as desordens das paixões sexuais. À vista disso, pensamos que esta ideia de que a prostituição e o sexo lascivo é um mal necessário para a sociedade que precisa ser ordenado e usado a favor da ordem e do progresso, fora incorporado por outras nações, inclusive a brasileira.

²⁷⁹ Natália Peçanha (2013) enfatiza que o *Smartismo* era um modelo de masculinidade presente no período republicano baseado no homem forte, heterossexual, onipotente, viril, moderno, sedutor e elegante.

discursos sobre a experiência da sexualidade as reportagens pesquisadas nos jornais cumpriam também o papel de exclusão, dos cenários modernos, da imagem das prostitutas perambulando pelas cidades.

As mulheres públicas, só poderiam exibir suas imagens nas ruas como mulheres se aparentassem ousadia e elegância. Seus corpos anunciavam uma modernidade decantada: saúde, elegância, progresso, roupas leves, rostos contornados com maquiagem. Corpos que eram uma novidade por estar mais expostos mostrando as curvas femininas com charme e elegância, provocando olhares frenéticos por paixão. Sujeitos femininos excêntricos gestados por uma nova economia do desejo: a sexualidade permissível.

Como já foi referenciado, a sexualidade é um dos dispositivos pelo qual o poder age, regulando corpos, instituindo comportamentos e práticas, formando-se enquanto uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes que fabricam sujeitos, corpos e sexualidades legítimas por meio dessa relação saber-poder²⁸⁰. Torna-se necessário a produção de uma verdade regida por “todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer”²⁸¹ que regulamenta o que pode e o que não pode no campo da sexualidade. Isto posto, a construção do feminino nos jornais abordados explicita uma série de práticas educativas sobre os gestos, os comportamentos, o corpo e as práticas sexuais regulamentadas por uma incitação de verdade sobre a sexualidade.

A fabricação desse feminino e do corpo sedutor é perpassado pelo interesse de inculcar valores e modos próximos do que poderia vir a ser considerado chique, moderno, higiênico e civilizado. Dessa maneira, eram lapidados sujeitos que atendessem as prescrições e orientações para criar uma população mais requintada, até mesmo nos momentos de prazer. Mais do que ter um corpo desejável, comportamentos meticulosamente estudados, vestimentas sedutoras, as mulheres deveriam escolher parceiros sexuais que promettessem um “gozo ardente” e higiênico.

Dentre as regulações que permeavam o mundo das damas lascivas, destacamos o fato de que elas eram orientadas a procurarem companheiros robustos e viris. Este tipo de dama deveria ser verdadeiramente elegante e, ao encontrar um homem robusto e viril, não deveria recusar o convite para a relação sexual, como é possível observar na ilustração abaixo²⁸²:

²⁸⁰ Sobre essa questão ver: (FOUCAULT, 2019)

²⁸¹ (FOUCAULT, 2019, p.82)

²⁸² Legenda. “ Criado — Está ahi o coronel Silverio, que lhe manda o seu cartão e pergunta se a senhora pode recebê-lo. / Ella — Naturalmente que sim: uma mulher *chic* nunca deixa de *receber*... um homem armado...”

Figura 15: Mulher chique, parceiro viril!



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 05/09/1908, n. ° 1060, p.05)

No plano central da ilustração temos uma mulher trajada elegantemente com um vestido decotado que desenhava suas curvas corporais, mostrando-se como portadora de um corpo escultural, de uma pele clara como a neve e de cabelos alinhados e penteados. A sua postura imponente e decidida diz que uma mulher chique nunca deixa um homem viril e importante a esperar. Os membros do Exército e da Polícia eram citados como “homens armados”, constantemente presentes nos jornais, possivelmente uma associação ao pênis ereto, e assim sendo, uma referência à virilidade masculina. E por isto, as mulheres não deviam recusar uma relação sexual com tais sujeitos já que o coronel possuía dois tipos de armamento: o pênis ereto e arma referente a seu cargo representativo de *status*, poder e riqueza.

Nos jornais aparecem enunciados sobre a força física, o *status* social e a virilidades dos homens pertencentes à polícia, às forças militares e as demais forças repreensivas. A seguir um diálogo de uma ilustração em que a dama diz que se o parceiro sexual fosse militar causaria mais prazer em “limpar” a espada: “ELLA. — Pensei que eras official do exercito. Que pena não seres! /ELLE. — Porque ? Então gostas tanto dos militares ?/ ELLA. — Gosto, sim ; todos os homens que são soldados andam sempre armados... Se fosses do exercito, verias com que

prazer eu te limparia a espada!...”²⁸³. Os enunciados apresentados, mostram o efeito de poder dos membros de forças repressivas. Eles são significados como símbolos de *status* e masculinidade, pois eram celebrados como parceiros sexuais perfeitos.

A mulher forjada como bela, elegante e desejável teria como semelhante o homem viril, forte e imponente. Observamos no enunciado acima que comportamentos e gestos estavam sendo institucionalizados como legítimos e distintos para cada gênero e, assim, as relações de gênero foram sendo regularizadas por meio de uma ótica de oposição binária que se complementa e tem coerência por representar polos antagônicos. Isto posto, as noções sobre o feminino e o masculino são construídas como partes integrantes de uma sociedade regida pelo binarismo no interior de relações sociais, culturais e historicamente localizadas, prescrevendo designações, comportamentos adequados para o masculino e o feminino através de um sistema de inteligibilidade cultural²⁸⁴ que forja a heterossexualização do desejo com as oposições assimétricas entre o masculino e o feminino.

A virilidade masculina é uma prática forjada que diz que “o homem deve ser viril para garantir seu lugar como tal”. No caso de ser impotente sexualmente, ele será marginalizado e ridicularizado como fraco e em alguns casos, como homossexual. Essa regulação perpassa as construções de gênero, quando comportamentos e hábitos são instituídos social e culturalmente atribuídos ao sujeito masculino. Além do mais, a figura feminina é sujeitada para fazer uma espécie de “peneira” na hora de escolher parceiros sexuais, optando por relações heterossexuais e por homens com características bem definidas. Essas prescrições podem ser entendidas como estratégias para garantir as estruturas de uma dominação sexista e de uma heterossexualidade compulsória:

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual, o ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo²⁸⁵

As relações sexuais de uma elite ambiciosa por progresso e civilidade foram gestadas a partir da ótica da heterossexualidade compulsória atrelada as relações de gênero, aos

²⁸³ (*O Rio Nu*, 01/09/1909, n.º 1162, p.04)

²⁸⁴ Judith Butler (2019) frisa que os atos, os gestos e os desejos articulados criam a ideia de um núcleo organizado do gênero, criando e regulando uma sexualidade inteligível culturalmente e socialmente através do sistema de referência da heterossexualidade compulsória.

²⁸⁵ (BUTLER, 2019, p.53)

pensamentos higienistas e racistas da época, visto que o saber da imprensa era localizado socialmente e culturalmente. Posto isso, parecia estar na ordem do dia a necessidade de extirpar da sociedade os hábitos, os comportamentos, os gestos, as práticas e os sujeitos que eram considerados inapropriados para alcançar a almejada civilidade.

O indivíduo moderno passa a ser classificado como não civilizado ou civilizado consoante seu estilo de vida, para não ser excluído do progresso e da civilização, ele deveria ser responsável pela “[...] polidez do corpo e do comportamento, do auto regramento nos espaços individualizados nos recintos privados”²⁸⁶, dado que a higiene e o cuidado com a saúde se tornam uma responsabilidade individualizada. Dessa forma, para civilizar e higienizar uma população era necessário medidas higiênicas que compunham prescrições e cuidados cotidianos para lapidar um corpo higiênico, ao mesmo tempo que surge a ideia que para “redimir o Brasil seria saneá-lo, higienizá-lo, uma tarefa obrigatória do governo”²⁸⁷, e assim, aos órgãos federativos cabia o cuidado com a saúde da população, criando políticas de saúde pública e de sanitarismo.

Os discursos que envolviam a sexualidade feminina eram contemplados pela preocupação e necessidade de ser saudável, vendendo a imagem de um corpo moderno cada vez mais limpo, robusto e saudável. Para as mulheres, atingir esse ideal de saúde, deveriam ser redobrados seus cuidados nas relações sexuais, resguardando-se ao evitar parceiros doentes para não contrair doenças: “—Aquelle rapaz quer se atirar, mas eu não o aceito, elle é tão doente, tem o sangue cheio de moléstias. Só o aceitaria se elle tomasse o *Elixir de Nogueira* para ficar curado.”²⁸⁸. Subentende-se por meios desses enunciados que os homens e as mulheres poderiam usufruir com gozo e proteção sua sexualidade no mundo da prostituição sem correr os riscos de contrair uma doença desde que tivessem medidas higiênicas, especialmente, as mulheres que foram responsabilizadas pela tarefa de encontrar parceiros sexuais sadios.

²⁸⁶ (SOARES & MENESES, 2015, p.67)

²⁸⁷ Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman (1996) destaca que o Brasil era visto como um país doente e isso era considerado um entrave para o progresso do país. No começo do século XX, os órgãos federativos começaram a se organizar uma ação mais coordenada dos poderes para controlar a saúde da população, distribuindo competências aos órgãos responsáveis pelo quadro sanitário, mas foi sobretudo, na década de 1910 que os problemas da saúde pública se tornam uma pauta importante no debate político do país.

²⁸⁸ Trecho retirado de uma propaganda do medicamento Elixir de Nogueira em formato de ilustração (*O Rio Nu*, 05/03/1910, n.º 1214, p. 04)

A finalidade do discurso ia além de vender o *Elixir de Nogueira*²⁸⁹, uma vez que visava também reforçar as ideias higienistas e instruir comportamentos referentes as relações sexuais de homens e mulheres, esses anúncios lançavam mão da prerrogativa que o Brasil necessitava de corpos limpos, saudáveis e robustos. Como disse Iranilson Buriti de Oliveira (2003), a importância da higiene e da saúde corporal era divulgada através de várias instâncias pedagógicas presentes no Brasil Republicano, reforçando a necessidade de ter um corpo nacional forte, viril, higiênico e limpo.

Tendo em vista que a sexualidade permissível deveria ser sinônimo de limpeza, saúde, civilidade e prazer, a mulher lasciva deveria ser construída como um sujeito longe do campo da degeneração, da incivilidade, da doença, do perigo, das ameaças venéreas. Destarte, esses enunciados presentes nos anúncios de medicamentos visavam fabricar sujeitos saudáveis e limpos, regularizando as mulheres para cuidar do seu corpo e alertando para escolher parceiros sexuais limpos e sadios e assim, evitando emergência de uma população doente e degenerada.

Para esta nação que estava dando seus primeiros passos para alcançar ares de modernidade e de civilidade, tornou-se indispensável regularizar a população, principalmente os sujeitos ativos da vida lasciva, a terem comportamentos e práticas sexuais próximas dos valores republicanos como civilidade e higienização. Na medida em que a higiene e a saúde eram consideradas como uma forma de progresso e aprimoramento físico, estar limpo e saudável era sinônimo de ser moderno e civilizado, para atingir o ideal de uma vida refinada e higiênica, as mulheres eram reguladas constantemente a ter parceiros sexuais limpos e saudáveis.

Se por um lado, a mulher burguesa deveria investir no cuidado coletivo dos corpos do seio familiar na qual “[...]alicerçada com os saberes médico e educacional, modelava a família aos discursos político-institucionais e à ordem republicana”²⁹⁰, em contrapartida, a mulher pública devia investir no cuidado de sua saúde corporal, mantendo-se limpa e saudável, mas também escolhendo companheiros que fosse alienado ao discurso higienista. A passagem retirada de uma ilustração entre uma jovem moça e um senhor muito bem vestido explicita a questão: “— Minha senhora, soube que V. Ex. só gosta de velhos e por isso.../ — Sim... mas de

²⁸⁹ Elixir de Nogueira era um remédio promovido como "o grande depurativo do sangue" e prometia a cura da sífilis. A fórmula era composta de noqueira, caroba, salsa e guáiaço. Esta fórmula foi inventada pelo farmacêutico químico João da Silva Silveira. As propagandas desse medicamento são assíduas em ambos os jornais estudados.

²⁹⁰(OLIVEIRA, 2003, p.15)

velhos limpos; o senhor está muito *sujo*... Tome *Elixir de Nogueira, limpe-se e volte*...”²⁹¹. Nesse caso, uma maneira da dama lasciva cuidar de seu próprio corpo era evitar contato sexual com parceiros doentes e sujos.

Observamos uma forte presença de enunciados, principalmente anúncios de medicamentos, que alertavam sobre os perigos das enfermidades sexualmente transmissíveis, mostrando que havia um interesse em propagar um ideal de um corpo e um sexo civilizado e higiênico. Acreditamos que além de concretizar o projeto de modernização, civilização e higienização no aparato físico do Rio de Janeiro, seria crucial remodelar os corpos das mulheres a hábitos e práticas higiênicas, evitando a proliferação de doenças principalmente por vias sexuais. Azemar Soares (2011, p.60) frisa que o corpo sujo e doente é visto como um flagelo e deveria ser excluído para proteger os corpos saudáveis:

O primeiro e principal cuidado refere-se diretamente ao corpo, que deve ser hígido. Mais que uma obrigação, a limpeza corporal era uma forma de evitar o contágio da doença, e, por se tratar de uma doença contagiosa, o corpo deveria ser protegido, resguardado de todo contato com lugares e objetos suspeitos de infecção.

O sujo e o doente deveriam ser extirpados das relações sexuais, dado que o mundo lascivo deveria ser regularizado para ser cada vez mais limpo, sadio e civilizado, não causando estorvos na ordem e no progresso republicano. Percebemos que a beleza masculina não era um predicado tão impositivo quanto a beleza feminina. Era exigido dos sujeitos masculinos robustez, saúde e virilidade para compor o âmbito da voluptuosidade civilizada.

Por esta razão os parceiros sexuais não eram necessariamente jovens, desde que fossem saudáveis e viris já eram considerados uma boa escolha. É importante salientarmos que a velhice dos homens é um tema que compõe o cenário dos jornais de modo díspar, ora eles emergem como impotentes, noutras como ricos ou viris. A impotência sexual era escarnejada como um símbolo de fracasso masculino, frequentemente associado a homens alcoólatras e idosos²⁹². No entanto, a velhice não parece ser um obstáculo para as mulheres manterem relações sexuais com esses homens, ao contrário, a falta de potência sexual era vista como um elemento que os excluía, posto que a disfunção erétil era retratada como um problema seríssimo

²⁹¹ Trecho retirado de uma ilustração (*O Rio Nu*, 27/01/1912, n.º 1411, p. 05)

²⁹² Natalia Peçanha (2013) enfatiza que o jornal *O Rio Nu* destacou perfis que não eram condizentes com o *smartismo* e que atacavam a virilidade masculina, como por exemplo, a homossexualidade, o alcoolismo, a impotência sexual, a ociosidade, as relações inter-raciais.

que podia acarretar o fim de uma vida sexual²⁹³. Diante desse contexto de anseio por uma virilidade masculina emergem enunciados que irão prescrever que as mulheres deveriam procurar homens robustos e viris, regularizando e educando homens e mulheres em suas vidas sexuais.

Nessa perspectiva, notamos que mais do que prescrever e valorizar quais seriam os modernos e civilizados modos de comportar-se e vestir-se, os jornais procuravam criar regulações sobre quais parceiros sexuais seriam indicados para as mulheres lascivas. Essas mulheres eram orientadas a não se relacionarem com homens negros por meio de discursos que produziram as relações inter-raciais como perigosas uma vez que se acreditava que “o povo brasileiro se tornaria cada vez mais branco, e ao mesmo tempo, defendiam a beleza resultante do cruzamento entre pessoas saudáveis”²⁹⁴. Esse tipo de relação era condenado e ridicularizado, evidenciando a forte presença de preconceito e marginalização da população negra. O poema abaixo explicita como a relação entre uma mulher branca e um homem negro era censurada:

Em reservada, em íntima palestra,
Falam de seus *amores*
A Elvira — que é provecta abelha-mestra,
Habituada a rubras, brancas flores
De Estylo... moderníssimo—
E a loura Esther—mais nova, ou menos velha
Do que o *popularíssimo*:
—Não faças tal (Elvira lhe aconselha)
Não faças tal, Esther!
Pois tu, que és sedutora, és fascinante,
Não moça, mas, emfim... boa mulher,
Escolhes para amante
Um negro... um preto!... Oh! Nem sei que mais diga!»
— Eu digo o resto, e não vás mais adiante:
As «coisas andam pretas», minha amiga...²⁹⁵

O conselho, em tom de censura, dado a Elvira ecoa para todas as mulheres: uma dama requintada e sedutora não devia ter um homem negro como amante. Por meio desse poema que expressa uma conversa entre duas figuras do sexo feminino, é engessado uma série de sujeições do corpo feminino sobre a escolha dos parceiros sexuais: uma mulher de “estilo moderníssimo” e requintada não deveria ter relações inter-raciais para não romper com os códigos regidos por hierarquias raciais, sociais e de gênero estabelecidas socialmente e historicamente.

²⁹³ Natalia Peçanha (2013) destaca que a impotência sexual passa a ser um dos piores problemas que podiam acometer ao sujeito masculino. Os homens que sofriam desse problema eram alvos de preconceitos por não desempenhar “o papel de homem viril”.

²⁹⁴ (SANT’ANNA, 2014, p.76)

²⁹⁵ Poema *É da vida...* assinado por Escaravelho. (*O Rio Nu*, 27/06/1908, n.º 1060, p.02)

Elvira depois de ouvir as censuras da amiga tenta justificar dizendo que “as coisas andam pretas”, fazendo uma associação da cor negra ao horizonte de algo ruim e/ou à uma situação negativa. Assim, em tom irônico e racista, ela utiliza uma linguagem pejorativa e depreciativa para explicar a escolha de um parceiro negro. O racismo estava presente cotidianamente através de expressões, comportamentos e práticas que desqualificavam a cor negra, naturalizando valores à população negra como a incivilidade, pobreza e selvageria.

Não havia espaço para uma dama de pele alva ter um amante fora de sua classe social e “racial”, já que isto abalaria as premissas da dominação masculina, hierárquica e racial presente na sociedade republicana. Esse período é marcado pela importação e incorporação de ideias europeias, científicas e racistas, presente na conjuntura da pós-abolição e da recém proclamada República desejosa de ser progressista e cada vez mais branca, quando os estigmas e a aversão a população negra eram usados para realçar as estratificações²⁹⁶. Tendo em vista que a maioria dos discursos apontavam para uma visão fálica do mundo, destaca-se que nesse contexto “aumentava os anseios dos homens da República em consolidar uma ordem capitalista burguesa, inventando novas maneiras de disciplinarizar o corpo social e definir o futuro político-social da nação”²⁹⁷. E, assim, os jornais lançavam regularizações sobre os sujeitos femininos e ratificavam um discurso que pregava preconceitos e estigmas sobre os sujeitos que não se inseriam no padrão normativo, e assim, intensificava a estratificação ao criar hierarquias de gênero, raça e classe.

Ao longo do poema, percebemos adjetivos como modernidade, sensualidade, beleza, bondade associadas às mulheres (brancas) enquanto o amante negro representa o oposto a estes predicados, explicitando a desqualificação do elemento negro²⁹⁸, demarcando os papéis dos sujeitos brancos e negros. Lilia Moritz Schwarcz (1987) ressalta que na imprensa paulista do final do século XIX, o senhor branco era representado como um indivíduo estimado, distinto, civilizado, em oposição ao negro que aparecia como bárbaro, pouco civilizado, muitas vezes visto como um degenerado compulsivo e violento. Por meio desses enunciados publicados na imprensa humorística/pornográfica, percebemos que a imagem da população negra não se distanciava da apresentada pela autora.

²⁹⁶ Sobre essa questão ver: (SCHWARCZ, 1993)

²⁹⁷ (OLIVEIRA, 2002. p.213)

²⁹⁸ Pietra Diwan (2018) pontua que antes da eugenia chegar no Brasil nos anos 1920, o racismo e a teoria degeneracionista já tinha conquistado os intelectuais brasileiros. Essas teorias eram importadas da Europa através de expedições científicas e eram trazidas pelos filhos da elite republicana que estudavam fora. E assim, essas teorias eram usadas para justificar a inferioridade dos negros, e a impossibilidade de progresso no Brasil.

Figura 16: *Ops, um membro negro!*



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 22/09/1909, n.º 1168, p.04)

O Brasil desejava ser associado à imagem de uma nação moderna, civilizada, industrial e cada vez mais branca. A população negra fora vista como um entrave à conquista desses valores da modernidade. Posto que, os olhares e os preconceitos da sociedade brasileira sobre os negros não mudaram com a Lei Áurea²⁹⁹, perdurando ainda e se tornando um elemento para estratificar e justificar as desigualdades raciais e sociais na recém nação republicana³⁰⁰. A população negra foi excluída dos privilégios que a modernidade oferecia, assim como fora considerada um elemento depreciativo da sociedade brasileira. Na ilustração acima (figura 16)³⁰¹, podemos ver o tom irônico e preconceituoso ao ser apresentada uma possível relação inter-racial:

A dama da referida imagem está trajada com uma roupa íntima decotada marcando as curvas corporais com elegância e sensualidade. A sua expressão facial a demonstra, aparentemente, pensativa e reflexiva por se encontrar no âmbito íntimo com um homem negro.

²⁹⁹ Lei sancionada em 13 de maio de 1888 pela princesa Isabel que extinguiu oficialmente a escravidão no Brasil.

³⁰⁰ Sobre essa questão ver: (SCHWARCZ, 1993)

³⁰¹ Legenda: “— Ora *madama*, *vosmecê* parece que se arrependeu de me *arrecebê*... mas não há razão p’ra isso. Eu sô *home* distincto e membro das *Coimbra*! — Sim, mas... como é a primeira vez que recebo um membro preto...!”

A imagem a apresenta de costas para este homem, demonstrando uma nítida falta de interesse pela figura masculina que se apresenta. Ela, por sua vez, é desenhada com traços finos e delicados: nariz, lábios, mãos e rosto. O personagem masculino está bem vestido e calçado uma vez que “queriam e precisavam conseguir se fazer aceitos por uma sociedade dominante exigente e racista, o uso do modelo branco/europeu de vestir passaria a ser praticamente uma norma”³⁰². De forma diferente da moça, o homem negro é apresentado com características estereotipadas: lábios volumosos, nariz arredondado, cabelos crespos, mãos grossas e rosto arredondado. Os traços físicos do negro apresentados reforçam uma naturalização da fisionomia caricaturesca dos negros em oposição aos corpos brancos: “[...] O brutal preconceito existente no Brasil diante da pele negra e do cabelo ‘carapinha’ foi exposto sem grandes pudores em jornais e revistas”³⁰³.

O personagem negro utiliza de vários símbolos de um homem distinto e nos moldes europeus, principalmente através das vestimentas. E, para tentar se esquivar dos estigmas da escravidão, utilizava como estratégia se “[...] retratar como os ditos brancos da sociedade, fazendo uso de seu modo de vestir e posar à européia, numa tentativa de abrir caminho naquela sociedade exigente, competitiva e racista, e de se fazerem aceitas (ou toleradas)”³⁰⁴. No caso específico da ilustração, o homem negro provavelmente não conseguiria ter relações sexuais com a dama lasciva porque ela parece estar surpresa e indecisa se deve aceitá-lo.

O sujeito se apresenta enquanto um distinto membro, porém utiliza um vocabulário muito coloquial e colonial³⁰⁵ expressando-se por palavras como “vosmecê”, “arrecebê”, “sô”, “home”, buscando demonstrar com piadas que uma roupa elegante não faria um homem negro ser culto. Nesse sentido, o personagem é representado com características físicas grotescas e com um linguajar que traz resquícios da escravidão. Para ridicularizar e censurar as relações inter-raciais, o negro aparecia como um sujeito que era explicado a partir de resquícios de um passado escravocrata e características físicas e comportamentais estigmatizadas como animais e rudes, e assim, distanciava-se dos padrões de civilidade e de modernidade

³⁰² (KOUTSOUKOS, 2006, p.81)

³⁰³ (SANT’ANNA, 2014, p.77)

³⁰⁴ (KOUTSOUKOS, 2006, p.79-80)

³⁰⁵ Clézio Roberto Gonçalves (2010) explica que o uso de palavras como vosmecê, eram formas populares de dizer “Vossa Mercê” na época da colonização do Brasil. A falta de escolarização por grande parte da massa populacional no Brasil colonial favorecia a disseminação de modificações coloquiais no emprego da língua portuguesa, como também a presença da mão-de-obra escrava. Já a elite podia mandar os filhos estudar em Portugal, se desenvolvia uma língua mais cuidada, inclusive produzindo literatura. Sobre essa questão, ver: GONÇALVES, Clézio Roberto. De vossa mercê a cê: caminhos, percursos e trilhas. In: **Cadernos do CNLF**, Vol. XIV, Nº 4, t. 3. Rio de Janeiro: CíFEFiL, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/> acesso em 17 jun.2020.

republicana³⁰⁶. A presença de uma pessoa negra em uma fotografia ou ilustração já era sinal do passado da escravidão negra³⁰⁷ no Brasil. Como sabemos, esse lugar de escravo, construiu até os dias atuais a visibilidade para homens e mulheres afrodescendentes eivado de preconceitos e de opressão.

O corpo de uma mulher branca era símbolo de beleza, sensualidade e de pureza racial e não podia ser violado por um homem negro mesmo no âmbito do sexo libidinoso, tornando as relações inter-raciais como perigosas e incivilizadas para uma sociedade que se pretendia cada vez mais branca, e estratificada em hierarquias raciais e de gênero. O receio da moça, aparentado em um certo susto na imagem, reforça a ideia de que homens negros não deveriam frequentar, de acordo com as “regras” sociais tecidas, os recônditos íntimos de figuras femininas brancas e luxuosas. Em outra ilustração que apresenta um cenário similar de um possível encontro de uma moça branca e um rapaz negro tal qual se faz notar o preconceito racial: “ — Estou indecisa... Não sei se deva... Ele é preto... De que côr será o dinheiro d'elle?...”³⁰⁸. Apesar do homem negro ter dinheiro, ela fica receosa ao recebê-lo como parceiro sexual. Esse enunciado mostra que mesmo se tratando de um negro rico, a cor dele é um entrave a efetivação do encontro sexual, destacando o caráter insólito dessas relações.

Natalia Peçanha (2012, p.09) salienta a função disciplinadora do Jornal *O Rio Nu* do homem civilizado, e no decorrer de seu estudo, ela pontua que o jornal demonstra sua posição em relação a população negra, associando-a a costumes e práticas incivilizadas que não seriam condizentes com o período republicano e, assim, se aproximando de um discurso que via a miscigenação como negativo e degenerativo para a população: “Apesar de seu discurso pregar uma liberdade moral, com seu linguajar malicioso, seus discursos mostravam-se concernentes aos propalados por uma elite atenta aos debates médicos e às discussões acerca da civilização que se pretendia chegar.”. Dessa maneira, a população negra, homens e mulheres, eram excluídos e excluídas desse projeto republicano de civilidade e progresso, sendo considerados como entraves a efetivação do projeto.

A sexualidade está longe de ser apenas uma livre satisfação de desejo, ela perpassa por regularizações que antecede a própria relação sexual: a preparação de um corpo sensual, a

³⁰⁶ Lilia Moritz Schwarcz (1987) também acentua que na imprensa paulista do final do século XIX, a população negra era representada como símbolo da barbárie, pobreza, incivilidade, e era um entrave ao progresso da jovem República.

³⁰⁷ (KOUTSOUKOS, 2006)

³⁰⁸ (*O Rio Nu*, 07/12/1910, n.º 1293, p.05)

lapidação de corpos saudáveis, robustos, ornamentados e requintados e a escolha sutilmente direcionada para parceiros sexuais regularizados pelo discurso vigente. A modernidade anuncia-se como uma época de liberdades, progresso e felicidade, no entanto, ela está regida por códigos bem definidos e normatizadores. Sendo assim, a noção de civilidade é antagônica a da livre satisfação do desejo e o progresso é acompanhado por sacrifícios anunciados como necessários³⁰⁹.

O consumo de uma imprensa pornográfica passa a ser instrumento educador de ressignificações e transformações do seu público leitor. Ao vender um modo de satisfazer os desejos que podem ser consumidos e até aperfeiçoados, ela instaura, induz e incita discursos que visam regular os gestos, os modos de vivenciar a sexualidade. Por conseguinte, a instauração dessas práticas educativas, sobre as escolhas dos parceiros sexuais das mulheres, forjadas em enunciados que orientavam, prescreviam, alertavam e vigiavam sutilmente o corpo e a sexualidade, tornaram a imprensa pornográfica/humorística um importante meio pedagógico de vigilância sobre o sujeito feminino. Assim como, esse tipo de imprensa é detentora de um biopoder sobre esses sujeitos, ao regular seus gestos e práticas cotidianas para produzir corpos saudáveis e robustos para um Brasil republicano desejoso por uma população limpa e saudável.

Esses discursos visavam estabelecer medidas, prescrições e cuidados para melhorar a vida sexual da população mundana, a fim de produzir corpos dóceis e produtivos. A biopolítica regula a população e seus comportamentos, isto é, intervenções e controles sobre o corpo-espécie: proliferação, nascimento e a mortalidade, longevidade, nível da saúde³¹⁰. Ao controlar a sexualidade através de tecnologias de poder, como o biopoder, intensificam-se os cuidados com o nível da saúde para fabricar sujeitos produtivos, positivos, saudáveis e submissos. Desse modo, por meios de enunciados gestavam-se comportamentos e cuidados pautados em ideias higiênicas e raciais presentes no contexto para melhorar a administração da saúde da preocupação com a aparência dos corpos

Os jornais prometiam aos seus leitores rir das situações banais e provocar o gozo através de romances, poemas e iconografias eróticas e, para além disso, através desse clima jocoso e erótico regularizavam os códigos e as práticas do corpo e da sexualidade feminina, preparando-a para ter um corpo lapidado, comportamentos refinados, trajes luxuosos e provocativos, e escolher parceiros sexuais brancos e viris. Entendemos que os discursos aqui apresentados

³⁰⁹ (CORBIN,2012, p.182)

³¹⁰ (FOUCAULT, 2019)

foram construídos discursivamente e performaticamente e, não naturalmente, fabricando gestos, comportamentos e práticas sexuais autorizadas como verdadeiras e legítimas para o feminino. Portanto, a imprensa de cunho humorística/pornográfica foi um instrumento de poder construtor de práticas educativas sobre os corpos do público leitor.

**CENÁRIO III- “DELÍCIAS DE LASCIVO AMOR”: O TERRITÓRIO DAS
PRÁTICAS SEXUAIS ENTRE O PERMISSÍVEL E O PROIBIDO**

Soneto

*Quisera em tua boca perfumada
Depor um beijo de paixão carnal...
[...]*

*Beijar-te olhos, esses olhos bellos
Que seduzem em doce rutilar,
E os seios lubricos dos meus anhelos,
Onde delicias mil góso a sonhar.*

*Acariciando docemente os pomos
— Esses teus seios de nevada cór —
Tudo olvidar, os míseros que somos !*

*E assim beijando o corpo teu, de neve,
Fruir delicias de lascivo amor,
Deixar que a vida vá passando breve*

*Hermantino Coelho
(O Rio Nu, 24/05/1911, n. ° 1340, p.05)*

No **Cenário III- “Delícias de lascivo amor”**: o território das práticas sexuais entre o **permissível e o proibido** discutiremos as regulações sobre a sexualidade e as práticas sexuais legitimadas para as mulheres lascivas por meio da ótica do sexo moderno e civilizado principalmente aquelas que são construídas no arcabouço imagético (fotografias e legendas) que aparecem ao lado de poemas e/ou legendas eróticas. Neste cenário nos apropriaremos das contribuições de Judith Butler sobre o gênero, a sujeição dos corpos e a heterossexualização compulsória.

Este cenário é composto por três cenas: na primeira cena **“O gozo só por norma”**: as **zonas erógenas do corpo feminino para o prazer masculino** abordaremos a fabricação do amor venal a partir da exploração das zonas erógenas do corpo feminino para o prazer masculino, e assim projetando uma relação sexual que pode ultrapassar os limites do pudor para satisfazer os desejos sexuais; Na **cena II - “Poses que seduzem”**: **performances femininas para o prazer masculino** analisaremos as regulações sobre as performances femininas nas relações sexuais e relação dessas posições sexuais com os lugares que o feminino deveria ocupar na sociedade brasileira da época. E na última cena **“Penetra no prazer pelo moderno”**: **o sexo voluptuoso por meio das práticas sexuais permissíveis** frisaremos as práticas sexuais permissíveis para as mulheres públicas, explorando as permissões e interdições que permeavam práticas como o sexo oral e anal para a construção de um sexo moderno, prazeroso, mas que não ferisse os princípios da heterossexualização compulsória.

CENA I- “O GOZO SÓ POR NORMA”³¹¹: AS ZONAS ERÓGENAS DO CORPO FEMININO PARA O PRAZER MASCULINO

*Seu rostinho petulante
Faz crêr no amor aos mais leigos...
Porém, passemos adeante:
Que quadris! Que seios meigos!*

*Que pernas encantadoras
Excitantes de prazer!
São divinaes, sedutoras...
E fazem entontecer...*

*Ventre redondo e macio
Da mais impecavel forma. . .
Nos arrasta ao desvario
Tendo o gozo só por norma!³¹²*

O prazer sexual era o objetivo das relações sexuais do âmbito lascivo. Essas relações, comumente, eram descritas nas reportagens como inebriantes e voluptuosas nas quais era permitida a exploração das zonas erógenas do corpo feminino para satisfazer os fetiches sexuais que não poderiam ser explorados no matrimônio. Observamos na epígrafe acima que o corpo feminino é descrito como um espaço de desvario e prazer no qual possibilita chegar ao gozo sem normas asfixiantes. Posto isso, nessa cena analisaremos a fabricação do amor venal a partir da exploração das zonas erógenas do corpo feminino para o prazer masculino, e assim criando uma relação sexual que poderia ultrapassar os limites do pudor para satisfazer os desejos sexuais. Frisando como esse corpo torna-se lugar supremo do prazer e a sua relação com a heterossexualização do desejo.

Nas primeiras décadas do século XX, os jornais e revistas brasileiras anunciavam as diferentes práticas ditas civilizadas e requintadas de uma sociedade em busca de progresso e, desse modo, a imprensa se tornou um importante porta-voz do discurso de modernização³¹³, devido a rapidez e legitimidade de suas narrativas, valorizando e justificando a ideologia do progresso para enquadrar os supostos desordenados e os não civilizados. O desejo de construção de uma nação dita civilizada e moderna também pretendia inculcar comportamentos, gestos e práticas sexuais para homens e mulheres.

³¹¹ Trechos retirados do poema *de cobiçar...* assinado por *Quimquim*. Este poema está acompanhado de uma fotografia de uma mulher nua. Segundo a informação do Jornal *O Rio Nu*, esta fotografia foi originalmente publicada na revista francesa *L'Etude Academique*. (*O Rio Nu*, 18/01/1911, n.º 1305, p.01)

³¹² *Idem*.

³¹³ (BARBOSA, 2007)

Como vimos anteriormente, os discursos, presentes nos jornais abordados, eram lançados para uma sociedade recém-republicana alicerçada em pensamentos sexistas e racistas tentar convencer seu público leitor que o sexo lascivo é prazeroso e civilizado posto que seja consumado em corpos limpos, vigorosos, sadios e brancos. Uma vez que o “[...] amor caracterizado como moderno é apresentado como um ato sexual destinado apenas ao prazer, por isso muitas vezes o homem não o resiste. Porém, tal prática deveria ser realizada somente com ‘mulheres da vida’, ou seja, as prostitutas”³¹⁴. Os devaneios sexuais e os fetiches sexuais poderiam ser realizados em corpos femininos autorizados a vivenciar a sexualidade lasciva, pois neste contexto existe uma clara distinção na esfera sexual que dever ser respeitado: o amor puro dedicado as esposas para a geração da prole e o “amor venal”³¹⁵ especialmente para voltado para a satisfação sexual.

As relações sexuais do âmbito lascivo eram apresentadas aos leitores como palco de ‘festim do prazer, inebriante’ e no qual corpos ‘ergue-se freneticamente’ preocupados apenas com ‘a amplidão do gozo’³¹⁶. Esse amor sexual, anunciado nos versos eróticos, nas ilustrações provocativas e na nudez explícitas das fotografias é decantando como capaz de provocar um prazer voraz e saciar os desejos das carnes ardentes de quem procurava gozar a sexualidade. Nesta acepção, no mundo lascivo, os homens ficavam encantados, preferencialmente, por “mulheres brancas e de carne ardente como fogo”³¹⁷ para que os propiciasse desejos frenéticos e prazer sexual.

Os jornais demonstravam às suas leitoras que os homens ansiavam por encontros sexuais sem pudor, nos quais a luxúria e o prazer sexual eram uma regra a ser seguida. Sentir as carícias, beijar e tocar o corpo, nas relações sexuais do âmbito lascivo, não era uma imoralidade, mas procedimentos sedutores e excelentes para atingir o gozo³¹⁸. No trecho abaixo observamos os desejos frenéticos que um homem esperava sentir numa relação sexual:

Eu queria sentir o contacto quente e tremulo da tua pelle assetinada, estremecendo de goso infindo, revolvendo-se de luxúria ou petrificando-se em longos espasmos!
Eu queria aspirar em louca ancia de inebriamento o odôr morno que se evolaria de ti!

³¹⁴ (PEÇANHA, 2013, p.68)

³¹⁵ Como foi dito anteriormente, as relações sexuais no âmbito público eram aceitas para controlar os instintos sexuais que não poderiam ser realizados no casamento. Sobre esta questão ver: (RAGO, 2008)

³¹⁶ Trechos retirados do poema *Volúpia e raiva* assinado por *Juca do Rio*. (*O Rio Nu*, 11/10/1911, n.º 1380, p.07)

³¹⁷ Afirmação inspirada no trecho retirado do romance *Iniciação* escrito por Danilo: “[...] mulher branca como a neve, loura como o sol e ardente como o próprio fogo...”. Neste romance, a personagem principal é descrita como sensual, bela e muito experiente em iniciar os homens na vida sexual. (*O Rio Nu*, 02/04/1913, n.º 1531, p.06)

³¹⁸ Aqui nos apropriamos da ideia presente no contexto de que o sexo lascivo fora do casamento era essencial para iniciar sexualmente e realizar as fantasias sexuais dos homens, assim como também para proteger a honra das moças casaduras e senhoras casadas.

[...]

Eu queria fazer-te gozar todos os desvairamentos do amor impetuoso e ver-te sofrer horríveis torturas, desvairada, a meus pés!

Eu queria, qual humilde cão, lambe-te o corpo todo e, qual féra, mordel-o, esphacelalo!³¹⁹

O sujeito masculino buscava, no âmbito das relações lascivas, um corpo sedutor e robusto que promettesse momentos de luxúria e saciasse os seus impulsos sexuais. A mulher tornava-se escrava do desejo masculino, quando deveria ser saciado o prazer masculino e o corpo feminino estaria subordinado a esta função. Como notamos acima, o toque no corpo feminino é permitido e celebrado dado que as carícias, fantasias e beijos são ações que devem ser explorados para “fruir o supremo gozo”³²⁰ e saciar os desejos mais desvariados do homem.

Esses enunciados construía a ideia de que o sexo lascivo era cenário de prazer sexual por permitir o toque, as carícias e a exploração do corpo feminino sem as amarras do leito conjugal. Posto isto, ressaltamos que essas prescrições eram destinadas às mulheres públicas já que a relação sexual para as esposas só tinha a função de gerar filhos saudáveis. A mulher, “[...] e não deve se importar se o marido satisfizer seus incontroláveis desejos de macho nos braços de outras. Amor contido, regrado, higiênico é o do leito conjugal.”³²¹. O homem, mesmo casado, poderia ter relações extraconjugais para saciar seus desejos para não ferir a norma do “amor regrado” do matrimônio.

[...] a teoria da diferença biológica dos sexos foi utilizada de maneira extremamente conservadora para justificar tanto a opressão machista sobre a mulher, quanto sua exclusão do campo da vida pública, num momento em que estava em jogo o debate sobre os direitos de cidadania na sociedade. Além do mais, se biologicamente se provava que a sexualidade masculina era muito mais exigente e agressiva que a feminina, é claro que se justificava plenamente a existência de um espaço desejante na cidade, destinado exclusivamente à satisfação do prazer masculino³²²

Trata-se de um discurso alicerçado em uma matriz sexista que permitia ao sexo masculino transitar no mundo conjugal e libertino sem ser julgado ou condenando pela sociedade, ao contrário, das figuras femininas que são classificadas segundo os olhos sexistas que dividem as mulheres entre “honradas” para casar e “lasciva/pública/libertina” para o sexo.

³¹⁹ Fragmento retirado de uma “espécie” de romance *Fúria de desejos*. Assinado por *Portos*. (*O Rio Nu*, 25/04/1914, n.º 1592, p. 02)

³²⁰ Fragmento retirado do poema *dez de abril* assinado por *Rolefdonc*: “ Eu tinha mil caprichos, fantasias, / almejando fruir supremo gozo/ beijava com ardor, como bem vias, teus lábios e teu colo setinoso.”. (*O Rio Nu*, 31/10/1914, n.º 1619, p.06).

³²¹ (PINSKY, 2013, p.487).

³²² (RAGO, 2008, p. 190)

No sexo lascivo, as carícias e os beijos eram autorizados para fomentar o desejo sexual e garantir um prazer sexual intenso e quente, como no poema abaixo: “Tenho fome de ti! Quizera dar-te/ Dentadas de deixar-te as carnes roxas, / Sugar-te os lindos seios e beijar-te/ Os pés, as pernas, as roliças coxas [...]”³²³. A intensidade das relações sexuais, no âmbito lascivo, é autorizada para saciar e conter os impulsos do prazer sem prejudicar a ordem burguesa da castidade e pureza no casamento.

Os jornais criavam e institucionalizavam enunciados para construir uma sexualidade autorizada pela ótica civilizatória e higiênica, mas que, ao mesmo tempo, fosse prazeroso para conter e satisfazer uma parcela da população que ansiava por vivenciar os arroubos do prazer — principalmente, o público masculino possuidor de instintos sexuais que necessitam ser saciados e que também saberia experimentar os prazeres sem se desviar³²⁴, diferentemente das mulheres. Nesse sentido, era interessante economicamente e politicamente controlar a sexualidade permissível autorizando os prazeres no âmbito público para manter a ordem nas relações matrimoniais, e assim, um seletivo grupo foi autorizada a ter prazer sexual, preferencialmente, ‘corpos brancos, rijos, perfumados e nus’³²⁵ entrelaçados em busca de experimentar os prazeres de um sexo lascivo e voluptuoso.

Dentre as partes corporais que aparecem nos enunciados, os seios ocupam um lugar privilegiado por ser mais frequentemente citado e posto como um atributo feminino fascinante e excitante, principalmente, se apresentar-se enquanto branco, rijo. No poema *Contemplativa* é observado que os seios é elemento de desejo masculino:

Fitando os próprios contornos,
O espelho tendo na mão,
Essa diva os seios mornos
Contempla, em admiração!

Sabe que os tem sedutores...
E não cessa de os fitar,
Pois, são mesmo tentadores...
E... de rijeza sem par!

Fita-os, por isso, orgulhosa
E conscia do seu valor...
Porque sabe, essa vaidosa,
Que elles transpiram calor...

³²³ Trecho retirado do poema *Birvir!...* assinado por SP. (*O Rio Nu*, 05/09/1914, n.º 1611, p. 05)

³²⁴ Alessandra El Far (2004) afirma que segundo a concepção da época, os homens saberiam provar dos prazeres libidinosos sem se tornar um ser desviante pois eles eram conscientes de que a família seria o verdadeiro espaço de seus afetos. No entanto, essa regra não se aplicar ao feminino pois eram consideradas frágeis e suscetíveis.

³²⁵ Trechos baseados no poema *Brazil-Argentina* assinado por Capitão Eunico. “Esse teu corpo de ideal brancura/ Onde canta a volúpia e o gozo mora/[...] Vem commigo gozar a primavera/ Da tua carne fresca, rija e clara [...]”. (*O Rio Nu*, 14/09/1910, n.º 1269, p.06)

E que nos fazem sentir
 P'los *nervos* fortes abalos...
 Fazendo tambem nutrir
 O desejo de... trincal-os!...³²⁶

Uma modelo nua que contempla o seu corpo, principalmente os seios novos e rijos, avaliando que estes são objetos de sedução e tentação capaz de provocar excitação e prazer nos homens. Este poema está ao lado de uma fotografia de uma mulher branca seminua sentada em uma cadeira olhando-se no espelho que está em sua mão, exibindo os seios e a genitália está coberta com um pequeno e leve tecido. A mensagem é transmitida através das palavras eloquentes e da imagem provocativa, promovendo uma educação do olhar, em homens e mulheres, sobre o seio feminino como espaço de sedução e prazer masculino.

Este cenário de contemplar o próprio corpo promove ares de sensualidade, cercando os leitores nesta cena com intuito de provocar sensações de encantamento, luxúria e prazer. Este momento também é um espaço em que a mulher vigia seu corpo, atribuindo beleza, vigor, contemplando os pontos sensuais do corpo: “São recorrentes as cenas da mulher bonita, prostituta ou em vias de sê-lo, que admira e descobre seu corpo, sua nudez, suas partes mais sensuais diante do espelho, isto é, no mesmo movimento em que redefine sua auto-imagem”³²⁷.

No enunciado abaixo, é possível notarmos a presença dos seios em toda relação sexual e como esta parte do corpo feminino compõe o enredo do prazer e da luxúria dos amores libertinos:

Quisera em tua boca perfumada
 Depor um beijo de paixão carnal.,
 [...]
 E os seios lubricos dos meus anhelos,
 Onde delicias mil góso a sonhar.

Acariciando docemente os pomos
 — Esses teus seios de nevada cór —
 Tudo olvidar, os míseros que somos !

E assim beijando o corpo teu, de neve,
 Fruir delicias de lascivo amor,
 Deixar que a vida vá passando breve³²⁸

³²⁶ Poema *Contemplativa* assinado por *Tostinha*. A fotografia foi originalmente publicada na revista francesa *L'Etude Academique*. (*O Rio Nu*, 10/06/1911, n.º 1345, p.01)

³²⁷ (RAGO, 2008, p. 216)

³²⁸ Poema *Soneto* assinado por *Hermantino Coelho*. (*O Rio Nu*, 24/05/1911, n.º 1340, p.05)

A volúpia é um sentimento que se encontra presente neste poema sobre amor lascivo, descrito como delicioso, perfumado e prazeroso, reafirmando os seios como uma zona erógena do corpo feminino que deve ser explorada para satisfazer os desejos sexuais mais ardentes, sobretudo, do sexo masculino. Mais uma vez é reproduzido um discurso que legitima o poder da sensualidade do corpo branco como capaz de despertar “as delícias do amor lascivo”, demonstrando que estes discursos não falavam de liberdade sexual, mas de interdições e regulações para o controle do corpo e da sexualidade embasada em critérios raciais, sociais e de gênero.

Esses enunciados alertavam homens e mulheres sobre as zonas erógenas do corpo feminino que despertavam o prazer masculino, autorizando o olhar lúbrico, o toque carnal e as carícias eróticas. É crucial lembrarmos que as mulheres públicas deveriam ter esses conhecimentos, principalmente as prostitutas, dado que elas necessitavam destas artimanhas para conquistar e seduzir os homens com suas partes corporais.

Figura 17- Vontade de mamar!



(Fonte: *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 18/11/1908, n.º 1081, p.05)

Na ilustração³²⁹ anterior, observamos como o personagem masculino olhar intensamente para os seios da mulher, comparando-se a uma criança que precisa “mamar”³³⁰: Ao longo do jornal, os seios continuam a aparecer como espaço supremo do prazer, contemplados e desejados pelos sujeitos masculinos.

A dama elegante da ilustração está feliz e tranquila ao ouvir os elogios do seu parceiro, ele pontua o quanto seus seios são deliciosos e embriagantes fazendo-o recordar o tempo de criança que mamava. Nessa cena notamos como os seios femininos são elementos de fetiche masculino e estão em constante alusão ao erótico. Esta parte do corpo feminino é ressaltado como um lugar supremo do prazer decantados como “[...] duas fontes de beijos e voluptuosos desejos”³³¹, representada como objeto e elemento do erotismo, também precisa ser regulado posto que para provocar sedução e prazer devem apresentar-se enquanto “sedutores, rijos, cheios de encantos, e preferencialmente alvos”³³².

O corpo feminino fora construído por meio de um discursivo embasado em uma matriz heterossexual que necessitava de uma continuidade inteligível entre os gêneros, os prazeres sexuais e as partes corporais:

Diz-se que os prazeres residem no pênis, na vagina e nos seios ou que emanam deles, mas tais descrições correspondem a um corpo que já foi construído ou naturalizado como portador de traços específicos de gênero. Em outras palavras, algumas partes do corpo tornam-se focos concebíveis de prazer precisamente porque correspondem a um ideal normativo de um corpo já portador de um gênero específico. Em certo sentido, os prazeres são determinados pela estrutura melancólica do gênero pela qual alguns órgãos são amortecidos para o prazer e outros, vivificados. A questão de saber que prazeres viverão e que outros morrerão está frequentemente ligada a qual deles serve às práticas legitimadoras de formação da identidade que ocorrem na matriz das normas de gênero.³³³

Os desejos em certas partes corporais refletem em práticas corporais que podem ser explorados por desejos heterossexuais, repudiando a homossexualidade³³⁴ ao instituir quais

³²⁹ Legenda: Personagem masculino: “— Sempre que estou junto de ti; tenho uma vontade doida de voltar aos meus belos tempos de criança...”/ personagem feminino: “— Para que, tolinho?”/ Ele: “Para recordar-me, contigo, a maneira porque e mamava; ora ahi está!...”

³³⁰ “Mamar” no sentido comum refere-se ao ato de amamentação. No sentido da ilustração, refere-se as carícias e os beijos nos seios durante a possível relação sexual.

³³¹ Trecho retirado do poema *Aprumos*, ao lado tem uma fotografia de uma mulher branca e nua. (*O Rio Nu*, 14/11/1908, n.º 1080, p.01)

³³² Esta afirmação é baseada na regularidade dos discursos sobre os seios nos jornais no qual são ressaltados como objetos de sedução enquanto rijos, sadios, robustos, cheirosos e brancos. Como por exemplo, neste poema *Em ancias* no qual aparece ao lado da fotografia de uma modelo nua e branca, observe os versos: “pegando os seios/que tem seductores.../ tão rijos, tão cheio/ de encantos e amores...”. (*O Rio Nu*, 10/05/1911, n.º 1336, p.01)

³³³ (BUTLER, 2019, p.127)

³³⁴ Como já foi mencionado em outros momentos desta dissertação, as relações sexuais homossexuais não apareciam em discursos eróticos, mas em tom de crítica social e até mesmo de ridicularização.

partes corporais que causam prazer e desejo. Como nos alerta Butler (2019), a heterossexualidade compulsória é instituída e culturalmente a partir da criação de identidades de gêneros estáveis que estão relacionadas por desejos opostos.

Esses enunciados construíam a mulher lasciva como inteligível e culturalmente dentro das estruturas heterossexuais, binárias e falocêntricas, dado que ela devia atender aos desejos do sexo oposto por meio de uma lógica da heterossexualidade e instituição das diferenças entre homens e mulheres assim como também da necessidade de saciar as vontades e fetiches do sexo masculino. A dama lasciva era orientada e educada para corresponder a lógica do “gênero inteligível”³³⁵, mantendo relacionamentos que atendessem a coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. É assim que o desejo heterossexual é naturalizado e legitimado como uma norma que deve ser seguida como, por exemplo, na ilustração³³⁶ abaixo na qual esta ideia é presente, a vagina é retratada como um órgão no qual o homem penetrar para saciar seus instintos sexuais.

Figura 18- vontade feminina



Fonte: (*O Rio nu*, Rio de Janeiro, 14/11/1908, n.º 1080, p.04)

³³⁵ Sobre essa questão ver: (BUTLER, 2019)

³³⁶ Legenda: “ELLE— Oh!... Desculpe-me! Eu entrei porque não supuz que estivesse tão á vontade...”/ “ELLA— Então, o que tem isso?... Quando uma mulher está á vontade é que deve permittir que um homem entre...”

A personagem feminina da ilustração encontra-se em repouso no sofá trajada elegantemente com vestido decotado que mostra o contorno dos seios, as pernas estão cobertas com meias pretas que era tomada como elemento de sedução na época. A sua aparência fina e moderna demonstra que se trata de uma dama requintada que possivelmente também era lasciva por estar “à vontade” e permitir que um homem “entre”. A referência a uma relação sexual se dar principalmente através dessas palavras “vontade” e “entre”, esse tipo de diálogo era comum nas ilustrações as quais transpareciam possíveis encontros sexuais entre homens e mulheres³³⁷.

Na ilustração, sublinhamos a ideia de que os órgãos sexuais masculino e feminino são opostos — a vagina pertence à mulher e o pênis ao homem— e essa diferenciação permite uma relação sexual da penetração do falo. Diante do exposto, percebe-se o uso do verbo “entrar” marca e intensidade deste discurso que viabiliza e legitima o desejo heterossexual. A vagina é representada como um espaço legitimado do homem, no qual a mulher deve permitir sua entrada quando estiver excitada. A relação sexual heterossexual é naturalizada como a única capaz de satisfazer as vontades sexuais da mulher, no mesmo sentido, a vagina é entendida como um órgão sexual que sente “vontades” e desejos sexuais e que a penetração do órgão masculino é um meio legitimado para saciar.

Esta posição de um desejo heterossexual baseado em sexos opostos e em uma relação binária produz categorias de feminino e masculino que são socialmente e culturalmente aceitos no âmbito da sexualidade lasciva. Neste sentido, nestes espaços que tem “o gozo por norma”, a heterossexualidade das relações sexuais também passa a ser uma norma que é sutilmente e constantemente lembrada. É crucial observar que a heterossexualidade naturalizada está presente, inclusive, na fabricação do desejo sexual pelo oposto:

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo.³³⁸

Apesar de não perpetuar a ideia de que o órgão genital feminino é passivo, considera-se a necessidade do falo para a mulher, e, assim, o falo é entendido como um órgão que complementa a vagina por serem opostos. Pois é a vagina que é penetrada por um órgão

³³⁷Há uma frequência de enunciados nos quais aparecem a referência às relações sexuais com palavras como “vontade”, “entre”.

³³⁸ (BULTER, 2019, p.53)

masculino, demonstrando uma certa supremacia do órgão genital masculino. A mulher lasciva necessitava obedecer às diferenças de comportamento sexual inteligíveis em termos de modelos binários ao mesmo tempo que essa oposição marcava o pressuposto das relações heterossexuais. Neste sentido, a heterossexualização do desejo requer e institui a oposição discriminativa e assimétrica entre feminino e masculino.

As zonas erógenas do corpo feminino (em especial os seios, a vagina e as nádegas) são retratadas como espaços supremos de prazer sexual. No entanto, essas esferas corporais femininas devem ser exploradas pelos olhares, mãos e órgãos masculinos explicitando que a heterossexualidade era uma norma que não deveria ser burlada mesmo no ambiente das relações lascivas e permissíveis. E assim, a união sexual de um homem e uma mulher é discursivamente naturalizada como uma ordem natural e inteligível que não deve ser interrompida. Essa própria noção de desejo pelo oposto presente nas zonas erógenas dos corpos está ancorada na lógica binária da heteronormatividade compulsória. O amor venal também exigia essa ideia de um sexo natural das relações heterossexuais:

[...] uma sedimentação de normas de gênero produz o fenômeno peculiar de um sexo natural, ou de uma verdadeira mulher, ou de uma série de ficções sociais prevalentes e imperativas, uma sedimentação que, ao longo do tempo, produz um conjunto de estilos corporais que, de maneira reificada, tomam a forma de uma configuração natural de corpos em sexos que existem em uma relação binária uns com os outros³³⁹

O amor venal exigia atos, posturas e gestos elegantes e sedutores das figuras femininas para marcarem a territorialidade de mulher pública lasciva, construindo atos performativos sobre seu corpo e sua sexualidade para possibilitar a existência e a legitimidade inteligível deste sujeito feminino dentro das redes de poder. Judith Butler (2019, p.235) frisa que a tessitura do gênero se dar por atos e gestos socialmente compartilhados e historicamente constituídos, sendo uma construção performativa: “Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar que são *fabricações* manufaturados e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos”. Nesta perspectiva, a performatividade de gênero se estende a todos os âmbitos da vida social, cultural, política e está historicamente localizada, institucionalizando estilos de vidas que são ou não viáveis dentro das tramas das relações de poder.

Por exemplo, as mulheres públicas e lascivas eram autorizadas a vivenciar a sexualidade desde que regularizassem seus corpos e sexualidade por meio dessas práticas educativas de

³³⁹ (BUTLER, 1990, p.08)

assujeitamento: corpo limpo, saudável e branco; comportamentos e práticas refinadas; práticas de sexualidade dentro da norma civilizatória. O nivelamento do corpo com a sexualidade garantia a existência e legitimidade destas mulheres dentro da esfera da sexualidade permissível. Lembrando que mesmo dentro do gênero feminino, há estratificações e regulações para as mulheres de acordo com seu lugar social, posição econômica como também a questão étnico-racial.

É crucial enfatizarmos que as mulheres lascivas eram decantadas como portadoras de ‘liberdades’ que as moças e senhoras da sociedade moralista não tinham, mas eram socialmente submetidas a uma condição de “outridade” que as inferiorizava seja pela sua submissão aos prazeres masculinos ou pela sua existência ser socialmente aceita apenas devido à necessidade de controle dos instintos masculinos.

Judith Butler (2019) sublinha que a performatividade do gênero permite determinados sujeitos se tornem reconhecidos dentro da inteligibilidade cultural da sociedade dado que o gênero é um ato performativo incitado por normas obrigatórias que é fruto de uma negociação com o poder. Sendo assim, as performatividades de gênero só existem dentro dos limites do desejo heteronormativo sacralizado como natural, mas que está restrito as normas de poder vigente, desmistificando a ideia de que as mulheres públicas e lascivas eram livres e libertas de código e normas sociais. Ao contrário, tanto as mulheres públicas e lascivas quanto as ditas honradas estavam subordinadas às práticas de assujeitamento dos corpos e de controle da sexualidade feminina, mesmo que se apresentassem divergentes devido ao lugar social que ocupavam.

Dado que a “‘sujeição’ significa tanto o processo de se tornar subordinado pelo poder quanto o processo de se tornar sujeito”³⁴⁰, esta imprensa visava construir um sujeito feminino lascivo por meio de discursos intrincados com instrumentos psíquicos de poder que autorizavam as relações sexuais libertinas para satisfazer os arroubos do prazer do público masculino, mas que estavam regidos por regras e normas estabelecidas a partir da ótica de uma sexualidade permissível. Judith Butler (2019) afirma que é por meio do processo de sujeição que nos tornamos subordinados ao poder, isto é, o processo de formação do sujeito acontece na própria subordinação do poder pois este sujeito é visível na sociedade através das marcas que mecanismos psíquicos do poder nos deixar. Nesse sentido, esse processo de sujeição formava

³⁴⁰ (BUTLER, 2019, p. 10)

sujeitos femininos para oferecer o prazer máximo através um sexo civilizado, moderno, higiênico e necessário para homens e mulheres.

A sujeição dos corpos femininos é uma maneira de penetrar na vida cotidiana, remodelando os gestos e os comportamentos para atender ao projeto de modernização e civilização, pois “[...] o asseio do corpo reflete o processo de civilização, moldando gradualmente as sensações corporais, aguçando seu refinamento, desencadeando sua sensibilidade”³⁴¹. O corpo é historicizado para perceber os discursos, as normas, as sujeições, e os interesses que perpassam a formação do sujeito. As regulações para produzir um amor venal capaz de seduzir e dar prazer aos sujeitos masculinos emergiram dentro das relações de poder e de gênero de uma sociedade burguesa que não podia ultrapassar os limites da inteligibilidade cultural da sexualidade socialmente e culturalmente aceita.

³⁴¹ (SOARES JUNIOR & MENESES, 2015, p. 67)

CENA II- “POSES QUE SEDUZEM”³⁴²: PERFORMANCES FEMININAS PARA O PRAZER MASCULINO

*Dessa sublime bacchante,
Como um fructo que apetece...
O nosso olhar penetrante
Contempla esta farta messe*

*De carnes... que nos seduzem
Ao goso, ao prazer voraz...
E mil <<coisas>> mais produzem
Ao fital-a assim por traz...³⁴³*

Como a epígrafe acima apresenta, o eu lírico fica extasiado de desejo quando visualiza a dama lasciva em uma posição sugestiva, como a “por traz”, frisando a importância da performance do corpo feminino em enredos de sedução. A performance da *bacchante*³⁴⁴ era crucial para seduzir e provocar prazer no sexo masculino, cada gesto, ato e postura era cautelosamente calculado para que quando o homem visualizasse o corpo feminino em posições elegantes e lascivas fosse consumido por um prazer voraz.

Este enunciado indica que os desejos masculinos eram engendrados em redes de poder para apresentar e inculcar nas mulheres lascivas a necessidade de moldar o corpo em posições/poses que provocasse um prazer voraz. No âmbito da sexualidade libertina dita moderna e civilizada, surgiram vários preceitos de como deveria ser a relação sexual, instituindo práticas, comportamentos e valores assim como também proibindo aquilo que era considerado anti-moderno e não civilizado.

Esta sexualidade decantada como essencial para o sexo masculino vivenciar os arroubos do prazer, criava e disseminava prescrições para as mulheres públicas— numa tentativa de educar o corpo e a sexualidade feminina a fim de atender este projeto sem extrapolar os limites do sexo limpo, seguro, higiênico, e sobretudo branco. Nesta terceira cena, analisaremos as regulações sobre as performances femininas nas relações sexuais e a relação dessas posições sexuais com os lugares que o feminino deveria ocupar na sociedade brasileira da época.

³⁴² Afirmação baseada no poema presente na epígrafe abaixo do título. (*O Rio Nu*, 20/05/1911, n.º 1339, p.01)

³⁴³ Trecho do poema *Cysne feliz!...*, assinado por *Quimquim*, presente na capa do jornal *O Rio Nu* ao lado de uma fotografia de uma mulher branca e nua que foi, originalmente publicada na revista francesa *L'Etude Academique*. (*O Rio Nu*, 20/05/1911, n.º 1339, p.01)

³⁴⁴ Significado de Bacante (*bacchante*): Sacerdotisa de Baco, mulher consagrada aos mistérios desse deus mitológico. No sentido figurativo, Bacante significa mulher dissoluta. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/bacante/> Acesso em 16 jan. 2021.

As regulações sobre as mulheres públicas exigiam a construção de um sujeito que tivesse como objetivo crucial modelar-se para atender ao desejo masculino. No âmbito da sexualidade moderna, havia a necessidade de controlar os mínimos gestos das prostitutas— e das mulheres lascivas— para introduzir códigos de mundanidade ditos civilizados: ensinava-se como agradar ao homem, como se vestir atraentemente, como ter gestos e atitudes charmosos, como criar um universo de erotismo e fantasia³⁴⁵. Destacamos que a performance ou teatralização dos gestos/posturas compunha uma parte essencial da relação, pois é isto que a população masculina buscava nessas mulheres:

Essa dimensão da teatralização dos gestos, posturas, frases, risos, silêncios e olhares faz parte intrinsecamente do desempenho calculado de seu papel que, na verdade, não esconde nada. Pois o que se compra [ou o que se importa] é a aparência simplesmente, o que se deseja é a materialidade do corpo e as fantasias do desejo³⁴⁶

Os homens adentravam no âmbito do sexo libertino em busca de erotismo, fantasia, espetáculos de sedução e prazer sexual, para isto era esperado que as suas parceiras exercessem papéis bem definidos para que o gozo pleno fosse consumado. No poema abaixo, notamos esta mesma ideia:

Tenho cá, minhas razões
Para afirmar, rapaziada,
Que é conforme as posições...
Que a mulher mais nos agrada...

Esta, agora, por exemplo,
Nessa attitude propícia...
Com que prazer a contemplo,
Vejam só quanta delícia !...³⁴⁷

O eu lírico conduz o leitor em um enredo sedutor para dizer que as mulheres excitam mais conforme as posições sexuais que adotam, ensinado também aos sujeitos masculinos como se comportar na esfera do sexo libertino. Destacando que a figura feminina deve agradar aos homens principalmente conforme as performances que adota, pois eles ficam embriagados com a luxúria e beleza destas poses. Tanto nos poemas quanto nas imagens (fotografias e ilustrações) percebemos a tentativa de envolver o leitor nos cenários de luxúria, posto que a maioria das

³⁴⁵ (RAGO, 2008)

³⁴⁶ (RAGO, 2008, p.223)

³⁴⁷ Trecho do poema *Em pé...*, acima tem uma fotografia de uma mulher nua deitada sob uma cama. (*O Rio Nu*, 15/05/1909, n.º 1131, p.01)

publicações pornográficas, desde a era Moderna, “[...] reservavam ao leitor o papel de voyeur e orientavam suas expectativas para uma experiência erótica”³⁴⁸

As fantasias e os desejos de como devem ser as poses e a postura feminina na relação sexual lasciva são decantadas com uma forte e intensa energia poética e erótica que instiga o leitor a imaginar a cena e desejar ter uma cópula tão prazerosa como as descritas. A relação sexual seguindo o rito do moderno exigia do sujeito feminino performances corporais que exaltassem a beleza e sensualidade, assim como também tentava excitar os homens ao ponto de não conseguirem resistir aos encantos. O poema abaixo explicita essa questão:

Nessa attitude beatífica,
De costas assim virada, -
Ante essa carne adorada.
Qual o mortal, que se aguenta?..
—Por um desejo nevrótico,
Muita gente, á feiticeira
Gostava ser a cadeira
que o seu corpo, alvo, sustenta...

Mas dessa beleza pallida,
De perfumados contornos,
De seios turgidos, mornos,
E quentes como um vulcão...
Dizem ter um gosto excêntrico:
O de amar, seguindo o rito
Do modernismo, — (e acredito)
Essa louca posição !...

Por muito calmo e pacífico,
Um mortal, ao vê a nua
Carnação, que, morna estúa
Dessa beldade brejeira...
A apertaria frenético
E essa alva e cupida messe,
Talvez não mais estivesse :
Em cima dessa cadeira!...³⁴⁹

Estes enunciados mostram que, mais uma vez, o alvo do desejo deve ser o corpo branco, cheiroso e robusto já que apenas este promove um desejo frenético e um prazer satisfatório além de seguir os preceitos do que era considerado como moderno e civilizado na sexualidade. Dado que as posições sexuais adotadas são responsáveis por transformar uma dama lasciva, não bastava ser linda, sensual robusta e saudável, ela precisava adotar uma série de performances

³⁴⁸ (DARNTON, 1996, p.)

³⁴⁹ Trecho do poema *excentrica* publicado na capa do jornal *O Rio Nu* ao lado de uma fotografia de uma mulher branca e nua. (*O Rio Nu*, 15/07/1908, n.º 1045, p.01)

para transformar seu corpo em “raro ninho de amor, de volúpia e gozos pleno”³⁵⁰ para provocar um atroz prazer no sexo masculino. E, assim, tanto o prazer do homem é considerado o objetivo central da relação quanto a função da mulher é fornecê-lo o mais intenso e sublime prazer sexual.

Uma posição sexual era considerada elegante e sedutora quando o corpo da mulher era visualizado em todo o plano central, em especial as partes íntimas como as nádegas, a vagina e os seios. A figura feminina quando se encontra assim, ela estava demonstrando ao seu parceiro que está disposta a ter uma relação sexual prazerosa: “De quem espera caricias, / Amor, Prazeres, delicias, / Esta joven pecadora / Presta-se a ser o modelo / [...] Em elegante postura... / Também eu desejaria, / Mesmo sem ser escultor, / Desse modelo dispor... [...] que anciã, com que prazer, / Me atiraria ao trabalho!...”³⁵¹. Neste enredo, o homem parece ser o escultor/condutor da relação sexual enquanto a modelo é seu objeto de trabalho que ele realiza com satisfação para ter prazer voraz. Além disto, o enunciado salienta que se trata de uma moça “pecadora”, classificando que atitudes e posições ousadas eram destinadas as mulheres de sexualidade permissível.

As mulheres que ficavam de costas na hora da relação sexual —ou simplesmente, para serem admirados pelo sexo oposto— eram tidas como damas da sedução que sabiam como encantar os homens visto que esta posição era considerada ideal e prazerosa. “Sim, olha, vede. lha a plástica. Das-costas até final. . . Na posição ideal”³⁵². Notamos que o fato de uma mulher “dar as costas” a um homem, era uma prática moderna e sugestiva porque indicava uma relação sexual na qual ele pode visualizar o corpo feminino e sobretudo, sentir prazer por ousar no momento da cópula. Na ilustração³⁵³ abaixo, podemos ver que era crucial que as mulheres saibam desta informação bem como era interessante que o sujeito masculino saiba das artimanhas do sexo libertino:

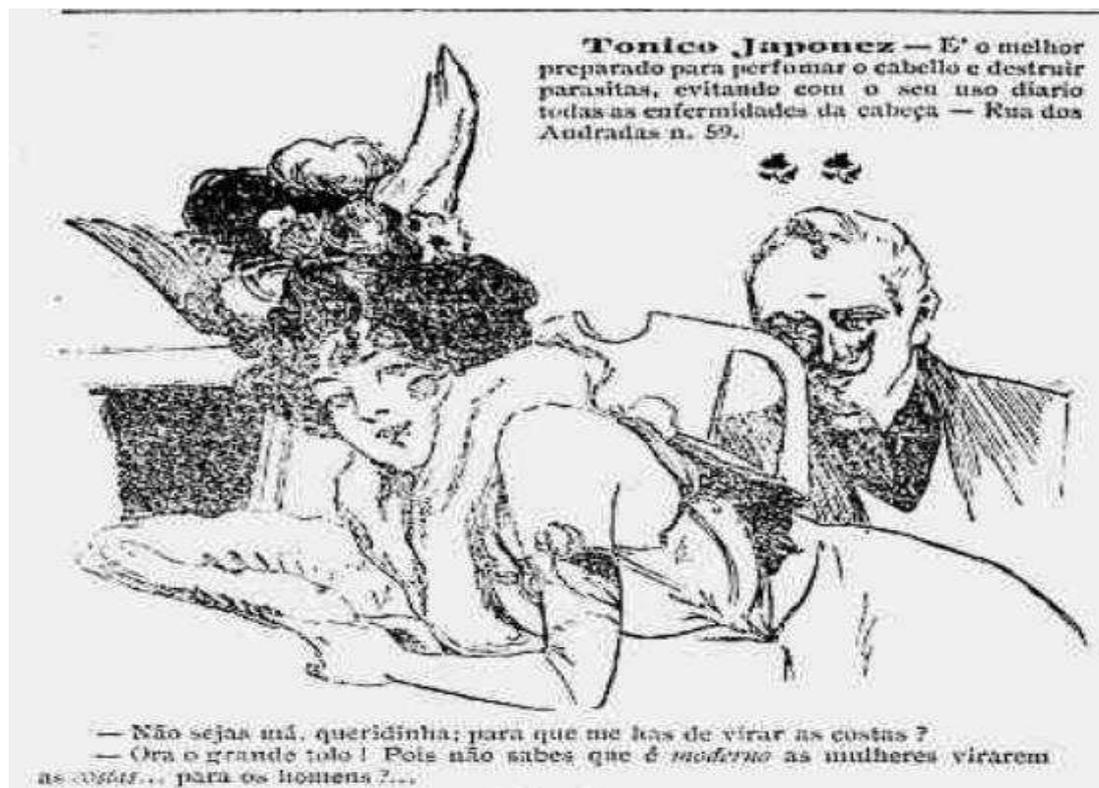
Figura 19- é moderno "dá as costas"

³⁵⁰ Afirmação baseada em trechos como: “Seu collo meigo, sereno, / E' um raro ninho de amor... / De volupia e gozos pleno: / Faz de um *santo* um pecador! / Demais, a linda postura / Em que a gente a vê aqui, / Transtorna uma criatura / E causa atroz phrenesi!...” Trecho retirado do poema *Pensativa...*, assinado por Ignacinho, publicado na capa do jornal *O Rio Nu* ao lado de uma fotografia de uma mulher branca e nua. (*O Rio Nu*, 21/01/1911, n.º 1306, p.01)

³⁵¹ Trecho do poema *modelo de escultura*, assinado por *Ignacio*, publicado na capa do jornal *O Rio Nu* ao lado de uma fotografia de uma mulher branca e nua. (*O Rio Nu*, 10/12/1910, n.º 1294, p.01)

³⁵² (*O Rio Nu*, 30/09/1908, n.º 1067, p.01)

³⁵³ Legenda: “— não sejas má, queridinha; para que me has de virar as costas? — ora o grande tolo! Pois não sabes que é moderno as mulheres virarem as costas... para os homens?...”



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 22/07/1908, n.º 1047, p.04)

Na ilustração, a dama está vestida elegantemente e deitada de bruços em uma cama, parece estar feliz e confortável sem nenhuma preocupação. Ela está de costas, com o bumbum levemente empinado para um senhor elegante e esbelto. Eles conversam sobre a posição em que ela se encontra, o senhor faz crítica com um tom de censura por ela lhe virar as costas, e ela explica bem enfática dizendo que “dar de costas” para os homens é uma prática moderna e lasciva.

A fala da protagonista da ilustração é enfática e censuradora ao dizer que se trata de uma grande tolice ele ficar aborrecido por ela lhe virar as costas, quando isto é uma prática moderna e elegante. O enredo da ilustração aponta que o homem da ilustração, sendo elegante e de modelo *smart*, deveria estar consciente das práticas sexuais da voluptuosidade moderna e libertina. Este enunciado mostra que os sujeitos masculinos deveriam conhecer as práticas do amor lascivo, e àqueles que não sabiam dos encantos e práticas da sexualidade moderna eram considerados “grandes tolos”. Possivelmente saber como conduzir uma relação sexual libertina era um predicado crucial para o homem moderno e *smart*:

E era justamente a possibilidade de um homem não dominar o corpo de uma mulher que fazia o jornal *O Rio Nu* se debruçar sobre esta temática. Note-se que estamos falando de um material impresso que tinha como característica principal o domínio do corpo da mulher; corpo este que era exposto ao deleite dos homens que consumiam

esse material. A impossibilidade de um homem exercer esse domínio era visto com preocupação pelos redatores do jornal, que se inquietavam com as possíveis reações dessas mulheres³⁵⁴

Dessa forma, observamos que as prescrições também eram destinadas aos homens, alertando-os que deveriam saber dominar o corpo da mulher para não serem ridicularizados, humilhados e considerados impotentes ou homossexuais. Os jornais “demarcavam e ratificavam papéis bem definidos para esses homens. Aqueles que não se enquadravam nos modelos propalados não podiam ser considerados *smarts*, ou seja, “civilizados”³⁵⁵. A produtividade e a vitalidade masculina nas relações sexuais eram um sinônimo de uma sociedade heterossexual, robusta, saudável e civilizada.

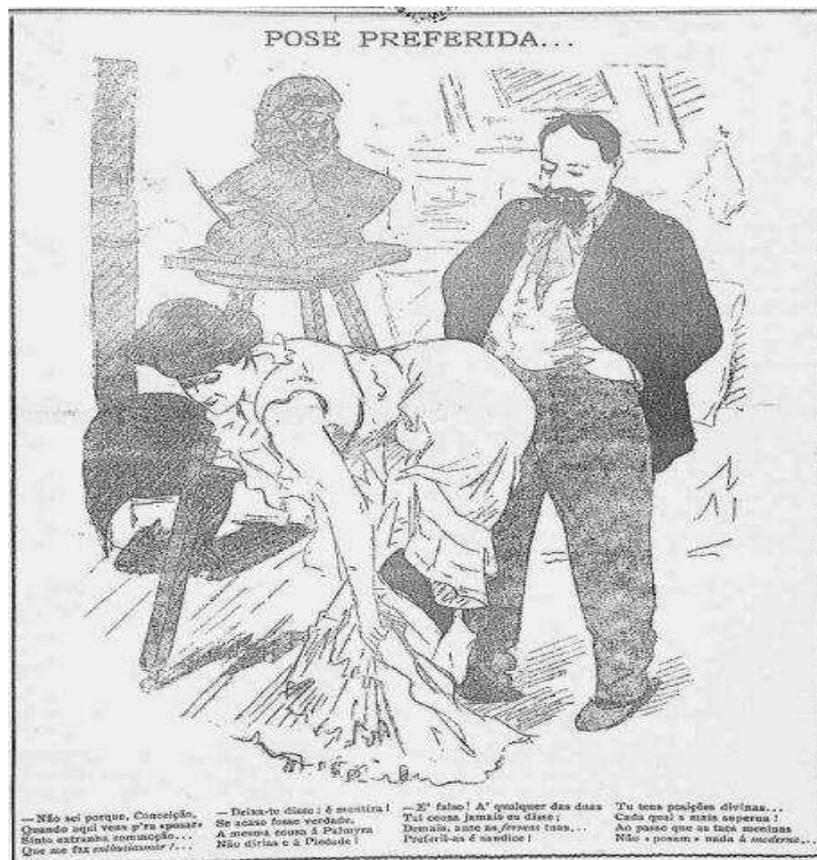
Uma mulher era definida como detentora das artimanhas do amor quando tinha performances sensuais e prazerosas capazes de extasiar o parceiro com luxúria. Ela se tornava reconhecível e irresistível por seus gestos, atos e poses. Observamos na ilustração³⁵⁶ a seguir, que o personagem masculino aprecia as posições sedutores da possível parceira:

Figura 20- pose preferida!

³⁵⁴ (PEÇANHA, 2013, p. 78)

³⁵⁵ (PEÇANHA, 2013, p.84)

³⁵⁶ Legenda: “Ele— não sei porque, conceição,/ quando aqui vezes p’ra <<posar>>/ sinto extranha commoção.../ Que me faz *enthusiasmar!*.../ Ela—deixa-te: é mentira!/ Se acaso fosse verdade,/ A mesma cousa á Palmyra / Não dirias e á Piedade!/ Ele— E' falso! A' qualquer das duas/ tal cousa jamais eu disse;/ demais, ante *as formas tuas!*.../ Preferil-as é sandice!/ Ela— tu tens posições divinas.../ cada qual a mais suprema/ ao passo que as taes meninas/ não « posam » nada á moderna...”



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 18/12/1909, n.º 1193, p.01)

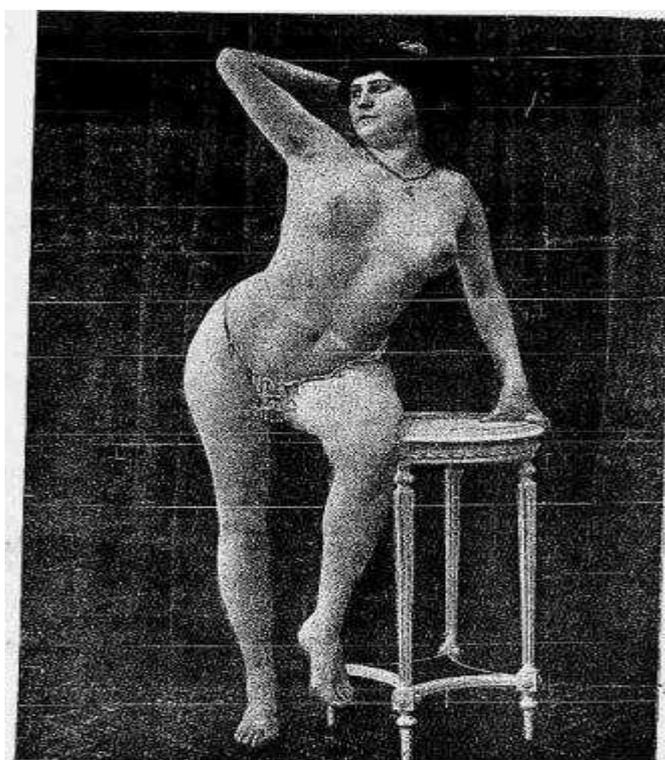
O cenário parece ser um estúdio de artista (escultor ou quiçá pintor), onde dois corpos estão próximos exalando luxúria e sugerindo uma possível relação sexual. O personagem masculino aprecia languidamente o corpo da modelo, direcionando seu olhar intenso de desejo, especialmente para o bumbum. Ele está extasiado com a beleza do corpo e a elegância e sensualidade das poses da moça, frisando que estas posições são incomparáveis e modernas.

O homem trajado elegantemente está levemente inclinado em direção ao bumbum da jovem, com seu olhar preso no corpo e imaginando o prazer que a jovem pode oferecer. A posição de ambos indica um possível encontro sexual no qual a ousadia, a sensualidade e o gozo prevalecem. A jovem parece estar muito confortável e feliz na posição que se encontra, por meio da legenda notamos que ela recebe muitos elogios nos quais são apontadas as qualidades de sedução, modernidade e elegância das posições adotadas, fazendo com que ela se destaque entre as outras mulheres lascivas.

As performances, as posições da dama libertina possibilitavam criar a si mesma enquanto desejável, encantadora e sobretudo irreconhecível perante outras mulheres. Por meio de olhares, ações, atributos físicos bem alinhados e corpos em posições estratégicas, estas

mulheres fascinavam, encantavam e provocam desejos e fantasias sexuais no sexo oposto, marcando seu território no campo da sexualidade permissível. Outra posição bastante presente nos jornais é quando a mulher está em pé, com o bumbum e os seios levemente empinados. Como mostra a fotografia abaixo:

Figura 21- Posição que exala vigor



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 24/03/1909, n.º 1116, p.01)

A musa da imagem está serena e pensativa, não fita o telespectador e a postura corporal ocupa um plano central. O leitor é direcionado para as poses deste corpo, principalmente pela escolha do ângulo do fotógrafo como pela intensidade do poema *Posições...* que está ao lado da fotografia. O corpo feminino era celebrado como objeto essencial do prazer masculino e para isto deveria ser exaltado como observamos nesta fotografia.

Por meio dos enunciados, percebemos que o conteúdo imagético dos jornais além da função de inculcar valores, cuidados e comportamentos nos sujeitos, também promovia uma nova cultura do olhar e do desejo em relação ao corpo feminino, ensinando como olhar o que deveria ser observado. O olhar era ensinado a eleger quais corpos eram alvos de desejo e quais corpos deviam ser ignorados. Especialmente as fotografias que exibiam mulheres ditas bonitas e sensuais em posições ousadas, provocavam a imaginação e a luxúria no leitor como esta passagem mostra: “[...] Retirou da caixa um envelope e deste umas fotografias: era uma

collecção obscena em que só figuravam mulheres... Extasiei-me diante daqueles grupos que em diferentes posições patenteavam a luxúria mais bestial que se pode imaginar”³⁵⁷.

Face ao desejo de modernidade e civilidade, a fotografia que também passava ser impressa nos jornais potencializava esses signos da modernidade, se constituindo enquanto uma novidade que passara agora a fazer parte do mundo moderno. O ideal de “modernidade” se manifestava através de novos hábitos, ligados à consolidação de tecnologias, e a fotografia como recurso jornalístico é vista como uma nova roupagem ilustrativa em busca de fortalecer as ideias propagadas nos jornais assim como também atinge os leitores analfabetos e semianalfabetos³⁵⁸.

As fotografias, assim como as ilustrações, exibiam aos leitores— e às leitoras— quais posições eram mais adequadas para despertar o desejo sexual e provocar prazer no momento da relação. Através, principalmente, da sua visualização imagética conseguia que os sujeitos imaginassem e desejassem se fazerem presente nestas cenas de espetáculo de sensualidade. Estas cenas que envolviam elegância, sedução e desejo eram intensificadas pelo conteúdo textual, posto que a maioria das imagens das modelos nuas e em posições ousadas tinham legendas ou poemas exacerbando o clima erótico.

Esta fotografia, intitulada “posição que exala vigor”, é muito explícita porque não revela apenas um corpo robusto e branco, celebra também o desejo masculino quanto as performances femininas que eles desejam na hora da relação sexual. O poema que acompanha esta fotografia expõe e exalta esta posição como satisfatória para o prazer sexual:

Que, mais seduz a mulher
Quando toma... posição...

Essa que ahi 'stá, por exemplo,
Nessa postura ideal. . .
Com que prazer eu contemplo
Sua *pose* escultural!...

E' por certo a posição
Que os seus contornos realça. . .
E a sublime carnação
Em pleno vigor exalça !...

Ora, diga-me, leitor,
(Não te faças de sisudo)
Numa batalha de amor...
A posição não é tudo ?...

³⁵⁷ Trecho do romance *Uma vida amorosa*: confissões galantes de uma filha de Eva. (*O Rio Nu*, 16/10/1909, n.º 1175, p.06)

³⁵⁸ (BARBOSA, 2007)

Emfim, ao ver-lhe a cabeça
 Erguida com graça tanta,
 Embora troça pareça
 Loga a minha se levanta...³⁵⁹

O eu lírico destaca que a posição é algo crucial numa “batalha de amor” assim como os contornos de um sublime e sensual corpo intensifica o prazer que a postura/performance ideal promove. É crucial observamos que o poema transmite uma mensagem para o sexo masculino pois ao celebrar a posição ideal e salientar a importância de um corpo considerado sensual para intensificar os prazeres, ele inculca — ou prescreve quais— valores e desejos são adequados para um “gozo moderno”.

Figura 22- a mulher deve estar sempre por cima



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 02/12/1908. n.º 1085, p. 04)

Uma posição, presente nos enunciados, é quando a mulher fica por cima na relação sexual, considerando que quando se trata de mulheres libertinas têm mais liberdade nesta posição, uma vez que elas deveriam estar disponíveis para fornecer um gozo intenso e satisfatório. Ao observarmos a figura 22³⁶⁰, percebemos que a modelo lasciva da imagem se

³⁵⁹ Trecho retirado do poema *posições...* (*O Rio Nu*, 24/03/1909, n.º 1116, p.01)

³⁶⁰ Legenda: “[Ela] — Que diz o senhor sobre a Theoria de Ferri com relação á mulher? Acha que estamos por cima o por baixo?/ [Ele] — Franqueza, eu acho que a mulher deve estar sempre por cima...”

encontra trajada elegantemente com um vestido decotado que também mostra as pernas cobertas com meias pretas— elemento de sedução. Apesar de fazer uma pergunta tão íntima, ela está muito serena e parece apreciando a resposta do homem, isso também mostra que se trata de uma mulher pública. O cenário, as vestimentas, as posturas e toda a linguagem corporal dos personagens nos dão pista que o assunto comentado tem uma carga erótica, quiçá pornográfica.

É perceptível que a figura feminina pergunta ao homem sua opinião sobre se a mulher fica por cima ou por baixo, e ele opina dizendo que ela deve estar sempre por cima, notamos que a palavra final é do sujeito masculino, destacando que seus desejos, fantasias e opiniões são soberanas. Em outra ilustração, o personagem masculino afirma que as mulheres devem ficar sempre abaixo dos homens, mas a personagem feminina responde que “— Nem todos são da tua opinião; muitos há que nos querem por cima...”³⁶¹. Essa citação mostra que a opinião do homem é divergente pois ele acredita que a mulher deve ficar abaixo, mas a mulher frisa que muitos homens preferem “elas por cima” —não é a figura feminina que expressa sua opinião, é uma resposta da opinião geral dos homens sobre a preferência de posições—e assim evidencia a predominância e importância das vontades e dos desejos do sexo masculino, uma vez que, em sua grande maioria, a opinião feminina não aparece nos enredos.

Estes enunciados de cunho erótico também destacam os lugares sociais que as mulheres deviam ocupar na sociedade. Não era permitido as mulheres honestas ousarem na cama e adotarem performances de sedução para não corromper o leito que deveria ser apenas para procriação. Sendo assim, os seus lugares sociais estavam bem definidos tanto no espaço público quanto no privado, principalmente na intimidade do casal, uma vez que os enunciados pontuavam que as mulheres só deviam “ficar por cima” para agradar sexualmente os homens. A submissão e castidade feminina era celebrada como valores supremos da mulher honesta— dado que o sexo no casamento não era satisfação sexual, existia somente para gerar prole— e a liberdade condicional era autorizada as mulheres públicas desde que fosse para o prazer masculino.

Ressaltamos que essas mulheres eram orientadas, através de diversos enunciados, para o fato de que elas não eram superiores aos homens e nem possuíam total liberdade para agir e/ou opinar, celebrando que elas não deveriam expressar vontades e opiniões diante do sexo

³⁶¹ Trecho da ilustração em que uma mulher elegante sentada em uma cadeira está conversando com um homem. (*O Rio Nu*, 28/07/1909, n.º 1152, p.05)

oposto porque o homem só gosta de ficar “por baixo” em situações convenientes: “Nunca pretendas colocar a tua opinião acima da de qualquer homem, lembra-te de que este, só quando lhe convém, fica por baixo...”³⁶². Sendo assim, na vida social das mulheres não era permitido sobressair aos desejos masculinos, restando apenas ficar por cima em situações convenientes, podemos presumir que, seria o sexo.

O encontro sexual era decantado como um momento crucial para as mulheres lascivas exibirem a beleza corporal, a elegância dos gestos, a sensualidade das performances e o prazer inebriante das práticas sexuais libertinas. A presença de fotografias e as ilustrações de mulheres nuas revelam o desejo e fascinação pela necessidade de ver as formas femininas, uma vez que a imagem ganha uma notoriedade na modernidade. Os jornais investem em imagens sedutoras para conquistar os leitores. Os enunciados mostram que, essencialmente no conteúdo imagético, as mulheres deveriam seduzir e atender aos desejos e fantasias masculinas com uma expressão facial e linguagem corporal que transparecesse alegria, prazer, elegância e satisfação naquilo que ela estava executando. E assim, “a imprensa, e com ela o saber, as imagens, os hábitos culturais, erguem-se como novos vetores ‘estruturantes’ de uma sociedade que valorizará muito mais o visível do que o audível”³⁶³.

Para Judith Butler (2019), tanto o gênero quanto a sexualidade são advindos de conjuntos de ações performativas e são práticas performativas. Desmistificando a naturalidade dos gêneros e da heterossexualidade compulsória, permitindo pensar a fabricação dos sujeitos através de atos e gestos calculosamente criados para transmitir a ideia de uma naturalidade e verdade absoluta. No caso desta cena, podemos ver que as performances dos sujeitos femininos—posições, poses, posturas—eram minuciosamente estudadas para transmitir a ideia de uma sensualidade e luxúria moderna/civilizada das mulheres públicas.

Os enunciados mostraram que a produção de sujeitos femininos belos, sensuais, limpos e civilizados também atravessavam os recônditos mais íntimos, como as performances sexuais na hora da cópula, inculcando valores, comportamentos e práticas nos homens e nas mulheres a fim de instituir uma sexualidade dita moderna e civilizada. Através destas regulações no âmbito do corpo e da sexualidade buscava-se criar uma sociedade economicamente útil e

³⁶² Trecho retirado de da seção *conselhos práticos*, assinada por *Antonio Conselheiro*. (*O Rio Nu*, 02/11/1910, n.º 1283, p.06)

³⁶³ (OLIVEIRA, 2002, p.194)

politicamente dócil— corpos polidos, belos, saudáveis, limpos, sensuais e civilizados que obedeciam às regras estabelecidas e não causavam transtornos as ordens sociais vigentes.

CENA III- “PENETRA NO PRAZER PELO MODERNO”³⁶⁴: O SEXO VOLUPTUOSO POR MEIO DAS PRÁTICAS SEXUAIS PERMISSÍVEIS

*[...] E n'essa luta de progresso ingente
Vive um novo costume e um velho cae*

*Porque o novo systema, no presente,
D'onde um gozo mais puro hoje se extrae,
Agrada muito mais. E, francamente,
Quem entra n'elle raramente sae;*

*Por elle a gente nova tudo faz
E deixa-se levar qualquer rapaz.
Que se presume ser amante terno;*

*E muita gente antiga, que protesta.
Tambem querendo ver si a coisa presta,
Penetra no prazer pelo moderno.³⁶⁵*

O poema acima demonstra a percepção de que as pessoas são mais felizes e satisfeitas sexualmente com o prazer moderno associando-o ao progresso, uma vez que esta maneira de ter relações é agradável e encantadora, pois quem conhece não consegue deixar de praticar. Há o destaque também para o fato de que as críticas contra “os novos sistemas de prazer” são advindas de uma parcela da sociedade que sentia vontade, mas não poderia, e tampouco era permitido, extrapolar os limites da moralidade burguesa.

Assim, ter um gozo moderno significava ter relações sexuais nas quais as carícias e práticas eram exploradas com o único objetivo de sentir prazer. Este novo sistema de prazer parecia ser uma espécie de sonho sexual do homem moderno³⁶⁶ já que a maioria vivia em casamento sob a ordem burguesa da preservação da honra feminina mesmo após o matrimônio e perpetuando a lógica do sexo “puro” apenas para fins reprodutivos.

A pequena parte da população brasileira do século XX autorizada a ter relações lascivas esperava penetrar no mundo do prazer através das prerrogativas modernas que legitimavam certas práticas sexuais por meio de um sexo higiênico, moderno e civilizado. Práticas como o sexo oral e anal podiam causar opiniões divergentes, no entanto existia a ideia de que, caso fossem praticadas, deveriam ser, exclusivamente, com as mulheres públicas. Dito isto, nesta cena iremos analisar os enunciados sobre práticas sexuais permissíveis destinadas às mulheres

³⁶⁴ Trecho retirado do poema *o novo systema* assinado por Giz Gregorio. (*O Rio Nu*, 04/11/1908, n.º 1077, p.06)

³⁶⁵ Poema *o novo systema* assinado por Giz Gregorio. (*O Rio Nu*, 04/11/1908, n.º 1077, p.06)

³⁶⁶ Os enunciados dos jornais sugerem esta ideia, e reproduzem veemente esta concepção de “sonho sexual moderno” para propagar os saberes sobre este sexo autorizado, mas que é regido pela higienização, civilidade e questões étnico-raciais.

públicas, explorando as permissões e interdições que permeavam práticas como o sexo oral e anal para a construção de um sexo moderno, prazeroso, mas que não ferisse os princípios da heterossexualização compulsória.

As prescrições e orientações postas nos enunciados em tons eróticos e/ou jocosos visavam através de um aspecto cotidiano e íntimo como o sexo regular a população brasileira segundo códigos de libertinagem “civilizada” e moderna, não permitindo relações étnico-raciais e homossexuais. Ao acessar essas literaturas, ditas pornográficas, é preciso considerar o que afirma Darnton (1996): o sexo é um tema bom para se pensar devido a sua materialidade na vida cotidiana, pois as leituras de documentos sobre sexos podem nos revelar seus pressupostos, valores e códigos sociais e morais, evidenciando que as práticas sexuais são construídas culturalmente, essencialmente quando aparece em piadas maliciosas e romances eróticos.

Margareth Rago (2008) afirma que os homens procuravam as prostitutas em busca do prazer e não interessava as ideias, apreensões e desejos desta como pessoa, mas a performance que foi solicitada e que deve ser satisfeita. Neste caso, podemos pensar que as mulheres que tinham relações sexuais no âmbito da sexualidade lasciva também deveriam realizar performances de prazer para atender aos desejos do parceiro. É por meio destas relações que o homem poderia viver a liberação do prazer e, para isto, as mulheres públicas deveriam atender as exigências e ânsias solicitadas, “metamorfosando-se nas imagens que os olhares masculinos projetam sobre seus corpos”³⁶⁷.

A partir disto e dos enunciados nos jornais estudados, afirmamos que práticas como o sexo oral e anal eram autorizados para satisfazer os prazeres desmesurados do sexo masculino. Práticas como estas possibilitavam a expressão dos sentidos e das fantasias sexuais em uma esfera permissível, mas sem esquecer as regras de civilidade, pelo menos no “vicio elegante”, uma vez que as relações nesta esfera estava regida por códigos de condutas ditos civilizados: “É possível que os códigos de civilidade que se instituíram nos bordéis de luxo e nos cabarés elegantes incitasse a uma relação maior de respeito entre o freguês e sua ‘protegida’, ao contrário do que ocorria, em geral, na zona do baixo meretrício.”³⁶⁸.

É preciso lembrarmos que esferas como o sexo, “se dispostos em padrões, trazem à tona relações inéditas e limites mais bem definidos”³⁶⁹ e permite a exploração de ambiguidades e

³⁶⁷ (RAGO, 2008, p.221)

³⁶⁸ (RAGO, 2008, p.260)

³⁶⁹ (DARNTON, 1996, p.)

fronteiras. A partir dessas considerações, percebemos que as fronteiras entre as mulheres ditas honradas e lascivas eram apresentadas no conteúdo dos jornais com muita visibilidade e intensidade, marcando as edições com prescrições e estabelecendo papéis bem definidos e divergentes para estas mulheres. Em relação as práticas sexuais, os limites entre as figuras femininas eram ainda mais situados, posto que as práticas mais desmesuradas eram destinadas às mulheres públicas, não sendo toleradas para as mulheres honradas numa tentativa de não corromper a moral burguesa do casamento saudável, o sexo matrimonial deveria ser regrado, sem euforias e exageros, pois “considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido”³⁷⁰.

De acordo com Foucault, a sociedade cria enunciados (e não silêncios) sobre o sexo para domesticar o corpo e a sexualidade. Desse modo, percebemos a proliferação de enunciados a respeito de práticas sexuais permissíveis no âmbito lascivo para disciplinarizar os padrões de condutas de homens e mulheres no aspecto íntimo e privado como o sexo. Isto é, por meio de enunciados jocosos e eróticos/pornográficos são prescritas práticas como o sexo oral e o anal numa lógica binária, heterossexual, racista e burguesa. Em linhas gerais, seria basicamente assim: “Se for fazer estas práticas, escolha parceiras do âmbito lascivo, do sexo oposto, de cor de pele branca”.

Estas orientações sobre as práticas no sexo lascivo estão diretamente relacionadas com as relações de poder, inclusive com as relações de gênero. É crucial salientar que é o corpo e a sexualidade feminina que deveria ser moldada aos desejos masculinos, além de ser o olhar do homem branco que decide aquilo que é desejável ou não.

O corpo só ganha significado no discurso no contexto das relações de poder. A sexualidade é uma organização historicamente específica do poder, do discurso, dos corpos e da afetividade. Como tal, Foucault compreende que a sexualidade produz o “sexo” como um conceito artificial que efetivamente amplia e mascara as relações de poder responsáveis por sua gênese.³⁷¹

As mulheres que praticavam sexo oral causavam uma verdadeira fascinação nos homens, tornando-as damas da sedução, conhecedoras das artes de praticar o sexo moderno. Os discursos são apresentados por meio de jogos de palavras que promoviam “um duplo sentido” e imagens sugestivas que, provavelmente, instigava o leitor a desejar estas práticas libertinas. Ao longo dos jornais, as mulheres que apareciam com cigarros, charutos ou quaisquer objetos

³⁷⁰ (D’ INCAO,1997, p.192)

³⁷¹ (BUTLER, 2019, p. 162)

na boca, eram descritas em contexto de “duplo sentido” no qual expressões como “chupar”, “fumar um rolo”, “fumar ou gostar de charuto grosso” são assíduas e associadas frequentemente a prática do sexo oral.

Figura 23- fumar provoca prazer



Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 11/01/1911, n.º 1303, p.05)

Na ilustração acima³⁷², a dama encontra-se relaxada numa cama muito arrumada com belas almofadas, apesar desta postura sossegada, ela não parece desleixada, ao contrário, está muito elegante com um vestido chique e voluptuoso. Sobretudo, ela parece estar no momento de êxtase de prazer, deliciando-se com o cigarro, pensando como um “bom charuto” – uma associação ao órgão sexual masculino – oferecido por um elegante rapaz seria ainda mais prazeroso. O sexo oral é apresentado como uma forma de sexo que também provoca prazer nas mulheres, ou as mulheres deveriam sentir ao fornecer prazer ao seu parceiro.

Nesta passagem, o pênis masculino é associado a uma banana: “As mulheres, além de muito cheirosas serão tão gulosas que não comerão jamais uma banana sem lambe-la

³⁷² Legenda: “— Não ha duvida alguma que o fumo distrae as idéas e nos causa prazer... um cigarro turco é uma delícia, mas um bom charuto, quando oferecido por um guapo rapaz, é sublime!...”

primeiro”³⁷³. E, assim, o órgão sexual masculino é colocado em um jogo de palavras que instigam um duplo sentido, despertando a imaginação do leitor e promovendo uma educação do sexo por meio de um discurso jocoso e libertino.

Percebemos que são as personagens femininas que se curvam diante dos homens para praticar o sexo oral, explicitando que os desejos e os fetiches deste último predominam nas relações lascivas. O homem não aparece em posições ou diálogos que sugerem uma inclinação para realizar o sexo oral na mulher, este fato também pode ser um indicativo que os desejos femininos não eram considerados e que não era interessante para um homem subjugar-se e inclinar-se para provocar prazer na mulher, uma vez que esses enunciados estão localizados historicamente e culturalmente em uma sociedade sexista, machista e hierárquica.

O amor lascivo tinha saberes que precisava ser conhecido para despertar o prazer masculino, e o sexo oral é um saber implacável deste tipo de relação: “– Quem é aquella mulher? / –E' da zona uma Maria,/ –Que no amor tem seu saber,/ –Pois chupa... canna e assobia”³⁷⁴. O fato de mencionar que a mulher pertence a “zona” está classificando-a como prostituta ou lasciva, pois a geografia das cidades classificava as figuras femininas³⁷⁵: “a divisão entre elas devia ser bem marcada na cabeça de ambos os sexos e, também, na geografia das cidades. A ‘zona’ era o lugar daquelas que faziam coisas com os homens não permitidas às honestas”³⁷⁶.

Os jornais criavam discursos que deixavam o leitor tirar suas próprias conclusões usando-se do recurso do “duplo sentido”, permeando entre uma linguagem humorística e pornográfica. Por exemplo, os órgãos sexuais (principalmente do sexo masculino) e o sexo oral apresentava-se de forma sugestiva dado que não apareciam explicitamente, mas, sim, associado

³⁷³ Seção *Antolhos* assinado por *L. Gante*. (*O Rio Nu*, 17/04/1912, n.º 1432, p.02)

³⁷⁴ Versos *Dialogo* assinado por *Ponto*. (*O Rio Nu*, 18/04/1914, n.º 1591, p.07)

³⁷⁵ Nos jornais é perceptível a preocupação com a honra e a reputação das senhoritas e senhoras, reafirmando o lugar da família como protetoras das moças, e do esposo como beneficiado da virgindade dos belos e reluzentes corpos jovens. De acordo com Cipriano (2002) os lugares públicos eram vistos como um perigo a honra da família, em especial, por ser associado a uma esfera propícia ao adultério feminino, uma vez que a fidelidade masculina não era uma obrigação, pois conforme a moral vigente, o esposo poderia ter relações extraconjugais, no entanto, o adultério feminino era condenado e até criminalizado, pois a esposa deveria ser “guardiã do lar e da família”. Observe esta passagem: “Sua mulher por sua vez, aproveitou bem aquela liberdade que o marido lhe dava e saracoteou pela cidade a valer, namorando aqui e ali [...]”. (*O Riso*, 21/12/1911, n.º 31, p. 06). O adultério feminino assombrava o ideal da família feliz e saudável, pois a fidelidade repousava na garantia de ter filhos legítimos e sadios. Para evitar ser confundida com uma mulher desonesta, a mulher honesta deveria ter o cuidado tanto nos comportamentos adotados quanto para não frequentar certos lugares das cidades, como por exemplo “a zona”.

³⁷⁶ (SANT’ANNA, 2014, p.44)

aos objetos semelhantes aos órgãos sexuais masculinos. Observemos a ilustração na qual esta prática sexual aparece de forma mais explícita:

Figura 24- perspectiva do amor lascivo



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 07/12/1911, n.º 29, p.14)

Na imagem “perspectiva do amor lascivo”, a personagem feminina está totalmente despida, ajoelhada e inclinada em direção ao homem. O rapaz, que parece ser jovem, empurra uma espécie de régua/madeira –se confunde com o pênis– na boca da mulher, subjugando às suas vontades. O enredo se desenvolve em mar no qual no final da imagem tem um telespectador que parece apreciar o que visualiza com muita alegria.

Temos uma cena muito comum no conteúdo imagético dos jornais: a mulher se curva diante do homem para satisfazer os desejos sexuais, explicitando o aspecto sexista e falocêntrico das relações lascivas uma vez que o sexo masculino conduz e determina os desejos, os comportamentos e as práticas sexuais que devem ser praticadas. O fato de a musa estar completamente nua e subjugada diante do personagem masculino quando este se apresenta vestido em postura altiva e soberana também indica que a aceitação da existência das mulheres lascivas estava associada ao interesse de saciar os fetiches e desejos sexuais mais desmensurados dos homens.

Tendo em vista que a maioria dos enunciados envolvia o público com erotismo, humor e sensualidade, instigando a participar como telespectador ou cúmplice do encontro sexual, os leitores eram seduzidos pelas páginas quentes e conduzidos aos delírios e prazeres que eram proibidos na vida conjugal: “aos olhos do leitor, acostumado a uma realidade mediada por rígidas convenções sociais e pelos severos laços de obediência, parecia ser extremamente atraente inteirar-se de histórias comprometidas em explorar as brechas e fragilidades da ordem cotidiana”³⁷⁷. Nesta ilustração podemos observar a associação ao sexo oral e anal, e mais uma vez é o homem que conduz toda a relação, pois as mulheres estão subjugadas aos seus desejos.

Figura 25- nudez que provoca desejos



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 05/10/1911, n.º 20, p.04)

Na ilustração “nudez que provoca ‘desejos’”, os personagens masculinos estão vestidos elegantemente e parecem confortáveis e alegres apreciando os quadros de mulheres nuas em posições consideradas estratégicas para a relação sexual. Apesar de todo o duplo sentido empregado nesta ilustração, ela passa uma mensagem: o homem moderno e *smart* deve ter consciência que pode praticar o sexo para seu prazer, explorando práticas como o sexo anal.

³⁷⁷ (EL FAR, 2004, p.18-19.)

Vale salientar que mais uma vez é o desejo e fetiche masculino que aparece em primeiro plano, as vontades femininas não estão em pauta nos enunciados.

A ilustração acima é representativa de uma cena de luxúria que fascinava os homens, pois a nudez feminina era considerada expressão máxima de beleza e sensualidade, essencialmente se estes corpos se apresentassem enquanto brancos, limpos, robustos e em posições sensuais. As exposições de quadros de mulheres nuas eram vistas como cenas de volúpia que excitavam o homem, despertando desejos que favoreciam uma relação sexual satisfatória: “[...] os quadros espalhados em profusão pelas paredes, representavam cenas de volupia e de luxuria, mulheres nuas de formas impecáveis e outros assumptos próprios para prepararem o ambiente...”³⁷⁸

Esta ilustração também ressalta que as práticas de sexo oral e sexo anal eram legitimadas quando praticadas por pessoas do sexo oposto dentro de uma esfera da sexualidade permissível, exemplificando que o homem poderia procurar mulheres lascivas/públicas ou prostitutas ditas requintadas para satisfazer seus fetiches e fantasias sexuais como as práticas mencionadas. No entanto, este homem não poderia realizar estes desejos com alguém do mesmo sexo, com a sua esposa e/ou com mulheres consideradas pouco civilizadas/depravadas³⁷⁹. Dessa forma, as relações homossexuais aparecem como intoleráveis mesmo no âmbito da sexualidade permissível, tendo em vista que a heterossexualidade compulsória é um princípio regulador das práticas sexuais no início do século XX no Brasil. O sujeito heterossexual autorizado a vivenciar as práticas sexuais libertinas é legitimado a partir deste princípio de normatização pautado na exclusão:

[...] certas versões do sujeito são politicamente “insidiosas”, Butler sempre parte da ideia de que a formação e a constituição de um sujeito demandam a formação de um “outro”, este sempre visto como abjeto, segundo ela, é importante lembrar que os sujeitos são constituídos através da exclusão, isto é, através da criação de um domínio de sujeitos desautorizados, pré-sujeitos, figuras de abjeção, populações apagadas de vista³⁸⁰

É preciso também considerar que, segundo Foucault (2019), a noção de sexo natural permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções

³⁷⁸ Romance *o direito é o direito...* assinado por Danilo. (*O Rio Nu*, 16/09/1911, n.º 1373, p.06)

³⁷⁹ Segundo Margareth Rago (2008) a prostituição negra e nos meios pobres (e as relações sexuais ilícitas) era vista como sordidez impura, depravação sexual, perversão marginal e incivilidade que deveria ser alvo de uma ação policial mais punitiva. Ao contrário, as mulheres brancas e estrangeiras, do mundo lascivo e do meretrício, eram consideradas mais adequadas para conter os arroubos do prazer dos homens da classe dominante.

³⁸⁰ (COELHO, 2018, p.39)

biológicas, condutas, práticas e prazeres, e permitiu esta unidade fabricada como princípio natural e causal. Neste sentido, as relações que não obedecem a esta ‘regra’ natural são consideradas ilegítimas. Por isso, práticas sexuais como o sexo oral e o sexo anal eram proibidas dentro do leito conjugal e as relações homossexuais eram duramente criticadas. Eram socialmente e culturalmente aceitas e dadas como toleráveis e necessárias as relações baseadas no sexo libertino, mas que, obrigatoriamente, deveriam ser heterossexuais.

Seguindo a ideia de formação de homens que se adequassem à sociedade moderna e civilizada baseada aos moldes burgueses, o jornal *O Rio Nu* apresentava aos seus leitores uma prática comum, porém não tão bem vista, e que, pelo seu caráter não procriativo, deveria ser, se não extirpada, pelo menos limitada: o sexo anal, sobretudo, quando realizado entre pessoas do mesmo sexo³⁸¹

O tema do sexo anal marcava uma fronteira tênue entre práticas sexuais libertinas e a homossexualidade. Desse modo, passou a ser observado que apesar de uma prática muito ousada deveria ser permitida apenas quando realizada por pessoas de sexos diferentes e com mulheres prostitutas ou lascivas.

Como se trata de um jornal que está forjando uma masculinidade “idealizada”, o tema da homossexualidade vai ser evidenciado pelo mesmo como algo avesso a este padrão que se pretendia formar. Por ser associada à feminilidade, a homossexualidade foi tratada pelo jornal de forma pejorativa e preconceituosa. Homem que era homem não poderia se submeter ao sexo à moda Gouveia por representar a passividade, e, portanto, a feminilidade. Porém, por reconhecerem que o sexo anal era uma prática, possivelmente, incorporada na sociedade brasileira, o jornal aponta as pessoas ideais para essa prática, ou seja, as prostitutas, visto que com as esposas isso não se faz³⁸²

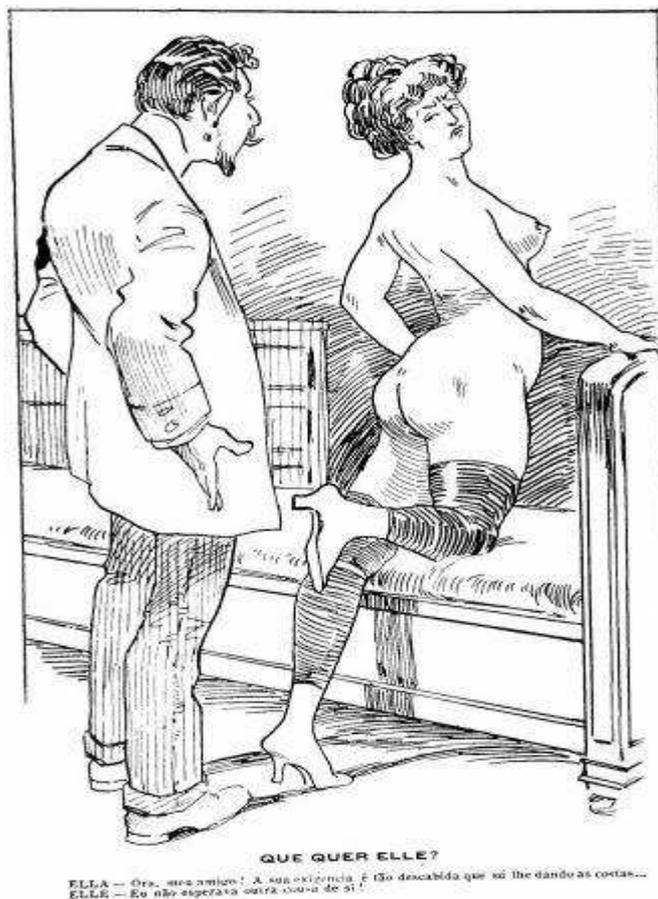
Práticas sexuais como o sexo anal eram vistas com ressalvas porque poderiam romper a ordem do casamento burguês com base na geração de prole— por isto, só poderia ser feito com prostitutas e libertinas. A ilustração³⁸³ abaixo revela o interesse masculino por práticas sexuais mais libertinas, como o sexo anal:

Figura 26- Não esperava outra coisa!

³⁸¹ (PEÇANHA, 2013, p. 64)

³⁸² (PEÇANHA, 2013, p. 144-145)

³⁸³ Legenda: “ELLA — Ora, meu amigo! A sua exigência é tão descabida que só lhe dando as costas.../ ELLE — eu não esperava outra coisa de si!”



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 28/12/1911, n.º 32, p.09)

A modelo da imagem está nua, calçada com belos sapatos acompanhados de meias, cabelos elegantemente penteados, apoiada em uma posição ousada, em uma mobília (uma espécie de cama/sofá), de costas para o possível parceiro sexual. A sua expressão facial está contrariada com a exigência que foi solicitada, através do enredo e da linguagem verbal e não-verbal podemos presumir que o homem exigiu fazer sexo anal ou no mínimo, testar uma posição mais ousada. Sem dúvida, foi uma prática libertina ousada que seria o fetiche do personagem masculino.

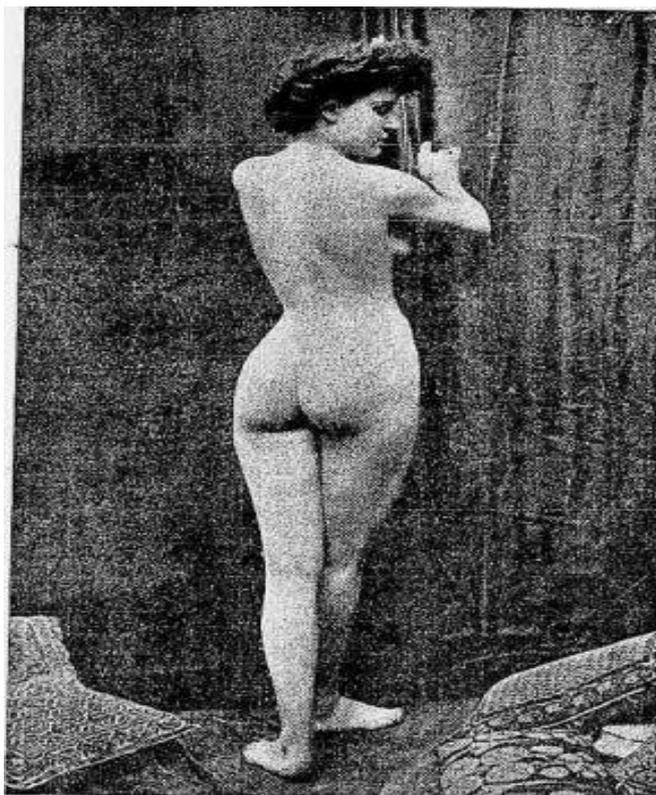
O homem *smart* e requintado apresenta-se, diante da situação, com firmeza e tranquilidade, posto atrás da moça em uma posição que sugere uma posição relação sexual, ele afirma enfaticamente que espera uma atitude condescendente da sua parceira. Ela, apesar de estar aborrecida, mostra-se em uma linguagem corporal, especificamente a posição, reveladora de quem atenderá à exigência do parceiro. Este enunciado mostra que as mulheres lascivas devem satisfazer aos desejos, fetiches e fantasias do sexo masculino dado que que sua existência é aceita para este fim.

Os enunciados destacam que os jornais romperam com a moral vigente ao trabalhar questões como nudez feminina, sexualidade, comportamentos e práticas sexuais, mas também ratificaram as hierarquias sociais, raciais e de gênero, inclusive, estabelecendo fronteiras entre as mulheres honestas e as libertinas. Tratando de temas polêmicos para a época, visavam educar e controlar o corpo e a sexualidade feminina —e pedagogizar os homens—nos moldes modernos:

O jornal *O Rio Nu* foi um periódico que assumiu a tarefa de moralizar ou, pelo menos, de melhorar um pouco os hábitos sexuais desses chefes de família. Apesar de seu discurso subverter alguns aspectos da moral vigente ao representar o corpo nu ou falar sobre a homossexualidade usando sempre um linguajar malicioso, seus discursos mostravam-se concernentes aos propalados por uma elite alinhada aos discursos médicos e aos debates acerca da civilização como um fim³⁸⁴

As mulheres lascivas através de seus olhares e seu comportamento já anunciavam as práticas sexuais, como mostra essa fotografia que foi postada na capa do jornal, acompanhada do poema erótico insinua ao leitor que a nudez excitante provoca desejos para práticas mais modernas como “o sexo por trás”, uma associação ao sexo anal.

Figura 27- O sexo por trás!



³⁸⁴ (PEÇANHA, 2013, p. 128)

Fonte: (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 06/05/1911, n.º 1335, p.01)

Nesta foto, a musa tem um olhar intenso voltado para o espectador, provocando a sensação de que está flertando com o leitor, convidando-o a apreciar seu corpo voluptuoso e reluzente, e quem sabe, até sonhar com possíveis noites de prazer? Ela exhibe com altivez seu corpo, não mostrando a parte frontal, desviando a atenção para as partes traseiras de sua carnção, como o bumbum. Esta cena marcada pela elegância e sensualidade é mais intensificado pelo fato de ela estar rodeada de belas almofadas e prestes a abrir a cortina, como se estivesse prestes a começar um espetáculo íntimo de “prazer moderno” no qual o leitor parece estar sendo convidado a ser um protagonista e/ou simplesmente apreciar a cena.

A musa lasciva encontra-se a espera do amante para gozar uma noite de amor libertino, não traja nada para mostrar sua “nudez excitante”³⁸⁵, preparando um clima erótico para excitar o amante. O eu lírico do poema parece demasiadamente extasiado e excitado com a cena que se apresenta, desejando ser o amante que ela espera para que possa realizar os desejos mais prazerosos: “[...] Si fosse dela o rapaz.../ francamente eu digo: Entraria antes por traz.”³⁸⁶

A fotografia emprega sentidos ao mesmo tempo que ela corresponde a uma dada visão de mundo na qual está inserida nas relações de poder e de gênero de uma determinada sociedade. Considerando isso, a fotografia acima provoca sensações e produz discursos que estão localizados historicamente, culturalmente e socialmente no Brasil do início do século XX,

[...] A fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sógnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem.³⁸⁷

Conforme Mary Del Priore (2014) imagens da nudez feminina a partir de 1910 torna-se comum na imprensa pornográfica, frisando que as imagens apenas sugeriam possíveis relações sexuais, em uma tentativa de provocação ao leitor. A fotografia acima não fornece apenas uma mensagem, mas promove uma educação do olhar, direcionando o leitor para condutas, valores e comportamentos ditos apropriados para seu grupo social. Nesse sentido, os jornais utilizavam

³⁸⁵ Trechos retirados do poema *A' Espera*, assinado por *Quimquim*. (*O Rio Nu*, 06/05/1911, n.º 1335, p.01)

³⁸⁶ *Ibidem*.

³⁸⁷ (MAUAD, 1996, p.07)

as fotografias, geralmente associados aos poemas eróticos, para inculcar e instituir novos códigos e práticas sexuais para os homens e as mulheres públicas.

As expressões “estar atrás de ti” ou “entrar por traz” são recorrentes nos jornais, e geralmente aparecem em enredos que insinuam uma relação sexual. Nesta passagem: “Atrás de ti, meu amor, / Ando desde que te vi.../ Sinto um goso encantador/ Em ir sempre atrás de ti!”³⁸⁸, o enredo tenta convencer seu público leitor sobre a elegância, o encantamento e a voluptuosidade que envolve estas relações sexuais, como também, demonstra que estas cenas de prazer moderno deveriam ser compostas por personagens do sexo oposto. Estes enunciados aparecem como momentos inebriantes de prazer e luxúria, associando à códigos de libertinagem e sexualidade ditas modernas, demonstrando aos seus leitores e leitoras que estas práticas eram autorizadas para o sexo masculino e para as mulheres públicas/lascivas.

É importante salientar que estas práticas sexuais eram culturalmente e socialmente aceitas dentro de uma determinada esfera social, no caso, um âmbito que licenciava para um grupo bem seletivo vivenciar os prazeres sexuais com mais liberdade por meio de uma sexualidade dita permissível, civilizada, higiênica e heterossexual. Isto acontece porque este “sexo regrado e civilizado” foi regulado em uma maquinaria de saber e poder para normatizar os discursos, as ações e as práticas do corpo e da sexualidade da população brasileira.

Como nos lembra, Darnton (1996), o sexo possibilita rasgar o véu do funcionamento interno de uma sociedade, e por meio dos enunciados dos jornais que ofereciam aos seus leitores fantasias sexuais carregadas de energias poéticas e imagens excitantes, percebemos que eles expressavam concepções e valores culturais, sociais e historicamente localizados. Assim como também, é importante observar que o intuito destes jornais ia além de possibilitar uma diversão erótica aos leitores ou expressar concepções e valores, mas também orientam e prescrever expectativas, desejos e fetiches para uma experiência sexual dentro do padrão imposto.

A sexualidade foi posta a serviço da nação para ordenar corpos dóceis e úteis através da ótica do que era considerado como civilizado, moderno e higiênico. Esses discursos foram articulados em uma ordem de saber-prazer para criar um efeito de verdade a ponto de ordenar, classificar e discriminar os corpos de mulheres entre honradas, lascivas e depravadas³⁸⁹; assim

³⁸⁸ Versos *Antes assim* assinado por *Ponto*. (*O Rio Nu*, 27/06/1914, n.º 1601, p. 03)

³⁸⁹ Segundo Margareth Rago (2008), as prostitutas também eram classificadas de acordo com sua cor de pele, lugar social, definindo a prostituição de luxo como exercidas pelas mulheres alvas, requintadas e civilizadas, e em oposição, o baixo meretrício era composto por mulheres das áreas mais pobres e em sua maioria, negras.

como, classificar homens e mulheres entre sujos e limpos, civilizados e não civilizados, modernos e atrasados.

EPÍLOGO³⁹⁰: REFLEXÕES FINAIS

Dizem que o abrir e o fechar das cortinas pode representar alternância entre fala e silêncio em uma ação teatral, no momento, esperamos que esse fechar de cortinas possibilite um reabrir das interrogações e falas sobre mulheres ditas libertinas no início do século XX³⁹¹

O trabalho historiográfico geralmente provoca questionamentos, interrogações, lacunas e silêncios. Esperamos que as problematizações realizadas, nesta dissertação, gerem novos questionamentos, pesquisas e trabalhos sobre as mulheres públicas e libertinas do Brasil, já que a emergência de novos olhares e perspectivas é bem-vindo para o tecer da História das mulheres.

Após tecermos, ao longo dos cenários desta dissertação, algumas problematizações e análises sobre o corpo e sexualidade da mulher pública branca na imprensa humorística e pornográfica nas primeiras décadas do século XX, gostaríamos de fazer algumas considerações. Exploramos, por meio de um arcabouço teórico e metodológico vasto, os discursos presentes no corpus escrito e imagético dos jornais que fabricaram uma mulher lasciva bela, saudável, robusta, sensual e cada vez mais branca.

Entendemos que discorrer sobre a imprensa no Brasil é transitar nos territórios das relações de poder. Os discursos dos jornais são paradoxais no sentido de romper com a moral vigente ao tratar de temas da sexualidade, assim como também ratificam as hierarquias sociais e, sobretudo, raciais e de gênero. Portanto, os jornais não tinham apenas a função de provocar o riso e a satisfação sexual em seus leitores/leitoras, mas também inculcar valores, comportamentos e práticas sexuais ditas civilizadas, a fim de criar um grupo seletivo autorizado a vivenciar a sexualidade dita moderna, higiênica e civilizada.

Podemos considerar que é latente nesse jogo de enunciados, as construções discursivas dos conceitos de modernidade, civilidade, higiene, beleza e prazer que foram elaboradas estrategicamente em um lugar de produção específico e com intencionalidade histórica e socialmente localizadas. Essas construções discursivas foram alicerçadas em relações de poder,

³⁹⁰ Nos inspiramos no termo “epílogo” de uma peça teatral que corresponde a última cena ou simplesmente, a fala final ou resultado da ação dramática. E assim, entendemos epílogo como um momento final desta dissertação para tecer algumas reflexões e considerações.

³⁹¹ Essa epígrafe foi inspirada partindo da perspectiva que nos baseamos em uma peça teatral para compor e organizar a dissertação.

sobretudo em hierarquias sociais, raciais e de gênero que representavam um projeto político de caráter sexista, homossexual, burguês, racial e sobretudo, eugênico.

O desejo brasileiro pela modernidade e civilidade fomentou discursos que investiam no nivelamento e polidez do corpo e sexualidade de homens e mulheres, principalmente em nível de saúde, para a construção de uma nação civilizada e moderna, uma vez que “homens e mulheres eram adestrados e adaptados aos ritmos e razões da ‘ordem’ e do ‘progresso’”³⁹². Em sua maioria, valendo-se de códigos visuais da época, se investia em práticas sexuais libertinas associadas a regras de civilidade através de uma lógica binária, homossexual e falocêntrica para atender aos fetiches e fantasias sexuais do sexo masculino.

Dessa forma, os discursos são frutos das relações de saber e de poder que são criados e utilizados conforme os interesses daqueles que exercem um efeito de poder. Os discursos enunciados nos jornais interferem diretamente na vida prática uma vez que eles moldam os sujeitos para serem aceitos e docilizados na e para a sociedade. As sujeições e regulações conferem reconhecimento e legitimidade aos sujeitos³⁹³ e nos jornais foi possível observamos um movimento similar: dominar o corpo da mulher libertina³⁹⁴ e, ao mesmo tempo, libertá-lo e contraditoriamente subjugá-lo para a felicidade e prazer masculino.

Entrevemos as ínfimas orientações para as mulheres libertinas se constituírem/fabricarem enquanto possuidoras de elementos de uma sensualidade elegante e sobretudo civilizada: ter a alvura, saúde e robustez estampada na pele, adequar-se para ter comportamentos e práticas culturais próprias de “sexo elegante”, sujeitar-se com ponderação às práticas sexuais libertinas. O cenário que se apresentava enquanto luxurioso, inebriante e prazeroso que prendia a atenção dos leitores, envolvendo-os com a promessa do gozo e/ou riso, mas também inculcando valores, comportamentos e práticas educativas para o corpo e a sexualidade feminina.

Com este estudo foi possível pontuar as práticas educativas do corpo e sexualidade feminina que estavam imbricados com as relações de poder, raciais e de gênero, criadas a partir de um lugar de produção que legitimava discursos e práticas burguesas, raciais, sexistas e homossexuais. O jogo de enunciados sobre gênero, corpo e sexualidade feminina, presentes

³⁹² (OLIVEIRA, 2002, p.209)

³⁹³ (BUTLER, 2019)

³⁹⁴ Não estamos afirmando que a mulher libertina exercia o papel de subjugada, mas ressaltando que o corpo e a sexualidade destas mulheres passaram por regulações e sujeições para reproduzirem em seus corpos valores como o da modernidade, civilidade, saúde e robustez.

nas fontes consultadas, era fruto das relações de gênero e de poder localizadas historicamente em uma sociedade que almejava progresso, modernidade e civilidade pautada nos moldes europeus, sobretudo, franceses.

Dessa forma, conceitos como modernidade, higiene, civilidade, prazer, beleza e sensualidade foram construções discursivas analisadas. Observamos que os discursos foram fabricados e utilizados intencionalmente, ou seja, foram criados conforme interesses diversos, geralmente construídos para atender aos projetos e interesses de quem os construiu e de quem os legitimou. Findamos este trabalho com a prerrogativa de que discursos são criados, legitimados e naturalizados para reproduzir um efeito de verdade e não podem ser trabalhados sem considerar as relações de poder. No entanto, analisar os discursos é também desnaturalizar e dessacralizar alguns conceitos que aparecem como verdades legítimas, mas que são construídos culturalmente e historicamente em redes de poder.

Então, chegamos ao final desta dissertação. Nela, apresentamos um estudo sobre os discursos acerca do corpo e da sexualidade feminina nos jornais, de cunho humorístico e pornográfico, *O Riso* e *O Rio Nu*. Este final, não significa dizer que as inquietações e interrogações sobre o tema findaram. Pelo contrário, a amplitude e profundidade das fontes permitem e tornam necessário aprofundar as discussões sobre os discursos que atravessam as relações de poder, sobretudo as hierarquias de gênero e de raça, presentes nos jornais citados. Então, é preciso salientar que esta dissertação é um início de conversa sobre um tema que deve, no nosso modo de ver, ser discutido e aprofundado. No momento, esperamos que esse trabalho abra cortinas, janelas, portas e cenários para novas cartografias historiográficas sobre o feminino.

FONTES CONSULTADAS

Jornal A imprensa. Rio de Janeiro., edição n.º 1257 (01/06/1911). Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional Digital.

Jornal A imprensa. Rio de Janeiro, edição n.º 1285 (29/06/1911). Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional Digital.

Jornal Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, Edição n.º 38 (07/02/1910). Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional Digital.

O dicionário moderno de Bocke (1903). Rio de Janeiro. Disponível em: PRETI, Dino. Apêndice: o dicionário moderno, de Bocke. In:_____. A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

O Riso: semanario artistico e humorístico (1911-1912), Rio de Janeiro, Edições n.º 01 a 80. Hemeroteca digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

O Rio Nu: periódico semanal caustico humorístico (1908-1916), Rio de Janeiro, Edições n.º 1036 a 1732. Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional Digital.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Natanael Duarte de. *Trajetórias pornográficas: O Riso pronto para o ataque, uma história dos jornais eróticos brasileiros*. (Tese de doutorado). João Pessoa: UFPB, 2015.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino - algumas representações no Brasil do Século XX. *Movimento*. Porto Alegre-RS, vol. 9, núm. 1, pp. 119, janeiro-abril, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115317983007.pdf>. Acesso em 24 de abr. 2020.

BARBOSA, Marialva. Tecnologias do novo século (1900-1910). In: _____. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p..21-48.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Tradução de Rogério Bettoni. 1 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. -17^a ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. Atos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: *Cadernos de leitura*, jun. 2018, n.º78.

CAMARGO, Rosane feijão de Toledo. Moda e androginia nos anos 1920. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis-SC: 2015. ISBN: 978-85-98711-14-0. Disponível: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434394828_ARQUIVO_Modaeandrogini_anosanos1920.pdf . Acesso em 30 mai. 2020.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e conhecimento: uma abordagem epistemológica. In: CARDOSO, C., F. VAINFAS, R. *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARVALHO, Marina Vieira de. A ficcionalização do desejo: o erotismo e a pornografia como objetos de consumo na modernização da cidade do Rio de Janeiro. *Revista Transversos*. Dossiê: O Corpo na História e a História do Corpo. Rio de Janeiro, Vol. 05, n.º. 05, pp. 43-60, Ano 02. dez. 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos> . Acesso em 03 nov. 2019.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. Línguas e leituras no mundo digital. In: *Os desafios da escrita*. Trad.: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CIPRIANO, Maria do Socorro. *A adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX*. (Dissertação de mestrado). Campinas, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/278886>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

COELHO, Mateus Gustavo. *Gêneros desviantes: o conceito de gênero em Judith Butler*. (Dissertação de mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: Martins, A. De Luca. T. (org.). *História da imprensa no Brasil*. 2 ed. São Paulo: contexto, 2015. p. 103- 130.

CORBIN, Alain. O encontro dos corpos. In: CORBIN, A. et al. (Org.). *História do corpo: da Revolução à Grande Guerra*. Tradução de João Batista Kreuch e Jaime Clasen. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.181-266.

DANTAS, Eugênia Maria. José Ezelino: escritos pela luz. *Anais do 2º Congresso Brasileiro de História da Educação: história e memória da educação brasileira*. Natal: EDUFRRN, v. I, 2002. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0464.pdf>. Acesso em 10 nov. 2019.

DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar. In: NOVAES, Adauto. (org.). *Libertinos Libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 21-42.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

D' INCAO, Maria Ângela. “Mulher e família burguesa”. In *História das mulheres no Brasil*. Mary Del Priore (org.). São Paulo: Editora Contexto, 1997.

DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. 2. Ed., 4ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2018.

DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In; BREMMER, J., ROODENBURG, H., (Org.). *Uma história cultural do humor*. Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: Martins, A. De Luca. T. (org.). *História da imprensa no Brasil*. 2 ed. São Paulo: contexto, 2015. p. 83-102.

FARGE, Arlete. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

FEIJÃO, Rosane. As praias cariocas no início do século XX: sociabilidade e espetáculos do corpo. *Escritos (Fundação Casa de Rui Barbosa)*. Rio de Janeiro, v. 7, p. 229-247, 2014. Disponível em: http://escritos.rb.gov.br/numero07/escritos%207_09_as%20praias%20cariocas.pdf acesso em 25 mai. 2020.

FEIJÃO, Rosane. Moda feminina e imprensa na belle époque carioca. *Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte*. São Paulo, v. 5, p. 05-21, 2012. Disponível em: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/02_IARA_vol5_n1_Dossie.pdf. Acesso em 27 mai. 2020.

FISCHER, ROSA. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, p. 197-223, novembro/ 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975- 1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. – 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Gilberto. *Casa grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

GOELLNER, Silvana V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*. UFRJ, Rio de Janeiro, p. 71-83, mar. 2010.

GOLDENBERG, Míriam. RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: O corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian et al. (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GONÇALVES, Marcos Ferreira. *Roupa de ver deus: cotidiano e vestimenta em salvador (1958-1968)*. (Dissertação de mestrado) Santo Antônio de Jesus – Bahia: Universidade do Estado da Bahia-UNEB, 2012.

GUIMARÃES, Valéria. Os *faits divers* na imprensa do Brasil e da França. In: _____ (org.). *Transferências culturais: o exemplo na França e no Brasil*. Campinas: mercado de letras; São Paulo: edusp, 2012.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. Entre liberdade e escravidão, na fotografia. In: _____. *No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX*. (tese de doutorado). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, 2006. p. 74- 185

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. 1. ed.; 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LIMA, N. T., HOCHMAN, G. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da primeira república. MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. *Raça, ciência e sociedade* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996,

pp. 23-40. ISBN: 978-85-7541-517-7. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/djnty/pdf/maio-9788575415177-03.pdf> . Acesso em 15 de jun. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade. *Pro-Posições*. Campinas- SP, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf> . Acesso em 20 jun. 2020

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 07-34.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Sorria: mulher, publicidade e dentes. In: *Fazendo Gênero 9-Diásporas, Diversidades, Deslocamento*, 23 a 26 de agosto de 2010.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. *Tempo*. UFF, Rio de Janeiro, v.1, n. 2.1996. Disponível em: https://codecamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf . Acesso em 20 mar.2020.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Façamos a família à nossa imagem: A Construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)*. (Tese de doutorado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. "Fora da higiene não há salvação": a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. *Mneme: revista de humanidades*. Caicó-RN, V.4 - N.7 Semestral ISSN -1518-3394- fev. /Mar. de 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/161/151> Acesso em 24 de abr. 2020.

PEÇANHA, Natalia batista. *Regras de civilidade: tecendo a masculinidade do smart nas páginas d'O Rio Nu (1898-1916)*. (Dissertação de mestrado). Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, Cristiana Schettini. *Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)*. (Dissertação de mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C., PEDRO, J. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: contexto, 2013, p.469-512.

PRIORE, Mary Del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. (2. Ed. São Paulo: Planeta, 2014.

RAGO, Margareth. Amores ilícitos na Paris de Émile Zola. *História e Perspectivas*. Uberlândia-MG, nº50, p. 45-88, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/download/27518/15093/0> acesso em 20 de mai. 2020.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil: república: da belle époque à era do rádio*. 12a. ed., São Paulo: Cia. das Letras, 2011, p. 289-365.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: ____ (org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.121- 139.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmem (org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 3-24.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: companhia das letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, C., PEDRO, J. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: contexto, 2013, p.15-42.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (dir.). *História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do rádio*. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 513-620.

SILVA, André Luiz. Imperativos da beleza: corpo feminino, cultura fitness e a nova eugenia. In: *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 32, n. 87, p. 211-222, mai.-ago. 2012. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. *Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)*. (Dissertação de mestrado). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2011.

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. MENESES, Joedna Reis de Menezes. Ser *chique*, moderno e civilizado: a imprensa paraibana a serviço de uma educação da saúde. *Mnemosine Revista*. Dossiê: História, corpo e saúde. Campina Grande. Vol. 6, n.2, p.65-79, abr/jun 2015. Disponível em: https://2813eaa2-976c-4345-b198-7f314c1bde9a.filesusr.com/ugd/101348_1660d0cb0d1341d9a29f1faacf179830.pdf. Acesso em 10 nov. 2019.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. As idéias eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entre-guerras. *Revista Eletrônica História em Reflexão*: Vol. 6 n. 11 – UFGD - Dourados jan/jun 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/1877/1041> Acesso em 25 dez. 2020

STEPAN, Nancy Levys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação e América Latina*. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2005.

STEPAN, Nancy. A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940. In: Hochman, G. & Armus, D. *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio: Editora Fiocruz, 2004.

VIGARELLO, Georges. *As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente da Idade Média ao século XX*. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGARRELO, Georges. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje*. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.